

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos Marques

RECURSOS DE IRONIA EM INTERAÇÕES DIGITAIS: Um estudo do gênero
compartilhamento de notícias

Recife
2016

GIRLLAYNNE GLEYKA BEZERRA DOS SANTOS MARQUES

RECURSOS DE IRONIA EM INTERAÇÕES DIGITAIS: Um estudo do gênero
compartilhamento de notícias

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito parcial para a obtenção de grau de Mestre em Linguística.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Kazue Saito Monteiro de Barros

Recife
2016

Catálogo na fonte
Bibliotecária Nathália Sena, CRB4-1719

M357r Marques, Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos
Recursos de ironia em interações digitais: um estudo do gênero compartilhamento de notícias / Girllayne Gleyka Bezerra dos Santos Marques. – Recife, 2016.
208 f.: il.

Orientadora: Kazue Saito Monteiro de Barros
Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016.

Inclui referências.

1. Ironia. 2. Interação digital. 3. Compartilhamento de notícias. 4. Facebook. I. Barros, Kazue Saito Monteiro (Orientadora). II. Título.

302.231 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2017- 206)

GIRLLAYNNE GLEYKA BEZERRA DOS SANTOS MARQUES

**RECURSOS DE IRONIA EM INTERAÇÕES DIGITAIS: Um Estudo do
Gênero Compartilhamento de Notícias**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco como requisito para a obtenção do Grau de Mestre em LINGUÍSTICA em 23/9/2016.

DISSERTAÇÃO APROVADA PELA BANCA EXAMINADORA:

Prof^ª. Dr^ª. Kazuê Saito Monteiro de Barros
Orientadora – LETRAS - UFPE

Prof. Dr. José Alberto Miranda Poza
LETRAS - UFPE

Prof^ª. Dr^ª. Mercedes Fátima de Canha Crescitelli
LETRAS E ARTES - PUC

Recife
2016

Às ironias da vida: cada uma e todas elas.

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que têm me proporcionado tantas oportunidades de aprendizado, entre as quais:

A Kazue, por todo o aprendizado possibilitado ao longo desses três anos, por despertar a curiosidade pela investigação linguística, sempre tão necessária para a produção de conhecimento, por toda a liberdade possível na pesquisa e pela compreensão e orientação sempre tão certas nos momentos de dificuldade. Pelo exemplo de entusiasta dos estudos de interação.

A Leo, por toda a vida partilhada no dia a dia, no abraço sempre certo e na acolhida emancipatória. Por esse amanhecer que é a gente e por essa beleza que é.

A Odelita, pelo incentivo desde muito cedo à leitura e pelo apoio desde sempre nas minhas buscas de aprendizado. Por ser minha mãe, em toda sua inteireza.

A Antônio, por ter me mostrado de maneira tão ímpar a importância da linguagem, em possibilidades e restrições, por me ensinar coisas que carregam tão no íntimo comigo.

A minha família, principalmente minhas irmãs, Giselle, Gleyci e Ítalla, e sobrinhos, Iury e Iruan, por toda a compreensão nas ausências e por me darem a real dimensão do que é o humano. A Iasmyn, por me policiar durante a coleta, impedindo os jogos de (im) paciência, e a Irys pela leitura tão despreziosamente sua, ao folhear o presente texto.

À Fundação de Amparo à Ciência e Tecnologia de Pernambuco (FACEPE), pela bolsa de Mestrado, que possibilitou a realização desta pesquisa.

A Mercedes Crescitelli e Alberto Poza, por aceitarem participar da banca de qualificação e defesa, dialogando por meio de sugestões tão profícuas com a presente pesquisa.

Aos colegas do NELFE, Marcelo, Alice e Luíza, pelas discussões, questionamentos e soluções ‘nada prontas’ ao longo dos encontros.

Às pessoas que fazem o Programa de Pós-Graduação em Letras, em especial aos professores Nelly Carvalho, Beth Marcuschi, Judith Hoffnagel, Siane Gois, Karina Falcone e Evandra Grigoletto, pelo conhecimento construído ao longo das disciplinas, e a Jozaías e Diva, pela ajuda nos trâmites administrativos e nos sorrisos tão ‘sinta-se em casa’ sempre.

A Larissa pela parceria nos eventos e pela tradução de materiais cruciais para a reflexão teórica presente nesse trabalho, pelas conversas sempre tão sinceras.

A Luiz e Tiago pelo auxílio na aquisição de um livro tão importante para a ampliação do escopo teórico necessário nessa pesquisa.

Aos amigos feitos ao longo do curso de Pós-Graduação, Sheila, Shirleide, Severo, Rafael, Vanessa, Camila e André, pela companhia nas angústias e nas conquistas, pela torcida. Em

especial, a Carol e Isaac, por serem esse lugar onde todo carinho e cuidado é sempre certo e recíproco.

Aos meus amigos de vida, que, sendo tão poucos, são tão intensos. A Alice, Amália, Ryanne, Roberto, Jota, Nayra, D. Edna, Rachel, por todas as vezes que me trouxeram de volta à vida ordinária nas visitas inesperadas e nelas toleraram os diálogos monotemáticos.

Aos colegas de trabalho, nas escolas por onde passei ao longo desses três anos, em especial a Silvia, Cris e Ana Lúcia, coordenadoras de vida, por sempre terem me apoiado dentro e fora dos muros da escola.

*“A ironia é o que permite ver onde Deus
está num mundo abandonado por Deus.”*
(Georg Lukács)

“E a cigana analfabeta lendo a mão de Paulo Freire”
(Chico César)

“Sempre é dia de ironia, no meu coração.”
(Belchior)

RESUMO

Embora as investigações sobre a ironia sejam amplas, incluindo áreas como a Filosofia, a Oratória, a Teoria Literária e a Linguística, o estudo do fenômeno irônico ainda se apresenta de forma tímida dentro da Linguística. Essas investigações, influenciadas em certa medida pela tradição oratória, não contemplam geralmente a dimensão interacional da linguagem, sendo ainda mais diminuta a investigação sobre o fenômeno irônico em interações digitais. A presente pesquisa, portanto, objetiva esclarecer como o fenômeno irônico se constrói linguisticamente em ambientes digitais, partindo da observação e análise de interações *compartilhamento de notícias*, presentes no site de rede social Facebook. O *corpus* foi constituído através dos *compartilhamentos de notícias* realizados a partir das publicações da rede social *Folha de São Paulo*, no site Facebook, nos dias dos debates presidenciais do primeiro turno das eleições de 2014. Buscamos, portanto, investigar nos *compartilhamentos de notícias* quais os recursos de expressão de ironia têm sido utilizados pelos interactantes e quais são as relações de retextualização desses recursos com aqueles já registrados na literatura sobre o fenômeno irônico, uma vez que as condições de materialização linguística são de natureza híbrida. Observamos também como os aspectos interacionais disponíveis no ambiente digital contribuem para os processos de compreensão da ironia, desfazendo a ambiguidade de que a ironia é constituída e fazendo a ironia efetivamente acontecer. A reflexão teórica e as análises aqui desenvolvidas se fundamentaram primordialmente na teoria de ironia como um acontecimento discursivo, proposta por Hutcheon (2000), e na concepção da ironia como uma estratégia discursiva, desenvolvida por Brait (2008), articulando ainda teorizações complementares sobre aspectos interacionais. A partir das análises, observamos a ocorrência de expressões de ironia em ambiente digital, sendo tais ocorrências geralmente marcadas por pistas de contextualização de intento irônico. Verificamos, nessas pistas, o processo de retextualização de alguns sinais de ironia das interações de fala para a interação híbrida do ambiente digital, bem como a ocorrência de estruturas de ironia presentes em interações mais monitoradas, como textos literários e jornalísticos. Constatamos também a existência de recursos de sinalização de ironia característicos das interações digitais e associamos essas ocorrências às peculiaridades das interações digitais em relação à presunção de conhecimento partilhado e contexto discursivo. Em função dessas peculiaridades, analisamos também como ocorre o processo de identificação de intento irônico e que aspectos interacionais atuam na compreensão da ironia em ambientes digitais.

Palavras-chaves: Ironia. Interação digital. Compartilhamento de notícias. Facebook

RESUMEN

Aunque las investigaciones sobre la ironía sean amplias, incluyendo áreas de la Filosofía, de la Oratoria, de la Teoría literaria y la Lingüística, el estudio del fenómeno irónico se presenta todavía tímido en el campo de la lingüística. Esas investigaciones, afectadas en cierta medida por la tradición de la oratoria, no contemplan en general la dimensión interaccional del lenguaje, menor aún es la investigación sobre los fenómenos en interacciones digitales. Este trabajo de investigación, por lo tanto, busca aclarar como el fenómeno irónico se constituye lingüísticamente en el espacio digital, partiendo desde la observación y análisis de interacciones de “*compartilhamento de notícias*”, presentes en el sitio de la red social Facebook. El *corpus* fue constituido a través de “*compartilhamento de notícias*” realizados a partir de las publicaciones de la red social Folha de São Paulo, en el sitio Facebook, en las fechas de los debates presidenciales del primero turno de las elecciones de 2014. Buscamos, por lo tanto, investigar en los “compartilhamentos de noticias” cuales recursos de expresión de ironía hayan sido utilizados por los interactuantes y cuáles son las relaciones de retextualización de esos recursos con aquellos ya registrados en la literatura sobre el fenómeno irónico, de modo que las condiciones de materialización lingüística son de naturaleza híbrida. Observamos también como los aspectos interaccionales disponibles en el espacio digital contribuyen para los procesos de comprensión de la ironía, deshaciendo la ambigüedad de que la ironía es constituida y haciendo con que ocurra la ironía efectivamente. La reflexión teórica y las análisis aquí desarrolladas se fundamentaron sobretudo en la teoría de la ironía como un acontecimiento discursivo, propuesta por Hutcheon (2000), y en la concepción de ironía como una estrategia discursiva, desplegada por Brait (2008), articulando teorizaciones complementares sobre aspectos interaccionales. A partir de los análisis, observamos los usos de expresiones de ironía en ambiente digital, siendo tales acontecimientos dotados de huellas de contextualización de intento irónico. Averiguamos, en estas huellas, el proceso de retextualización de algunas señales de ironía en las interacciones del habla para la interacción híbrida del espacio digital, además percibimos los sucesos de las estructuraciones de ironía presentes en interacciones más monitoreadas, como textos literarios y periodísticos. Comprobamos también la existencia de recursos de señalización de ironía característicos de las interacciones digitales y asociamos esos sucesos a las peculiaridades de las interacciones digitales en relación a la presunción de conocimiento compartido y contexto discursivo. En función de esas peculiaridades, analizamos también como ocurre el proceso de

identificación de intento irónico y que aspectos interaccionales actúan en la comprensión de la ironía en ambientes digitales.

Palabras-claveles: Ironía. Interacción digital. Compartilhamento de notícias. Facebook

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA	12
2	ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	18
2.1	AMOSTRA	18
2.2	OBJETIVOS	21
2.3	RESULTADOS	21
3	ESTUDOS TEÓRICOS ACERCA DA IRONIA	24
3.1	PALAVRAS INICIAIS	24
3.2	PERSPECTIVAS CLÁSSICAS	26
3.2.1	A ironia na Antiguidade Clássica: o conceito em Platão e Aristóteles.....	27
3.2.2	A ironia como tropo: a abordagem oratória	30
3.2.3	A perspectiva do Romantismo alemão e a retomada do conceito de eironeia como atitude	32
3.3	PERSPECTIVAS PRAGMÁTICAS DO ESTUDO DA IRONIA	37
3.3.1	A ironia como implicatura.....	38
3.3.2	A ironia como tropo: a abordagem pragmática	42
3.3.3	A ironia como menção	45
3.4	PERSPECTIVAS INTERACIONISTAS DA IRONIA	49
3.4.1	A ironia como interdiscurso	49
3.4.2	A ironia como acontecimento	53
3.5	PRESSUPOSTOS TEÓRICOS MOBILIZADOS NESTE ESTUDO DA IRONIA EM UMA PERSPECTIVA INTERACIONISTA	59
4	ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO GÊNERO <i>COMPARTILHAMENTO DE NOTÍCIAS</i>	68
4.1	PANORAMA SOBRE A WEB: SUA HISTÓRIA E ARTICULAÇÃO COM A VIDA	68
4.2	APONTAMENTOS SOBRE PECULIARIDADES DA INTERAÇÃO DIGITAL	73
4.3	O SITE DE REDE SOCIAL FACEBOOK	78
4.4	A REDE SOCIAL FOLHA DE S. PAULO	80
4.5	O <i>COMPARTILHAMENTO DE NOTÍCIAS</i> : UMA CARACTERIZAÇÃO	84

5	A DISPUTA PRESIDENCIAL DE 2014 E SUA INCLINAÇÃO À IRONIA	95
6	QUANDO A IRONIA ACONTECE?	106
7	CATALOGAÇÃO DOS RECURSOS DE EXPRESSÃO DE IRONIA	126
7.1	RECURSOS RETEXTUALIZADOS	129
7.1.1	Retextualização dos recursos gesticulatórios	131
7.1.2	Retextualização dos recursos fônicos	138
7.1.3	Retextualização dos recursos gráficos	151
7.2	RECURSOS CARACTERÍSTICOS DAS INTERAÇÕES DIGITAIS	159
7.2.1	Desvio ortográfico	160
7.2.2	O marcador de ironia SQN	168
7.3	RECURSOS CARACTERÍSTICOS DE INTERAÇÕES DE ESCRITA MONITORADA	178
7.3.1	A ironia imagética	179
7.3.2	A ironia por menção ecoante	184
7.4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	195
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	199
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	205

1 APRESENTAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO TEMA

No presente trabalho, estabelecemos como objetivo principal investigar quais são os recursos de expressão de ironia utilizados nas interações digitais, a partir do gênero *compartilhamento de notícias*. Buscamos observar como a natureza do ambiente digital influencia na materialização verbal da ironia em razão das peculiaridades linguísticas apresentadas pelo ambiente digital, pois, como as investigações sobre as interações digitais têm apontado, a linguagem no ambiente digital sofre modificações em função da materialização majoritariamente gráfica, se constituindo como uma linguagem híbrida em que interações de fala têm sido transmutadas para uma materialidade escrita. Nesse contexto de transmutação, é interessante observar como a ironia tem se materializado no ambiente digital, por causa do papel fundamental que recursos paralinguísticos desempenham no fenômeno irônico, principalmente nas suas ocorrências mais cotidianas em que os principais suportes para a construção da ironia são recursos fônicos e gesticulatórios, característicos das interações de fala. Desse modo, investigamos quais recursos têm sido utilizados para expressar ironia nas interações digitais; como esses recursos se relacionam com os recursos já registrados nas teorias sobre a ironia, ou seja, em que medida esses recursos presentes nas interações digitais são retextualizações de recursos presentes nas interações não digitais; como os interactantes têm compreendido esses recursos e, portanto, qual a efetividade deles para fazer a ironia acontecer; quais são as funções da ironia, ou seja, para que os interactantes lançam mão da ironia ao interagirem; e, por fim, quais outros mecanismos interacionais constitutivos das interações digitais atuam na (in)compreensão e significação irônica.

Como nosso maior objetivo é investigar como os interactantes têm se apropriado da ironia e seus mecanismos de edificação para interagirem uns com os outros, nossa investigação se pauta, portanto, nos usos efetivos da ironia em ambientes digitais, se inserindo dentro de uma perspectiva interacionista dos estudos da linguagem. É, portanto, conveniente ressaltar que a interação “não é uma atividade caótica, nem aleatória ou mecânica, mas ordenada, coordenada e intencional.” (MARCUSCHI, 2001, p. 29), tendo na linguagem um elemento central, pois a linguagem “é uma forma de ação, ou seja, um trabalho que se desenvolve colaborativamente entre os indivíduos na sociedade” (MARCUSCHI, 2008, p. 67). Essas formas de ação por meio da linguagem têm sido denominadas dentro da Linguística como gêneros, que “não são entidades formais, mas sim entidades comunicativas (...) são formas verbais de ação social relativamente estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (MARCUSCHI,

2002, p. 25). No entanto, enquanto peça empírica, enquanto artefato localmente situado, os gêneros se realizam em textos, compreendidos não como “um artefato, um produto, mas um evento (uma espécie de acontecimento) e sua existência depende de que alguém o processe em algum contexto” (MARCUSCHI, 2008, p. 89), de modo que sua existência depende da interação.

Como Marcuschi (2002) observa, as práticas sociodiscursivas, ou seja, os gêneros “surtem emparelhados a necessidades e atividades socioculturais, bem como na relação com inovações tecnológicas” (p. 19). Desse modo, com o advento da Internet, temos observado o surgimento de práticas sociodiscursivas, com base em outras já existentes, e a influência que o suporte digital tem sobre os aspectos sociodiscursivos dessas práticas. É nessa direção que, no contexto da Web 3.0, presenciamos um estreitamento entre as práticas de comunicação e as práticas de informação, principalmente em função da exploração das redes sociais pessoais como vetores de conteúdos informativos. Consideramos um exemplo de tais práticas o gênero *compartilhamento de notícias*, que, como argumentaremos adiante, se constitui como uma interação digital típica das redes sociais e se caracteriza como uma prática sociodiscursiva principalmente por sua função, seu propósito sociodiscursivo de replicar, difundir, pleonasticamente, compartilhar um conteúdo noticioso. Paralelamente a essa atividade técnica de difundir um conteúdo, o *compartilhamento de notícias* possibilita ao enunciador-replicador, por meio do espaço “comentários”, se posicionar acerca do conteúdo compartilhado, sendo esse espaço de expressão subjetiva muito importante em termos de interação. Nesses espaços de comentários, os interactantes podem influir uns sobre os outros e lançam mão de diversas estratégias linguísticas e discursivas para atingir seus propósitos enunciativos, entre as quais destacamos a ironia, tendo sido por essa razão que os *compartilhamentos de notícias* se tornaram uma interação privilegiada para a observação das expressões de ironia em interações digitais.

Desde sua gênese, a ironia é um fenômeno cujo caráter estratégico é evidente ao fazer referência ao método maiêutico de argumentação adotado por Sócrates; ao longo da larga tradição de investigação do fenômeno, esse caráter estratégico da ironia foi abordado por diversas perspectivas teóricas que evidenciaram nuances específicas da ironia e que podemos organizar em duas grandes correntes: a filosófica, para a qual a ironia é um princípio metafísico, e a oratória, para a qual a ironia é um recurso de linguagem. A corrente filosófica esteve muito associada aos estudos literários, se tornando a ironia inclusive no século XIX um princípio estético, em que a incerteza do Destino é posta em evidência no fazer literário. Já a tradição oratória teve notável destaque e influenciou de forma decisiva a concepção recorrente

nos estudos linguísticos de ironia como tropo. Nessa concepção, a ironia é um recurso que se estrutura em um dito significando o seu contrário, ou seja, o enunciador diz uma coisa para significar o seu oposto. De acordo com essa perspectiva, o ironista deve dotar seu enunciado de sinais de que há ironia, sendo geralmente esses sinais recursos paralinguísticos típicos da fala, como uma entonação exagerada, uma expressão facial etc., por serem principalmente as interações orais o objeto das reflexões oratórias. A influência dos estudos oratórios foi tamanha que, nos estudos linguísticos, alguns estudiosos têm se dedicado a compreender o funcionamento de tais elementos, observando-os ora em textos falados ora em textos escritos de alto grau de monitoramento, o que faz com que o tratamento da ironia se estabeleça ainda na dicotomia entre fala e escrita.

Os aspectos microlinguísticos da edificação do sentido irônico serão cruciais para nossa análise, no entanto, para nossa conceituação do fenômeno irônico, em uma perspectiva da interação, do uso, nos interessa, primeiramente, o seu funcionamento discursivo. Desse modo, tendo em vista os objetivos traçados, a unidade de análise e a abordagem dos dados, conceituamos que a ironia é uma estratégia discursiva (BRAIT, 2008), fundamentada na fricção entre dois sistemas de valores, não necessariamente contrários, e cujo caráter avaliativo se faz marcante. Por outro lado, pontuamos também que, tal como toda estratégia, a ironia objetiva o outro e, dentro de uma abordagem interacionista, é crucial considerar como esse outro compreende a ironia, ocorrendo a partir disso a efetiva significação irônica. A ironia também é, portanto, um acontecimento, tal como teoriza Hutcheon (2000), de modo que apenas no reconhecimento do intento irônico por parte de um público é que os dois sistemas de valores se friccionam e a avaliação se faz compreendida, estabelecendo-se a ironia. Desse modo, a ironia foi aqui conceituada em consonância com o que nossos dados apresentaram, dado o caráter indutivo da pesquisa, considerando esses dois pontos principais: a ironia enquanto estratégia enunciativa construída a partir de dois sistemas de valores e a ironia enquanto acontecimento dependendo da compreensão dos interlocutores para a efetiva existência.

Foi dentro dessas concepções teóricas que a presente pesquisa se propôs a compreender como o fenômeno irônico tem acontecido em ambientes digitais e, principalmente, se propôs a investigar quais os mecanismos sinalizadores de ironia têm sido utilizados nas interações digitais, relacionando-os a outros mecanismos já consagrados dentro da literatura existente como sinais irônicos ou ainda destacando-lhe seu caráter de especificidade. Por outro lado, por termos abordado a ironia dentro de uma perspectiva interacionista, a partir da compreensão do fenômeno irônico como acontecimento

(HUTCHEON, 2000), nos ocupamos também da reflexão sobre que aspectos interacionais atuam na compreensão de uma ironia nas interações digitais, fazendo-a acontecer. Portanto, o objetivo geral da nossa pesquisa reside na investigação dos mecanismos de expressão de ironia utilizados nas interações *compartilhamento de notícias*, compreendendo que relações eles estabelecem com os mecanismos já consagrados nas interações cotidianas e literárias e como eles têm sido compreendidos pelos interactantes, ou seja, seu potencial metacomunicativo (BATESON, 1998) e actancial (BRAIT, 2008). Para alcançar esse objetivo, estabelecemos como objetivos específicos: a) identificar e categorizar das ocorrências de ironia de acordo com os mecanismos utilizados na sua edificação; b) relacionar esses mecanismos presentes nas interações digitais a outros relacionados à fala ou à escrita, estabelecendo entre eles relações de transmutação; c) observar os processos de (in)compreensão da ironia, atentando para os processos cognitivos possibilitadores deles.

Nas análises, priorizamos investigar o caráter estratégico interacional da ironia em relação aos usos que os interactantes têm feito dessa estratégia, pois estamos convencidos de que os usuários “quando interagem, produzem suas contribuições metódica e ordenadamente, esperando que os parceiros as percebam desse modo e assim possam entendê-las” (MARCUSCHI, 2001, p. 28). Desse modo, buscamos observar as pistas de contextualização e os enquadres construídos colaborativamente entre os interactantes. De outro lado, buscamos também compreender como essas contribuições foram efetivamente significadas, observando o desenvolvimento e o engajamento dos interactantes enquanto membros e buscando em suas práticas os indícios de como a interação foi significada, pois “todas as propriedades ‘lógicas’ e ‘metodológicas’ da ação, toda característica de sentido, facticidade, objetividade, relatibilidade, comunalismo de uma atividade devem ser tratadas como realização contingente de práticas comuns socialmente organizadas” (GARFINKEL, 2009, p. 129). Nesse sentido, a observação sequencial da interação nos permitiu compreender a efetiva significação da ironia.

Para que o leitor, se apropriando dos conceitos de ironia constitutivos de nossa perspectiva e compreendendo a interação aqui analisada, entenda de forma mais clara os percursos analíticos traçados, organizamos a dissertação em oito capítulos, incluindo este introdutório, além das referências bibliográficas. Os capítulos de revisão bibliográfica e de análises foram subdivididos em seções, para uma melhor organização dos tópicos abordados.

No segundo capítulo, demonstramos de forma pormenorizada os aspectos metodológicos em que se basearam as análises dos dados, explicitando o caráter localizado das análises qualitativas aqui empreendidas, fundamentada na Teoria Fundamentada (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011), e o seu caráter também generalizante, na

medida em que analisamos os dados também em uma perspectiva quantitativa, ao listar os mecanismos de acordo com a sua recorrência.

No terceiro capítulo, adentramos especificamente nos estudos teóricos sobre a ironia, objetivando apresentar os aspectos teóricos sobre o fenômeno irônico mais relevantes para a nossa perspectiva de trabalho de viés interacionista. Inicialmente, traçamos um panorama sobre como, ao longo das reflexões sobre a ironia, aspectos diversos do fenômeno foram postos em relevo, a exemplo das concepções da ironia ora como atitude, ora como figura de linguagem, ora como visão sobre a vida, ora como implicatura, ora como acontecimento. Nesse capítulo, também estabelecemos algumas diretrizes sobre o que aqui compreendemos como ironia, noção essa que norteia todo o trabalho analítico. Nesse aparato, nos baseamos primordialmente no estudo desenvolvido por Hutcheon (2000), em que se estabelece a ironia como um acontecimento. Para suprimos uma necessidade teórica mais voltada para os estudos linguísticos, estabelecemos alguns diálogos com as reflexões de Brait (2008), acerca do caráter estratégico da ironia, e de Marcuschi (2007) acerca das noções de sentido literal e sentido figurado.

No quarto capítulo, discorremos um pouco sobre a unidade interacional aqui tomada como dados: o *compartilhamento de notícias*. A partir da nossa experiência investigativa e de usuários de redes sociais, buscamos descrever os aspectos discursivos imbricados no *compartilhamento de notícias*, atentando também para os seus aspectos microestruturais. Ainda traçamos algumas considerações sobre a localização desse momento das interações digitais em relação à história da Web, ressaltando a articulação atualmente tão natural entre informação e comunicação, possibilitada ela mesma pelo surgimento das novas tecnologias da informação.

No quinto capítulo, descrevemos de forma breve o panorama das eleições de 2014, para elucidar alguns dados históricos que eventualmente ecoaram em alguns exemplos, nos fazendo compreender determinados enunciados como irônicos. Nessa explanação também pontuamos como os fatos ocorridos durante o pleito presidencial aqui observado foram propícios para contrastes irônicos.

O sexto capítulo se constitui como o primeiro capítulo da nossa análise sobre a ironia e a ele reservamos uma análise mais voltada para o modo como os aspectos interacionais (informações sobre os interlocutores, a negociação da significação do enunciado ponto a ponto, a incompreensão da interação intentada) foram cruciais para a consistência de nossa argumentação sobre a presença de ironia nos dados aqui analisados.

Já o sétimo capítulo traz as categorias com as quais trabalhamos nas análises, fazendo um apanhado geral sobre elas, uma vez que a discussão pormenorizada sobre elas é feita na seção 3, na revisão da bibliografia consultada. Em seguida, nessa seção, aprofundamos a discussão sobre as categorias dos recursos de expressão de ironia que consideramos mais relevantes para nossos objetivos e as organizamos em três blocos: a) os recursos retextualizados, que estabelecem com os recursos de fala e escrita uma relação estreita, sendo eles os recursos gesticulatórios, gráficos e fônicos; b) os recursos característicos das interações digitais, que se constituem como mecanismos de sinalização da ironia típicos das interações digitais e não têm relação com nenhum outro recurso presente na literatura sobre a ironia; e c) os recursos característicos das interações monitoradas, que se apresentaram como inesperados diante da expectativa de que os mecanismos encontrados nas interações digitais estariam mais relacionados às interações de fala do que às interações escritas. Por fim, no oitavo capítulo, tecemos nossas considerações finais, realizando um apanhado geral das principais contribuições do trabalho aqui desenvolvido no que se refere ao estudo da ironia em interações digitais, seus processos de retextualização e as especificidades que o fenômeno irônico incorpora no ambiente digital, em função da configuração da interação digital.

Por fim, a presente pesquisa buscou elucidar quais mecanismos os interactantes têm lançado mão nas interações digitais para que, operando um enquadramento, guiem a compreensão do leitor, levando-o a fazer a ironia acontecer. A elucidação desse aspecto não só da ironia, como também da dinâmica das interações digitais, nos permite compreender e ampliar a concepção do que é o fenômeno irônico, nos permitindo também observar os processos interacionais e cognitivos em que o acontecimento irônico se baseia. Além disso, a investigação da ironia em interações digitais possibilitou um redimensionamento da própria interação digital em sua materialidade e em sua concepção, ao notarmos a presença marcante de recursos altamente sofisticados em uma interação tão dinâmica.

2 ASPECTOS E PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os fenômenos irônicos vêm sendo estudados desde a Antiguidade Clássica, no entanto, não temos ainda hoje uma definição do conceito de ironia que dê conta de todos usos que têm sido feitos do termo (BOOTH, 1983). No senso comum, duas concepções de ironia se sobressaem: a ironia como tentando dizer o contrário do que se disse e a ironia como o ‘Destino’. No entanto, essas concepções se mostram limitadas quando pretendemos dar conta da ironia em usos linguísticos, objetos de nossa investigação, pois a ironia como Destino, por um lado, se mostra um princípio filosófico materializado linguisticamente de forma vaga dentro da literatura e a ironia enquanto significando o contrário do que foi dito possui uma abordagem do sentido enquanto produto, não se ocupando do processo de edificação dos sentidos, ponto elementar numa perspectiva do uso.

Assim, tendo consciência de que são “os fatos da língua uma construção social e não um dado objetivo” (MARCUSCHI, 2001, p. 23), dedicamos a primeira etapa da nossa empreitada investigativa para construir um aparato conceitual sobre o que é a ironia, pois, sabendo que os dados são “produzidos pelo ponto de vista e pelo interesse investigativo” (MARCUSCHI, 2001, p. 23), disso dependeria a construção e o tratamento para com o nosso *corpus*. Nesse aparato, articulamos as contribuições dos mais diversos estudos aos quais recorreremos, prezando sempre para a pertinência dessas contribuições no que diz respeito aos processos interacionais. Tal aparato conceitual, apresentado na seção 3.4, se baseia principalmente nos estudos de Hutcheon (2000), Brait (2008) e Marcuschi (2007) e põe em relevo que a ironia, enquanto um fato do uso da língua, funciona como uma estratégia enunciativa efetivada apenas no acontecimento discursivo.

2.1 AMOSTRA

Uma vez o conceito ironia tendo sido esboçado, delimitamos a unidade interacional na qual os fenômenos irônicos seriam investigados, pois, diante do amplo universo que as interações digitais representam, esse recorte era necessário para dar consistência, do ponto de vista da interação, à pesquisa pretendida, uma vez que os aspectos interacionais são bastante variáveis em função da natureza da interação, dos seus propósitos, dos participantes etc. Desse modo, não poderíamos homogeneizar as interações digitais baseando-nos apenas no fato de que elas ocorrem mediadas por algum aparelho digital.

O primeiro ponto na escolha dessa unidade interacional foi o campo de observação. Inicialmente acompanhamos as mais diversas interações que emergiam no site de rede social

Facebook, fundamentando tal escolha tanto no caráter interativo desse espaço (uma vez que este se caracteriza como um espaço para interagir com outros usuários, possuindo mecanismos de registro das ações entre os participantes, tais como compartilhamento, curtidas e comentários.) quanto na importância que este site de rede social exerce na vida dos usuários da Web, sendo ele o segundo site mais acessado no mundo, atrás apenas da página de busca Google (PORTAL G1, online).

Nesta etapa da pesquisa, recorreremos à Teoria Fundamentada (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011), a qual preconiza que devemos nos basear em “um modo indutivo de encarar a pesquisa buscando no campo empírico o fundamento de uma teorização emergente a partir das observações e classificações sistemáticas dos dados” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 84). De acordo com os pressupostos da TF, “a teoria deve emergir dos dados, a partir de sua sistemática observação, comparação, classificação e análise de similaridades e dissimilaridades” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 83). Então, fomos registrando todos os textos em que a ironia nos parecia presente e, por meio desse inventário, pudemos perceber a saliência de um tipo específico de interação, à qual chamaremos aqui de *compartilhamento*, do mesmo modo como os usuários do site Facebook e o próprio Facebook a chamam. Para os usuários do Facebook, o *compartilhamento* é a ação interativa e também discursiva de replicar, de difundir, de, pleonasticamente, compartilhar um conteúdo de outro usuário, de outra rede, podendo ser este conteúdo uma foto, um link, um vídeo, uma postagem etc. Há, dentro do grupo da unidade compartilhamento, subdivisões de acordo com o objeto compartilhado e optamos por focalizar as unidades da subdivisão mais proeminente dentro desse inventário inicial, sendo, por fim, nossa unidade interacional o *compartilhamento de notícias*.

Assim, nos pareceu pertinente coletar nossos dados numa página de um jornal dentro do site Facebook. Os principais jornais do país mantêm neste site de rede social ao menos uma página de divulgação dos seus conteúdos. Nesse movimento, percebemos nitidamente a intersecção entre as tecnologias da informação e da comunicação, sendo essa uma característica da configuração tecnológica Web 3.0, como discutiremos adiante. Aqui, o problema residiu em que página seria selecionada, tendo sido estabelecidos três critérios para a escolha: 1) o alcance que a página possuía dentro do site de rede social, ou seja, quantidade de atores vinculados à página; 2) o caráter estritamente noticioso dos conteúdos veiculados nessa página; e 3) a manutenção disponível de todo o conteúdo veiculado pelo perfil. Findamos, pois, escolhendo a página do Jornal Folha de São Paulo, cuja grafia no perfil do Facebook é **Folha de S. Paulo**, à qual respeitaremos.

Por fim, precisaríamos ainda impor mais uma variante para a construção do *corpus*, podendo ser ela temporal, temática, por grupo etc. tendo sido o recorte temático o que nos pareceu o mais adequado por nos permitir contextualizar os textos de modo mais preciso, o que é estratégico na interpretação da ironia, naquilo que Hutcheon (2000) denomina “enquadramento”. Além disso, delimitar o horizonte temático ainda é crucial para a análise de fenômenos irônicos, pois alguns recursos de expressão de ironia, como a menção ecoante, a mudança de registro, a ironia intertextual e circunstancial, têm o suporte para o seu acontecimento no conhecimento que o público possui sobre o objeto do dizer.

Quanto à temática a ser abordada, dois fatos ganharam notoriedade das coberturas jornalísticas, durante o ano de 2014, período de nossa pesquisa, e foram temas recorrentes na sociedade brasileira: a Copa do Mundo, ocorrida no Brasil, e as eleições nacionais, das quais destacamos a disputa presidencial. Entre estes dois temas, consideramos a escolha da temática “eleições presidenciais” mais adequada por suspeitarmos de que haveria uma profusão de interações interessantes para observar o fenômeno irônico, pois a ironia é tida como uma estratégia discursiva amplamente explorada na esfera política (MUECKE, 1995) e cujo caráter político se faz evidente (HUTCHEON, 2000). Esse recorte temático ainda nos permitiu, ao fim, perceber como a ironia, por meio de sua aresta avaliadora, opera consequências públicas (HUTCHEON, 2000).

Consideramos que ter uma visão do todo do período eleitoral seria pertinente para vermos uma evolução da apropriação das estratégias de construção da ironia e acompanharmos seus funcionamentos em relação ao contexto eleitoral e seu caráter actancial; desse modo, fizemos a coleta em períodos intercalados, de acordo com as datas dos debates eleitorais. Essa estratégia de recorte se baseou em dois pontos: o primeiro, na nossa concepção, baseada em Fragoso, Recuero e Amaral (2011), de que a Internet é um espaço de continuidade da interação humana em sociedade, não havendo ruptura entre o que ocorre dentro e fora da rede, da Web; segundo, na intuição de que, nos dias de debate eleitoral, o foco dos jornais, inclusive da Folha de São Paulo, estaria voltado para a disputa presidencial e as interações entre os usuários desta rede social muito provavelmente refletiriam esse agendamento.

Portanto, a construção de nosso *corpus* foi realizada nos dias de debate eleitoral (26/08; 01/09; 16/09; 28/09; 02/10), através da averiguação de todas as postagens, que versavam sobre os candidatos à Presidência, na página da Folha de S. Paulo no Facebook; em razão da repercussão que essas postagens poderiam ter nos dias subsequentes aos debates, nossa coleta contemplou também o dia anterior e o posterior aos debates. Num primeiro

momento, elencamos todas as postagens da página Folha de S. Paulo no Facebook, cujos conteúdos eram referentes aos candidatos à Presidência, para em seguida iniciar a coleta dos compartilhamentos desse *post matriz*. Posteriormente, observamos todos os compartilhamentos associados a estas postagens e cuja configuração de privacidade do perfil operador do compartilhamento fosse ‘pública’. Apesar da configuração de privacidade ‘pública’, algumas vezes só podíamos ter acesso ao compartilhamento, não havendo a possibilidade de consulta aos comentários e às curtidas.

A partir dessa observação genérica, nos limitamos a registrar apenas os *compartilhamentos de notícias* em que o fenômeno irônico se fez presente efetiva ou potencialmente (tal cuidado era necessário por causa da natureza ambígua constitutiva da ironia), sendo a coleta realizada por meio de *printscreen* desses compartilhamentos em sua totalidade (texto do compartilhamento + texto compartilhado + comentários) e o registro feito em formato de imagens. A organização desses dados foi feita, de modo mais amplo, por datas (26/08; 01/09; 16/09; 28/09; 02/10) e, de modo mais estrito, por notícia (as quais classificamos em ordem numérica). Nosso *corpus* contou, ao fim, com um total de **634 dados de compartilhamentos de notícias**, referentes a um total de 77 publicações da Folha de S. Paulo.

2.2 OBJETIVOS

A partir desse *corpus* e da concepção de ironia fundamentada no uso, a pesquisa aqui empreendida apresentou dois objetivos distintos:

- a) o levantamento de quais recursos de expressão de ironia têm sido mais utilizados no contexto digital e a investigação de como tem ocorrido a retextualização dos recursos já observados nas interações já estabilizadas, como fala ou escrita;
- b) a compreensão de como os usuários fazem a ironia acontecer por meio da interpretação desses mecanismos de edificação do sentido irônico e que consequências essas estratégias discursivas operam no nível da interação.

A partir destes objetivos, a análise se estruturou em dois momentos, se dando o tratamento dos dados tanto pelo viés quantitativo, para dar conta do primeiro propósito, quanto pelo viés qualitativo, para dar conta do segundo propósito.

2.3 RESULTADOS

No primeiro momento da análise, observamos principalmente o que, do ponto de vista linguístico, era recorrente e o que não era na construção discursiva da ironia, findando tal

observação na organização das ocorrências de ironia de acordo com as categorias propostas por Hutcheon (2000). De acordo com Hutcheon (2000), a ironia pode ser classificada de acordo com as seguintes estratégias de construção: circunstancial, textual, intertextual, mudança de registro, exagero/abrandamento, contradição/incongruência, literalização/simplificação, repetição/menção ecoante, gesticulatório, fônico ou gráfico. As categorias de Hutcheon (2000) se mostraram interessantes para nossa análise, pois a autora focalizando o caráter avaliativo imbricado na ironia dimensiona o fenômeno irônico ao uso. No entanto, diante da ocorrência de construções linguísticas de ironia que não se encaixavam nessa categorização de Hutcheon (2000), fomos incluindo, de acordo com os casos surgidos, propostas de categorização vindas de outros estudos, como os de Brooks (1971) com a categoria pergunta, os de Muecke (1995) e Perelman e Olbretchs-Tyteca(1996) com a categoria ironia por analogia, os de Sperber e Wilson (1981) com a ampliação da categoria menção, os de Brait (2008) com a categoria de recai sobre a foto e os de Cintra (2011) com a categoria ironia imagética.

Após essa construção, quantificamos os nossos dados dentro dessas categorias de modo não excludente; assim sendo, um mesmo dado pode estar catalogado em uma ou mais categorias a depender dos mecanismos mobilizados na construção do seu sentido irônico. Ao longo do processo de categorização das estratégias linguísticas na construção da ironia, percebemos, em nossos dados, a recorrência predominante de um alvo da aresta avaliadora da ironia; diante de tal observação consideramos necessário também contabilizar nossos dados de acordo com os alvos almejados nas enunciações irônicas, tendo o resultado de tal contabilização, apresentado aqui em formato de gráfico, confirmado nossa suspeita inicial. Por fim, obtivemos um ranking dos recursos de expressão de ironia mais utilizados em nossos dados, não tendo os mecanismos mais utilizados comprovado a expectativa inicial de que nas interações digitais as estratégias de construção de ironia mais recorrentes seriam aquelas baseadas na retextualização dos recursos fônicos, gráficos e gesticulatórios, por serem as interações digitais caracterizadas como mais próximas das interações orais e serem esses recursos os mais comumente utilizados neste tipo de interação.

Diante desse elemento surpresa, do aprofundamento nas teorias sobre os fenômenos irônicos e da clara compreensão de que a ironia emerge da interação intersubjetiva, nos convencemos de que precisávamos também tratar da ironia enquanto processo interacional, pois suspeitávamos que em parte o inesperado se explicaria diante da natureza interacional selecionada, surgindo disso a necessidade de trabalhar com os processos interacionais decorrentes da nossa unidade de análise e da elocução irônica. Para dar conta dos processos

interacionais, precisamos recorrer a um olhar qualitativo, no sentido de compreender e explicar: a) as restrições que o ambiente digital, mas principalmente o gênero *compartilhamento de notícias*, exerceu na configuração do processo irônico, sendo este esclarecimento imprescindível para a própria compreensão do funcionamento dos mecanismos de expressão de ironia em ambientes digitais e, em alguma medida, fora deles; b) os processos de construção e negociação do sentido irônico como emergindo da interação entre os participantes das elocuições analisadas, operando nesses processos elementos bastante peculiares como o enquadramento operado ou não, a relação entre os participantes, as pistas de contextualização, os processos de incompreensão etc.

Para tanto, nossas interpretações dessas elocuições se apoiaram nas mais diversas pistas materializadas pelos participantes na superfície textual, tais como as pistas de contextualização, principalmente os recursos de expressão de ironia, os traços de (in)compreensão das ações uns dos outros, as curtidas, os comentários etc. Diante de algumas elocuições irônicas em que a ambiguidade em certa medida se sobressaiu, consultamos sete indivíduos usuários da rede social Facebook, apresentando-lhes essas ocorrências mais problemáticas, sobre as quais eles deviam afirmar se eram irônicas, ambíguas, não irônicas, ou ‘não sei’. Os resultados desta consulta serviram para contrastar nossa leitura e levantar pontos de nossa estratégia de interpretação que mereciam ser abordados com mais afinco.

Os resultados obtidos em nossas análises serão apresentados, no caso da análise quantitativa, em forma de tabelas e gráficos, sendo evidentemente esses dados o ponto de partida para a compreensão do que a recorrência de determinados padrões nos diz sobre o funcionamento do fenômeno irônico. Já, no caso da análise qualitativa, discutiremos dados representativos à luz das teorias da ironia em diálogo com a dinâmica interacional, apresentando os textos escolhidos de forma integral, suprimindo apenas os sobrenomes e avatares dos interactantes, e de forma fidedigna à sua apresentação no site do Facebook (em formato de imagem). Essa apresentação se faz essencial, pois consideramos que o suporte da interação influencia o modo como os participantes interagem e o modo como entendemos essas interações, influenciando consequentemente nossa compreensão e nossa explanação sobre esses processos interpretativos. Portanto, dedicamos um momento anterior à análise das enunciações irônicas para delinear o *compartilhamento de notícias* enquanto uma prática discursiva, dotada de função, caracterizada por uma esfera de circulação e por determinados elementos composicionais. Eventualmente, alguns trechos desses textos foram destacados para dar maior visibilidade a algum ponto a ser discutido enfaticamente.

3 ESTUDOS TEÓRICOS ACERCA DA IRONIA

“A palavra ‘ironia’ não quer dizer agora apenas o que significava nos séculos anteriores, não quer dizer num país tudo o que pode significar em outro, tampouco na rua o que pode significar na sala de estudos, nem para um estudioso o que pode querer dizer para outro. Os diferentes fenômenos a que se aplica a palavra podem parecer ter uma relação muito fraca.”
(MUECKE, 1995, p. 22)

“Um par de anos atrás eu comecei a recolher alegações de que este ou aquele evento ou afirmação eram irônicos, e a coleção se tornou tão grande, e as várias significações tão diversas, que eu logo vim a suspeitar de que qualquer um que usou as palavras escrita e falada não poderia ter qualquer significado preciso em mente.”
(BOOTH, 1983, p. 719)

Neste capítulo, traçamos um panorama dos principais estudos já desenvolvidos sobre o fenômeno irônico ao longo de uma tradição de mais de dois mil e quinhentos anos; ressaltamos de antemão que compreendemos essas propostas não como excludentes, mas complementares, diante da tentativa de apreender um fenômeno discursivo tão complexo. Inicialmente, realizamos um sobrevôo sobre as principais concepções de ironia, demarcando como o conceito é amplo. Na seção 3.2, apresentamos os estudos seminais para a teorização do fenômeno irônico, com as reflexões advindas da Retórica, da Oratória e da Filosofia. Já, na seção 3.3, tecemos algumas considerações sobre as investigações que estudiosos da Pragmática desenvolveram a respeito do fenômeno irônico, focalizando primordialmente o papel do enunciador, do falante na edificação do sentido irônico. Posteriormente, na seção 3.4, explicitamos as reflexões que abordam o fenômeno irônico dentro de contexto de uso, observando como na relação entre locutor, texto e interlocutor a ironia pode ou não se efetivar. Por fim, destacando desses estudos as contribuições para uma abordagem interacionista da ironia e articulando essas contribuições com outras reflexões, esboçamos na seção 3.5 os elementos centrais da ironia para a pesquisa aqui desenvolvida, relacionando-os com a concepção de língua enquanto interação, na qual o presente trabalho se fundamenta.

3.1 PALAVRAS INICIAIS

Muitos de nós, para não dizer todos, já usamos o termo ironia e vimos alguém também lançar mão deste termo para qualificar uma situação, um discurso, uma pessoa etc. Por essa

constatação inicial, é factível que tenhamos mais ou menos uma noção do que seja ironia, uma vez que quando lançamos mão do termo lançamos mão também do que ele significa, ou seja, da concepção subjacente à palavra. Podemos, inclusive, nos arriscar a dizer, e nos apoiamos nesse ponto nas reflexões de Wayne Booth (1983), em seu artigo *The Empire of Irony*, que temos não uma concepção, mas uma série de noções de ironia encadeadas por um grau de parentesco.

Acreditamos que nessa série de noções estão sedimentados os conceitos decorrentes de estudos teóricos sobre a ironia, provenientes dos mais diversos campos das ciências humanas, pois, apesar do clichê de afirmar a dificuldade existente em definir este fenômeno, há um número expressivo de reflexões que buscaram compreender e explicar essa construção tão peculiar de um projeto de dizer. Por outro lado, temos também plena consciência de que, por meio da influência do aprendizado escolar, um desses conceitos se sobressai na discursivização sobre “o que é ironia?”, sendo saliente a concepção de ironia como “dizer uma coisa, mas buscando significar outra”.

Percorrendo uma linha do tempo, vemos que o primeiro surgimento do termo data de aproximadamente IV a.C., com o texto platônico, embora o fenômeno já estivesse permeado na cultura clássica por meio da dramaturgia (MUECKE, 1995). Proveniente da Filosofia, o conceito ganhou espaço de reflexão, posteriormente, nos estudos de oratória, cuja tradição foi bem expressiva na conceituação genérica do que seja ironia e cuja fecundidade fundou uma tradição de estudo da ironia interrompida por quase 1500 anos. Entre os teóricos da oratória, serão mencionados Aristóteles (2007) e Quintiliano (2010), cabendo ainda algumas considerações sobre Cícero, a partir da leitura feita por Muecke (1995). A força do pensamento retórico sobre o estudo da ironia se fez de tal modo tão forte que, apenas no início do século XIX, teorizações de outra ordem emergem dentro do movimento do Romantismo alemão, com o filósofo Friedrich Schlegel. O deslocamento operado no estudo da ironia pelas reflexões de Schlegel tornou a ironia uma preocupação dos estudos estéticos, havendo em sequência uma súbita expansão das investigações sobre ironia dentro da Teoria e Crítica literária, entre os quais podemos destacar Muecke (1995), Brooks (1971) e Booth (1983).

Já na metade do século XX, com a mudança paradigmática dos estudos das ciências humanas e principalmente da Linguística, a agenda de investigação pautada nos usos fez com que a Linguística abrangesse em seu arcabouço teórico reflexões sobre os fenômenos linguísticos provenientes das mais diversas áreas do conhecimento, como a Retórica, a Filosofia e a Teoria da Literatura. Desse modo, a investigação sobre a ironia se expandiu para a Linguística, se dando os primeiros estudos dentro da Pragmática e mantendo com os estudos

estéticos alguns diálogos, como a relação com o sentido literal x sentido figurado e, em alguns autores, até mesmo com o objeto literário. Por outro lado, algumas rupturas se impuseram, a exemplo da preocupação do processamento textual, por meio das noções de implicatura, com a teoria griceana, e de uso, com o estudo de Sperber e Wilson (1981), e ainda com a preocupação das marcas ou sinais de ironia, com a pesquisa de Kerbrat-Orecchioni (1980 apud SEIXAS, 2006). Essa noção de uso abriu possibilidade para, por exemplo, o estudo de Brait (2008), que, articulando a noção de uso, desenvolvida por Sperber e Wilson (1981), com a noção bakhtiniana de intertexto, desenvolveu uma pesquisa sobre a constituição da ironia tanto em textos multimodais quanto em romances. Por fim, podemos ainda citar o trabalho de Hutcheon (2000) dentro desse panorama de estudos linguísticos, pois, como veremos, ainda que a autora esteja inserida dentro da tradição da crítica literária, seu olhar atento sobre os efeitos da ironia, preocupado principalmente com a recepção de uma obra em contexto de pós-modernidade, possibilitou uma reflexão sobre a ironia acontecendo.

3.2 PERSPECTIVAS CLÁSSICAS

O fenômeno da ironia não é novo e sua primeira menção remete à Antiguidade Clássica, ainda nos textos platônicos; essa primeira menção, embora não seja a invenção do fenômeno, é, todavia, o primeiro registro que temos da reflexão sobre ele. Desse modo, podemos inferir que as reflexões iniciais sobre a ironia, assim como as reflexões sobre toda uma série de questões de linguagem, se deram dentro do campo filosófico. A Filosofia, portanto, constituiu um legado de referência para a reflexão sobre a ironia e, tendo feito observações muito pertinentes e bem abrangentes, tornou-se sempre um ponto de partida para reflexões mais particulares. Desse modo, apresentaremos um breve panorama de como o estudo da ironia se desenvolveu dentro da Filosofia, buscando também pontuar em que os aspectos filosóficos contribuíram para a compreensão da ironia enquanto estratégia discursiva. Partindo de Platão (1965), na seção 3.2.1, com sua conceituação da ironia enquanto atitude, passamos, em 3.2.2, pelas observações de Quintiliano (2010), que já incorporam essa atitude em uma materialidade linguística, chegando, na seção 3.2.3, ao início da Modernidade e o estabelecimento da ironia como uma concepção, um modo de olhar e apresentar a vida (BOOTH, 1983). Buscaremos localizar, nessa atitude, nesse olhar e apresentar os fatos de forma irônica, o papel do componente linguístico, para que possamos articular as contribuições dadas pela Filosofia ao estudo linguístico da ironia.

3.2.1 A ironia na Antiguidade Clássica: o conceito em Platão e Aristóteles

A primeira acepção do termo ironia é creditada a Platão, na obra *A República*, tendo sido desenvolvida em referência a Sócrates. O termo, no grego *eironeia* (εἰρωνεία), possui um significado etimológico de “a ação de perguntar fingindo ignorar” (MIOTTI, 2010, p. 119), sendo relacionado a Sócrates por causa de seu modo peculiar de construir a argumentação através do método maiêutico. Por meio deste método, duas estratégias se colocam eficazmente num debate: num primeiro momento, Sócrates relativizava seus argumentos, ao construir suas asserções como perguntas, fingindo ignorância; posteriormente, as perguntas propostas pelo filósofo serviam muito mais para fazer emergir a fraqueza do raciocínio defendido por seu interlocutor do que propriamente obter uma resposta. Vejamos um trecho de *A República* em que, ao pôr em funcionamento o método maiêutico, Sócrates tem as suas estratégias desveladas por seu interlocutor, sendo aplicado então o termo *eironeia*.

Ora, Trasímaco, tentara, repetidas vezes, enquanto falávamos, tomar parte na conversa, mas fora impedido por seus vizinhos que nos queriam ouvir até o fim. Mas, na pausa que fizemos, quando acabava de pronunciar estas palavras, não mais se conteve; retesando-se, qual uma fera, investiu contra nós, como para nos dilacerar.

Polemarco e eu fomos tomados de pavor; mas Trasímaco, elevando a voz no meio do auditório, gritou: “Para que todo esse palavrório, Sócrates, e por que vos fazeis de parvos, inclinando-vos alternadamente um perante o outro? Se queres realmente saber o que é o justo, não te limites a interrogar, e não empenhes o brio em refutar quem responde, mas, após reconheceres que é mais fácil inquirir do que responder, responde tu mesmo e dize como defines a justiça. E não me venhas dizer que é o que se deve fazer, que é o útil, o proveitoso, o lucrativo ou o vantajoso; exprime-te com clareza e precisão, pois não admitiria semelhantes banalidades.

Ouvindo-o, fui preso de estupor, e, volvendo os olhos para ele, senti-me tomado pelo medo; creio até que, se não o tivesse olhado antes que ele me olhasse, eu teria ficado mudo. Mas, quando a discussão começava a irritá-lo, eu o fitara primeiro, de sorte que fui capaz de replicar e dizer-lhe, tremendo um pouco: “Trasímaco, não te aborreças conosco; pois se cometemos um erro em nosso exame, eu e este moço aqui, bem sabes que o cometemos involuntariamente. Com efeito, se procurássemos ouro, não estaríamos dispostos a nos inclinar um diante do outro, e estragar nossas probabilidades de descoberta; não imagines, pois, que, procurando a justiça, coisa mais preciosa do que grandes quantidades de ouro, nos façamos parvamente mútuas concessões, em vez de nos aplicarmos ao máximo em descobri-la. Mas a tarefa, creio eu, está acima de nossas forças. Devotar-nos compaixão é, pois, muito mais natural para vós, os hábeis, do que nos testemunhar irritação”.

A estas palavras, Trasímaco prorrompeu em riso sardônico: “Ó Hércules! exclamou, ei-la, a habitual ironia de Sócrates! Eu já sabia e predissera a estes jovens que não quererias responder, que simularias ignorância, que tudo

farias para não responder às perguntas que te fossem apresentadas!
(PLATÃO, 1965, p. 80-83).

Na denúncia feita por Trasímaco a Sócrates, dois sentidos são desdobrados a partir do termo ironia: a evasão e a ignorância dissimulada, este último reaparecerá em Aristóteles, como veremos adiante. Assim, por meio dessa primeira ocorrência do termo, a figura socrática tem sido tida como protótipo do fenômeno irônico, sendo inclusive objeto de reiterados estudos sobre a ironia, entre os quais podemos destacar a obra de Kierkegaard (2013).

No entanto, admitindo que o filósofo Sócrates não tenha deixado nada escrito, tendo o acesso a suas ideias e a seu estilo se dado por meio de seus discípulos, sobretudo pela obra de Platão, algumas relativizações se colocam: a figura irônica seria o próprio Sócrates ou o Sócrates irônico seria uma construção dramática de Platão? Esse questionamento, levantado por Brait (2008), se faz bem pertinente quando se compreende a ironia enquanto mecanismo linguístico, estando, pois, no plano da materialidade linguística. Aqui não entraremos em maiores desdobramentos sobre este ponto, mas é necessário tornar conhecido o ponto de vista da autora e sua pertinência para a compreensão da ironia enquanto construção discursiva. Segundo Brait (2008), uma vez que Sócrates não deixou nenhum registro de seus discursos, não havendo, portanto, como ter acesso a sua construção discursiva e sua potencial natureza irônica, a construção discursiva irônica atribuída a Sócrates é na realidade uma construção discursiva do autor Platão, que instaurara essa personagem. Apesar da relativização levantada, Brait reconhece que a associação de um tipo específico de ironia, como atitude, à figura de Sócrates está consolidada no nosso imaginário do fenômeno, argumentando ainda que dessa consolidação provêm expressões, tais como “uma personalidade irônica”, “um caráter irônico”, “um indivíduo irônico” (BRAIT, 2008, p. 25), às quais acrescentamos “ironia socrática”, “pergunta socrática”. Ainda é curioso notar que essa estratégia irônica por meio da pergunta ingênua mantém sua atualidade e sua associação à figura socrática, estabelecendo tal concepção ainda uma relação coerente com toda a gama de desdobramentos feitos sobre o conceito de ironia.

Ainda na Antiguidade Clássica, o termo ironia ressurge em Aristóteles, mais especificamente no Livro III da Retórica. O Livro III se ocupa da construção do enunciado e trata de algumas estratégias na expressão e organização do discurso. Curiosamente, o capítulo em que surge a breve reflexão sobre a ironia trata especificamente da interrogação, o que nos leva a compreender que o termo é aqui tomado em relação ao conceito lançado por Platão, ou

seja, a inclusão do conceito de ironia no tópico sobre interrogação nos remete à ironia socrática, no sentido de a ação de perguntar fingindo ignorar. Ao fim de sua explanação mais enfática sobre a interrogação, Aristóteles sinaliza a existência de alguma utilidade do ridículo, do qual a ironia seria uma espécie, num debate, mas não aprofunda a discussão por tê-la realizado na Poética, pontuando apenas a necessidade de “desfazer a seriedade dos oponentes com a ironia e a ironia com a seriedade” (ARISTÓTELES, 2007, p. 295) e considerando a ironia mais adequada que o escárnio, por este estruturar o objeto do ridículo no outro, enquanto o uso da ironia estruturaria o riso e o ridículo no próprio enunciador.

Com a perda da segunda parte da Poética, em que Aristóteles tratava especificamente da comédia e, provavelmente, da ironia, como ele mesmo antecipa, os desdobramentos sobre o ridículo propostos pelo autor de forma mais sistemática não se fizeram conhecidos em sua integralidade, como veremos. De início, podemos notar ao menos um deslocamento entre a acepção que é apresentada em *A República* e a acepção que Aristóteles propõe: aqui a ironia é sim um modo de comportamento, mas há também um componente linguístico envolvido no fenômeno. Sobre este ponto, Muecke (1995) reconhece que, nesta expansão do termo ironia, é incluída também a aplicação do termo como um uso enganoso da linguagem: “*eironeia* é atualmente uma figura retórica: censurar por meio de um elogio irônico ou elogiar mediante uma censura irônica.” (MUECKE, 1995, p. 31), sendo ainda necessário o reconhecimento do ironista e de seu verdadeiro intento (MUECKE, 1995, p. 58). Ainda de acordo com Muecke (1995), Aristóteles teria formulado, em referência a Sócrates e em oposição à *eironeia*, o conceito de *alazoneia*, de modo que o primeiro, significando dissimulação autodepreciativa ou modéstia, seria superior ao segundo, cujo sentido seria dissimulação jactanciosa ou ostentação; o conceito de *alazoneia* estaria, portanto, mais próximo do escárnio. Muecke não precisa a obra de Aristóteles usada como referência para essas reflexões, mas acreditamos se tratar do *Tractatus Coislinianus*, considerado por alguns estudiosos como “um resumo supostamente baseado na parte perdida da Poética” (TORRES, 2013, p. 76). Convém, por fim, ressaltar que, após essas reflexões aristotélicas, a investigação sobre a ironia tornou-se efetivamente preocupada com sua realização na estrutura do enunciado, tendo sido a oratória responsável por dar continuidade de forma sistemática ao estudo da ironia enquanto construção enunciativa e cujo teórico de destaque é Quintiliano.

3.2.2 A ironia como tropo: a abordagem oratória

É fato que o modo como Aristóteles constitui seus pensamentos exerce influência sobre as ciências ocidentais de um modo geral. Numa linha de continuidade às considerações aristotélicas sobre os fenômenos envolvidos na arte da oratória e, conseqüentemente, no fenômeno da ironia, um pensador que merece destaque em suas contribuições é o orador Quintiliano. Em sua obra *Instituciones oratorias* (2010), o objetivo de Quintiliano consiste em traçar as linhas gerais de formação do orador, indo desde a infância até o afastamento da vida pública, tratando inclusive das estratégias oratorias de forma pormenorizada e dedicando os livros Oitavo e Nono às instruções de construção da elocução, nos quais tece algumas considerações sobre a ironia.

Inicialmente convém ressaltar que o autor, ao tratar da composição do discurso, faz uma distinção entre duas formas de adorno, dividindo-as em tropos e figuras. Essa ressalva é necessária ao nosso estudo, uma vez que o autor inclui a ironia em ambas as categorias, o que é considerado por alguns estudiosos da ironia como uma distinção um tanto obscura (SEIXAS, 2006; BRAIT, 2008). Aqui procuraremos esclarecer ao leitor no que consiste tal distinção, buscando também observar o alcance que ela tem nas concepções posteriores de ironia.

Partindo da concepção de que tropos e figuras são estratégias de composição do discurso, Quintiliano conceitua os primeiros como “a mutação do significado de uma palavra por outro” (QUINTILIANO, 2010, p. 177), considerando haver duas espécies de tropo: de significação ou de adorno. A ironia seria considerada dentro dessa conceituação pertencente aos tropos de adorno, os quais, nos termos de Quintiliano, “não se usam já para maior expressão nem para dar mais força ao discurso, senão tão somente para adorná-los” (QUINTILIANO, 2010, p. 185), sendo, pois, a ironia identificada “ou pelo modo de dizer, ou pela pessoa, ou pela natureza do assunto. Pois se alguma destas coisas não se conforma com o que soam as palavras, está claro que se quer dizer coisa diversa do que se disse” (QUINTILIANO, 2010, p. 188). Entre a conceituação de tropo de adorno e a caracterização de ironia como “querer dizer coisa diversa do que se disse”, não podemos traçar com clareza relações sólidas. Por outro lado, a teorização de Quintiliano sobre o conceito de figura e a inserção da ironia dentro dessa categoria mostram maior consistência.

Num primeiro momento, a construção teórica do conceito figura se dá em contraste com o conceito de tropo, sintetizado aqui como “um modo de falar trasladado da natural e primeira significação a outra para o adorno da oração” (QUINTILIANO, 2010, p. 193).

Quintiliano opõe a figura ao tropo, pois a figura “é uma maneira de falar distante do modo comum e mais óbvio”, no entanto, o autor ressalta que, enquanto nos tropos se põem umas palavras por outras, o mesmo não acontece nas figuras, que se forma nas próprias palavras colocadas em sua própria ordem e são fingidas e compostas com arte (QUINTILIANO, 2010). Enumerando que o termo figura pode ser compreendido como corpo ou como esquema, o orador defende que, ao aplicá-lo em relação à oração, “será preciso entender neste lugar por esquema” (QUINTILIANO, 2010, p. 193), considerado por Quintiliano como uma espécie de ênfase, pela qual “queremos que se entenda o que dizemos, não ao contrário, como na ironia (enquanto tropo), senão como outra coisa oculta e que o ouvinte tem de adivinhar de certo modo” (QUINTILIANO, 2010, p. 203 – parênteses nossos). Para o teórico tal estratégia é usada por três motivos: “1º quando é arriscado dizer abertamente o que queremos; 2º quando não convém; 3º apenas por adorno” (QUINTILIANO, 2010, p. 194). Nessa sistematização apresentada por Quintiliano, vemos claramente considerações sobre o funcionamento da figura dentro da arte da oratória, sobre o qual, o teórico ainda vai sinalizar que, nas figuras de sentença, caso da ironia, há dois funcionamentos distintos operando: o primeiro para provar e o segundo para excitar os afetos.

Tendo apresentado as bases distintivas da figura em relação ao tropo, Quintiliano vai argumentar que “a ironia, pois, como figura, não se diferencia muito por seu mesmo gênero da ironia considerada como tropo, porque tanto em uma como na outra se tem de entender o contrário do que soam as palavras” (QUINTILIANO, 2010, p. 199). Para ele a diferença consiste no fato de que “o tropo é mais claro, e ainda que as palavras soem uma coisa e seja outro o sentido delas, o tropo não finge, porém, outra coisa” (QUINTILIANO, 2010, p. 199), enquanto “na figura sucede que a ficção é da intenção e tem mais de aparente do que de clara ou manifesta” (QUINTILIANO, 2010, p. 199), concluindo que “no tropo as palavras são diversas umas das outras, porém na figura é diverso o sentido do que as palavras soam, como nas burlas, e às vezes não só toda a confirmação ou prova de um assunto, senão também toda a vida de um homem parece ser uma ironia contínua, qual é a vida de Sócrates” (QUINTILIANO, 2010, p. 199).

Nesse ponto, o caráter não manifesto necessário à figura parece dialogar intimamente com o caráter ambíguo constitutivo da ironia, pois “se deve cuidar de que as figuras não sejam manifestas. E não o serão se se compuserem de palavras duvidosas e que tenham um sentido de certo modo ambíguo” (QUINTILIANO, 2010, p. 204), esclarecendo também a relação que o teórico formulou entre a noção de figura e o conceito de esquema. Nessa relação, podemos perceber uma distinção ainda mais clara da ironia enquanto tropo em relação à ironia

enquanto figura (esquema) baseando-nos na compreensão de que “com as figuras devem cobrir algumas coisas que não se podem provar. Porque algumas vezes sucede que está cravada esta seta oculta, e por isso mesmo que não sendo manifesta, não se pode tirar. Porém se se diz o mesmo claramente, se defendem, e é necessário prová-lo” (QUINTILIANO, 2010, p. 204), o que justifica ainda a o funcionamento da ironia como excitando os afetos.

Podemos concluir das reflexões propostas por Quintiliano que suas considerações mais profícuas se dão na acepção da ironia como figura, apesar de o estudioso se concentrar apenas na construção do discurso, focalizando o orador. No seu percurso teórico, são acrescentados pouco a pouco elementos vários à noção da ironia, justificando-se, em certa medida, a preferência do autor em usar o termo grego *eironeia* em vez do termo latino *dissimulatio*, por considerar que tal termo “não explica ao que parece toda a força desta figura” (QUINTILIANO, 2010, p. 199). Acrescentamos a esta consideração de Quintiliano que a noção da ironia como tropo, ou simples adorno, também não explicaria as diversas nuances do fenômeno, as quais são mais bem exploradas na sua explanação da ironia como figura. Noções como evasão, dissimulação e capacidade de excitar os afetos, esta a base seminal da noção aresta avaliadora desenvolvida por Hutcheon (2000) e tão necessária ao nosso estudo, são contribuições dos estudos de oratória que serão recorrentes nos estudos posteriores sobre a ironia.

3.2.3 A perspectiva do Romantismo alemão e a retomada do conceito de *eironeia* como atitude

Após uma longa tradição de estudos sobre a ironia cujo viés investigativo se dava por meio da retórica, focalizando comportamentos, construções e estratégias oratórias, no começo do século XIX, outros domínios de reflexão para além da oratória se apropriam do termo numa conjuntura filosófica, social e estética muito específica: o Romantismo alemão. Nesse contexto, emerge um conceito de ironia não como uma construção verbal ou um comportamento, mas como uma construção da e um modo de olhar a vida, além da extensão estética imbricada nisto. O conceito de ironia emergente desse contexto ficou conhecido como ironia romântica, ainda que os termos ‘ironia do destino’, ‘ironia observável’, ‘ironia cósmica’, ‘ironia metafísica’, ‘ironia da vida’ etc. tenham também sido alcunhados.

Do mesmo modo que a ascensão do termo ironia enquanto estratégia a ser usada na oratória esteve intimamente relacionada à instrução, a ascensão do termo ironia enquanto construção da e um modo de olhar a vida esteve intimamente relacionada aos anseios

metafísicos diante do declínio do teísmo. Booth (1983) ao propor algumas reflexões sobre a ironia romântica, a qual ele chama de ironia cósmica ou metafísica, evoca a condição do homem do período do Romantismo alemão, período este associado o surgimento do conceito, para compreender e explicar a formação de tal noção. Sua leitura da ironia romântica se dá mais no viés da ironia como um modo de olhar e falar sobre a vida do que como um princípio estético, embora caibam em seu texto algumas considerações sobre essa última acepção.

Sua preocupação principal com a ironia romântica se justifica na natureza do seu texto (*The Empire of Irony*): analisar o imperialismo que o termo ironia e seus correlatos exercem na comunicação e explicação ordinária sobre eventos da vida e da linguagem. Inicialmente, como apontado na epígrafe do autor presente neste capítulo, Booth realizou um inventário das ocorrências do termo ironia e seus associados, concluindo que “algumas coisas que chamamos de ironias não estão incorporadas na linguagem e algumas estão¹” (BOOTH, 1983, p. 723), denominando as coisas que não estão incorporadas na linguagem mas chamamos de ironia como ‘ironias naturais’ ou ‘ironias de eventos naturais’ e apontando que tais ironias estão em oferta infinita, “porque cada caso é uma coincidência de algum ponto de vista²” (BOOTH, 1983, p. 724), uma vez que “não há nada que um ironista ‘polemicamente desenvolvido’, com uma mente bem provida, não possa considerar irônico se desejar; sempre existe em algum lugar um contexto contrastante” (MUECKE, 1995, p. 63). Bem posteriormente, o autor retoma suas considerações a respeito deste emprego do termo ironia, argumentando que “nós todos sabemos que nas coisas como elas são, no universo como ele é, na natureza ela como é, há um princípio que torna cada movimento nosso, cada palavra nossa, inadequada”, concluindo que “precisamos de uma linguagem para expressar o nosso sentimento deste princípio³” (BOOTH, 1983, p. 731). Ironizando um pouco, o crítico celebra tal princípio e então inicia uma explanação genealógica deste uso ao evocar, por meio de uma autocaracterização irônica, os românticos alemães.

Segundo Booth (1983), esse princípio de inadequação, assim como as demais questões que afligiam os indivíduos até o início do século XIX, era explicado preponderantemente por meio das suas crenças em um deus que conduzia o universo de acordo com nossas vontades ou um demônio que colocava tudo à revelia. No entanto, o início do século XIX opera uma

¹No original: “some things we call ironies are not embodied in language and some are”.

²No original: “because every event is a coincidence from *some* point of view”.

³No original: “We all know that in things as they are, in the universe as it is, in man's nature as *it is*, there is a principle that renders our every move, our every word, inadequate, undercuttable, subject to corrective cross lights at least some of which are beyond our vision. And we always need a language to Express our sense of that principle.”

ruptura expressiva com essa visão de mundo. Com a ascensão da classe burguesa, a franca expansão do capitalismo além da efervescência cultural e científica proporcionada pelo capital, operou-se um deslocamento crucial nas aspirações humanas, indo do paraíso póstumo prometido por um Deus para um vazio, havendo conseqüentemente uma necessidade de reformular esses valores. Esse deslocamento em muito também repercutiu no modo como os indivíduos podiam compreender e explicar suas vidas e todas as questões existenciais subjacentes a ela, anteriormente explicadas em termos religiosos, incluído aí seu sentimento de inadequação. Assim, “como a fé em um Deus supremo e supremamente racional diminuiu, e, como a crença em um diabo literal desapareceu, a natureza essencial do universo – a imagem de como e por que ele funcionava como tal - necessariamente se deslocou⁴” (BOOTH, 1983, p. 733), sem, contudo, aniquilar a necessidade humana de compreender e explicar tal natureza.

É em tal conjuntura que o termo ironia ressurge como conceito-chave para explicar esse sentimento de inadequação, retomando um significado que durante muito tempo, devido à tradição retórica, havia sido negligenciado: ironia como inversão das circunstâncias; pois, como Muecke muito pertinentemente observa, “o termo ironia aparece em algumas traduções da Poética como uma versão da *peripeteia* (peripécia) aristotélica (súbita inversão de circunstâncias)” (MUECKE, 1995, p. 30). O teórico ainda argumenta que o fenômeno ironia esteve presente na cultura grega antes mesmo que a ele fosse aplicado o termo *eironeia*, inventariando as ocorrências de ironia nas obras de Homero e concluindo que “reagia-se ao fenômeno antes que ele tivesse um nome e, conseqüentemente, antes que pudesse ter havido um conceito dele; e a palavra existia antes que fosse aplicada ao fenômeno” (Muecke, 1995, p. 30). No entanto, Muecke destaca que diferentemente de como a ironia era tratada nos estudos oratórios, quando “se encarava a ironia como algo essencialmente intencional e instrumental, alguém que realizava um propósito usando a linguagem ironicamente” (MUECKE, 1995, p. 55), na ironia romântica, chamada por ele também de ironia observável (MUECKE, 1995, p. 38), “não há nenhum ironista e, por conseguinte, nenhuma pretensão irônica” (MUECKE, 1995, p. 55), embora o termo tenha sido bem aceito.

Como Booth ressalta, “para o ironista romântico esse princípio (de inversão, de constante peripécia) é real, e estamos sempre na necessidade de formas de expressar a sua

⁴ No original: “As faith in a supreme and supremely rational Lord waned, and as belief in a literal devil disappeared, the essential nature of the universe – the picture of how an why it works as it does – necessarily shifted”.

realidade⁵” (BOOTH, 1983, p. 732), o que no caso do início do século XIX se torna também uma necessidade de novas formas de expressar essa realidade, uma vez que a explicação por meio das divindades polarizadas entre o bem e o mal não satisfazia mais. Booth ainda sinaliza que inicialmente as pessoas puderam operar um sincretismo entre suas concepções do divino e essa ironia natural, “puderam falar confortavelmente sobre Deus como o ironista supremo⁶” (BOOTH, 1983, p. 733), sendo ainda forte a lembrança de ter algo sido prometido por esse Deus, ou melhor, sendo ainda forte a “crença num agente sobrenatural ou num Destino, Vida ou Fortuna personificada e hostil” (MUECKE, 1995, p. 55).

Porém, de acordo ainda com Booth, essa relação do homem romântico com a grandiosidade da vida e com a sorte humana continuou se dando de forma polarizada, de tal modo que, enquanto “para alguns desses ironistas sua força negativa e frustrante em vidas humanas foi tão real que suas negações tornaram-se a verdade suprema da vida⁷” (BOOTH, 1983, p. 732), resultando em “niilismo e desespero”, para outros “a consciência de como lindamente e brilhantemente o cosmos exhibe as nossas limitações tem sido motivo de admiração e até mesmo celebração⁸” (BOOTH, 1983, p. 732), resultando na desistência de uma busca da verdade e da certeza. Dentro desta última categoria, se encontram os intelectuais que tomaram a ironia como base para um projeto estético dentro do Romantismo alemão, objetivando empreender dentro da arte uma “visão de vida que reconhecia ser a experiência aberta a interpretações múltiplas, das quais nenhuma é simplesmente correta, que a coexistência de incongruências é parte da estrutura da existência” (MUECKE, 1995, p. 48). A figura de destaque dentro desse grupo é o filósofo Friedrich Schlegel, cuja principal tendência foi “a vontade de ultrapassar as contradições e de unificar o separado” (SZONDI, 1991, p. 99 apud BRAIT, 2008, p. 32-33) e cujas reflexões aliam de modo bastante coerente a ironia enquanto uma noção filosófica e a ironia enquanto um princípio estético.

Não questionamos que haja entre o conceito de ironia, enquanto princípio estético, e o conceito de ironia, enquanto estratégia enunciativa, algumas diferenças, porém esse princípio estético, ao ser posto na materialidade da obra literária, ao se tornar enunciado, é influenciado, em alguma medida, pelo ato da enunciação. Consideramos, ainda, que a construção estética da ironia como “a forma do paradoxo”, como “a análise [na medida em que se opõe a síntese] da

⁵ No original: “To the romantic ironist that principle is real, and we are always in need of ways to express its reality”.

⁶ No original: “At first people could talk comfortably about god as the supreme ironist”.

⁷ No original: “For some of these ironists its negative and frustrating force in human lives has been so real that its negations have become the ultimate truth of life”.

⁸ No original: “(...) awareness of how beautifully and brilliantly the cosmos exhibits our limitations has been cause for a we and even celebration”.

tese e da antítese” (SCHLEGEL apud MUECKE, 1995, p. 40) estabelece paradigmas muito peculiares para a construção da ficção romântica, principalmente aquele no qual o narrador “abandonou totalmente qualquer obrigação de guiar o julgamento de seu leitor” (MUECKE, 1995, p. 31) e, assim fazendo, se tornou a equivalência moderna do antigo *iron* grego. Por outro lado, consideramos também que a essência da proposição desse paradigma, ele mesmo um projeto de dizer, está na configuração social da qual emerge essa estética e para a qual ela aponta, pois “embora concebido de modos distintos a ironia filosófica (aqui entendida como a ironia romântica) e a ironia linguística tem como traço em comum a enunciação” (BRAIT, 2008, p. 34-35 – parênteses nossos).

Assim, podemos compreender a ironia desempenhando no projeto literário do Romantismo alemão também o papel de estratégia enunciativa, papel esse considerado muito eficaz enquanto “um modelo possível de oposição quando alguém está implicado em um sistema que considera opressivo⁹” (CHAMBERS, 1990, p. 18). Em certa medida, é esta a relação dos ideais do Romantismo alemão com o mundo burguês, do qual emergiu e no qual encontra seu público, pois a ironia quando

Brandida por um homem marginalizado, como o romântico se sente e até certo ponto o é, converte-se de início em arma para ferir os valores oficiais do mundo burguês. Trata-se, para o romantismo, de abalar os padrões filisteus e toda esta realidade aparentemente factícia em que o burguês se acha em casa. Mostrar que tudo isso é falso e ilusório constituiu-se numa importante meta da sua ironia. (...) ela desempenhou a tarefa com incrível ferocidade, colocando o movimento romântico, apesar de sua frequente tendência para posições retrógradas, entre os principais demolidores da ordem de valores até então estabelecidos. (ROSENFELD e GUINSBURG, 1978, pp. 286 apud BRAIT, p. 39).

Desse modo, vemos a ironia romântica, tanto como princípio estético quanto como realização enunciativa, como “condicionada por um conflito social: é o encontro, em uma voz, de dois julgamentos de valor personificados e sua interferência recíproca” (VOLOSHINOV, 1976, p. 21), o que se relaciona de modo estreito com a proposição de Schlegel quando diz que “é igualmente fatal para a mente ter um sistema e não ter nenhum. Ela simplesmente terá de decidir combinar os dois” (apud MUECKE, 1995, p. 40).

A sugestão dada por Schlegel de combinar os dois sistemas e a fatalidade dessa potencial escolha reside, principalmente, no fato apontado por Muecke de que “para Schlegel, a situação básica metafisicamente irônica do homem é que ele é um ser finito que luta para

⁹ No original: “I would like to recommend it as a possible model for oppositionality whenever one is implicated in a systema that one finds oppressive”.

compreender uma realidade infinita, portanto incompreensível” (MUECKE, 1995, p. 39). Para isso, o uso do termo e conceito de ironia se mostra bem pertinente para que nós, diante das frustrações, das peripécias que nos acometem cotidianamente, possamos significar tais eventos uma vez que “temos que acreditar que essas frustrações têm algum tipo de significado, deixando-nos com uma necessidade desesperada de uma língua que não simplesmente diga: "Fiquei surpreendido", ou "Pensei que incongruente ou paradoxal". (...) na falta de vocabulário mais tradicional para lidar com a nossa finitude, nós fazemos o que podemos¹⁰” (BOOTH, 1983, p. 736-737), lançando, pois, mão do termo ironia.

Das noções desenvolvidas dentro da Filosofia e aqui apresentadas, consideramos a concepção da ironia em Platão (1965) e Aristóteles (2007) como a atitude de um ironista, de um eiron, um ponto chave e recorrente nas teorizações sobre a ironia, por formular uma explicação razoável sobre a essência ambígua da ironia e ainda sobre seu caráter actancial. Outra questão a ser destacada desses estudos clássicos é a concepção desenvolvida dentro do estudo oratório de Quintiliano (2010) da ironia como significando o oposto do dito, tomada em nosso estudo muitas vezes como um contraponto. Sua relevância reside na abordagem da ironia como uma construção de linguagem, embora tal abordagem se relacione de forma mais estreita com uma postura instrucional do que investigativa sobre a linguagem. Por fim, o conceito de ironia da vida, do destino, aprofundado pelos românticos alemães a partir da noção grega de peripécia, deve ser também destacado por nos dar a verdadeira dimensão do quanto a ironia permeia a vida e permitir a explicação de alguns contornos que o fenômeno irônico adquiriu em casos aqui explorados.

3.3 PERSPECTIVAS PRAGMÁTICAS DO ESTUDO DA IRONIA

“Na ironia, há um efeito de não assumir a enunciação por parte do locutor e de discordância em relação à fala esperada em tal tipo de situação. É, pois, um fenômeno essencialmente contextual, cujos componentes interacionais e paraverbais são fortes; isso explica o interesse que suscita entre os adeptos das correntes pragmáticas.”
(CHARAUDEAU e MAINGUENEAU, 2004, p. 291).

¹⁰ No original: “along with the wry sense we have that such frustrations have some kind of meaning, leave us with a desperate need for a language that does not simply say, "I was surprised," or "I thought it incongruous or paradoxical." (...) and lacking the older vocabulary for dealing with our finitude, we do what we can”.

Como a epígrafe acima aponta, a ironia, difundida pelo uso estético e filosófico que o Romantismo alemão fez do fenômeno, se tornou no século XX objeto de investigação de muitos estudos, principalmente aqueles inseridos dentro da Pragmática. Dentro desse campo da pesquisa sobre a linguagem, a investigação da ironia enquanto um fenômeno de linguagem se aprofundou, se distanciando dos estudos oratórios na medida em que estabelece com o fenômeno irônico uma relação não instrucional, mas investigativa. Tais estudos contribuíram de forma substancial para o delineamento de aspectos metodológicos para a abordagem linguística da ironia a nível do enunciado, por não se ocuparem dos processos de significação para além do que está explicitado na materialidade do enunciado. Nesta seção, apresentamos os pontos mais relevantes propostos dentro das perspectivas pragmáticas sobre o fenômeno irônico. Inicialmente, na seção 3.3.1, apresentamos a proposta desenvolvida por Grice, cuja explicação sobre a ironia articulou a proposta das máximas conversacionais e a noção de implicatura. Na seção posterior, 3.3.2, destacamos alguns pontos da investigação de Kerbrat-Orecchioni sobre o papel dos elementos paralinguísticos na construção do enunciado irônico e o caráter actancial de que a ironia é dotada. Por fim, na seção 3.3.3, apresentamos o desdobramento que a dupla Sperber e Wilson (1981) fizeram da teoria da implicatura de Grice aplicada ao fenômeno irônico, articulando nesse desdobramento a distinção menção-uso.

3.3.1 A ironia como implicatura

Dentro da perspectiva pragmática, uma abordagem do fenômeno irônico que merece destaque é aquela realizada por Grice e nossa leitura sobre a teoria griceana da ironia se baseia nos textos *On verbal irony*, de Sperber e Wilson, e *On the Pretense Theory of Irony*, de Clark e Gerrig (1984), sendo Levinson consultado para eventuais esclarecimentos conceituais. O elemento central da reflexão proposta por Grice reside no fato de que a ironia ocorreria via implicaturas (SPERBER E WILSON, 1981) ou via pretensão (CLARK E GERRIG, 1984). A formulação do conceito de implicatura, do qual a noção de pretensão faz parte, vem aclarar “como se pode comunicar mais do que efetivamente se diz” (LEVINSON, 2007, p. 126), e está baseada nas inferências, realizadas de acordo com o princípio cooperativo (máximas básicas da conversação: qualidade, quantidade, relevância, modo). A ironia se torna um ponto de reflexão para Grice ao apresentar, em sua natureza cooperativa da interação verbal, um mecanismo de funcionamento diferenciado: a ironia não apenas decorre da infração ou inobservância – pretendida – de alguma das máximas conversacionais, as quais guiariam a

conduta da interação verbal, como também as suposições feitas a partir desse desacato são contrárias às indicações superficiais.

Na leitura da teoria griceana da ironia, Sperber e Wilson (1981), que partem inclusive das reflexões de Grice para a construção de sua teoria da ironia como menção, focalizam principalmente o conceito de implicatura e afirmam que, ainda que tenha renegado a noção de sentido figurado em favor da noção de implicatura, a reflexão de Grice sobre a ironia se baseia na mesma pressuposição da abordagem da Semântica tradicional: “o falante de um enunciado irônico pretende passar o oposto do que é literalmente dito¹¹.” (SPERBER e WILSON, 1981, p. 296), pois, prosseguem os autores,

Para Grice, enunciados irônicos implicariam conversacionalmente em detrimento de significar figuradamente o oposto do que dizem literalmente: que tempo maravilhoso não teria sentido figurado, mas implicaria conversacionalmente que o tempo estava horrível.¹² (SPERBER e WILSON, 1981, p. 296.).

No entanto, para os teóricos, a fundamentação da interpretação da ironia baseada exclusivamente na violação da máxima de qualidade – “quando um enunciado é verdadeiramente falso, ele (Grice) argumenta, o ouvinte o interpreta como implicando o contrário do que é literalmente dito¹³” (SPERBER e WILSON, 1981, p. 309) – surge como um problema para a teoria da ironia baseada em implicaturas conversacionais. Sperber e Wilson argumentam que, “como Grice mesmo aponta, falsidade ou irrelevância não são condições suficientes para a ironia – nem todo enunciado falso ou irrelevante pode ser ditos irônicos¹⁴” (SPERBER e WILSON, 1981, p. 309), muito embora falsidade e irrelevância sejam estratégias recorrentes na construção irônica.

Além disso, Sperber e Wilson, à luz da teoria das implicaturas, vão argumentar que a pressuposição da ironia como implicando o contrário do que é dito, ou seja, do sentido literal, sugeriria que “o falante normalmente pretende transmitir algo NO LUGAR DO sentido literal de seu enunciado; a implicatura deveria, desse modo, ser vista como SUBSTITUINDO o

¹¹ No original: “the speaker of an ironical utterance intends to get across is the opposite of what he has literally said”.

¹² No original: “for Grice, ironical utterances would conversationally implicate, rather than figuratively mean, the opposite of what they literally say: What lovely weather would have no figurative meaning, but would conversationally implicate that the weather was awful”.

¹³ No original: “When an utterance is patently false, he argues, the hearer interprets it as implicating the contradictory of what was literally said”.

¹⁴ No original: “as Grice himself points out (1978), patent falsehood or irrelevance is not a sufficient condition for irony - not every false or irrelevant utterance can be interpreted as ironical”.

sentido literal¹⁵” (SPERBER e WILSON, 1981, p. 299). Para os autores, no entanto, a sugestão de que a implicatura substitui o sentido literal de um enunciado por um irônico iria contra a concepção griceana de que “implicaturas agem como premissas em um argumento formulado para estabelecer que o falante observou as máximas da conversação ao dizer o que diz¹⁶” (SPERBER e WILSON, 1981, p. 299), concluindo que a noção de implicatura é pertinente quando se pretende refletir sobre algo que foi transmitido para além do sentido literal.

Por fim, os autores sinalizam que a teoria da ironia realizada por Grice não consegue dar conta de alguns pontos essenciais para a explicação do fenômeno irônico, justamente por não explorar a noção de implicatura como a transmissão de alguma coisa para além do que foi dito. Entre as falhas apontadas por Sperber e Wilson estão: a) a ausência de uma explicação sobre a preferência do enunciado irônico ao enunciado literal; b) a inexistência de uma explicitação do movimento do sentido literal para a implicatura conversacional; e c) o tratamento da implicatura da ironia como do mesmo tipo das demais implicaturas (1981).

Já a leitura realizada por Clark e Gerrig (1984), em seu artigo *On the Pretense Theory of Irony*, vai defender, sobretudo, que a teoria griceana para a ironia se mostra muito pertinente ao lançar mão da noção de pretensão e tratar, desse modo, da ironia para além do sentido literal (as implicaturas são um tipo de inferência intentada). Os autores também argumentam que a leitura, feita por Sperber e Wilson, sobre a teoria griceana da ironia está equivocada quando os últimos assumem que, para Grice, o ironista estaria implicando conversacionalmente o contrário do que havia dito. Para Clark e Gerrig, a teoria da ironia de Grice “não assume que o ironista está, tecnicamente, ‘usando uma proposição, a fim de obter toda a sua contraditória’¹⁷ (1984, p. 121), mas, ‘ao invés, que o ironista está fingindo usar essa proposição’¹⁸ (1984, p. 121– itálico nosso); será principalmente sobre esse ‘estar fingindo’ que os autores irão basear sua defesa da teoria griceana.

A associação entre a noção de ‘estar fingindo’ e o conceito de ironia não é uma contribuição inédita dada por Grice, já que o eiron platônico, o conceito seminal da ironia inspirador dos mais diversos estudos sobre a ironia, inclusive o do próprio Grice, está baseado, inclusive etimologicamente, nesse fingimento. Desse modo, a apresentação feita por

¹⁵ No original: “the speaker normally intends to convey something INSTEAD OF one of the literal senses of his utterance; the implicature has to be seen as SUBSTITUTING FOR the literal sense”.

¹⁶ No original: “implicatures act as premises in an argument designed to establish that the speaker has observed the maxims of conversation in saying what he said”.

¹⁷ No original: “It does not assume that the ironist is, technically, ‘using one proposition in order to get across its contradictory”.

¹⁸ No original: “It assumes, rather, that the ironist is pretending to use that proposition”.

Clark e Gerrig da reflexão griceana sobre a ironia irá principalmente dialogar a formulação da pretensão feita por Grice e o conceito de eiron, uma vez que ambas as noções vislumbram a ironia enquanto uma ação discursiva de fingimento ou pretensão. Inicialmente, os autores discorrem que, para Grice, “ironia está intimamente ligada com a expressão de um sentimento, atitude, ou avaliação ‘Eu não posso dizer algo ironicamente, a menos que o que eu digo é a intenção de refletir um julgamento hostil ou depreciativo ou um sentimento como indignação ou desprezo’¹⁹ (CLARK e GERRIG, 1984, p. 121) . Clark e Gerrig vão salientar ainda que “ser irônico é, entre outras coisas, fingir (como sugere a etimologia)²⁰” (CLARK e GERRIG, 1984, p. 121), ou seja, fingir usar uma proposição, fingimento este que foi o ponto de partida para os estudos de Sperber e Wilson, mas ao qual estes não se referem na revisão e crítica à teoria griceana. Dando continuidade à teoria da ironia como pretensão, para complementar sua argumentação em defesa da teoria griceana, Clark e Gerrig recorrem à definição de ironia presente no Dictionary of Modern English Usage, elaborada por Fowler (1965 apud Clark e Gerrig, 1984), a qual define a ironia como

uma forma de enunciado que postula uma audiência dupla, composta por uma parte que, presente, deve ouvir e deve não compreender, e uma outra parte que, quando o enunciado tem mais significado do que é perceptível inicialmente, está ciente tanto significado pretendido a mais quanto da incompreensão dos não iniciados. [Ela] pode ser definida como o uso de palavras destinadas a transmitir um significado para a parte não iniciada do público e outra para os iniciados, o prazer dela deitado na intimidade secreta estabelecida entre este último e o alto-falante.²¹ (FOWLER, 1965, p. 305-306 apud CLARK e GERRIG, 1984, p. 121-122).

Desse modo, os autores veem na teorização de Grice uma dissecação do eiron platônico, por meio da duplicidade constitutiva do enunciado irônico, pois a ironia funciona de modo que o ironista constitui sua fala através da sobreposição, em si, de um outro, que o ironista finge ser e cujo discurso irá se apropriar e reproduzir. Ao elaborar essa trama enunciativa, o locutor desobedece à máxima de qualidade (ao dizer coisas nas quais não acredita), porém essa violação não só é pretendida como é feita objetivando determinados

¹⁹ No original: “irony is intimately connected with the expression of a feeling, attitude, or evaluation. I cannot say something ironically unless what I say is intended to reflect a hostile or derogatory judgment or a feeling such as indignation or contempt”.

²⁰ No original: “to be ironical is, among other things, to pretend (as the etymology suggests)”.

²¹ No original: “a form of utterance that postulates a double audience, consisting of one party that hearing shall hear and shall not understand, and another party that, when more is meant than meets the ear, is aware both of that more and of the outsiders' incomprehension. [It] may be defined as the use of words intended to convey one meaning to the uninitiated part of the audience and another to the initiated, the delight of it lying in the secret intimacy set up between the latter and the speaker”.

propósitos comunicativos. Além disso, não é apenas o enunciado que é constitutivamente duplo, a representação do público também é constituída por duas partes: há um círculo íntimo, habilitado discursivamente para ver a pretensão da ironia e o verdadeiro propósito comunicativo da enunciação, e há, por outro lado, um público que ignora essa pretensão e toma a elocução fingida como verdadeira.

A habilitação do círculo íntimo é fundamentada no conhecimento mútuo compartilhado pelo falante e pelo destinatário, que envolve o conhecimento do conteúdo convencional da elocução enunciada, o princípio cooperativo, o contexto enunciativo e certos fragmentos da informação de fundo (LEVINSON, 2007, p. 141). Esse conhecimento, ao possibilitar a inferência, permite aos interlocutores preencher discursivamente a lacuna entre o de fato foi dito e o que se pretendeu comunicar, gerando a implicatura irônica. Desse modo e por fim, Clark e Gerrig pontuam que a reflexão da ironia como pretensão ajuda-nos a compreender e explicar alguns aspectos recorrentes no fenômeno irônico, tais como: a) assimetria de afeto: as elocuições irônicas tendem a privilegiar o pólo positivo em detrimento do negativo (elogiar para censurar), mas nunca o contrário, pois “as pessoas tendem a ver o mundo de acordo com as normas de sucesso e excelência”²² (CLARK e GERRIG, 1984, p. 122); b) as vítimas da ironia, pois, ainda que haja uma distinção entre o alvo da ironia e o público ignorante da ironia, ambos são vítimas; e c) o tom irônico, pois “se falar ironicamente tem que ser, ou pelo menos parece ser, a expressão de um certo tipo de sentimento ou atitude, então um tom adequado a tal sentimento ou atitude parece ser obrigatório, pelo menos para os menos sofisticados exemplos”²³ (GRICE, 1978, p. 125 apud CLARK e GERRIG, 1984, p. 122).

3.3.2 A ironia como tropo: a abordagem pragmática

Dentro dos estudos pragmáticos, outra abordagem que traz contribuições muito pertinentes para um estudo linguístico da ironia é a de Kerbrat-Orecchioni, que, diferentemente de Grice, cuja investigação se deu através das noções de implicatura e pretensão, focaliza, na sua proposta, primordialmente as estratégias linguísticas empregadas em construções irônicas e investiga o funcionamento de tais estratégias ao nível do sintagma, sem considerar aspectos enunciativos (SEIXAS, 2006; BRAIT, 2008). A concepção

²² No original: “people tend to see world according to norms of success and excellence”.

²³ No original: “If speaking ironically has to be, or at least to appear to be, the expression of a certain sort of feeling or attitude, then a tone suitable to such a feeling or attitude seems to be mandatory, at any rate for the least sophisticated examples”.

apresentada pela teórica se filia à corrente retórica da ironia, principalmente a Quintiliano, ao tratar a ironia como uma espécie de tropo “enunciativo”, “em que a decodificação se apoia frequentemente sobre certos elementos do quadro enunciativo” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 116 apud SEIXAS, 2006, p. 55), funcionando a ironia como uma espécie de antífrase, em que “se diz algo para se entender o contrário” (SEIXAS, 2006, p. 55).

Tratando a ironia como um tropo, Kerbrat-Orecchioni considera que ela seja uma “atualização simultânea de dois níveis de valores em que um depende do literal e outro é engendrado por certos mecanismos derivacionais, cujos valores podem ser de natureza tanto semântica quanto pragmática” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 110 apud SEIXAS, 2006, p. 56). No entanto, a autora, assim como para Booth (1983) ao constatar que as inúmeras ocorrências do termo ironia e seus correlatos apresentam apenas uma fraca relação de familiaridade, nem todos os fenômenos que são chamados ironias se comportam como antífrases, pois “ao enunciar p, o locutor deixa entender não-p: mas isso não é sempre o contrário de p” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 119 apud SEIXAS, 2006, p. 57), conclui que

a maioria dos enunciados assim qualificados (irônicos) não comporta qualquer espécie de antífrase, nem mesmo de desacordo semântico entre o que foi dito e deixado entender: são simplesmente enunciados de zombaria (‘raillieurs’) que mais frequentemente se contentam em verbalizar um fato de ironia situacional. (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 119 apud SEIXAS, 2006, p. 57).

Desse modo, o que permite às pessoas nomearem esses enunciados como irônicos é muito mais o que se faz com eles do que a forma como eles se engendram, ou seja, “é o valor pragmático de uma sequência, mais que sua estrutura semântica, que faz com que a ‘sinta’ intuitivamente como irônica; ironizar é escarnecer, mais que falar por antífrase” (KERBRAT-ORECCHIONI, 1980, p. 120 apud SEIXAS, 2006, p. 58). Portanto, de acordo com Seixas, Kerbrat-Orecchioni vai defender que há uma “necessidade de se reconhecer um aspecto pragmático na atribuição da ironia, se se pretender dar conta dessas diversas aplicações” (2006, p. 57), tendo sua contribuição sido dada nessa direção. De acordo com Brait (2008, p. 62), na teorização proposta por Kerbrat-Orecchioni sobre a ironia como tropo, três aspectos discursivos se colocam: o ilocutório, o actancial e o linguístico.

Os dois primeiros aspectos se fundem na natureza pragmática do fenômeno irônico. O aspecto ilocutório da ironia reside no fato de que, na ironia, ao mesmo tempo em que o locutor faz uma asserção ele também age por meio da enunciação, sendo a ironia, desse modo, “uma atividade dupla, pois descreve uma ação presente do locutor e, por meio da enunciação,

tem por função realizar essa ação” (BRAIT, 2008, p. 62). De acordo com Seixas (2006), o valor ilocutório da ironia está mais direcionado ao ataque, à agressão e à denúncia; concordamos com a autora, pois, como Hutcheon observa, “ainda que na retórica clássica se acreditasse que a ironia permite uma avaliação de mão dupla (elogio como culpa, culpa como elogio), a articulação positiva passou a ser muito menos frequente que a negativa” (HUTCHEON, 2000, p. 67). Essa preferência pela articulação negativa é ratificada também nas observações de Sperber e Wilson (1981) que vão argumentar que “somos mais propensos a dizer Que inteligente a “que estúpido” ou Que gracioso para dizer “que desengonçado”²⁴ (SPERBER e WILSON, 1981, p. 312). Embora, para os autores, não haja uma explicação para essa dinâmica dentro do ‘processo tradicional de inversão de significado’, eles acreditam que isso ocorra, pois, dado que “padrões ou regras de comportamento são culturalmente definidos, comumente conhecidos e frequentemente invocados”, “é normal esperar pelo sucesso de um curso de ações (portanto, mencionar a expectativa anterior)”, que é definida culturalmente como positiva. É nesse ponto que o aspecto actancial da ironia se coloca, pois a ação realizada pela ironia é de fato um ato, cujo “processo envolve sempre um agressor e um agredido, e que esses estão necessariamente articulados com um terceiro. Esse irônico triângulo é definido da seguinte maneira: um locutor, um ouvinte e um alvo ou vítima desse discurso” (BRAIT, 2008, p. 63), podendo algumas vezes coincidir esse ouvinte e esse alvo da ironia.

Já o aspecto linguístico consiste basicamente da estruturação semântica da ironia, mais especificamente de como ocorre a sua inversão semântica, uma vez que ela é considerada como tropo. Para que ocorra a inversão semântica, Kerbrat-Orecchioni (1980, p. 110-111 apud SEIXAS, 2006, p. 56) considera necessário que haja a “a) existência de um significante único; b) ao qual se ligam dois níveis semânticos ou pragmáticos; c) os quais são hierarquizados; d) em sentido literal (primeiro, patente, inscrito na língua) = denotado; e e) sentido derivado (segundo, latente, mais ou menos inédito) = conotado”. Seixas conclui que, para a autora, “o sentido literal se atualizaria primeiro, podendo o caminho interpretativo se dirigir a um outro significado (a partir deste primeiro), compatível com o cotexto e o contexto e com a ajuda de regras de transformação antonímica” (SEIXAS, 2006, p. 56).

A respeito de propostas sobre processos de significação dessa natureza, que buscam opor sentido literal e sentido derivado ou figurado, Marcuschi (2007) vai argumentar da inconsistência de tais modelos no que se refere aos aspectos de compreensão. Segundo o

²⁴ No original: “One is much more likely to say How clever to imply "How stupid" or How graceful to imply "How clumsy"”.

autor, esses modelos devem ser abordados dentro de uma perspectiva que busque investigar como os falantes significam tais proposições, se apoiando em aspectos de natureza cognitiva. As reflexões feitas por Marcuschi sobre o problema do sentido literal dentro das pesquisas linguísticas serão melhor dissecadas a seguir. Convém, por agora, destacar que, do ponto de vista cognitivo, a hierarquização entre sentido literal e sentido não literal não se sustenta, pois “as pessoas não precisam primeiro processar o SL para atingir o SNL, pois ‘não há razão para tomar o SL como uma parte especial e obrigatória para a compreensão dos enunciados’” (MARCUSCHI, 2007, p. 80).

Ainda que a hierarquização entre os dois níveis semânticos constitutivos da elocução irônica seja em certa medida desconstruída pelos apontamentos sobre a natureza cognitiva dos processos de compreensão discursiva, muitas investigações ainda se propõem compreender como o enunciado funciona para que ocorra essa “transformação antonímica”, e nessas explicações o estudo sobre mecanismos de sinalização de inversão semântica tem tido lugar central, tendo sido inclusive o ponto de partida da pesquisa aqui proposta. Por fim, entre as reflexões de Kerbrat-Orecchioni, destacamos ainda que suas considerações sobre o aspecto actancial e ilocutório da ironia permanecem como um aspecto central na construção da significação irônica, por apontar seu valor pragmático.

3.3.3 A ironia como menção

Como já pontuamos no primeiro parágrafo desta seção, a leitura que Sperber e Wilson fazem da teoria da ironia proposta por Grice é realizada primordialmente como um suporte para a proposta dos teóricos de uma teoria da ironia como menção, norteadas pela noção de implicatura griceana. Os autores admitem basear-se na teoria de implicaturas de Grice, compartilhando com o teórico alguns pontos como a rejeição da noção de sentido figurado, por considerá-la falha. Por outro lado, Sperber e Wilson demarcam diferenças existentes entre a sua abordagem da ironia via implicatura e a abordagem da ironia realizada por Grice. A primeira diferença se baseia na aceitação por parte de Grice da “violação da máxima da verdade como condição necessária e suficiente para interpretações irônicas²⁵” (SPERBER & WILSON, 1981, p. 309), enquanto os autores negam que essa violação seja necessária e suficiente, por considerarem que há enunciados que a violam sem provocar necessariamente ironia e também por haver ironias que não se baseiam na violação da máxima de verdade. Já a

²⁵ No original: “Grice sees violation of the maxima of truthfulness as both a necessary and a sufficient condition for ironical interpretation”.

segunda distinção reside no fato de que, segundo os teóricos, na articulação implicatura-ironia, Grice toma a implicatura pelo viés da substituição, enquanto a dupla de teóricos vai compreender a implicatura, no caso da ironia, como uma adição ao que é dito literalmente, de modo que o dito e o implicado friccionem-se.

Antes de tratarmos especificamente da noção de implicatura e sua relação com a teoria da ironia como menção, convém esclarecer o que os autores consideram como menção. Sperber e Wilson fundamentam a sua noção de ironia como menção em oposição à noção de uso: na proposta teórica deles, a ironia seria sempre um caso de menção, no sentido de que a proposição dita é mencionada, mas não usada. A distinção menção-uso é fundada na lógica clássica, constituindo uso o fato de que “uma expressão envolve a referência ao que a expressão se refere²⁶” (SPERBER & WILSON, 1981, p. 303); já a menção seria correspondente ao fato de que “uma expressão envolve a referência à expressão em si²⁷” (SPERBER e WILSON, 1981, p. 303), numa espécie de metalinguagem. Ainda de acordo com Sperber e Wilson (1981), a distinção menção-uso em línguas naturais se dá de modo convencional, havendo inclusive uma série de formas para mencionar uma expressão, como o discurso relatado.

A distinção menção-uso remete, em alguma medida, a alguns aspectos da concepção platônica do *iron*, principalmente àquele em que o ironista “escreverá como se nunca houvesse duvidado do que parece estar dizendo” (MUECKE, 1995, p. 57), ainda que duvide. Desse modo, a ironia enquanto menção se fundamentaria no fato de que o enunciador, ao mesmo tempo em que menciona uma expressão, recusa a carga semântica atribuída a ela, dando-lhe outro valor. Sobre esse jogo enunciativo, os autores vão argumentar que o tratamento da ironia baseado na dicotomia sentido literal x sentido figurado “necessariamente ignorará um aspecto central e óbvio da interpretação do enunciado²⁸” (SPERBER & WILSON, 1981, p. 308), que seria a relação que o enunciador/locutor estabelece com o objeto do seu dizer. Por fim, a menção no sentido que é definida na teoria da ironia se caracteriza por duas propriedades: a) diferentemente da menção do tipo discurso relatado, não deve “informar ninguém de algum conteúdo de um enunciado anterior²⁹” (SPERBER e WILSON, 1981, p. 306); b) diferentemente do uso, “quando a expressão mencionada é uma sentença completa,

²⁶ No original: “USE of an expression involves reference to what the expression refers to”.

²⁷ No original: “MENTION of an expression involves reference to the expression itself”.

²⁸ No original: “Either way, an account in terms of figurative meaning will necessarily overlook a central and obvious aspect of the interpretation of the utterance”.

²⁹ No original: “These cases of mention are clearly not reported speech, in the sense that they are not intended to inform anyone of the content of a preceding utterance”.

não possui a força ilocucionária que teria tipicamente em seu contexto de uso”³⁰ (SPERBER e WILSON, 1981, p. 303).

Nesse sentido, a noção de implicatura se torna essencial na abordagem da ironia como menção, pois não é apenas a menção da expressão, mas principalmente a atitude, ecoando a concepção de ironia na Antiguidade Clássica, do interlocutor para com a proposição mencionada que irá configurar o caráter irônico da elocução. Sem a noção de implicatura, Sperber e Wilson consideram que “não haverá como explicar as atitudes de zombaria ou desaprovação do falante”³¹ (SPERBER & WILSON, 1981, p. 308) e conseqüentemente não haverá como explicar a ironia. Desse modo, diante da identificação de que uma expressão é mencionada (mas não usada), o interlocutor é levado a inferir algo além do que está posto na materialidade textual, assim “haveria implicações pragmáticas ou implicaturas que carregariam sobretons críticos”³² (SPERBER e WILSON, 1981, p. 313) em direção às elocuições mencionadas, implicando eventualmente ironia.

Para os teóricos, para que a implicatura de ironia se efetive três fatores operam; dizem eles que “a escolha de palavras do falante, seu tom (duvidoso, questionador, debochado, desprezador, aprovador etc.) e o contexto imediato exercem papel fundamental na indicação de sua própria atitude para a proposição mencionada”³³ (SPERBER & WILSON, 1981, p. 307). Como nossa pesquisa se desenvolve em um ambiente interacional que apresenta algumas peculiaridades quanto aos aspectos semióticos possíveis, nem todos esses fatores apontados por Sperber e Wilson podem ser explorados no caso das interações digitais, mais especificamente do *compartilhamento de notícias*. Enquanto a escolha das palavras é um ponto a ser considerado na nossa identificação da ironia, o tom que o interlocutor põe sobre essas palavras não nos é acessível pela ausência de recursos fônicos e prosódicos nas interações digitais, que como veremos são materializadas primordialmente pela escrita. O terceiro elemento apresentado pela dupla de teóricos (o contexto imediato) surge na nossa compreensão e explicação da ironia como um elemento central, basilar. Porém não só a noção ‘contexto’, como nos lembra muito pertinentemente Hutcheon (2000), é bem problemática e requer maiores esclarecimentos, como também a noção ‘imediato’ ganha contornos singulares

³⁰ No original: “When the expression mentioned is a complete sentence, it does not have the illocutionary force it would standardly have in a context where it was used”.

³¹ No original: “there will be no way of explaining the speaker's attitude of mockery or disapproval”.

³² No original: “Instead of figurative meanings, there would be pragmatic implications or implicatures which might carry critical overtones”.

³³ No original: “In each case, the speaker's choice of words, his tone (doubtful, questioning, scornful, contemptuous, approving, and so on), and the immediate context, all play a part in indicating his own attitude to the proposition mentioned”.

no caso do universo digital, cuja noção de temporalidade é outra. Sobre esse ponto trataremos de forma mais aprofundada adiante, seção 3.5, mas cabe aqui adiantar que paralelamente à noção de contexto imediato lançaremos mão também da noção de enquadramento, nos termos que Hutcheon (2000) propõe, a partir das considerações de Tannen e Wallat (1998).

Por fim, cabe esclarecer ainda a posição de Sperber e Wilson quanto àquele caráter da ironia chamado por Kerbrat-Orecchioni de *actancial*. Também para os autores, a ironia objetiva uma crítica (ou sobretons críticos, como dizem) e, no caso específico da ironia como menção (que para eles são todos os casos de ironia), a ironia tem vítimas. Ainda que antecipem que, “quando o enunciado ou opinião ecoada não tem originário específico, não há vítima”³⁴ (SPERBER & WILSON, 1981, p. 314), os autores acreditam que havendo “um originário específico, reconhecível, ele será a vítima”³⁵ (SPERBER e WILSON, 1981, p. 314) e esse será o caso da ironia como menção, concluindo que, nesse caso, “a análise da ironia como um tipo de menção é possível para prever que enunciados irônicos têm vítimas e quem serão essas vítimas”³⁶ (SPERBER e WILSON, 1981, p. 314).

Como Sperber e Wilson defendem que todos os casos de ironia são casos de menção, para eles “uma observação irônica (estruturada na menção) terá como alvo natural os originadores, reais ou imaginários, dos enunciados ou opiniões sendo ecoados”³⁷ (SPERBER & WILSON, 1981, p. 314). Embora essa observação se faça extremamente pertinente, por nos ajudar a compreender muitas nuances do fenômeno irônico e principalmente vislumbrar um caráter estratégico da ironia, consideramos que a menção é uma das inúmeras estratégias possíveis para a estruturação do discurso irônico e não acreditamos que as elocuições mencionadas tenham necessariamente como vítimas os seus originários, pois muitas vezes enunciados são mencionados sem o objetivo de criticar seus originários. Para fins de rigor teórico e metodológico, utilizaremos a expressão *menção ecoante* (termo alcunhado por Hutcheon [2000]) para a estruturação da ironia que ecoe um discurso de outrem ao mesmo tempo em que objetiva criticá-lo, e lançaremos mão, para esses casos, da teoria da ironia como menção proposta por Sperber e Wilson. Já nos casos de menções, cujos originários não sejam concomitantemente objetos da aresta desesperadamente afiada da ironia, utilizaremos conceitos como *intertexto* e *interdiscurso* para qualificar e caracterizar essas estratégias de

³⁴ No original: “When the utterance or opinion echoed has no specific originator, he will be the no victim”.

³⁵ No original: “when there is a specific, recognizable originator, he will be the victim”.

³⁶ No original: “The analysis of irony as a type of mention thus makes it possible to predict which ironical utterances will have a particular victim, and who that victim will be”.

³⁷ No original: “Within our framework, an ironical remark will have as natural target the originators, real or imagined, of the utterances or opinions being echoed”.

expressão da ironia, tendo nos apoiado sobretudo na pesquisa realizada por Brait (2008) e de que trataremos a seguir.

Nas reflexões advindas da Pragmática, observamos que o fenômeno irônico foi tomado enquanto materialidade verbal, sendo sobre essa materialidade que as investigações se debruçaram. Ainda que as investigações não tenham ultrapassado do nível do sintagma, do enunciado, a reflexão sobre os mecanismos de edificação do sentido irônico e o funcionamento da sentença irônica no nível do enunciado, via a noção de implicatura, são contribuições dadas por esses estudos. Por fim, as considerações presentes em Kerbrat-Orecchioni e Sperber e Wilson sobre o caráter actancial e ilocutório da ironia são pontos fundamentais para compreender o caráter estratégico da ironia e a força do seu acontecimento, facetas do fenômeno irônico a serem abordadas na seção a seguir, seção 3.4.

3.4 PERSPECTIVAS INTERACIONISTAS DA IRONIA

A apropriação do fenômeno irônico operada pelos estudos pragmáticos incorporou a ironia ao campo de investigação da Linguística, se desenvolvendo as investigações linguísticas sobre o fenômeno de acordo com os paradigmas vigentes. Nessa direção, a partir da Guinada Pragmática e com as recorrentes investidas de uma abordagem dos fenômenos linguísticos dentro da interação, algumas propostas teóricas foram feitas por uma abordagem interacionista da ironia e, nesse capítulo, apresentamos duas dessas propostas. Na seção 3.4.1, apresentamos a abordagem da ironia como **interdiscurso**, uma proposta feita por Brait (2008) dentro da Linguística de orientação bakhtiniana em que se articula aspectos da Pragmática, como a teoria da menção de Sperber e Wilson (1981), e reflexões da Filosofia, como a interferência de séries de Bergson (1983). Já na seção 3.4.2, apresentamos as reflexões feitas por Hutcheon, pesquisadora da Teoria literária que, preocupada com a recepção de obras estruturadas na ironia, propôs uma abordagem da ironia como **acontecimento**, relegando a estabelecendo que a efetiva existência da ironia ocorre apenas na interação, na compreensão por parte do público do intento irônico e lançando mão da noção de enquadramento, advinda da Sociolinguística interacionista, para fundamentar a abordagem analítica.

3.4.1 A ironia como interdiscurso

Como já adiantamos, as bases teóricas que Brait (2008) articulou em sua investigação da ironia são imprescindíveis para a pesquisa que buscamos desenvolver ao longo de nosso

estudo. Brait, ao postular que a ironia é, sobretudo, uma atividade de linguagem, consegue confluir no plano linguístico todas as concepções de ironia, ao conceber que todas as ironias, desde a socrática como atitude até a romântica como aporia, só se concretizam enquanto construção discursiva (BRAIT, 2008, p. 78). Inicialmente, podemos considerar que, embora esse postulado agregue uma série de perspectivas do estudo da ironia no plano da linguagem, ele ainda parece muito amplo, pois a aceção da ironia enquanto construção linguística e a imposição de sua realização no plano do ‘discurso’ não levam necessariamente a uma concepção de ironia que conflua com a nossa concepção língua – língua enquanto interação, enquanto prática social. No entanto, a articulação de Brait vai além: o caso específico da ironia enquanto atividade de linguagem baseada na interdiscursividade “configura uma estrutura que, de alguma forma, depende da referência contextual, o que elimina a possibilidade de compreender a ironia unicamente no nível da frase” (BRAIT, 2008, p. 142), colocando-se os enunciados irônicos “necessariamente como texto, isto é, como unidade de significação, como dimensão contextualizada” (BRAIT, 2008, p. 142), confluindo, pois, com a noção de língua na qual se baseia nosso estudo.

Desse modo, é enquanto materialidade verbal localizada social e historicamente que os textos serão estudados dentro da abordagem proposta por Brait, influenciada sobretudo pelos legados teóricos do Círculo de Bakhtin. Primordialmente, partindo do pressuposto bakhtiniano de dialogismo, em que se concebe que nossos discursos são sempre constituídos por outros discursos que os precederam e que os sucederão (BAKHTIN, 2003), o estudo da ironia se dará, como diz a própria autora, em uma perspectiva polifônica, fazendo confluir caracteres tanto das teorias da ironia quanto da teoria bakhtiniana que reiterem “a ambivalência da significação, a dupla isotopia, a confluência enunciativa, a maneira de um discurso lidar com outros para colocá-los ou colocar-se em evidência” (BRAIT, 2008, p. 140). Nessa direção, a abordagem realizada por Brait se aproxima em alguns pontos da teoria da ironia como menção ao tratar o fenômeno irônico como uma confluência de discursos de outrem no meu discurso, estruturada dessa forma na **intertextualidade**. Porém, enquanto que para Sperber e Wilson (1981) a única forma possível de estruturação da ironia é a menção, sendo o alvo da ironia sobremaneira o locutor originário do discurso mencionado, para Brait essa é uma estratégia muito importante, mas não a única, e o funcionamento de ter como alvo o originário do discurso mencionado ocorre, mas não necessariamente.

Desse modo, dentro da abordagem concebida por Brait, a ironia se estruturará por meio da fricção entre dois ou mais discursos antagônicos, cujo “jogo, que se estabelece entre um texto e as presenças constitutivas de seu interior, articula-se ironicamente por meio de várias

estratégias de incorporação discursiva, de encenação do já-dito” (BRAIT, 2008, p. 140-141), recaindo a pesquisa de Brait sobre essas estratégias de incorporação discursiva e seu consequente efeito discursivo. Nessa direção da incorporação do já-dito e assim como Sperber e Wilson (1981), Brait reconhece que

as formas de recuperação do já-dito com objetivo irônico não assumem, como tal, a função de erudição, no sentido de invocação de autoridade e muito menos de simples ornamento. Ao contrário, são formas de contestação da autoridade, de subversão dos valores estabelecidos que, pela interdiscursividade, instauram e qualificam o sujeito da enunciação, ao mesmo tempo em que desqualificam determinados elementos. (BRAIT, 2008, p. 141).

No entanto, enquanto para Sperber e Wilson (1981), a ironia como menção necessariamente tem como alvo o originário do discurso mencionado, para Brait, ao passo que a ironia estruturada na intertextualidade estabelece “um perfil da vítima, do alvo a ser atingido”, ela também pode “assinalar pólos de abertura” (BRAIT, 2008, p. 72), naquilo que a autora vai explorar por meio da noção bergsoniana de interferência de séries. Essa ampliação da ideia de menção/intertextualidade e do seu funcionamento relativo ao caráter actancial da ironia decorre até mesmo da natureza intertextual que constitui o *corpus*: o foco primordial da análise da ironia em perspectiva polifônica recai sobre um romance (Madame Pommery, de José Maria Toledo de Malta), mas uma parte da análise, a mais interessante para nosso propósito, inclusive, é feita sobre textos jornalísticos impressos, sendo analisados no plano da significação os textos verbais (notícias, manchetes) em diálogo com os textos não-verbais, as fotografias que ‘ilustram’ as notícias. Além disso, a função primordialmente referencial desse tipo de discurso faz com que o foco da atividade comunicativa recaia sobre o objeto do discurso, impondo um apagamento do enunciador e consequentemente impossibilitando a recuperação da origem do discurso reportado e, por conseguinte, impossibilitando que o enunciador originário seja o alvo do ataque irônico. Desse modo, como o foco da mensagem de caráter referencial reside no objeto do dizer, recairá sobre este o alvo da ironia, no caso dos enunciados jornalísticos potencialmente irônicos analisados por Brait.

As análises de Brait sobre a intertextualidade nos enunciados irônicos dentro do jornal impresso levaram a autora a perceber que muitas vezes a ironia se estrutura na interferência de duas séries ou, de acordo com o paralelo feito pela autora, na interferência de duas formações discursivas diante de um mesmo fato; por exemplo, o fato é o descontrole econômico, mas o enunciado sobrepõe a este um descontrole corporal – esse exemplo será retomado adiante. Nesse ponto, um problema que se coloca para a análise da significação do enunciado irônico

estruturado na interferência de dois ou mais discursos é a noção de unidade significativa, pois, como Brait pertinentemente observa, “a ironia só pode ser detectada (ou seja, significada) na medida em que dois enunciados forem tomados como uma unidade coerente, que tem alguns elementos de coesão instauradores dessa coerência” (2008, p. 83 – parênteses nossos). Consideramos que, no caso do discurso reportado não ser mencionado – no sentido de que não existe possibilidade de recuperação do enunciador originário ou ainda o enunciador originário não é o alvo da ironia –, esses elementos instauradores de coerência se concretizarão de diversas formas, entre as quais destacamos, por exemplo, a existência de certos elementos comuns a ambos os textos (por exemplo, o objeto do dizer é comum aos dois textos) ou ainda a interferência de um campo sobre outro por meio de uma fraca semelhança entre alguns aspectos.

Para melhor esclarecer essa noção, cabe retomar o episódio da análise feita por Brait (2008) já pontuado acima, em que a autora analisa como o enunciado irônico se constrói entre uma notícia e uma imagem. No exemplo mencionado, o objeto do dizer comum a ambos os textos era o presidente Fernando Collor e a noção de descontrole; no entanto, enquanto no texto verbal falava-se do presidente na tentativa de evitar descontrole econômico, o presidente é retratado, no texto não verbal, em uma posição corporal ‘descontrolada’ do ponto de vista político e institucional (tendo em vista o cargo por ele ocupado), ao se posicionar com braços e pernas abertos – embora a fotografia tenha sido feita em um momento de atividade física, seu deslocamento para a seção econômica do jornal dota a imagem dessa inadequação. É, desse modo, a interferência do campo da atividade física sobre o campo político e institucional que leva a incongruência e a conseqüente estruturação da ironia.

Para além das considerações sobre a construção da ironia em materialidades multimodais, Brait também buscou, como já adiantamos, analisar a ironia como elemento estruturador de narrativas, tomando para tanto a obra *Madame Pommery* como objeto a ser investigado. Esse ponto da pesquisa da ironia em uma perspectiva polifônica apresenta traços muito semelhantes à teoria da ironia como menção, porém a minuciosa dissecação das formas enunciativas presentes na menção, na incorporação do discurso de outrem, baseadas primordialmente nos estudos de Authier-Revuz (2004), permite que a autora contribua de modo muito efetivo com o alargamento e a progressão do estudo da ironia na dimensão intertextual do ponto de vista especificamente linguístico. Aquém dessas contribuições, por serem elas muito específicas para a esfera literária, a principal conclusão da leitura que Brait fez sobre a ironia como elemento estruturador do romance *Madame Pommery* se concretiza na sua compreensão e defesa da ironia como estratégia discursiva.

3.4.2 A ironia como acontecimento

À noção braitiana de ironia enquanto estratégia discursiva, podemos facilmente acrescentar as noções desenvolvidas por Hutcheon (2000) de ironia como **aresta avaliadora e acontecimento**. Acreditamos que as propostas teóricas de Brait (2008) e de Hutcheon (2000) estabelecem um diálogo muito frutífero, pois ambas buscam compreender o fenômeno irônico a partir do uso da ironia em situações efetivas de comunicação intersubjetiva, ou seja, enunciados concretos e reais. É interessante também sinalizar que, tanto no trabalho de Brait quanto no trabalho de Hutcheon, o fluxo da comunicação observado é decorrente de artefatos literários; no entanto, a tradição teórica à qual Hutcheon se filia é em alguns aspectos distinta daquela em que Brait se baseia e cujos pressupostos teóricos provêm da Linguística, especificamente, de inclinação bakhtiniana.

Os estudos desenvolvidos por Hutcheon (2000), por sua vez, são influenciados pela tradição da crítica literária, sobretudo da crítica literária ligada aos estudos sobre a pós-modernidade e teoria da recepção. Desse modo, enquanto a proposta de Brait tem como o objetivo delimitado a investigação de como a ironia se estrutura enquanto interdiscursividade, na análise pretendida por Hutcheon, o foco investigativo recai principalmente sobre o efeito dessas construções, ou, nas palavras da autora, no “tentar entender como e por que a ironia é usada e entendida como uma prática ou estratégia discursiva e começar a estudar as consequências tanto de sua compreensão quanto de seu malogro” (HUTCHEON, 2000, p. 18). A preocupação da teórica com os efeitos discursivos decorrentes da ironia provêm de sua preocupação com a pós-modernidade, pois Hutcheon, em consonância com Chambers (1990), vai defender que a ironia é um mecanismo, um recurso estrategicamente muito potente para as pessoas se expressarem dentro de um sistema que elas julgam ofensivo, opressor (HUTCHEON, 2000, p. 35). Nesse sentido, o contexto de globalização, de pós-modernidade e de consequente fragmentação das subjetividades surge como um ambiente comumente passível de discordância e, consequentemente, opressor, sendo, portanto, um solo fértil para o uso da ironia.

Desse modo, apesar de localizada dentro da tradição literária mais do que de uma tradição linguística, a teorização de Hutcheon surge como muito proveitosa para a observação da ironia acontecendo enquanto estratégia discursiva, pois, ao observar a ironia em funcionamento, a autora finda por “tratá-la não como um tropo isolado a ser analisado por meios formalistas, mas como um tópico político” (HUTCHEON, 2000, p. 17), ou seja, “uma estratégia discursiva que opera no nível da linguagem” (HUTCHEON, 2000, p. 27). Para a

autora, “essa escolha do discurso como o escopo e o local de discussão tem também o propósito de levar em conta as dimensões sociais e interativas do funcionamento da ironia” (HUTCHEON, 2000, p. 27), se baseando nesse ponto em estudos da Sociolinguística interacionista, como os de Tannen e Wallat (1998) e Goffman (1974 apud HUTCHEON, 2000), e contribuindo, nessa direção, para o delineamento de uma perspectiva interacionista da ironia, principalmente em seus apontamentos que versam sobre o papel da leitura e, para usar um termo próprio da crítica literária, o papel da recepção de uma obra no acontecimento irônico.

Por suas peculiares preocupações e filiações epistemológicas, o conceito de acontecimento se torna elemento central para a efetiva compreensão da proposta teórica feita por Hutcheon (2000). Para a autora, a ironia acontece, melhor: “alguém faz a ironia acontecer”, pois “a ironia não é ironia até que seja interpretada como tal” (HUTCHEON, 2000, p. 22-23). Contudo, disso não se pode extrair uma leitura simplificada, na qual o lugar por excelência da ironia seria ocupado pelo interpretador ou na qual qualquer esforço de ironia seria invalidado diante de um público incapaz de fazê-la ‘acontecer’, incapaz de pô-la em funcionamento. Diante dessa noção de ‘alguém faz a ironia acontecer’, Hutcheon vai pontuar que a ironia “acontece em alguma coisa chamada ‘discurso’” (HUTCHEON, 2000, p. 36), sendo ‘discurso’ compreendido pela autora como “formas de prática social, de interação entre participantes em situações particulares” (HUTCHEON, 2000, p. 134), entre as quais se inclui a situação literária investigada pela autora, o que assemelha esta definição à definição de “discurso” mais ampla que temos nos estudos linguísticos.

Desse modo, o diferencial da proposta de Hutcheon reside no seu olhar mais atento para o papel que os elementos contextuais – embora a autora tenha consciência da problemática em torno da noção de contexto dentro das ciências humanas – exercem na significação irônica de uma elocução (em detrimento da atenção sobre as formas linguísticas de construção da ironia), pois, para a autora, as dimensões semântica e sintática da ironia “não podem ser consideradas separadamente dos aspectos social, histórico e cultural de seus contextos de emprego e atribuição” (HUTCHEON, 2000, p. 36). É nessa direção que, diante da sua segura convicção de que a ironia é um acontecimento, como a leitura e a recepção de uma obra também o é, Hutcheon vai dimensionar, dentro da sua teoria literária da ironia, o fenômeno irônico como altamente interacional (HUTCHEON, 2000, p. 67).

Rechaçando a dicotomia instaurada nos estudos da ironia, de que ora a ironia reside apenas na intenção do ironista, ora a ironia é um modo de ler cuja responsabilidade é exclusiva do interpretador, Hutcheon vai defender que “com a ironia existem, em vez disso,

relações dinâmicas e plurais entre o texto ou elocução (e seu contexto), o dito ironista, o interpretador e as circunstâncias que cercam a situação discursiva” (2000, p. 27), o que complica os modelos estabelecidos de comunicação intersubjetiva. Partindo dessa convicção de que a ironia é um acontecimento (HUTCHEON, 2000) e dialogando com a noção de que a ironia é um jogo para dois (MUECKE, 1995), podemos considerar que “os principais participantes do jogo da ironia são, é verdade, o interpretador e o ironista” (2000, p. 28), sendo o ironista o indivíduo que “pretende estabelecer uma relação irônica entre o dito e o não dito” (HUTCHEON, 2000, p. 28).

Já sua compreensão do que seja o interpretador é um pouco mais complexa e particularmente mais importante para sua teoria, sendo inclusive seu diferencial. Tradicionalmente, a responsabilidade sobre a existência da ironia era delegada ao ‘ironista’, no entanto, ao problematizar a questão da interpretação da ironia, Hutcheon vai levantar a questão de que “a locução verbal ‘querer dizer’ traz em si também o sentido de ‘ter intenção de’ (Wilson, 1992: 165), mas os interpretadores ‘têm intenção’ tanto quanto os ironistas” (HUTCHEON, 2000, p. 29). Esse ponto de vista leva a autora a se questionar “quem deveria ser designado como o ‘ironista’” (HUTCHEON, 2000, p. 28), uma vez que o interpretador “é aquele que atribui a ironia e então a interpreta” e “esse processo ocorre à revelia das intenções do ironista” (HUTCHEON, 2000, p. 28). Nesse ponto, a teorização de Hutcheon se mostra muito pertinente aos pressupostos das teorias sociointeracionistas, ao buscar observar um fenômeno não apenas no locutor, mas na dinâmica interacional estabelecida entre este e seu interlocutor, por meio do texto.

Outro ponto que Hutcheon pertinentemente problematiza acerca da figura do interpretador é a diferença existente entre o interpretador de fato e o restante da plateia da ironia. Na compreensão da autora, por causa de sua ambiguidade constitutiva, “nenhuma elocução é irônica em si; deve ser possível imaginar algum outro grupo levando-a ao pé da letra” (HUTCHEON, 2000, p. 71). Desse modo, o interpretador seria a parte da plateia do jogo irônico capacitada para perceber e fazer a ironia acontecer, enquanto haveria, por outro lado, outra parte da plateia inapta a perceber a circunlocução da ironia e efetivar seu acontecimento. Por causa dessa característica e vislumbrando os aspectos sociais e interativos do jogo irônico, Hutcheon alega que “mais está em jogo aqui (...) e esse ‘mais’ tem muito a ver com poder” (2000, p. 36), pois “a ironia cria hierarquias: aqueles que a usam, depois aqueles que a ‘pegam’ e, no fundo, aqueles que não a ‘pegam’” (HUTCHEON, 2000, p. 37); essa seria uma das visões sobre como a ironia age dentro de relações multilaterais. Segundo a autora, além desta visão de que a ironia criaria divisões, há uma outra abordagem que

considera ser as divisões ou comunidades já pré-estabelecidas as possibilitadoras da ironia (HUTCHEON, 2000, p. 37), considerando-se inclusive “que a atitude irônica é de simpatia e tolerância, especialmente quando o ironista e o interpretador fazem parte de uma comunidade discursiva relativamente homogênea” (HUTCHEON, 2000, p. 68).

Em sequência, um elemento sobre o qual a autora vai se debruçar, e traçar algumas considerações como suporte para o desenvolvimento posterior da noção de enquadramento, é a noção de comunidade discursiva. Partindo da concepção de que comunidades discursivas são definidas “em geral pela configuração complexa de conhecimento, crenças, valores e estratégias comunicativas compartilhadas” (HUTCHEON, 2000, p. 136), Hutcheon vai explorar a potencialidade dessa configuração para compreender e explicar o acontecimento de casos específicos de ironias, que, embora intentadas, demandavam uma mobilização muito grande de conhecimento para que de fato funcionassem e diante das quais a autora, na condição de plateia e interpretadora, não tendo condições de interpretar, não as pode fazer acontecer. Nesse sentido e apoiando-se em Randall (1988, p. 47 apud HUTCHEON, 2000, p. 41), a teórica defende que os conhecimentos de contexto, normas ou regras e intertextos, partilhados por uma comunidade discursiva capacitam os participantes a desempenharem ‘jogadas de comunicação indireta’, às quais a ironia pertence. Desse modo, a ironia seria compreendida muito mais como “um processo moldado culturalmente” (HUTCHEON, 2000, p. 134), pois

as expectativas do interpretador – até mesmo nesse nível fundamental – não são simplesmente um caso das atitudes ‘subjéctivas’ (Kaufer, 1981b: 505) quer do interpretador, quer do ironista, mas uma função da cultura, da linguagem e do contexto social no qual ambos os participantes interagem um com o outro e com o próprio texto. (HUTCHEON, 2000, p. 136).

No entanto, diante do contexto de pós-modernidade e globalização, paira sobre a noção de comunidade, e conseqüentemente sobre a noção de comunidade discursiva, algumas questões. Entre essas questões, Hutcheon destaca o fato de que “as comunidades contemporâneas são não apenas internamente complexa e altamente diferenciadas, mas também contínua e rapidamente reconfiguradas” (HUTCHEON, 2000, p. 137), de modo que se compreende “comunidade como algo dinâmico e sutilmente diferenciado” (HUTCHEON, 2000, p. 137). É por essa consciência que a autora busca lançar mão do conceito de enquadramento como uma alternativa à noção de comunidade, enquanto grupo de indivíduos que partilham de determinados conhecimentos, por ser aquela uma noção mais flexivelmente localizada, em cada uma das elocuições, das interações e do contexto que elas instauram.

A noção de enquadramento vai ser de importância basilar para a compreensão e explicação de uma elocução como irônica, pois, como observado por Goffman, “o enquadramento torna possíveis campos de interpretação de experiência discretos e diferentes que permitem organizar significados” (1974 apud HUTCHEON, 2000, p. 209). A essa observação acrescentamos as considerações, feitas por Tannen e Wallat (1998), de que os enquadramentos funcionam como estruturas de expectativas, que guiam não só o processo de interpretação como também a própria produção de um enunciado. Desse modo, e sabendo que “o que pertence a um contexto é determinado pelas estratégias de interpretação” (HUTCHEON, 2000, p. 209), Hutcheon vai defender que “os enquadramentos mudam os contextos” (2000, p. 209) e propor que devemos “tentar pensar não em contexto, mas no enquadramento de signos: como os signos são constituídos (enquadrados) por várias práticas discursivas, arranjos institucionais, sistema de valores, mecanismos semióticos?” (HUTCHEON, 2000, p. 209).

Portanto, e por estar tomando a ironia como acontecimento, Hutcheon vai atentar, principalmente, para como o interpretador vai operar ou não o enquadramento de determinadas elocuições como irônicas e fazê-las ou não acontecer efetivamente, não deixando, porém, de observar se o texto apresenta ou não indicações de que uma interpretação irônica é possível e como o ironista articulou tais indicações de modo que o enquadramento irônico possa ou deva ser ativado. Por isso, a autora vai guiar seu trabalho através da questão: “como é que o interpretador sabe quando (e como) enquadrar uma elocução dessa maneira (irônica)?” (HUTCHEON, 2000, p. 210), concluindo que

geralmente existe algo que sugere um enquadramento e, assim, um contexto no qual a ironia pode acontecer. A dificuldade é que esse algo pode diferir para cada interpretador ou pode nem mesmo existir para outros. (...) mesmo sinais sobre os quais existe concordância (tais como um ar de desprezo ou um exagero grosseiro das afirmações) ainda são social e culturalmente codificados. (HUTCHEON, 2000, p. 213).

Por outro lado, não podemos perder de vista a origem etimológica do fenômeno irônico no *eiron*, ou seja, o fingimento, nem tampouco podemos ignorar o caráter estratégico da ironia, por causa de sua ambiguidade, em ambientes conflituosos, como pontuado por Hutcheon (2000) e Chambers (1990). Portanto, ainda que haja marcadores que sugiram um enquadramento irônico das elocuições, muitas vezes, será mais adequado, mais confortável, ao ironista proteger-se por meio da ambiguidade constitutiva da ironia, cabendo a este não “sinalizá-la”. Além disso, convém ressaltar que, no caso da existência de marcadores,

“qualquer aspecto da fala (lexical, sintático, fonético) pode ser (mas não seria necessariamente) um marcador de ironia” (HUTCHEON, 2000, p. 221), pois “todos eles também têm funções que não são irônicas, e por isso dependem completamente do contexto para um enquadramento apropriado” (HUTCHEON, 2000, p. 223).

Por fim, concordamos que “o enquadramento ajuda a delimitar a resposta, é claro; no entanto, a resposta também depende do público específico que está respondendo” (HUTCHEON, 2000, p. 273). Podemos ainda acrescentar que essa resposta vai se basear ainda na atribuição de ironia por parte do interpretador, obviamente, que, por sua vez, dependerá do conhecimento e da avaliação deste a respeito da temática abordada (HUTCHEON, 2000, p. 204). Concluimos, a partir disso, que a participação do interpretador no processo de acontecimento da ironia, na significação de uma elocução como ironia, é bastante ativa, ou seja, “chamar alguma de ironia é enquadrá-la ou contextualizá-la de tal maneira que, de fato, uma declaração intencionista já tenha sido feita – quer pelo ironista, quer pelo interlocutor (ou por ambos)” (HUTCHEON, 2000, p. 171), chegando a autora a afirmar que “a responsabilidade última de decidir se a ironia realmente acontece numa elocução ou não (e qual é o sentido irônico) é apenas do interpretador” (2000, p. 74). Por fim, sobre o papel ativo que o interpretador desempenha no acontecimento irônico, é importante pontuar que “a estrutura de comunicação não é uma estrutura de intenção → reconhecimento, mas de intenção → inferência” (ADAMS, 1985, p. 45 apud HUTCHEON, 2000, p. 176). Sendo esse princípio colaborativo, cooperativo, lançado e sistematizado por Hutcheon em sua investigação da ironia enquanto acontecimento, muito caro às nossas investigações, ele se constitui um dos nossos principais nortes teóricos, como veremos no ponto abaixo.

Nesta seção, buscamos apresentar as duas principais concepções teóricas sobre a ironia para o estudo que aqui realizamos. Nelas, vimos a ironia ser tomada como um fenômeno de linguagem não apenas como materialidade, mas como prática propriamente, acrescentando essa abordagem em relação às contribuições das perspectivas pragmáticas. E essa concepção se articula em Brait (2008) com a noção bakhtiniana de discurso e de interdiscursividade, ou seja, dos diálogos estabelecidos entre diferentes discursos, tendo a autora argumentado sobre como esses diálogos são dotados de propósito discursivo, como esses diálogos irônicos são estratégicos no nível da enunciação. Observamos na teoria da ironia como acontecimento como o fenômeno irônico posto ao nível da interação, pressupõe um outro, objetivando-o, e só pode efetivamente existir enquanto interação através desse outro, através da interpretação que esse interlocutor opera diante de uma enunciação potencialmente irônica. Nessa acepção

interacionista, o conceito de enquadramento, adotado por Hutcheon e advindo de Tannen e Wallat (1998), será central para nossa abordagem do fenômeno irônico.

3.5 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS MOBILIZADOS NESTE ESTUDO DA IRONIA EM UMA PERSPECTIVA INTERACIONISTA

“Em matéria de definição, então, não devo insistir (salvo quando esqueço) que todo o mundo acerte seu relógio pelo meu. Direi que a hora está de acordo comigo, já que é a única hora de que tenho certeza.”
(MUECKE, 1995, p. 23)

Nesta seção, articulamos os principais pontos teóricos levantados nos estudos apresentados no percurso teórico realizado até aqui para nosso estudo da ironia, como o caráter actancial e estratégico da ironia, a noção de enquadramento como necessária para o reconhecimento do intento irônico, a materialidade linguística do fenômeno e a significação do fenômeno apenas no acontecimento. A esses pontos, adicionamos a reflexão sobre a noção de sentido literal *x* sentido figurado feita por Marcuschi (2007), para relacioná-la à noção de dito e não dito, e aprofundamos a discussão sobre o que é enquadramento e a relação da ironia com essa concepção sociointeracionista, através da noção de metacomunicação desenvolvida por Bateson (1998).

Apesar da diversidade de conceitos subjacentes ao termo e ao fenômeno ironia, pudemos observar, e nisto nos apoiamos principalmente em Brait (2008), que a ironia em suas diversas formas se estrutura na linguagem – até mesmo a ironia da vida precisa da observação verbalizada de alguém ou ainda da fala intrapessoal, a qual, concordamos com Bakhtin (2003), é uma manifestação de linguagem. Desse modo, convém esclarecer que, para nosso estudo, a ironia foi tomada enquanto linguagem e, portanto, inicialmente pontuaremos o que aqui consideramos que seja linguagem (e linguagem verbal particularmente) e como essa concepção influencia em nosso tratamento do fenômeno irônico.

Considerando que a concepção de linguagem que norteia um estudo se relaciona com os objetivos e considerando também que nossos objetivos de estudo residiam em investigar como usamos a ironia em ambientes digitais (ou mais particularmente: como retextualizamos os marcadores de ironia para o ambiente digital), podemos concluir que a concepção de língua subjacente ao nosso estudo se funda na noção de uso e, por conseguinte, na noção de interação e de prática. Essa noção, popularizada após a Guinada Pragmática, implica que a

investigação dos fenômenos linguísticos ocorra por meio do emprego da língua, o qual, de acordo com a concepção bakhtiniana, “efetua-se em forma de enunciados concretos e únicos, proferidos pelos integrantes desse ou daquele campo da atividade humana” (BAKHTIN, 2003, p. 261), sejam esses enunciados falados ou escritos. Desse modo, há um deslocamento na compreensão e, conseqüentemente, no estudo dos fenômenos de linguagem enquanto estruturas para a compreensão e estudo destes fenômenos enquanto processos (MARCUSCHI, 2001), tendo o enunciado, ou seja, o texto como ponto de partida.

Portanto, foi partindo dos produtos, mas observando os processos recuperados pela observação do fluxo da interação verbal, a negociação de sentido ponto a ponto e suas efetivas significações, que buscamos desenvolver nossas análises. De tal forma, ao balizar a ironia como processo discursivo interacional materializado em textos, dois pontos se colocaram como primordiais para nossa observação, análise e teorização sobre a ironia: o primeiro, “como as pessoas articulam elementos linguísticos para construir a ironia?”, “como a ironia se estrutura enquanto materialidade linguística?”; e o segundo, “que processos discursivos estão envolvidos na compreensão da ironia e no seu efetivo acontecimento?”, “o que faz a ironia acontecer?”, “por que as pessoas se utilizam da ironia como uma estratégia discursiva?” e “quais são os desdobramentos mediante o acontecimento irônico?”. Esses dois pontos podem ser definidos como o aspecto composicional e o aspecto funcional da ironia, respectivamente, mas, longe de se estabelecer uma dicotomia entre esses aspectos, ansiávamos de fato articular as contribuições dadas pelas diferentes teorias da ironia, que ora focalizam mais os aspectos funcionais ora focalizam primordialmente os aspectos composicionais. Desse modo, partindo de como atuam os componentes linguísticos na efetivação do acontecimento irônico, buscaremos elucidar que funções a ironia desempenha na comunicação intersubjetiva.

Para essa elucidação do funcionamento da ironia, as sistematizações de Brait (2008) e de Hutcheon (2000), ao dimensionarem a ironia no plano do uso da linguagem, demonstram uma pertinência e uma coerência com nosso ponto de vista, o que nos leva a eleger essas teorias como referenciais. A articulação da ironia como estratégia discursiva (BRAIT, 2008) com a noção de ironia enquanto acontecimento (HUTCHEON, 2000) se mostra muito eficaz, pois nos permite observar: a) num primeiro momento, o que o enunciador pretende com a ironia e como ele estrutura essa pretensão de forma irônica, ou seja, como o enunciador articula composicionalmente seu discurso de forma irônica e com quais objetivos o faz (seu caráter estratégico); e b) posteriormente, o momento de (in)compreensão desse discurso irônico, ou seja, o momento em que essa estratégia discursiva estruturada na ironia encontra

esse outro (o interlocutor) e como o uso da ironia afeta o fluxo da comunicação, ou seja, que consequências a ironia provoca.

Partindo do sentido etimológico do termo ironia enquanto “fingimento”, e mais particularmente tendo em mente a figura à qual esse termo primeiramente foi utilizado, ou seja, a personagem evasiva de Sócrates, podemos perceber que a ironia enquanto estratégia discursiva se faz latente já desde sua primeira menção. Sócrates, ao ser ‘acusado’ de utilizar de ironia, na realidade tinha determinados objetivos discursivos, que nos ficam ainda mais claros se os relacionamos ao seu método maiêutico. Podemos compreender que a ironia socrática, estruturada primordialmente como pergunta irônica, funciona de modo a evitar o dogmático e a questionar os sistemas de valores postos muito mais do que afirmar explicitamente quaisquer outros, relegando, por meio da necessidade de processos inferenciais, essa obrigação ao interlocutor. Desse modo, apontamos que a função mais genérica da ironia reside exatamente no contorno impreciso, ou ao menos dúbio, da relação do enunciador com o seu enunciado, sendo essa imprecisão, do ponto de vista do ironista, confortável, pois, em função dela, o ironista se torna “extremamente difícil de atacar precisamente porque é virtualmente impossível fixar seu texto de maneira convincente” (MOI, 1985, p. 40 apud HUTCHEON, 2000, p. 35).

Essa característica autoprotetora da ironia se mostra assim muito eficiente dentro das situações mais ordinárias de julgamento e avaliação, pois, ao possibilitar ao ironista a dubiedade, também lhe permite a negação do julgamento que, apesar de não explicitado, é comunicado, por poder ser inferido. Isso se torna ainda mais significativo se retomamos a observação de Hutcheon (2000, p. 67) de que, na avaliação por meio da ironia, a articulação negativa é mais frequente do que a articulação positiva, ou seja, tendemos muito mais a elogiar ironicamente com objetivo de censurar do que o inverso. Desse modo, podemos concluir, junto ainda com Hutcheon, que

as circunlocuções da ironia são, por consequência, algumas vezes consideradas ‘menos ruins’ que um insulto direto, funcionando para silenciar qualquer ataque. Mas ataque, insulto, agressão, escárnio e mesmo maldade são frequentemente considerados como as condições emocionais usuais funcionando por trás da decisão de falar indiretamente nessa maneira específica. (2000, p. 68).

Apesar dessas condições emocionais (a agressão, o insulto etc.), a ironia ainda se sustenta de fato como uma estratégia discursiva muito eficaz, pois “para o ironista, a ironia significa nunca ter de se desculpar. Você pode sempre se proteger e argumentar que você

estava apenas sendo irônico. (...) você com certeza pode usá-la para sair de qualquer situação embaraçosa” (HUTCHEON, 2000, p 81). Isso decorre do fato de que o enunciado irônico, jogando com o duplo, lança ao seu interlocutor a necessidade de escolha, cabendo e residindo principalmente no interlocutor a responsabilidade desta.

Por esse funcionamento, a ironia vai atuar muito bem como um mecanismo de proteção do ironista e, sobre esse ponto, ressaltamos particularmente a pertinência do uso de ironia quando o discurso tende a entrar em choque com os valores vigentes no sistema em que circula e que o enunciador julga opressor, como dito por Chambers (1990) e reforçado por Hutcheon (2000). Esse funcionamento especificamente entra em consonância com as considerações de Brait de que a ironia atuaria particularmente como mecanismo discursivo de ruptura e antecipação de valores (2008) ou ainda, nas palavras de Terdiman, como uma espécie de contradiscurso, em que a ironia se torna um modo de “deslocar e aniquilar uma representação dominante do mundo, (...) especialmente crucial quando os discursos estabelecidos e dominantes mostram grande ‘capacidade absorvedora” (TERDIMAN, 1985, p. 13 apud HUTCHEON, 2000, p. 54). Dentro dessa perspectiva, a ironia se compõe utilizando-se dos discursos dominantes, jogando com eles na trama enunciativa do interdiscurso; esse jogo “permite ao discurso irônico tanto ganhar tempo (ser permitido e até ouvido, mesmo que não entendido) quanto ‘tornar relativas a autoridade e a estabilidade [do dominante] (Terdiman, 1985, 15), em parte apropriando-se de seu poder” (HUTCHEON, 2000, p. 54).

Como pudemos observar, funcionalmente a ironia serve para que o ironista, diante de uma situação discursiva considerada por ele como opressora, tanto possa burlar o sistema opressor utilizando-se dos discursos dominantes para desconstruí-los quanto possa se autoprotger de possíveis represálias por meio da ambiguidade. Esses funcionamentos demandam que o ironista camufle seu enunciado ora incorporando o discurso a ser desconstruído ora partindo de uma associação discursiva dúbia que, de início, parece ter uma fraca relação de semelhança; ao mesmo tempo esses funcionamentos demandam ao ironista que deixe pistas de contextualização para o interlocutor perceber e pôr em funcionamento esse jogo. Desse modo, podemos apreender que a ironia é constituída primordialmente por dois sistemas discursivos, que operam conjuntamente em busca da significação contrastante de base avaliativa. Comumente, esses dois sistemas discursivos são tomados por meio da dicotomização sentido literal x sentido figurado, em que a ironia seria a construção de um enunciado oposto ao que se pretende de fato dizer (CHARAUDEAU & MAINGUENEAU, 2004).

No entanto, é notável que o fenômeno irônico se mostra e atua de forma mais complexa do que se tem comumente concebido, pois compartilhamos com Hutcheon a opinião de que “uma coisa que a ironia não parece ser é o que ela usualmente é tido como sendo: uma simples substituição antifrástica do não dito (chamado de sentido ‘irônico’) por seu oposto, o dito (chamado de sentido ‘literal’)” (HUTCHEON, 2000, p. 29-30). Quando observamos o fenômeno irônico em seus efetivos usos, essa concepção da ironia como sendo um mecanismo de substituição do ‘literal’ pelo ‘figurado’ não se sustenta, por, pelo menos, dois motivos. Num primeiro momento, essa explicação não dá conta da diversidade composicional da ironia, pois, como nos lembra Hutcheon (2000), ainda que algumas ironias se componham por meio de mecanismos antifrásticos, este não será o caso de todas as ironias: muitas ironias se constituem, por exemplo, pelo tratamento exagerado ou eufêmico de uma questão. Já, num segundo momento, a teorização da ironia em termos de literal x figurado se mostra falha, pois, ao tomar, nessa dicotomia, o sentido literal (doravante SL) como “o sentido codificado, composicional, contextualmente invariante” (ARIEL, 2002, p. 361 apud MARCUSCHI, 2007, p. 79) e o figurado (SNL) como o sentido “pragmático, figurado, associado ao enunciado e ao falante, não convencionalizado nem composicional ou vericondicional” (MARCUSCHI, 2007, p. 80), se compreende que o sentido literal “seria acessado automaticamente e em primeiro lugar, de modo consciente e direto” (MARCUSCHI, 2007, p. 80), ao passo que o acesso ao sentido figurado, do qual a ironia faria parte, seria decorrente da significação do sentido literal e, portanto, secundário. No entanto alguns estudos da cognição têm desconstruído essa sistematização e demonstrado que “os falantes não julgam que o SL seja o mais relevante e sim o sentido contextualmente apropriado. E neste caso o sentido não literal é o mais comum” (MARCUSCHI, 2007, p. 81) de modo que “as pessoas não precisam primeiro processar o SL para atingir o SNL, pois ‘não há razão para tomar o SL como uma parte especial e obrigatória para a compreensão dos enunciados’” (MARCUSCHI, 2007, p. 81).

O fato de ‘o sentido contextualmente apropriado ser o mais relevante’ se torna ainda mais significativo no caso da ironia, que, etimologicamente, nos remete à noção de fingimento. O sentido mais relevante, ou seja, a atitude, o acento avaliador do ironista para com o explicitado no enunciado, está, neste caso, mascarado pelo fingimento irônico, pois o locutor “escreverá como se nunca houvesse duvidado do que parece estar dizendo nem suspeitado de que poderia ser inferido aquilo que ele está realmente dizendo” (MUECKE, 1995, p. 57), ou seja, o locutor constituirá seu enunciado como se de fato acreditasse no que enuncia ‘superficialmente’ ao mesmo tempo em que espera que seu efetivo dizer, sua atitude,

aquilo em que de fato acredita ou ainda sua relação com o dito explicitamente, seja apenas percebido pelo público escolhido. Podemos observar que, ainda nessa teorização baseada no fingimento, a enunciação irônica é tomada como constituída por dois pólos: ‘o que parece estar dizendo’ e ‘o que está realmente dizendo’, se tornando essa sistematização interessante para lidar com a duplicidade característica da ironia para além da dicotomia literal x figurado.

Desse modo e tendo em mente primordialmente que a ironia em sua gênese é entendida como atitude, ela pode ser considerada como a atitude do locutor diante do enunciado que veicula, de forma que, em linhas associativas, ‘o que parece estar dizendo’ estaria vinculado às noções de ‘discurso dominante’ (TERDIMAN, 1985 apud HUTCHEON, 2000), e ‘sentido literal’, ao passo que ‘o que está realmente dizendo’ estaria vinculado à atitude do ironista para com o enunciado, podendo ser uma atitude de desconstrução, enfim, à noção de ‘sentido figurado’. Dessa forma, concordamos com Brait de que o sentido literal, melhor dizendo, ‘o que parece estar dizendo’, diz respeito ao nível da frase (BRAIT, 2008, p. 102), e a ele chamaremos, como Hutcheon (2000), ‘dito’; e o ‘o que está realmente dizendo’ (ou ainda o sentido figurado) “diz respeito à dimensão da enunciação” (BRAIT, 2008, p. 103) e a ele chamaremos ‘não dito’, nomenclatura advinda também de Hutcheon (2000). A respeito do não dito, ou seja, da atitude do ironista para com o enunciado, convém ainda pontuar que, ainda que não seja explicitada – uma vez que a ironia é fingimento –, essa atitude é o que de fato o ironista pretende comunicar, pois “a ironia é simultaneamente disfarce e comunicação” (HUTCHEON, 2000, p. 141), de modo que esse não dito desafia o dito e impõe-se na comunicação intersubjetiva, solicitando ao interlocutor que o reconheça e, então, o infira (HUTCHEON, 2000). É essa engrenagem enunciativa que permite ao ironista um sentimento de proteção por meio do uso da ironia, pois “ela pode permitir que ‘um falante dirija comentários a um ouvinte que os entenderá bastante bem, fará saber que os entendeu e, contudo, nenhum dos participantes será capaz de responsabilizar o outro pelo que foi entendido” (GOFFMAN, 1974, p. 515 apud HUTCHEON, 2000, p. 82).

É imprescindível ainda esclarecer que, nessa teorização, não podemos tomar a ironia como a substituição de um sentido (dito/literal) por outro (não dito/figurado) – como também argumentaram Sperber e Wilson (1981) em relação à teoria griceana de implicatura. Pois, considerando que a atitude do não dito se dá em relação ao dito, é fundamental que, para a efetiva significação irônica, dito e não dito coabitem no ato enunciativo, nos levando a admitir, com Hutcheon (2000), o sentido irônico como inclusivo e relacional, em que o dito e o não dito coexistem para o interpretador, e cada um faz sentido em relação ao outro porque eles literalmente interagem para criar o verdadeiro sentido irônico (HUTCHEON, 2000, p.

30). Cada um desses elementos constitutivos pode sobressair dependendo tanto de como o ironista guia a leitura por meio de pistas de contextualização quanto do recorte que o interpretador opera sobre a enunciação irônica, o que coloca a ironia como altamente interacional.

De acordo com Hutcheon, a impossibilidade de significado unívoco e estável da enunciação irônica “parece apontar para a natureza problemática de toda linguagem” (2000, p. 89). Embora concordemos com a autora, ponderamos que essa ‘natureza problemática de toda linguagem’ acaba por ser atenuada ou acentuada em função da presunção de conhecimentos compartilhados entre os interlocutores sobre si, sobre o contexto enunciativo, em todas as suas instâncias, mas particularmente na instância de “o que se está fazendo aqui?”, e em função da precisão de tais informações. Corroboram de maneira ainda mais decisiva para essa resolução as expectativas que os interactantes têm acerca da interação e a negociação de sentidos operada pelos interlocutores. No caso da ironia, que “só pode ‘complexificar’, (...) não consegue nunca ‘desambiguar’” (HUTCHEON, 2000, p. 30), esses elementos se fazem ainda mais essenciais, pois eles atuam como grandes possibilitadores aos interlocutores de jogar o jogo da ironia e aos investigadores de desnudar os percursos e percalços da significação irônica.

Como vimos, Hutcheon (2000) vai denominar a partilha de todas essas informações como enquadramento, noção essa advinda dos estudos de Tannen e Wallat (1998) e que se mostra muito proveitosa para o estudo da ironia como acontecimento, pois fornece um aparato teórico e metodológico para analisar, localizadamente, cada enunciação irônica na interação de onde ela emerge. Operar um enquadramento se caracteriza, portanto, por um dinamismo acentuado, em que diversos elementos contribuem para a construção dos procedimentos de interpretação. Entre esses elementos, destacamos primordialmente as expectativas dos interactantes sobre a interação, mas não podemos negligenciar que informações textuais, circunstanciais e intertextuais exercem uma influência mútua sobre essas expectativas e esses procedimentos de interpretação, sobre esses enquadramentos. No caso específico da ironia, ao mesmo tempo comunicação e fingimento, há ainda “marcadores textuais específicos que funcionam para levar os interpretadores a reconhecer ou a atribuir (mas, de qualquer maneira, a intentar) ironia” (HUTCHEON, 2000, p. 205), ou seja, levam os interpretadores a enquadrar a enunciação como irônica.

Os marcadores são elementos sobre os quais pairam, dentro das teorias da ironia, muitas discordâncias. Alguns teóricos sustentam que “há uma injunção forte, ainda que implícita, no uso da ironia para se utilizar quanto menos sinais e os mais sutis possível:

‘mesmo quando o ironista ... deve cutucar – e ele frequentemente deve – não se deve perceber que ele cutuca’, (HUTCHEON, 2000, p. 218) motivado principalmente pelo sentimento de autoproteção decorrente da ironia. Por outro lado, outra corrente teórica argumenta que o ironista “deve pôr o interpretador na trilha das conexões entre o dito e o não dito por meio de pistas que destacam certas normas e, assim, fornecem indicações para guiar a interpretação” (HUTCHEON, 2000, p. 216). Sobre essa perspectiva, consideramos pertinente a observação de Brait que, focalizando o caráter estratégico discursivo da ironia, pontua: “o ironista, o produtor da ironia, encontra formas de chamar a atenção do enunciatário para o discurso e, por meio desse procedimento, contar com sua adesão” (BRAIT, 2008, p. 138). De todo modo, podemos considerar consensual o fato de que não só “a ironia verbal é a única figura de retórica que frequentemente vem acompanhada de marcadores paralinguísticos” (MIZZAU, 1984, p. 22 apud HUTCHEON, 2000, p. 222) como também “o marcador faz parte da própria forma da elocução” (HUTCHEON, 2000, p. 227), contribuindo, portanto, de forma considerável no enquadramento irônico.

É por causa de sua importância que, embora tenhamos alargado o interesse investigativo na medida em que fomos nos familiarizando com as teorias da ironia, não abdicamos em inventariar como se davam os processos de retextualização desses marcadores, pois compreendemos a importância que eles desempenham no contexto da interação digital para a constituição dos enquadres em que a ironia acontece. Partindo da ‘lista’ dos marcadores de ironia proposta por Hutcheon, observamos em nosso *corpus* tanto como se manifestavam esses marcadores já estabilizados, buscando neles como se dava o processo de retextualização, quanto atentamos para as outras formas linguísticas que funcionavam como marcadores de ironia nesse contexto. Esses marcadores foram agrupados, também segundo Hutcheon (2000), de acordo com a função que eles desempenhavam na enunciação irônica, podendo ser eles ou estruturadores ou marcados metairônicos.

A autora denominou os marcadores como estruturadores no sentido de que eles agem para “estruturar uma base na qual se tornam possíveis tanto as semânticas relacional, inclusiva e diferencial e também aquela aresta avaliadora que caracteriza o significado irônico” (HUTCHEON, 2000, p. 222), ou seja, são modos de articular, na enunciação irônica, os discursos de forma que ocorra a fricção de base contrastiva e avaliativa, pois indiciam a ironia por meio do modo como organizam os discursos internos à enunciação irônica. Já os marcadores metairônicos “funcionam como gatilhos para sugerir que o interpretador deve estar aberto a outros significados possíveis” (HUTCHEON, 2000, p. 221) e eles atuam como índices adicionais à ironia: a ironia já estaria articulada e os sinais metairônicos vêm

apontar, reiterar, evidenciar a ironia ali intentada. No âmbito dos sinais metairônicos, Hutcheon pontua que há marcadores de natureza gesticulatória, fônica e gráfica, sendo estas as categorias com as quais também trabalhamos.

É importante, após elencar alguns tipos de marcadores de ironia, reforçar a observação de Hutcheon de que essa tipologia não esgota as possibilidades de construção de ironia, de articulação de uma enunciação como de caráter irônico, pois existem tantas estratégias de ironia quantas são as estratégias de discurso de modo geral (HUTCHEON, 2000, p. 221). Assim, ainda que consideremos que “qualquer aspecto da fala (lexical, sintático, fonético) pode ser (mas não seria necessariamente) um marcador de ironia (HUTCHEON, 2000, p. 221) nem um deles “necessariamente significaria ironia” (HUTCHEON, 2000, p. 220), ao que Hutcheon complementa afirmando que “mesmo sinais sobre os quais existe concordância (tais como um ar de desprezo ou um exagero grosseiro das afirmações) ainda são social e culturalmente codificados” (HUTCHEON, 2000, p. 213).

Por todas essas nuances apresentadas, ou seja, o caráter estratégico da ironia, a trama enunciativa construída a partir da relação do não dito e dito, a necessidade de enquadrar a enunciação nesses termos e, conseqüentemente, a necessidade de o interlocutor também inferir a ironia, bem como a necessidade do enunciador apontar para a possibilidade de significação irônica, entre outros aspectos, precisamos decisivamente admitir que a ironia, ao acontecer no nível do discurso, tem seus aspectos interacionais como um ponto chave para a sua compreensão e seu estudo. Dessa forma, concordamos com Brait (2008) de que “qualquer que seja a dimensão da ironia – frasal ou textual -, desencadeia-se um jogo entre o que o enunciado diz e a enunciação faz dizer, com objetivos de desmascarar ou subverter valores, processo que necessariamente conta com formas de envolvimento do leitor, ouvinte ou espectador” (BRAIT, 2008, p. 140), o que nos leva ao reconhecimento de que “a complexidade da interação potencial de interpretador, ironista e texto no fazer a ironia acontecer tem de estar presente em qualquer consideração da ironia como acontecimento” (HUTCHEON, 2000, p. 178). Por essa razão, sustentamos que observar, descrever e analisar os tipos de interação de onde proveem os dados é essencial, pois elas são, sobretudo nos ambientes digitais, a principal fonte de contextualização, não apenas como situação, mas como verdadeiro enquadre cognitivo, constituindo verdadeiras e poderosas pistas de contextualização e significação para o ato comunicativo (MARCUSCHI, 2002).

4 ASPECTOS DA ORGANIZAÇÃO DO GÊNERO *COMPARTILHAMENTO DE NOTÍCIAS*

“formas de interação verbal acham-se muito estreitamente vinculadas às condições de uma situação social dada”
(BAKHTIN/VOLOCHINOV, 2002, p. 42).

Ao tomar a ironia enquanto prática, um procedimento necessário consiste em considerar o tipo de interação de onde os acontecimentos irônicos emergem, para que, compreendendo a função dessa prática, as suas engrenagens discursivas e composicionais, possamos relacioná-la de forma mais estreita com o fenômeno irônico, compreendendo até mesmo as especificidades que esse fenômeno adquire em razão das configurações dessa interação. O *compartilhamento de notícias*, tipo da unidade interacional constitutiva do nosso *corpus*, é uma prática discursiva relativamente nova, que surge no contexto da Web 3.0 e sobre o qual não encontramos estudos pormenorizados. Desse modo, consideramos pertinente traçar um panorama da história da Web e das redes sociais, mais especificamente do Facebook e, a partir dessa delimitação, descrevemos o *compartilhamento de notícias*, em sua composição e em seu funcionamento.

4.1 PANORAMA SOBRE A WEB: SUA HISTÓRIA E ARTICULAÇÃO COM A VIDA

“[...] antes de entrar propriamente na análise dos gêneros virtuais, seria útil analisar os ambientes ou entornos virtuais em que esses gêneros se situam (...), pois eles os abrigam e por vezes os condicionam.”

(MARCUSCHI, 2005, p. 26)

Uma vez tendo já explicitado os critérios norteadores de nossa concepção de ironia, cabe agora traçar algumas diretrizes sobre as especificidades referentes à natureza da interação digital e mais adiante sobre o *compartilhamento de notícias*, pois este é um ponto central no nosso objeto de investigação e no nosso objetivo geral da pesquisa: a expressão de ironia em interações digitais. Inicialmente, defendemos que há uma distinção entre as interações verbais não digitais e as interações verbais digitais, seminalmente, naquilo que Chartier qualifica como “uma nova técnica de inscrição e de divulgação do escrito” (CHARTIER, 2007, p. 205), ou seja, há distinção entre essas interações por causa do papel

que as condições de produção exercem na materialização, tanto como concepção quanto como circulação, do enunciado.

Desse modo, podemos projetar, e algumas pesquisas já têm comprovado isso, que a invenção do computador e da Internet, enquanto um novo suporte (MARCUSCHI, 2008), representam meios novos de circulação de textos, encadeando novos modos de produção e acarretando, conseqüentemente, novos processos e artefatos textuais. Com isso não queremos argumentar uma inovação total da produção textual e da interação decorrente e constitutiva dela, mas queremos reconhecer e investigar os traços peculiares às interações dados por meio de suportes digitais, pois, concordamos com Chartier, quando, em defesa dos estudos sobre o impacto que as tecnologias têm, argumenta que “o significado dado a um texto é uma produção histórica, situado na encruzilhada entre, de um lado, as competências ou expectativas dos seus leitores e, de outro, os dispositivos, ao mesmo tempo gráficos e discursivos, que o organizam.” (CHARTIER, 2007, p. 214).

No caso das interações digitais, já denominadas comunicações mediadas por computadores (MARCUSCHI, 2005; 2008), os dispositivos não são de modo algum estáticos, estando, pelo contrário, em um inebriante e constante processo de transformações. A inadequação da expressão ‘comunicações mediadas por computadores’ é fruto desse frenético processo de transformação, uma vez que as interações digitais não estão atualmente, como estiveram no passado, associadas exclusivamente ao suporte ‘computador’, mas participam também dessa mediação, além de computadores e notebooks, aparelhos eletroportáteis como tablets e smartphones, o que dá a essa um caráter ainda mais móvel e uma presença imperiosa no cotidiano das pessoas. Apenas por esse câmbio nos mecanismos de mediação, podemos perceber o quanto há de avanço e contínuo desenvolvimento no que se refere às tecnologias da informação e comunicação (TICs). Podemos, portanto, concluir que, ao pesquisar as interações digitais, uma parte importante do processo é a investigação adequada sobre as peculiaridades tecnológicas, pois, como apontado na epígrafe desta seção, os ambientes digitais vão condicionar as práticas que existem através deles (MARCUSCHI, 2005). Acrescentamos, ainda, que outro ponto essencial deste processo é atentar para o fato de que não só essas peculiaridades variam enormemente em função da volatilidade das TICs como os próprios usuários se adaptam surpreendentemente às restrições impostas por essas novas configurações tecnológicas.

Nas propostas de historicização feitas pelos estudos de Internet, as TICs têm sido subdivididas, em função das mudanças de suas configurações tecnológicas, em três paradigmas tecnológicos: a Web 1.0, a Web 2.0 e a Web 3.0, que se caracterizam pela

presença de recursos específicos às condições tecnológicas, operando uma coerção por meio desses recursos sobre os modos de agir dos usuários. Apesar de as fronteiras efetivas entre esses momentos serem apenas fictícias, uma vez que as inovações vão se sobrepondo gradativamente nos usos cotidianos de tais tecnologias, uma explanação sobre as características das ações possíveis em cada um destes paradigmas nos ajudará a compreender, num primeiro momento, como e por que os interactantes envolvidos numa rede social agem da forma que agem e, posteriormente, nos dará algumas explicações sobre algumas peculiaridades das interações a serem analisadas a seguir.

Na explanação sobre a história da Web, feita cronologicamente, contemplaremos dois aspectos: primeiro, a recepção sócio-histórica de tais tecnologias, e, posteriormente, os mecanismos interacionais tornados possíveis no suporte Web, correspondente ao período. Segundo Santaella (2012), a Web 1.0, que compreende o período da década 1980 até o fim do século XX, corresponde à fase da popularização dos computadores pessoais. Ainda de acordo com a estudiosa (SANTAELLA, 2012, p. 35), a implementação tecnológica mais representativa da Web 1.0 era indicada principalmente pelos portais corporativos, portais de conteúdo e mecanismos de busca. Acreditamos que tal implementação tenha possibilitado associar essa configuração tecnológica a uma espécie de exclusivismo, polarizando os usuários entre ativos e passivos, pois “a Web 1.0 centrou-se no conteúdo fornecido por uma pequena população que dominava as técnicas das páginas estáticas” (SANTAELLA, 2012, p. 35), restringindo-se principalmente à informação e contando apenas com os serviços de email, como mecanismo de comunicação.

Essa espécie de exclusivismo na produção dos conteúdos na Web 1.0 se fundava, principalmente, no alto nível de sofisticação que essa configuração tecnológica requeria na produção de conteúdos, uma vez que as informações lançadas na rede precisavam inicialmente ser transpostas para a linguagem de programação informática, baseada na linguagem numérica e binária (LÉVY, 1999). Tal procedimento de produção de conteúdo requeria dos usuários um conhecimento especializado em informática e um domínio efetivo das linguagens de programação, estabelecendo um filtro bem estreito sobre quem podia produzir conhecimentos na Web 1.0. Por causa dessas configurações a Web 1.0 habitou o imaginário social como uma ruptura do real, representando assim o famoso virtual (LÉVY, 1999).

Enquanto a configuração da Web 1.0 esteve associada à popularização dos computadores, a configuração da Web 2.0 esteve associada à popularização do acesso às conexões de dados e uma maior eficiência destas, acompanhada da simplificação das formas

de interação – aqui já não é necessário dominar a linguagem de programação e os conhecimentos altamente especializados são dispensáveis para a produção e a circulação de boa parte dos conteúdos na Web 2.0. A associação entre essas inovações tecnológicas foram especificamente as responsáveis para que a Web 2.0 fosse caracterizada principalmente pela conectividade entre os usuários (SANTAELLA, 2012) e, priorizando esta conectividade, privilegiasse as redes sociais, “as meninas dos olhos da Web 2.0” (SANTAELLA, 2012, p. 36). Portanto, como “a Web 2.0 passou a ter o foco no usuário” (SANTAELLA, 2012, p. 35) por meio da conectividade nas redes sociais, o caráter estritamente informacional cede espaço ao caráter comunicacional, tendo, inclusive, essa organização “democratizado a Web por meio da priorização dos conteúdos gerados e mantidos pela conectividade social” (SANTAELLA, 2012, p. 35). Assim, Santaella conclui que

enquanto os verbos característicos da Web 1.0 eram disponibilizar, buscar, ter acesso e ler, na Web 2.0, as novas palavras de ordem são expor-se, trocar, colaborar em atividades de interação que encontram suas bases em princípios de confiança e de compartilhamento (2012, p. 36).

Desse modo, há um desenvolvimento profícuo de sites específicos para o estabelecimento desses tipos de comunicação, como o Chat Uol e o Messenger, os sites de redes sociais como Orkut, Facebook e Myspace. Portanto, a comunicação tornou-se uma prática corriqueira na Web 2.0, mas atuando paralelamente à prática informacional já estabelecida.

Nos últimos cinco anos, novas configurações tecnológicas da Internet, mais exatamente aperfeiçoamentos das configurações tecnológicas já estabelecidas, têm surgido e influenciado decisivamente o modo como os usuários podem utilizar a Web e, de fato, utilizam-na. Essas novas configurações, que têm sido denominadas de Web 3.0, se baseiam principalmente, de acordo com Santaella (2012), nas conexões de dados móveis, na sofisticação das plataformas de redes sociais e, conseqüentemente, na produção colaborativa mediada pela Web. Julgamos que tais aperfeiçoamentos se deram, principalmente, para explorar a potencialidade comunicativa, que havia proporcionado grande popularidade aos sites de redes sociais no paradigma da Web 2.0.

Desse modo, percebemos que, em termos das práticas, a Web 3.0 se caracteriza por uma continuidade aos aspectos disponíveis na Web 2.0, no entanto, algumas diferenças se impõem, entre as quais destacamos o caráter colaborativo potencializado na produção de conteúdos e a conexão contínua possibilitada pelos dispositivos móveis. Esses aspectos distinguem a Web 3.0 da Web 2.0 pelo fato de que as práticas de comunicação e de

informação atuam conjuntamente na Web 3.0, diferentemente do modo como tais práticas existiam na Web 2.0, em que atuavam paralelamente. Portanto, podemos considerar que o diferencial da Web 3.0 reside no movimento bilateral constitutivo entre as práticas de informação e de comunicação: a informação não é mais estática, pelo contrário, apresenta um caráter dinâmico, se constituindo ela mesma por meio da comunicação e interação entre os usuários da Web. Um reflexo de tal configuração pode ser encontrado na presença massiva das mídias institucionais nas redes sociais por meio de perfis institucionais, perfis estes que, embora tenham como objetivo principal divulgar os conteúdos produzidos pela instituição, não se limitam a isto, ao estabelecerem espaço para ouvir seu público e para que este possa colaborar com informações, principalmente por meio de replicação, fotos e vídeos³⁸.

Santaella (2012) ainda destaca que as tecnologias de conexão contínua permitem que a rede se caracterize como nômade e acompanhe o fluxo da vida ordinária, pois

na medida em que a comunicação entre as pessoas e o acesso à internet começaram a se desprender dos filamentos de suas âncoras geográficas – modems, cabos e desktops – espaços públicos, ruas, parques e todo o ambiente urbano foram adquirindo um novo desenho que resulta da conexão à internet enquanto a vida vai acontecendo (SANTAELLA, 2012, p. 34).

Disso resulta que, gradativamente, a concepção da Internet como um espaço de ruptura com o real tem cedido espaço para a aceção da Internet como um espaço integrado à vida ordinária, dada a sua massiva presença no cotidiano da maior parte das pessoas. Basta olhar ao redor para vermos que a interação por meio de aparelhos eletrônicos, os quais cada vez mais nos acompanham a todos os lugares, concorre ou se integra à interação face a face. Tal panorama nos permite projetar mudanças linguísticas potencializadas por essa constância e relacionar essas experiências discursivas à vida cotidiana, explorando cada vez mais nesses ambientes não o exótico apenas, mas principalmente os usos ordinários. É nesse sentido que propomos aqui nossa pesquisa, pois, parafraseando a definição de Duranti (1997) sobre a língua como um espaço interacional, consideramos também a Web um espaço interacional.

Tal aceção entra em consonância com a perspectiva investigativa da Internet como artefato cultural, em que se “observa a inserção da tecnologia na vida cotidiana. Assim, favorece a percepção da rede como elemento da cultura e não como entidade à parte, em uma perspectiva que se diferencia da anterior, entre outras coisas, pela integração dos âmbitos online-offline” (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011, p. 42). Sem sombra de dúvidas,

³⁸ Esse tipo de espaço pode ser exemplificado, por exemplo: nas redes sociais do Estado de São Paulo nos sites de rede social *Facebook* e *Twitter*, com a ação ‘Amanhacer Estadão’; na rede social Folha de S. Paulo no *Facebook*, com *As mais lidas do dia* etc.

tal integração se dá principalmente pelo uso que temos feito dos sites de redes sociais e, conseqüentemente, pelo papel que tais sites têm desempenhado nas nossas vidas ao possibilitar que nossas interações se deem para além da face a face, pois “com o surgimento da Internet, criou uma imensa rede social (virtual) que liga os mais diversos indivíduos pelas mais diversificadas formas numa velocidade espantosa e, na maioria dos casos, numa relação síncrona. Isso dá uma nova noção de interação social” (MARCUSCHI, 2005, p. 20).

4.2 APONTAMENTOS SOBRE PECULIARIDADES DA INTERAÇÃO DIGITAL

Como já havíamos mencionado, a mudança de suporte gera uma mudança nas condições de inscrição e divulgação do escrito, nos termos de Chartier (2007), assim, buscamos, então, delinear quais são as influências que o **suporte digital**, entendido aqui como um lócus físico “virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto” (MARCUSCHI, 2008, p. 174), exerce, genericamente, na interação verbal, tanto do ponto de vista processual quanto do ponto de vista composicional. Nossa atenção voltada para a interação se justifica na medida em que é apenas através dela que podemos investigar os usos reais da linguagem, sendo essa nossa afiliação epistemológica (MARCUSCHI, 2001), como deixamos claro em nossa delimitação do tema.

Partindo das interações não digitais, podemos considerar que a manifestação seminal do uso real da língua se dá, por meio da fala, na interação face a face (MARCUSCHI, 2003), ou, em termos conceituais, do diálogo (BAKHTIN, 2003) ou conversação (LEVINSON, 2007) e que essa manifestação pode inclusive ser considerada a mais proeminente na vida ordinária (SILVA, 2008 apud MODESTO, 2011), possibilitando, portanto, que tomemos a interação face a face como o paradigma da interação verbal. No entanto, ao longo do desenvolvimento dos artefatos culturais humanos, possibilitados eles mesmos pela existência dessa linguagem tão peculiar nossa, muitas outras formas de manifestação da língua na vida foram concretizadas. De maneira breve, podemos mencionar a invenção da escrita como um artefato que veio acarretar mudanças nessas condições prototípicas, ao possibilitar aos seres humanos interagir para além da condição face a face. Outro desenvolvimento de técnicas humanas que acarretou mudanças nessas condições prototípicas foi a invenção do telefone, em meados do fim do século XIX e início do século XX, possibilitando aos homens utilizarem a fala nas interações a longas distâncias. Porém é necessário considerar que estes muitos mecanismos comunicacionais utilizados até o fim do século XX pelo homem se caracterizam como extraordinários, no sentido de que as suas presenças no fluxo geral da

comunicação eram pontuais e as finalidades de seus usos eram, sobretudo, outras que não a comunicação ordinária, a conversação.

No entanto, a partir do século XXI com a popularização dos computadores e das conexões de dados, a incorporação das TICs no cotidiano dos indivíduos se tornou de tal forma uma constante que possibilitou a esses mecanismos se tornarem espaços para a interação ordinária, ou seja, para o diálogo, para a conversação. Desse modo, o paradigma da interação ordinária, que representa um processo sempre comunicacional (RECUERO, 2009, p. 31) e é comumente baseado na interação face a face e na fala (MARCUSCHI, 2003), precisou ser ampliado, pois “o ciberespaço e as ferramentas de comunicação possuem particularidades a respeito dos processos de interação” (RECUERO, 2009, p. 31), e impõem às manifestações comunicativas mediadas pelas TICs, às quais chamaremos interações digitais, como características, ao invés da co-presença e da materialização sonora, a independência da co-presença e a materialização escrita ou gráfica³⁹.

Marcuschi (2003) sinaliza que a peculiaridade das interações digitais e do modo como elas têm se encaixado às interações discursivas mais ordinárias tornou ainda mais explícita a inconsistência em abordar as atividades lingüísticas de um modo geral apenas como fala ou escrita, pois, diz o autor, “a mudança mais notável aqui não diz respeito às formas textuais em si, mas sim à nossa relação com a escrita” (2003, p. 18). Desse modo, Marcuschi propõe que, ao abordar a relação fala escrita, se deve adotar a não uma relação dicotômica entre fala e escrita, mas analisar a interação dentro de um continuum de variações entre a fala e a escrita, em que dois aspectos são considerados: a) o meio de produção, ou seja, o modo de materialização da atividade lingüística, se *sonoro* ou *gráfico*; e b) a concepção discursiva, em que o grau de pessoalidade, sincronia e monitoramento se tornam elementos centrais para o agir discursivo.

Assim, ainda que o meio de materialização mais proeminente nas interações digitais seja a escrita, uma vez que “um dos aspectos essenciais da mídia virtual é a centralidade da escrita, pois a tecnologia digital depende totalmente da escrita” (MARCUSCHI, 2005, p. 18), de tal forma que “na internet, a escrita continua essencial apesar da integração de imagens e

³⁹ Aqui não entendemos fala e escrita como dicotomias lingüísticas (apenas enquanto realização ou materialização, elas são sim dicotômicas), mas como meios de realização da linguagem ou ainda formas de concepção textual. Baseamos nossa compreensão na distinção conceitual proposta por Koch e Oestereicher (1985, 1990, 1994) e também adotada por Hilgert, de onde a extraímos: “os termos fala e escrita são empregados em dois sentidos: num, denominam meios distintos de realização textual, correspondendo fala à manifestação fônica e escrita à manifestação gráfica; noutro, referem maneiras distintas de concepção de um texto” (Koch e Oesterreicher, 1985, 1990, 1994 *apud* Hilgert, 2000, p. 17).

de som” (MARCUSCHI, 2005, p. 19), a concepção discursiva, influenciada pela natureza das interações a serem estabelecidas, não fica restrita à escrita, devido à “influência das possibilidades de comunicação das ferramentas utilizadas pelos atores” (RECUERO, 2009, p. 31-32). Tais modos de concepção discursiva se dão em função do caráter de emergência que permeia tais interações, pois, apesar da materialização escrita, as interações digitais podem dar-se tanto de forma assíncrona quanto de forma síncrona (REID, 1991 apud RECUERO, 2009), o que representa uma novidade à escrita, até então associada sobretudo à interação assíncrona.

É nesse sentido que temos, especificamente com a transmutação da comunicação ordinária, principalmente a conversação, para o ambiente digital, a confluência de um meio de materialização textual escrito com a concepção discursiva, frequentemente, de natureza oral, pois concordamos com o apontamento de Hilgert de que os usuários “sentem-se falando, mas, pelas especificidades do meio que os põe em contato, são obrigados a escrever suas mensagens, ou seja, interagem, construindo um texto ‘falado’ por escrito⁴⁰” (HILGERT, 2000, p. 17). Desse modo, a distinção dicotômica entre fala e escrita se torna ainda mais problemática, pois, por exemplo, “nessa era eletrônica, não se pode mais postular como propriedade típica da escrita a relação assíncrona, caracterizada pela defasagem temporal entre produção e recepção, pois os bate-papos virtuais são (quase) síncronos, ou seja, realizados em tempo real e essencialmente escritos.” (MARCUSCHI, 2005, p. 18 – parênteses nossos)

Foi na tentativa de compreender e explicar as configurações linguísticas das interações digitais que alguns estudos sobre fenômenos linguísticos na Internet propuseram um diálogo com a teoria do continuum entre fala e escrita. De modo geral, esses estudos argumentam que, nas interações digitais genericamente, tanto características da escrita quanto características da fala coabitam, de forma ainda mais constitutiva, na materialidade linguística (MARCUSCHI, 2008). Esse fenômeno se deve àquilo que Pierre Lévy (2001) chama de confluência de mídias, as quais levam a uma confluência de múltiplas semioses, pois “tendo em vista a possibilidade cada vez mais comum de inserção de elementos visuais no texto (imagens, fotos) e sons (músicas, vozes) pode-se chegar a uma interação de imagem, voz, música e linguagem escrita numa integração de recursos semiológicos” (MARCUSCHI, 2005, p. 33) levando a uma transmutação ainda mais potencializada. Desse modo, vemos nas interações digitais uma

⁴⁰ Sobre a ideia da construção de um texto falado por meio da escrita, Marcuschi alerta: “a ideia que hoje prolifera quanto a haver uma ‘fala por escrito’ deve ser vista com cautela, pois o que se nota é um hibridismo mais acentuado, algo como nunca visto antes, inclusive com o acúmulo de representações semióticas” (2005, p.19).

mescla potencial de recursos múltiplos semióticos, ora como imposições do próprio meio, no caso dos chats ou bate-papos digitais, ora como possibilidades dadas pelo meio, na mescla de múltiplas semioses como recursos possíveis, por exemplo: um vídeo para exemplificar um movimento.

Um ponto que merece ainda ser discutido nas configurações dessa transmutação é o modo como os interactantes digitais têm negociado o uso e a compreensão de tais recursos, uma vez que a comunicação na rede permanece objetivando o outro e precisa, portanto, ser inteligível. Como os suportes de onde emergem as interações digitais apresentam algumas peculiaridades linguísticas em relação aos paradigmas já convencionados socialmente (ex.: ausência de recursos prosódicos e gestuais das interações face a face, ou a presença massiva da escrita como principal meio de materialização verbal) e como os gêneros digitais são considerados gêneros emergentes (MARCUSCHI, 2005; 2008), no sentido de que sua relativa estabilidade ainda é buscada e ainda está em processo de legitimação pela comunidade discursiva, o acordo sobre o funcionamento das estruturas composicionais e estratégias discursivas se faz ainda mais importante. Inicialmente, essa importância se justifica no fato de que esse acordo é muitas vezes o principal norte que os interactantes têm sobre como agir e como compreender as ações uns dos outros, pois em princípio “não há pistas da linguagem não verbal e da interpretação do contexto da interação (digital)” (RECUERO, 2009, p. 31 – parênteses nossos). Dessa forma, o conhecimento dos pontos acordados se torna estratégico para que os usuários da Web possam efetivamente estabelecer uma interação, que, como já dito, não é “uma atividade caótica, nem aleatória ou mecânica, mas ordenada, coordenada e intencional” (MARCUSCHI, 2001, p. 29); ainda o conhecimento de tais acordos é crucial para que a consolidação de uma determinada prática, a construção do *habitus* se efetive.

No entanto, a negociação de tais pontos não se dá de forma deliberada, mas sim por meio da observação da eficácia de algumas estratégias, por meio da intuição do falante ao basear-se no conhecimento já estabilizado em busca de soluções para lidar com o novo ou ainda por meio da legitimação de uma estratégia por meio da sua incorporação nas interações subsequentes (por exemplo, a reconstituição das expressões faciais com caracteres gráficos coerentemente organizados ou a retextualização do tom de voz por meio do uso do recurso de letras maiúsculas) e, principalmente, por meio da socialização de tais estratégias, constituindo acordos sociais. Porém, como o universo digital não apresenta interações homogêneas, tais processos de negociação não podem dar-se de forma homogênea, variando enormemente em função das interações em que ocorrem. Por exemplo, na conversação digital, por meio de bate-papo, a preponderância do uso de *emoticons* pode ser compreendida e significada, além é

claro de utilizada, como aceitável e pertinente para o tipo de interação em questão, por causa do papel que os recursos gesticulatórios desempenham na conversação ordinária, da qual deriva o bate-papo digital. No entanto, o uso predominante de *emoticons* em um email institucional pode não ser avaliado do mesmo modo, pois os propósitos e os acordos sobre como a interação funciona preveem o uso de uma configuração linguística de outra ordem, pois o email institucional se constitui como uma prática mais formal e mais próxima da modalidade escrita da língua. Por fim, é preciso atentar que essas convenções não são estanques, pois uma determinada comunidade pode estabelecer regularidades outras que escapam à ‘regra’.

Ainda que as negociações sobre o uso de recursos linguísticos sejam localizadas em determinadas interações, alguns funcionamentos linguísticos já adquiriram certa estabilidade nos usos digitais da ‘grande rede virtual’ mencionada por Marcuschi (2008). Do ponto de vista linguístico, podemos destacar “uma pontuação minimalista, uma ortografia um tanto bizarra, abundância de siglas, abreviaturas nada convencionais, estruturas frasais pouco ortodoxas e uma escrita semi-alfabética”, que “tende a uma certa informalidade, menor monitoração e cobrança pela fluidez do meio e pela rapidez do tempo.” (CRYSTAL apud MARCUSCHI, 2005, p. 29). Do ponto de vista dos gêneros, “a internet transmuta de maneira bastante complexa gêneros existentes, desenvolve alguns realmente novos e mescla vários outros” (CRYSTAL apud MARCUSCHI, 2005, p. 29) e aqui nos interessa particularmente o caráter de novidade imbricado nestes gêneros ‘realmente novos’. Por fim, do ponto de vista da enunciação, o autor destaca que na interação digital “integram-se mais semioses do que usualmente, tendo em vista a natureza do meio, com participação mais intensa e menos pessoal, surgindo a hiperpessoalidade” (CRYSTAL apud MARCUSCHI, 2005, p. 29), podendo tais aspectos ser observados no uso dos *emoticons*, no maior uso de pistas de contextualização e na negociação do sentido mais explicitamente compartilhada.

Porém, para além desses usos já estabilizados, os demais recursos são negociados nas interações, operando em tais negociações dois fatores: o suporte, ou seja, o ambiente virtual em que essas interações se materializam linguisticamente com as possibilidades e restrições de suas configurações tecnológicas, e o grupo em que essas interações emergem, ou seja, os membros de uma dada atividade, que compartilham propósitos, expectativas e conhecimentos e estabelecem uma relação de engajamento, constituindo o que inicialmente tem sido denominado como comunidade (MARCUSCHI, 2005). Esses dois fatores, na atual configuração da Web 3.0, aparecem diversas vezes integrados, correspondendo o primeiro aos sites de redes sociais e o segundo às redes sociais efetivamente. Torna-se, assim, evidente a

pertinência de, ao analisar as interações digitais, dedicar alguma atenção a estes dois elementos da interação observada; desse modo, nos propomos no tópico posterior tratar destes dois aspectos do nosso *corpus*.

4.3 O SITE DE REDE SOCIAL FACEBOOK

Tendo já discorrido sobre os ambientes de interações digitais genericamente e dado atenção especial à Web ou Internet, definida por Marcuschi (2008) como um caso-limite da noção serviço de suporte que abriga diversos outros suportes, nos dedicaremos, por agora, a descrever as configurações tecnológicas do suporte Facebook, que, como já dito, consideraremos como um site de rede social. Em nossa descrição, consideraremos principalmente os aspectos interacionais, pois, enquanto suporte, o Facebook tem um formato específico e “foi comunicativamente produzido para portar textos e não é um portador eventual.” (MARCUSCHI, 2008, p. 175), tendo, desse modo, privilegiado determinados padrões interacionais em detrimento de outros.

De início, destacamos que o Facebook não é em si uma rede social, mas sim é um *software*, um site, cujas configurações tecnológicas objetivam e possibilitam que os usuários interajam, construindo laços e constituindo redes sociais. Assim, definimos as redes sociais como “um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009, p. 24), sendo, portanto, identificadas em nível pessoal ou institucional. Desse modo, como critério de distinção, ao referir o suporte ou *software* site de rede social Facebook, usaremos apenas o nome Facebook, mas, ao tratar de uma rede social, mencionaremos-na explicitamente, por exemplo, rede social Folha de S. Paulo. É nessa direção, de permitir os atores constituir conexões, que os mecanismos interacionais possibilitados nas configurações tecnológicas do site vão operar. Um primeiro elemento da configuração do Facebook que nos leva a compreendê-lo em seus propósitos é a necessidade de ‘efetuar login’, através de identificação e senha, para interagir dentro da plataforma; desse modo, todas as ações dentro do site são vinculadas a um perfil de usuário.

Se só nas relações intersubjetivas concretizadas por seus usuários é que as redes sociais acontecem, possuir um perfil e logar no sistema não é suficiente para que se efetuem conexões e se constitua uma rede, ainda que seja necessário. É nesse sentido que o Facebook dispõe de mecanismos mais específicos de conexão, fazendo emergir tanto interações reativas, caracterizadas “por relações determinísticas de estímulo e resposta” (PRIMO, 2003, p. 62

apud RECUERO 2009, p. 32), como interações mútuas, baseadas em “relações interdependentes e processos de negociação, em que cada interagente participa da construção inventiva e cooperada da relação, afetando-se mutuamente” (PRIMO, 2003, p. 62 p. apud RECUERO, 2009, p. 32).

No Facebook, consideramos os recursos ‘Comentar’, ‘Curtir’ (publicação ou comentário), ‘Responder’, ‘Compartilhar’, além do ‘Bate-papo’, como espaços para interações mútuas e podem, de acordo com Primo, “gerar relações mais complexas do ponto de vista social” (PRIMO, 2003 apud RECUERO, 2009, p. 34), constituindo o que Recuero (2009) chama de redes relacionais ou dialógicas, cujas relações são consideradas pela autora como esparsas. Já com os recursos ‘Adicionar aos amigos’, ‘Seguir’, ‘Curtir’ (no caso de página ou usuário público) e ‘Participar do grupo’, por exemplo, temos interações reativas, as quais estabelecem entre os usuários redes associativas. Consideramos que, no Facebook, essas redes associativas podem ser dos tipos pessoal, institucional ou comunitário, no entanto nossa descrição aqui se restringirá à rede social institucional, em função do espaço que observamos e de cujas interações constituímos nosso *corpus*.

A rede social institucional representa um indício claro da importância que os sites de rede social têm na atual conjuntura da comunicação e informação, incluído nisso o Facebook, devido sua popularidade. Muitas das grandes empresas, para não exagerar ao dizer ‘todas’, possuem um perfil institucional no site Facebook, constituindo com aqueles usuários que a seguem ou curtem – já que não se pode adicionar amigos nesse tipo de perfil – uma rede social, cujos objetivos se diferenciam em muitos aspectos da rede social pessoal, por exemplo. Esses perfis institucionais, que podem obter o selo de certificação oficial do Facebook, objetivam em sua rede estabelecer um canal de diálogo com seus clientes, promover ou difundir um produto, de modo a construir uma identidade da instituição no âmbito virtual. Nesse sentido, o caráter publicitário desse tipo de perfil é bem diferente do caráter confessional associado aos perfis pessoais, o que repercute nas interações possíveis na página e no grande número de seguidores, ou seja, outros atores associados em sua rede – muitos deles captados inclusive por meio da promoção financiada. Tal caráter publicitário se deixa entrever também na administração de perfis desse tipo, em grande parte administrados por um grupo de funcionários da instituição, e ainda na presença de elementos tecnológicos específicos, agregados à página para atender a essas demandas peculiares, tais como um aplicativo desenvolvido pela instituição, o mapa indicativo de sua localização, entre outros.

No nosso campo de observação, o âmbito jornalístico, tais páginas institucionais sintetizam a configuração tecnológica da Web 3.0 no que se refere à integração entre

comunicação e informação. Nelas, a informação entra no fluxo da comunicação por meio da replicação ou até mesmo da colaboração – muitas instituições midiáticas já solicitam contribuições de seus leitores acerca de algum evento, sendo as intervenções do público feitas por meio principalmente das redes sociais. Tal prática é tornada possível por causa da tecnologia de tags, recurso de indexação típico da Web 3.0 que possibilita o acesso mais rapidamente a esses conteúdos por meio da busca das tags utilizadas. Já a prática da replicação se fundamenta na concepção de que cada usuário da rede social é um potencial vetor de difusão por meio das ações discursivas operadas por ele, sobretudo o *compartilhamento de notícias* como veremos a seguir. Desse modo, as agências individuais se tornam um ambiente profícuo para desencadear agências coletivas de (des)legitimação de um conteúdo informativo, por meio da replicação. Por essa razão, a configuração da Web 3.0 permite um engajamento social mais acentuado, ao aliar à informação a comunicação, tendo sido inclusive associada a um poder de convocatória das novas mídias (Boris Fausto⁴¹), como, por exemplo, a Primavera árabe nos países do Oriente Médio e os Protestos de junho 2013 no Brasil.

4.4 A REDE SOCIAL FOLHA DE S. PAULO

Inicialmente convém caracterizar a página da Folha de São Paulo nos aspectos sobre os quais discorreremos no tópico acima, ou seja, em seus propósitos, nos recursos interacionais disponíveis e no perfil construindo na relação com o público, pois a página de uma instituição num site de rede social como o Facebook é distinta de uma página pessoal. A rede social da instituição jornalística Folha de São Paulo, cuja grafia no Facebook é **Folha de S. Paulo**, é uma página identificada como “transmissão e produção de mídia – jornal”, e em sua apresentação, no campo ‘Sobre’, faz referência direta a esta instituição jornalística por meio do link do site oficial (www.folha.com), descrevendo seu propósito como “levar a você o melhor conteúdo, com pluralismo, jornalismo crítico e independência. Esta página foi feita para receber a sua opinião”⁴². Nessa descrição curta, podemos de início perceber os objetivos da página como sendo, primeiramente, divulgar os conteúdos jornalísticos produzidos pela instituição Folha de São Paulo e, posteriormente, estabelecer um canal de diálogo com os usuários da página. Esses dois propósitos norteadores das ações vinculadas a esta rede social

⁴¹ Declaração de Boris Fausto no documentário *Junho, o mês que abalou o Brasil* (2013).

⁴² Disponível em: https://www.facebook.com/folhadesp/info/?tab=page_info Acesso 08 de out. de 2015.

se concretizam a partir de mecanismos interacionais disponibilizados pela página em consonância com os recursos oferecidos pelo site Facebook, como já descrito acima.

Vinculadas ao primeiro objetivo da página, estão a certificação da página, em que o usuário ao passar o mouse sobre o ícone  pode ler “o Facebook confirmou que esta é uma página autêntica para esta figura pública, empresa de mídia ou marca”, e a identificação da mesma como ‘transmissão e produção de mídia’, como já dito. Há ainda recursos mais exclusivos para páginas institucionais que funcionam dentro desta rede social como espaços de difusão jornalística, sendo este o caso dos aplicativos ‘Seja assinante’, ‘Instagram’ e ‘Compartilhe!’. Esses recursos são utilizados de modo acessório ao mecanismo primordial de divulgação dos conteúdos do jornal via publicação, chamada também postagem ou post.

A publicação, localizada no espaço da ‘Linha do tempo’ e difundida na página inicial ou *Feed* de notícias de cada usuário associado a essa rede, é um dos recursos mais básicos e utilizados nas redes sociais do Facebook e possibilita que os mais diversos atores possam interagir por meio dos recursos de ‘Comentários’, ‘Curtidas’ e ‘Compartilhamentos’, ações estas associadas ao *post matrix*. É válido ressaltar que o mecanismo ‘Publicação’ não é em si uma ação discursiva específica, mas sim um suporte em que os atores podem agir discursivamente, lançando mão de recursos gráficos, imprimindo em suas ações contornos particulares aos seus propósitos discursivos e constituindo ações discursivas específicas. No caso da Folha de S. Paulo, o espaço ‘Publicação’ é utilizado, em consonância com a maioria dos recursos desta rede social, para promover, divulgar os conteúdos de modo que eles alcancem o maior número de leitores. Desse modo, as publicações realizadas pela Folha de S. Paulo se caracterizam basicamente como divulgação das notícias produzidas pelo Jornal Folha de São Paulo e apresentam majoritariamente dois elementos: uma imagem acompanhada da manchete da referida notícia e o link que remete para a notícia no site oficial do jornal, havendo eventualmente alguma espécie de comentário sobre a notícia, como exemplifica a imagem abaixo (Exemplo 1).

Folha de S. Paulo

2 h · Editado ·

COMENTÁRIO

LINK

IMAGEM

Veja o vídeo do animal se aproximando do bebê:
<http://uol.com/bvqgWR> (via F5) #folha

Veado faz 'photobomb' em foto de bebê e fofice viraliza na internet

MANCHETE

F5.FOLHA.UOL.COM.BR

382 curtidas · 16 comentários · 17 compartilhamentos

Curtir · Comentar · Compartilhar

382 pessoas curtiram isso. Principais comentários ·

17 compartilhamentos

Escreva um comentário...

Antony [nome oculto] Veado gosta mesmo de se aparecer... rs
 Curtir · Responder · 5 · 2 h

Jeferson [nome oculto] Olha uma Criança... e um São-paulino Bambi

3 convites para evento

PÁGINAS SUGERIDAS Ver tudo

Seminário Paradigmas do Ensino de Literatura
 Representações do ensino de Literatura e do perfil docente
 Inscrição de 07 a 30 de setembro
07 de Outubro

IV Sepel 2015 - UFPE
 Educação · 389 curtidas
 Daniel e outros 10 amigos curtiram isso.
 Curtir Página

Português (Brasil) · Privacidade · Temos Cookies · Anúncios · Opções de anúncio · Mais ·
 Facebook © 2015

Exemplo 1 - Descrição da página Folha de S. Paulo
 Fonte: Facebook

Por causa dessa configuração, as publicações realizadas pela própria página Folha de S. Paulo funcionam como compartilhamentos, uma vez que disseminam conteúdos com objetivos de ofertá-los, difundi-los; no entanto, adiantamos que esse tipo de compartilhamento é distinto do *compartilhamento de notícias*, nosso objeto de investigação, pois este se caracteriza como uma publicação, por não ser realizado a partir da ferramenta interacional “Compartilhar” e não incorporar em si a referência à outra rede social.

Ainda sobre o objetivo da página Folha de S. Paulo em difundir os conteúdos do jornal, a aplicação da configuração de privacidade como pública se torna estratégica para o sucesso dessa difusão, pois caso contrário apenas os usuários já vinculados a esta rede teriam acesso às publicações e, conseqüentemente, aos conteúdos divulgados. Desse modo, a configuração de privacidade possibilita que não só todos os usuários do site de rede social Facebook tenham acesso à difusão destes conteúdos como também possam interagir ou intervir discursivamente nas publicações da página. Assim, ser um ator vinculado à página (ser um seguidor) não é uma condição necessária para curtir, compartilhar ou comentar as

publicações feitas pela Folha de S. Paulo, sendo, portanto, ilimitado o alcance de tais publicações.

A configuração de privacidade como pública também é estratégica para o propósito secundário da rede social Folha de S. Paulo: ‘receber sua opinião’. Com o objetivo de estabelecer um canal de *feedback* com seu público, a página Folha de S. Paulo possibilita aos usuários do site Facebook alguns mecanismos interacionais específicos para este fim, embora outros recursos discursivos genéricos ainda possam ser utilizados indiretamente. Como recursos específicos para o *feedback*, há na página Folha de S. Paulo um recurso chamado ‘Avaliações’, em que os usuários do site Facebook são convidados a ‘dizer às pessoas o que acham’ sobre a rede social Folha de S. Paulo, podendo inclusive utilizar a marcação na escala de uma a cinco estrelas; há ainda um recurso de ‘Sugestão de edição’, em que os usuários podem sugerir complementação das informações do perfil institucional. No ramo das ações universais aos perfis do site de rede social Facebook que servem ainda como um retorno avaliativo, estão os recursos de ‘Denunciar’ ou ‘Bloquear a página’, além do suporte para mandar mensagens via ‘Bate-papo’. Quanto aos recursos genéricos que são utilizados indiretamente pelos usuários do Facebook para expressar sua opinião, estão os recursos ‘Compartilhar’, ‘Responder’, ‘Curtir’⁴³ e ‘Comentar’; tal uso se justifica na universalidade destes mecanismos nas mais diversas interações e redes que emergem dentro do site Facebook e na consequente familiaridade que os usuários têm com tais recursos. Porém, nessas ações, as opiniões dos usuários ficam dispersas e talvez não sejam tão efetivas quanto àquelas que foram expressas nos espaços destinados a esta finalidade. Ainda assim, essas declarações surgem e têm repercussão, pois os mecanismos disponíveis na Web 3.0 para indexar um conteúdo possuem um sofisticado recurso de busca, rastreamento e localização, por meio das *tags* ou *hashtags*.

Desse modo, podemos perceber que as possibilidades dadas pelas configurações tecnológicas do site Facebook e da rede social Folha de S. Paulo permitem um intercâmbio de mensagens, ações e informações, estabelecendo laços entre os usuários e constituindo uma rede social efetivamente. Podemos perceber também que as interações se concentram nas publicações localizadas na linha do tempo, publicações estas que, no caso da Folha de S. Paulo, se caracterizam pela difusão de conteúdos noticiosos provenientes exclusivamente do

⁴³ Embora o Facebook tenha anunciado recentemente a implementação do mecanismo de *não curtir*, este ainda não foi efetivamente implementado, não estando disponível para os usuários durante o processo de coleta e análise dos dados (2014-2015).

Jornal Folha de São Paulo ou Portal UOL, sendo inclusive a ação almejada pela página a replicação por meio da ferramenta ‘Compartilhar’.

4.5 O *COMPARTILHAMENTO DE NOTÍCIAS*: UMA CARACTERIZAÇÃO

Já explicitamos que o *compartilhamento de notícias* é uma ação discursiva disponível no site de rede social Facebook, sendo talvez aquela mais característica do tipo de interação que o site Facebook objetiva, uma vez que na página inicial o potencial usuário ao ser chamado a ingressar na rede é convidado também a “**compartilhar** o que quiser com quem é importante em sua vida” (FACEBOOK, 2015 – ênfase nossa). Consideramos que haja no site de rede social do Facebook, pelo menos, dois tipos de compartilhamentos: o primeiro, sobre o qual já falamos acima, se caracteriza estruturalmente como uma publicação, ainda que funcione como um compartilhamento por ter anexado um link ou um arquivo a ser difundido; apesar deste funcionamento discursivo, manteremos esse tipo de ação sob denominação genérica de ‘publicação’, como é chamada pelo site Facebook. Já o segundo tipo, o *compartilhamento*, provém da ação ‘Compartilhar’, interna às configurações do Facebook, ação esta que ao estar relacionada a redes sociais jornalísticas, distinguiremos como *compartilhamento de notícias*, em que diante de uma publicação de uma rede social jornalística, no caso a Folha de S. Paulo, que chamaremos aqui de *post matriz*, o usuário clica sobre o comando ‘Compartilhar’, como ilustra o exemplo a seguir (Exemplo 2).

Facebook

https://www.facebook.com

Procure pessoas, coisas e locais

Gih Página inicial

FOLHA Folha de S. Paulo
5 h · 🌐

Será que pequenos leitores brasileiros vão lidar bem com esse tipo de literatura? "Não se deve poupar a criança dos sentimentos considerados 'para baixo', pois eles existem, fazem parte da vida", diz Sonia Junqueira, responsável pelos livros infantis da editora Autêntica. "Vivenciá-los, seja na realidade, seja em livros e filmes, faz parte do amadurecimento." (via Folha Ilustrada) #folha

Livros infantis de criaturas melancólicas voltam ao país
WWW1.FOLHA.UOL.COM.BR

413 curtidas 20 comentários 76 compartilhamentos

👍 Curtir 🗨 Comentar ➦ **Compartilhar**

Enviar para amigos ou publicar na sua linha do tempo.

Ver todos

Português (Brasil) · Privacidade · Termos · Cookies · Anúncios · Opções de anúncio · Mais · Facebook © 2015

Exemplo 2 - Descrição do comando "Compartilhar".

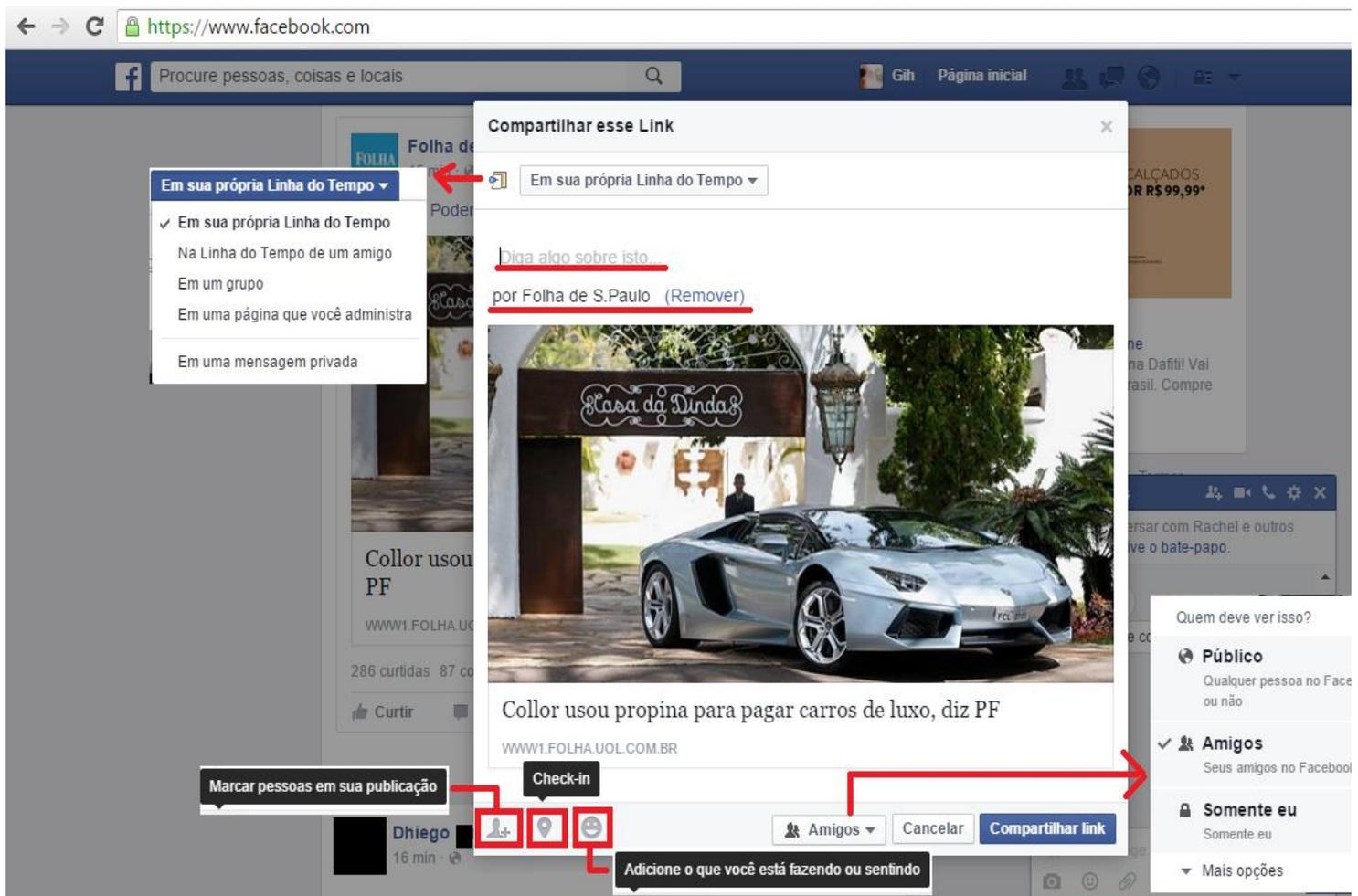
A descrição aqui pretendida versará principalmente sobre este segundo tipo de compartilhamento, mais especificamente sobre o *compartilhamento de notícias*, por serem as unidades interacionais de nosso *corpus* originadas dessa interação. Tivemos certa resistência em tratar o *compartilhamento de notícias* como um gênero. No entanto, concebendo que “mais do que uma forma o gênero é uma ação social tipificada, que se dá na recorrência de situações que tornam o gênero reconhecível” (MARCUSCHI, p. 17) e partindo do pressuposto de que “gêneros são o que as pessoas reconhecem como gêneros a cada momento do tempo, seja pela denominação, institucionalização ou regularização. Os gêneros são rotinas sociais do nosso dia a dia.” (BAZERMAN, 1996 apud MARCUSCHI, p. 16), acabamos por nos convencer, à medida que fomos nos familiarizando, principalmente, com os usos feitos dessa ação técnica disponível no Facebook e sua estruturação, que tratar o *compartilhamento de notícias* como um gênero discursivo não só não era inconsistente como também era necessário. Em princípio, partimos da compreensão do *compartilhamento de notícias* como a prática discursiva realizada a partir de uma ação reativa feita pelo usuário do Facebook ao

clicar sobre o comando ‘Compartilhar’, um recurso previsto nas configurações tecnológicas do Facebook para dar conta dos propósitos desse site de rede social (Compartilhe o que quiser com quem é importante em sua vida).

Nossa abordagem do *compartilhamento de notícias* enquanto gênero textual contemplará tanto a caracterização da sua **função e seu reconhecimento como tal**, quanto a descrição de seus **elementos composicionais**, pois “os gêneros não são superestruturas canônicas e deterministas, mas também não são amorfos e simplesmente determinados por pressões externas” (MARCUSCHI, 2006, p. 25). Para tanto, partiremos da concepção do gênero como uma prática, nos baseando primordialmente em estudos de perspectiva enunciativa (BAKHTIN, 2003) e sócio-retórica (BAZERMAN, 2007; MARCUSCHI, 2005, 2006, 2007, 2008; ERICKSON, 1997) sobre os gêneros textuais, e buscaremos em seguida descrever alguns aspectos técnicos e discursivos do *compartilhamento de notícias* que estão disponíveis como recursos interacionais. De acordo com Marcuschi, as dimensões sócio-comunicativas são centrais para a caracterização e análise dos gêneros, principalmente no que se refere “a função e organização, ao conteúdo e meio de circulação, aos atores sociais envolvidos e atividades discursivas implicadas, ao enquadre sócio histórico e atos retóricos praticados” (MARCUSCHI, 2006, p. 26). Associando essas dimensões especificamente à prática do *compartilhamento de notícias*, podemos perceber na recorrência dessa prática uma função bem delimitada, associada, por sua vez, não só às tecnologias disponíveis no site de rede social Facebook como também à concepção do que é a Web 3.0: a função de integrar informação e comunicação por meio da colaboração dos atores de uma dada rede social. No entanto, não é trivial que essa prática e sua respectiva função estejam associadas a uma inovação tecnológica, sendo necessário observar, portanto, “as propriedades das situações recorrentes em que o gênero é empregado, incluindo as forças institucionais, tecnológicas e sociais que dão origem às regularidades do discurso.” (ERICKSON, 1997, online). Portanto, para uma descrição do compartilhamento, partiremos das forças tecnológicas, uma vez que essa prática discursiva só existe em função de um recurso tecnológico interno às configurações do Facebook.

A ação do compartilhamento está associada necessariamente a presença, já no site de rede social Facebook, de uma prática discursiva, que será objeto de replicação e constituirá junto com outros elementos uma nova prática discursiva. Como um recurso tecnológico, essa

prática apresenta um caráter formulaico⁴⁴, como preconiza Marcuschi (2005), e impõe determinados elementos à prática discursiva que emerge a partir deste recurso. No caso do *compartilhamento de notícias*, podemos observar que o usuário do site de rede social Facebook, diante de uma publicação de um usuário institucional jornalístico (a que chamaremos objeto compartilhado), ao acionar o comando ‘Compartilhar’, tem aberta na sua página do Facebook a seguinte caixa de diálogo (Exemplo 3) com uma configuração que, ao mesmo tempo em que permite algumas ações, exclui outras.



Exemplo 3 - Descrição do 'formulário' Compartilhamento

⁴⁴ Em suas observações sobre o caráter formulaico das práticas discursivas da Web, Marcuschi (2005, p. 30) discorre que as interações digitais apresentam um caráter formulaico pois os interactantes são convidados a preencher com tais e quais informações, sendo essas informações preenchidas discursivamente, e não como múltipla escolha (2005, p. 30). No entanto, diferentemente dessa constatação do linguísta, identificamos em nossas observações que, atualmente, tais informações ora são preenchidas como múltipla escolha, como no caso de ‘Quem pode ver isto’ ou ‘Onde compartilhar o link’, ora são preenchidas discursivamente, no caso do ‘Diga algo sobre isto’, se manifestando apenas nesta última forma o caráter inventivo da língua. Essas diferenças decorrem do fato de as práticas observadas corresponderem a configurações tecnológicas distintas, quais sejam, a Web 1.0 e a Web 3.0.

Entre as possibilidades de recursos do compartilhamento, temos: a) a destinação do objeto, se este será compartilhado na própria rede social ou em uma outra; b) a configuração de privacidade, se pública ou restrita; c) o espaço “Diga algo sobre isso”, cuja existência se constitui como elemento diferencial do *compartilhamento de notícias* em relação às demais práticas presentes no Facebook, pois nele o interactante toma como objeto do dizer o publicação de outrem, podendo expressar neste espaço o tipo de relação que mantém com o objeto compartilhado. Tal recurso, ao qual denominamos *comentário do compartilhamento*, portanto, será de importância central para a nossa investigação por consistir no espaço em que os interactantes agem discursivamente de forma mais explícita, sendo o espaço de edificação do sentido irônico. Há ainda outros recursos facultativos que também estão presentes em outras ações do site Facebook, como marcar um amigo ou inserir localização (check-in). Alguns elementos, por outro lado, são de natureza compulsória e, após o usuário clicar sobre o comando ‘Compartilhar link’, aparecerão obrigatoriamente no objeto de figura, a exemplo da explicitação da rede social de onde provém o objeto compartilhado e da própria ação de compartilhar, como podemos ver abaixo na imagem abaixo (Exemplo 4) de um *compartilhamento de notícias* efetivo.

enunciador-replicador → Samambaia [redacted] compartilhou a foto de Folha de S. Paulo ← ação

comentário do compartilhamento → Repassando porque compartilho tambem o ponto de vista!!!

imagem → [Photo of Levy Fidelix]

comentário do objeto compartilhado → Folha de S. Paulo → enunciador-fonte

→ Em debate, Levy Fidelix associa homossexuais à pedofilia e prega enfrentamento aos gays. <http://uol.com/bid/Wyx> (via Folha Poder) → link

Compartilhar comando para compartilhar

curtidas 9 pessoas curtiram isso.

Jeyson [redacted] Compartilha com o que exatamente? Que gay devem ser combatidos? 29 de setembro de 2014 às 16:05

Claudia [redacted] Boa pergunta... tb nao entendi.

comentários © 2015

Exemplo 4 - Descrição do Compartilhamento

Na concretização do *compartilhamento de notícias*, é importante observar como a natureza compulsória de certos elementos reflete um funcionamento discursivo peculiar operando dentro desta prática discursiva. A inevitável referência a uma rede social e a clara expressão da ação ‘**compartilhou**’ estabelecem dentro do *compartilhamento de notícias* uma relação de intertextualidade⁴⁵, na qual pelo menos dois enunciadores são creditados: aquele que opera o compartilhamento, que chamaremos *enunciador-replicador* (no exemplo é Samambaia), e aquele que primeiro publicou o objeto, que chamaremos *enunciador-fonte* (no nosso *corpus* sempre será a Folha de S. Paulo). A intertextualidade também se manifesta no fato de que os enunciados, aquele feito na publicação inicial, chamado *comentário do objeto compartilhado* e aquele feito quando da ação de compartilhamento, denominado *comentário*

⁴⁵ No caso do compartilhamento de um link externo ao site de rede social Facebook, existe uma relação de intertextualidade, no entanto, a referência à fonte não é explicitada no próprio compartilhamento, porque esta fonte externa ao Facebook não se caracteriza como um ator dessa rede social.

do compartilhamento, coabitam na materialidade linguística. É válido ressaltar que, enquanto o *comentário do compartilhamento* é um elemento possível no compartilhamento, o *comentário do objeto compartilhado* é um elemento fixo na estruturação, não podendo sob nenhuma hipótese ser editado ou removido, como também o é a imagem ilustrativa.

É a essa configuração híbrida, uma vez que elementos provenientes da publicação-fonte mantidos (enunciador-fonte, comentário do objeto compartilhado e imagem) e elementos novos sobrepostos aos primeiros (“diga algo sobre isto”) coabitam na mesma materialidade linguística, que os atores da rede social na qual esse *compartilhamento de notícias* circulará irão reagir, por meio de recursos como ‘Curtir’ (curtidas), ‘Comentar’ (comentários), ‘Responder’ e também ‘Compartilhar’, desencadeando uma série de interações. Ainda em razão dessa relação intertextual, provêm implicações discursivas, tais como a extensão do objeto compartilhado de uma rede social institucional jornalística à outra, na maior parte das vezes de caráter pessoal. Essa expansão do meio de circulação do objeto difundido leva tanto a uma legitimação da instituição jornalística, em razão da difusão de seus conteúdos, quanto proporciona à interação pessoal maior credibilidade sobre o fato propagado, por se tratar de conteúdos jornalísticos de instituições midiáticas devidamente certificadas pelo Facebook.

Intuímos, pois, que o *compartilhamento de notícias*, ao mesmo tempo em que opera sob diferentes contextos de circulação, institui, por causa de suas características temáticas ou semântico-objetais (BAKHTIN, 2003), contextos de circulação discursiva, constituindo no nosso caso o contexto jornalístico. Todavia, a real novidade do *compartilhamento de notícias* reside na diferenciação de sua dinâmica interacional em relação à difusão jornalística anterior à Web 3.0, por dois motivos. O primeiro motivo é que cada usuário do site de rede social Facebook é considerado um vetor crucial na difusão, por meio do *compartilhamento de notícias*, dos conteúdos noticiosos produzidos por instituições jornalísticas. Assim, na ação de replicação, o *enunciador-replicador* objetiva majoritariamente informar um fato ou acontecimento aos demais usuários da rede social em que o *compartilhamento de notícias* é efetuado, integrando os dois pilares das TICs: a informação e a comunicação. Desse modo, ainda que no *compartilhamento de notícias* esteja previsto um espaço para uma atuação comunicativa, a ação ‘Compartilhar’ se caracteriza principalmente pela centralidade na informação, uma vez que, mesmo compartilhando a publicação através de um amigo e não através da instituição midiática (no caso, Folha de S. Paulo), os rastros enunciativos de procedência da publicação sempre serão da instituição midiática, ou seja, do *enunciador-*

fonte, aquele que primeiro disponibilizou o conteúdo noticioso no site de rede social Facebook.

No entanto, apesar dessa centralidade na informação, essas ações dos usuários não se dão de forma vazia de subjetividade, de forma mecânica, pois entram no fluxo comunicacional de suas redes pessoais, integrando informação e comunicação e sendo permeadas pela subjetividade dos usuários, sendo esta a segunda razão do caráter de novidade do *compartilhamento de notícias*. Desse modo, ao operar o compartilhamento, o interactante estabelece uma comunicação, que ocorre quando este, ao ser incitado a ‘dizer algo sobre’ o objeto compartilhado e fazê-lo, vai além da difusão ‘imparcial’ de uma notícia, expressando suas opiniões e colocando-se como agente. No contexto eleitoral, período no qual constituímos nosso *corpus*, o poder enunciativo desse espaço de expressão do *enunciador-replicador* torna-se potencialmente interessante, pois os indivíduos podem tirar proveito da pretendida imparcialidade da mídia para apresentar os fatos ali expostos como argumentos irrefutáveis, dada a sua pretensa objetividade e conseqüente veracidade; assim, o *comentário do compartilhamento*, ou seja, o posicionamento do *enunciador-replicador* sobre o objeto compartilhado, funciona usualmente ratificando a veracidade do fato noticiado. Assim, ao compartilhar uma notícia sobre a corrida política e se posicionar diante dela, o *enunciador-replicador* não só não objetiva unicamente informar, como pretende principalmente persuadir sua audiência. Por fim, a intersecção entre esses dois motivos nos permite concluir que essas ações sociodiscursivas operadas através do *compartilhamento de notícias* são importantes pilares dos processos de (des)legitimação dos conteúdos midiáticos.

Portanto, podemos concluir que a real novidade é “o enquadre que forma a noção do gênero” (MARCUSCHI, 2005, p. 17), e não a mudança estrutural, até porque, no caso do *compartilhamento de notícias*, não conseguimos identificar sua contraparte não virtual para contrastar as estruturas. Assim, consideramos plausível considerar o *compartilhamento de notícias* como um gênero, na medida em que este “parece ser um enquadre (frame) útil para analisar e projetar sistemas conversacionais online porque ele fornece o pano de fundo (foregrounding) para o meio discursivo e encoraja o exame de caminhos nos quais características do meio moldam as práticas que se dão no seu interior” (ERICKSON, 1997, online). Desse modo, o gênero é uma importante pista de contextualização sobre o que se pretende com a ação discursiva, constituindo-se, para os demais integrantes da interação, como o principal norte do que se faz ou se pretende fazer através daquela prática discursiva, pois

um gênero é um padrão de comunicação criado pela combinação de forças individuais, sociais e técnicas implícitas numa situação comunicativa recorrente. Um gênero estrutura a comunicação ao criar expectativas partilhadas acerca da forma e do conteúdo da interação, atenuando assim a pressão da produção e interpretação. (ERICKSON, 1997, online)

No caso do *compartilhamento de notícias*, partilhar esse padrão de comunicação e essas expectativas se faz ainda mais crucial, pois, ao se estender de uma rede a outra – uma vez que é operado em uma rede social de outrem (no caso Folha de S. Paulo), mas é registrado na rede social destinada (minha própria linha do tempo, linha do tempo de um amigo ou de um grupo) – o *compartilhamento de notícias* agrupa uma série de informações (do *post matriz* e da própria ação de compartilhar) de modo que precisa organizá-la de forma característica para que os interactantes compreendam essa ação e saibam como reagir a ela. Desse modo, concordamos com Marcuschi (2005, p. 18) que “os gêneros virtuais são formas bastante características de contextualização” que não devem ser tomadas, segundo o autor, “como um simples processo de situar o gênero numa situação exteriorizada, mas sim como enquadre cognitivo” (MARCUSCHI, 2005, p. 18).

No caso do enquadre construído a partir do *compartilhamento de notícias*, podemos considerar que a explicitação da ação ‘compartilhou’ na configuração formulaica da interação, ao mesmo tempo em que instaura na enunciação dois enunciadores (o *enunciador-fonte* e o *enunciador-replicador*), estabelece parâmetros de confiabilidade do conteúdo difundido. Desse modo, a ação se configura, no contexto eleitoral estudado, como uma tentativa de persuasão por meio de dados jornalísticos, se dando o fluxo interacional em consonância com essa implicação inicial, de modo que todos os possíveis atores da rede social em que o compartilhamento foi publicado podem reagir a essa tentativa de persuasão, concordando ou rebatendo-a.

Essas reações podem ser feitas através da interação reativa de ‘Curtir’ ou através das interações mútuas de ‘Comentar’ e ‘Responder’, sendo estas mais interessantes para nossa observação da interação irônica. As ações ‘Comentar’ e ‘Responder’ no site de rede social Facebook se caracterizam pela produção de materialidade verbal e, eventualmente, pela inserção de imagens, gifs (vídeo reproduzidos instantaneamente de duração de poucos segundos) ou vídeos. O comentário é efetivado quando, após clicar sobre o campo ‘Comentar’ e preenchê-lo com os recursos escolhidos, o usuário o envia à rede social, por meio do botão ‘Enter’. Dados esses comandos relativamente simples (não precisa fazer um upload de arquivo, por exemplo), o funcionamento interacional dessa ação geralmente apresenta um

dinamismo acentuado, embora a dinâmica interacional esteja relacionada muito mais às trocas feitas e ao envolvimento dos interactantes do que a meras configurações tecnológicas (FRAGOSO, RECUERO e AMARAL, 2011).

Inicialmente, convém destacar que o fluxo dos comentários decorrentes se caracteriza por uma dependência discursiva tanto em relação ao *compartilhamento de notícias* quanto em relação aos demais comentários presentes, embora o contrário não aconteça, se estabelecendo uma relação hierárquica entre o *compartilhamento de notícias* e os demais comentários. As contribuições de cada interactante ficam armazenadas e se organizam de dois modos: os comentários sobre o *compartilhamento de notícias* aparecem juntos automaticamente; já as respostas aos comentários são aninhadas junto a estes aos quais respondem, precisando clicar sobre ‘respostas’ para ter acesso a elas. Eventualmente, os usuários respondem a um comentário específico utilizando não da ferramenta ‘Responder’, mas a própria ferramenta ‘Comentar’, assim as respostas ficam agrupadas junto ao *compartilhamento de notícias*, sendo necessário observar as características temáticas para estabelecer essas relações de comentário-resposta.

É possível a qualquer integrante da rede social em que o compartilhamento foi operado se engajar no fluxo interacional, de modo que as interações decorrentes do compartilhamento podem envolver uma infinidade de atores, estabelecendo relações multilaterais. Os interactantes, ainda que não possuam recursos como gestos e direcionamento do olhar para sinalizar a quem seu turno conversacional está sendo dirigido, contam com um mecanismo de menção ao seu interlocutor, ao linká-lo através de referência ao seu perfil. Por fim, dados o caráter multilateral e o registro automático das interações referentes ao *compartilhamento de notícias*, vemos nesse tipo de ação sociodiscursiva um caráter assíncrono, não exigindo respostas imediatas, ainda que elas possam ocorrer em virtude do alto grau de conectividade que temos atualmente, redimensionando eventualmente o dinamismo da interação.

Vimos como o gênero *compartilhamento de notícias*, em seu caráter formulaico, apresenta e impõe aos interactantes características específicas, tais como a necessária explicitação da ação operada e a conseqüente referência ao enunciador fonte. Pudemos também observar como os componentes semântico-objetais interferem na funcionalidade que o compartilhamento adquire no caso do objeto compartilhado ser uma notícia e como esse funcionamento explicita o caráter da Web 3.0, fundamentado na integração entre informação e comunicação. Por fim, pudemos notar que os interactantes podem interagir com a ação do *compartilhamento de notícias* através dos recursos de ‘Curtir’, ‘Comentar’ e ‘Responder’,

sendo os últimos mecanismos espaços de uma reação discursiva e estabelecendo uma relação de dependência diante do *compartilhamento de notícias*.

5 A DISPUTA PRESIDENCIAL DE 2014 E SUA INCLINAÇÃO À IRONIA

“A criação de significados é sempre uma atividade que ocorre num contexto específico.” (HUTCHEON, 2000, p. 90)

“estritamente falando, a ironia está apenas potencialmente no fenômeno e é efetivada somente quando o observador irônico representa-a para si mesmo ou o autor irônico apresenta-a aos outros.” (MUECKE, 1995, p. 62)

Neste capítulo, contextualizamos historicamente a disputa presidencial das eleições de 2014, por ser ela o objeto temático das nossas unidades interacionais, os *compartilhamentos de notícias*. Inicialmente, mencionamos o panorama inédito da democracia brasileira em 2014, associado à democracia representativa, política, mas principalmente à democracia de mídia. Posteriormente, situamos a disputa eleitoral em relação às associações entre os candidatos e o papel da mídia na cobertura da disputa presidencial. Por fim, articulamos esse panorama com as práticas discursivas realizadas na Internet, mas repercutidas na vida ordinária.

Além das considerações sobre a unidade interacional, se faz também pertinente traçar algumas considerações a respeito do objeto temático sobre o qual versaram os *compartilhamentos de notícias* que constituíram nosso *corpus*. Nesse sentido, propomos um breve panorama das disputas eleitorais para a Presidência da República, no ano de 2014, pois, como Kerbrat-Orecchioni alerta e preconiza, “para o enfoque interacionista (...), o objeto de investigação não são frases abstratas, mas discursos atualizados em situações de comunicação concretas” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 27) e nosso objeto de investigação são discursos atualizados dentro de uma conjuntura histórica muito específica. Consideramos o panorama desse modo, pois a própria repercussão da disputa nas mídias nos leva a tal conclusão. Ao término das eleições presidenciais de 2014, um adjetivo bastante recorrente nas manchetes de jornais para caracterizar a disputa presidencial foi “acirrada”; de fato, o pleito de 2014 foi muito disputado, com a menor margem de diferença de votos entre os dois candidatos no segundo turno desde a redemocratização, e inaugura sem dúvida alguma uma nova forma de fazer política, com todo o tom irônico que o termo “nova” adquiriu ao longo das eleições. A peculiaridade das disputas presidenciais de 2014 se deve a múltiplos fatores: as eleições presidenciais de 2014 são as primeiras em que vigora a Lei da Ficha Limpa (BRASIL, 2010) e é também, no âmbito do governo federal, a primeira disputa, desde a redemocratização, em que um partido, no caso o Partido dos Trabalhadores (doravante PT),

permanece tanto tempo como chefe do poder executivo (12 anos). Esse prolongamento implicou ao governo da situação um desgaste político e uma série de rupturas, entre as quais emergiu a chapa Eduardo Campos e Marina Silva (ex-integrante do PT), como candidatos à Presidência e Vice-Presidência respectivamente pelo Partido Socialista Brasileiro (PSB).

A chapa dos pessebistas seria elemento fundamental na corrida ao Planalto, pois, após um início de campanha tímido, o então candidato Eduardo Campos morre inesperadamente em um acidente aéreo, sendo substituído por sua vice, Marina Silva. A candidatura socialista representava para o PT o enfraquecimento da base governista diante da oposição tucana, um adversário já velho conhecido. Já, ao Partido Social Democrata do Brasil (PSDB), a chapa de Marina surgia como a pedra no caminho, pois, antes considerado como único candidato capaz de derrotar o PT, o tucano Aécio Neves, diante da arrancada de Marina, se via cada vez mais distante do segundo turno. O impulso da campanha de Marina foi tal, que pesquisa realizada pelo Ibope entre os dias 23 e 25 de agosto de 2014, divulgada pela Folha de São Paulo no dia 26 de agosto (2014, *online*), indicava vitória da candidata sob a atual presidenta Dilma Rousseff.

O PSB e sua candidata seriam, assim, elementos centrais da disputa, por pelo menos dois motivos: a) a pretensa quebra da polarização PT x PSDB, pois era a primeira vez na história política brasileira, desde a redemocratização, que outro partido além do PT e PSDB tinha chances reais de vitória; e b) a proposta de uma nova forma de fazer política. Essa proposta de reoxigenação do panorama eleitoral se fazia extremamente oportuna devido à insatisfação da sociedade civil com o cenário político posto, pois, desde 2013, quando as ruas foram tomadas por milhares de pessoas com demandas extremamente plurais, ficou evidente que uma parcela significativa da cena política brasileira apresentou-se muito inadequada aos anseios da população e, portanto, carente de reformulações: Marina surgia como a concretização dessa reformulação.

Se, a partir dos dados especificamente políticos, o contexto da disputa figura ímpar, ao considerarmos como os debates sobre as eleições se estenderam para a sociedade civil, temos um panorama ainda mais inédito na história da nossa democracia. A última campanha presidencial se apresenta como um processo inédito na nossa democracia, por estar associada a outro tipo de democracia: a democratização dos meios de informação. Desde a última revolução dos recursos computacionais, com o advento da Web 2.0, a Internet tem sido associada a uma democratização da informação; estamos cientes de que tal associação requer algumas discussões para elucidar melhor o que se entende por democratização e que tipo de informação está em jogo. No entanto, aqui não nos caberá aprofundar essa discussão, mas

partimos do pressuposto de que há uma democratização da posição do dizer, ou seja, a informação que circula na rede não é apenas produzida por jornalistas respaldados por instituições consagradas, mas também por usuários comuns da própria rede, como descrito na seção 4.1. Nessa configuração da Web 2.0, esses usuários podem, inclusive, imprimir, na materialidade dos textos informativos institucionais, suas leituras, por meio de comentário, curtidas etc., além da própria repercussão em termos de replicação do conteúdo, característica associada, como vimos, à Web 3.0.

A influência das redes sociais na disputa eleitoral se fez sentida na firme presença dos candidatos, por meio de perfis oficiais, nas redes sociais mais populares: os principais candidatos à Presidência mantiveram ao longo do pleito, pelo menos, uma página no site de rede social Facebook, nosso local de investigação. Nessas páginas, os candidatos apresentavam a rotina das campanhas, divulgavam as suas propostas, criticavam seus opositores e instigavam, evidentemente, o engajamento dos seus simpatizantes. Essa dinâmica também se estendeu aos jornais e tivemos parte da cobertura jornalística das eleições presidenciais encontrando nas redes sociais um local privilegiado de divulgação e replicação dos conteúdos jornalísticos. Tal fenômeno já havia sido observado por Recuero (2009) a respeito da corrida presidencial norte-americana ainda no ano de 2008 e podemos compreender que ele está intimamente associado à democratização do acesso à rede mundial de computadores.

Diferentemente dos Estados Unidos, em que o acesso à Internet atingiu mais da metade da população já no ano de 2000, o Brasil só alcançou esse número 14 anos depois (BRASIL, 2013). A democratização do acesso nesses dois países se deu em momentos diferentes da história da Web e isso faz toda a diferença quando pensamos em termos de atividade social. Apesar de nos anos 2000 metade da população norte-americana já ter acesso à Internet, os recursos tecnológicos dessa Web 1.0 não possibilitavam aos usuários comuns interagir produzindo textos, pois a exigência por parte da configuração tecnológica do domínio da linguagem programática surgia como um entrave a essas ações de produção textual. Desse modo, justifica-se em certa medida que, apenas no ano de 2008, com o advento da Web 2.0, esse espaço interacional e informacional tenha se tornado estratégico nas campanhas presidenciais norte-americanas. Do mesmo modo, justifica-se que apenas após a efetivação do acesso à Internet (no ano de 2014) essa mídia informacional e comunicacional se torna estratégica para a campanha eleitoral brasileira. É válido ainda ressaltar que nossa democratização do acesso a Internet já se deu no momento da configuração da Web 3.0, a qual, como já dito, compartilha com a Web 2.0 algumas características, mas se diferencia por

articular de modo simbiótico os recursos de comunicação aos recursos de informação. Desse modo, percebemos nessa relação simbiótica uma potencialidade do uso da Internet nas corridas presidenciais.

Diante de tal panorama, pudemos compreender que, diferentemente das eleições nacionais anteriores em que meios de comunicação apresentavam-se majoritariamente de modo unilateral (mídia → sociedade civil), os recursos midiáticos mais expressivamente utilizados nas últimas eleições, principalmente aqueles provenientes do recurso da Internet e sua popularização, permitiram que os eleitores tanto consumissem as informações que circulavam por esses meios quanto comunicassem/replicassem informações, uma vez que os recursos disponíveis nesses artefatos culturais possibilitam que nem a posição do dizer nem a divulgação sejam exclusivas de grupos institucionais.

Desse modo, pudemos observar no agendamento digital dos temas eleitorais um movimento duplo: tanto dos meios de comunicação ditando o que deveria ser falado sobre os candidatos e sobre a disputa eleitoral quanto dos leitores legitimando esses dizeres, por meio de suas ações discursivas de comentar e compartilhar. O que é curioso notar é que, na configuração da Web baseada em sites de redes sociais, esse engajamento político, social e informacional, se assim podemos chamar, consegue transpor as barreiras postas pelas instituições jornalísticas, o que reafirma a importância desses processos de legitimação, como foi o caso da candidata do PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) que conseguiu por diversas vezes ser a candidatura mais expressiva no site de rede social Twitter, ao atingir o Trending Topics. Esse engajamento, tendo uma natureza multilateral, possibilita ainda que os envolvidos possam interagir a partir de suas próprias contribuições, e nessa interação se posicionar e mudar, pois “ao longo do desenrolar-se de uma troca comunicativa qualquer, os diferentes participantes, aos quais chamaremos ‘interactantes’, exercem uns sobre os outros uma rede de influências mútuas – falar é trocar, e mudar na troca” (KERBRAT-ORECCHIONI, 2006, p. 8).

Esses posicionamentos, sabemos, se dão por meio da linguagem, por meio das ações linguísticas, e sinalizam e, até mesmo de certo modo, constituem, a realidade (MARCUSCHI, 2008). O conceito de realidade é profundamente problemático; desta forma, aqui como vislumbramos uma compreensão do fenômeno irônico, nos apoiamos na definição dada por Muecke, de que “a realidade, no sentido em que a palavra é usada aqui, deve ser entendida como se significasse apenas o que o ironista ou o observador vê como tal.” (MUECKE, 1995, p. 53). Essa acepção do termo realidade é crucial para a teoria da ironia e análise de elocuições irônicas, pois “o traço básico de toda ironia é um contraste entre uma realidade e uma

aparência” (CHEVALIER apud MUECKE 1995, p. 52), estando tal acepção na base da compreensão mais amplamente difundida da ironia, ironia como tropo. Nesse sentido, consideramos que o esboço contextual aqui realizado tem por objetivo mais apresentar o(s) objeto(s) das elocuições irônicas do que propriamente apresentar a realidade por trás da ironia.

Portanto, para continuarmos ambientando a disputa eleitoral como se configurou nas redes sociais, traremos agora, junto a alguns dados sobre o pleito, alguns posts representativos dos sentimentos que permeavam os debates online sobre as eleições – sem, no entanto, aprofundá-los, uma vez que nosso interesse consiste em analisar outro recurso: a expressão da ironia em interações mediadas por computador. Talvez a contextualização aqui apresentada pareça demasiadamente enfadonha, mas julgamo-la essencial, pois acreditamos que “quando se discute a situação particular do significado irônico, o que está envolvido aqui é, na verdade, um problema geral em toda comunicação: a questão do papel do contexto na determinação de significado” (HUTCHEON, 2000, p. 205).

A candidatura de Marina Silva se edifica sobre conceitos e anseios como mudança, novo jeito, nova política etc. Esse discurso, apesar de a candidata já ter sido senadora, ministra e até mesmo ter disputado o pleito presidencial anterior (2010), consolida a figura de Marina Silva como uma promessa e uma resposta às demandas apresentadas nas manifestações de 2013 e, conseqüentemente, como uma grande ameaça às candidaturas da petista Dilma Rousseff e do peessedebista Aécio Neves. Soma-se ao gabarito de Marina, o sentimento de comoção provocado pela morte de Eduardo Campos, o que alavancou expressivamente sua candidatura. É nesse contexto que Marina inicia os debates eleitorais como grande favorita à vitória da corrida presidencial, ainda que em segundo turno, ameaçando a reeleição de Dilma e deixando a figura tão prometida de Aécio fora da segunda etapa da disputa. Vejamos a repercussão da divulgação de tal notícia no dia 26 de agosto de 2014.

Andrey [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
27 de agosto de 2014 · 🌐

Huahauha , Agora vamos ver a Dilma Torcendo pro Aécio Neves

A CORRIDA PRESIDENCIAL
Marina desbanca Aécio, assume o segundo lugar na disputa pelo Planalto e ameaça reeleição de Dilma, aponta pesquisa Ibope

Candidato	3 a 6 ago. 2014	23 a 25 ago. 2014
Dilma Rousseff (PT)	38%	34%
Marina Silva (PSB)	23%	39%
Aécio Neves (PSDB)	36%	19%

SEGUNDO TURNO

Confronto	18 a 21 jul. 2014	3 a 6 ago.	23 a 25 ago.
Marina x Dilma	29% (Marina)	41% (Marina)	45% (Marina)
Dilma x Aécio	41% (Dilma)	35% (Dilma)	35% (Aécio)

AVALIAÇÃO DO GOVERNO DILMA

Ótimo/bom	34%
Regular	35%
Ruim/péssimo	27%
Não sabe	2%

Folha de S.Paulo

Após pesquisas, PT fala pela primeira vez em risco de derrota.
<http://uol.com/bwdSFR>

Compartilhar

Rosi [redacted] curtiu isso.

Exemplo 5 - A irônica inversão do panorama eleitoral.
Fonte: Facebook

Como o exemplo 5 acima evidencia, diante da iminência de inversão dos resultados presidenciais no primeiro turno das eleições de 2014, o contraste entre as circunstâncias pré-estabelecidas (segundo turno um confronto Dilma x Aécio, com possível vitória da primeira) e as circunstâncias efetivas surgia e se sugeria aos eleitores, trazendo à tona a noção da ironia como peripécia (MUECKE, 1995). Tal inversão podia ser valorada de modo distinto a depender do posicionamento político, mas, de modo genérico, ela podia aprazer os simpatizantes de Marina Silva, aprazendo também os céticos devido à ironia da situação, ou amedrontar os simpatizantes de Aécio e Dilma. Tal sentimento foi posto em relevo pelos próprios candidatos petista e peessedebista ao longo da disputa eleitoral, pois, estando também conscientes desse panorama, coube a eles iniciar um processo de ataque, se

estendendo tal ofensiva às intervenções feitas por seus eleitores e simpatizantes nas redes sociais, como veremos adiante. O que é curioso também sinalizar é a evidência desse processo de desconstrução, como flagramos durante o processo de coleta de dados, através do *compartilhamento de notícias* abaixo (Exemplo 6), em que se divulga um artigo de opinião “Um foguete chamado Marina”, publicado pela Folha de São Paulo e divulgado na respectiva página do Facebook no dia 26 agosto de 2014.



Mirtes [nome oculto] compartilhou a foto de Folha de S. Paulo.
30 de agosto de 2014 · 🌐

Preparem-se, ... Vão trabalhar pesado pela desconstrução, ... A melhor estratégia é ... Seguir em frente, sem perder tempo ... Vamos Mudar o Brasil ...



Folha de S. Paulo

'Tudo o que ela [Marina] fala, mesmo que não diga religiosamente nada, soa bonito e honesto. Um desafio para PT e PSDB. Desconstruir esse personagem será a obsessão dos adversários.'

Leia 'Um foguete chamado Marina', de Natuza Nery: <http://uol.com/bgdSKb>

Curtir · Compartilhar · 👍 14

Exemplo 6 - A consciência da desconstrução de Marina.
Fonte: Facebook

O próprio texto opinativo, divulgado pela Folha de São Paulo, traz em si um tom crítico e analítico, como é próprio desse gênero, buscando compreender o fenômeno Marina Silva. O enunciador-replicador do *compartilhamento de notícias*, ao publicizar esse texto no dia 30 de agosto de 2014, alerta para a desconstrução, como ele mesmo chama, da candidata. Podemos perceber no seu alerta para a desconstrução de Marina um gesto de simpatia pela mesma, pois, ao fim de seu *compartilhamento de notícias*, ele utiliza uma formulação linguística (Vamos mudar o Brasil) muito semelhante a dois dos slogans mais emblemáticos da chapa Eduardo-Marina: “Não vamos desistir do Brasil” e “Coragem para mudar o Brasil”,

tendo anteriormente discursivizado um incentivo à candidatura socialista. Presumimos que essa consciência, essa evidência e essa denúncia da desconstrução não foram gratuitas ou fortuitas, mas, ao contrário, foram produto da experiência individual de cada eleitor diante dos posicionamentos assumidos por pessoas de sua rede social, como ilustra o exemplo seguinte (Exemplo 7):



Exemplo 7 - A consciência da desconstrução de Marina (2).
Fonte: Facebook

No Exemplo 7, cuja notícia integra ao campo político assuntos de cunho religioso, sobrepondo à esfera discursiva política a esfera discursiva religiosa, percebemos que diante da provocação da enunciadora-replicadora, por meio da ironia, o primeiro interlocutor, Rodrigo, denuncia os ataques que a candidata do PSB, por causa de sua condição religiosa evangélica, vem sofrendo; além dessa denúncia, o interlocutor também expressa solidariedade à candidata. Nossa compreensão dessa elocução se dá nesses termos por causa do desenrolar da

interação, pois, observando a compreensão dos interactantes a respeito das ações discursivas operadas, temos pistas muito concretas sobre como compreender essas ações (Kerbrat-Orecchioni, 2006). Enquanto a autora do post busca minimizar a denúncia a ela dirigida (“é tanto ataque contra evangélicos”) e a solidariedade de seu interlocutor Rodrigo ao expressar que prefere “achar que você esteja brincando”, diante do comentário “olha o preconceito contra pessoas religiosas”, de seu segundo interlocutor, Julio, a mentora da publicação qualifica este como “mala”, mas a inserção inicial de riso sinaliza uma entoação de brincadeira proposta pela própria *enunciadora-replicadora*, estabelecendo uma cadeia de brincadeiras entre seu comentário do compartilhamento, o comentário de Julio e sua réplica a este comentário. Nesse movimento, a ironista demonstra que não toma o comentário de Julio em termos de verdade, pelo contrário, compreende-o como brincadeira, sendo ele subversivo em relação ao comentário feito por Rodrigo, o qual havia denunciado de fato o ataque contra pessoas evangélicas.

Assim, como os sentidos materializados em uma interação verbal são negociados ponto a ponto ao longo dessa interação pelos participantes e “as palavras enunciadas numa dada ocasião dão, primeiro, aos participantes e, mais tarde, aos pesquisadores, um ponto de vista” (DURANTI, 1997, p. 3 – trad. HOFFNAGEL), cabe ao analista observar essas negociações em busca de melhor precisar o significado de cada um dos enunciados. Desse modo, podemos perceber que o enunciado “hahaha... eu, definitivamente, prefiro achar que você esteja brincando, Rodrigo” retira a possibilidade de ler o comentário de Rodrigo como ironia, uma vez que brincadeira e ironia seriam tomadas como produções de sentido correlatas nesse contexto, no entanto tanto a primeira quanto a segunda são apenas hipóteses preferidas pela interlocutora, mas não efetivas.

Como os dois exemplos (Exemplo 6 e Exemplo 7) anteriormente ilustram, Marina Silva foi o alvo preferido dos ataques por parte dos presidenciáveis e seus simpatizantes ao longo do primeiro turno, sendo uma das armas utilizadas o questionamento do seu predicado de ‘nova política’. Esses questionamentos surgem em muitos momentos de nosso *corpus* e podemos inferir, por meio dos nossos dados, que em certa medida eles são estimulados pelas notícias que circularam no período em que realizamos a coleta. Ainda que a candidata, até então, não tenha tido relação alguma com o PSDB, tendo inclusive rechaçado a possibilidade de alguma associação a este partido, algumas notícias publicadas pela Folha de São Paulo e postadas na página Folha de S. Paulo no Facebook traziam a associação de Marina a esse partido, considerado um dos mais tradicionais da política brasileira, ora por meio de declarações de figuras políticas do PSDB, ora por meio de especulações. Essa associação

entre Marina, e sua nova política, e o PSDB, e sua tradição política, opera uma construção incongruente da figura da candidata.

Entre as notícias, estão declarações amigáveis feitas por Fernando Henrique Cardoso (FHC diz que quer Marina no governo de Aécio, Folha de São Paulo, 26 ago. 2014) e Zé Agripino Maia (Coordenador da campanha de Aécio diz que apoia Marina no 2º turno, Folha de São Paulo, 01 set. 2014), ambos filiados do PSDB e cujas imagens têm projeção nacional. Há ainda reiterada associação da imagem de Marina a Geraldo Alckmin e José Serra (Marina aparece em "chapa" dos tucanos Alckmin e Serra em programa eleitoral, Folha de São Paulo, 26 ago. 2014), candidatos a governador e senador pelo PSDB/SP. Essas declarações de apoio a Marina fizeram o senador petista Humberto Costa qualificar a candidata como “FHC de saias” (Em dia de ataques, petista chama Marina de 'FHC de saias', Folha de São Paulo, 01 set. 2014). Do outro lado da disputa, como Marina já havia sido filiada ao PT, tendo sido senadora e ministra por esse partido, esse seu passado também fora amplamente explorado para pôr em xeque seus predicados de novo, por meio de propagandas políticas e até mesmo de um jingle do candidato tucano em que diz “Nem uma nem outra, a Marina é a Dilma com outra roupa”.

Os candidatos Aécio Neves e Dilma Rousseff também foram alvos de críticas e desconstruções⁴⁶, principalmente no que se referia a questões relativas à corrupção; contudo, as críticas direcionadas à candidata socialista são um elemento gritante dentro do nosso *corpus* não só pela quantidade de dados, mas, sobretudo, pelas ‘consequências públicas’ decorrentes dessas críticas – de candidata favorita à vitória da disputa presidencial, Marina concluiu a disputa fora da segunda etapa que poderia ter lhe dado o cargo de presidente da República, tendo logrado os seus opositores a desconstrução pretendida e sendo feita tal desconstrução através da ironia, como veremos nas análises a seguir.

Desse modo, pudemos notar como o contexto eleitoral da disputa de 2014, principalmente na figura de Marina Silva, esteve dotado de potencial irônico, pois a candidata de favorita e grande promessa da disputa com sua proposta de uma “nova política” findou a campanha ainda no primeiro turno. Vimos que essa peripécia se deu, primordialmente, através da incongruência instaurada entre o que a candidata socialista apresentava sobre si e o que os seus adversários, mas principalmente a mídia nacional apresentavam sobre a candidata, fazendo sobre sua figura uma construção irônica, levando-a à condição de alazonia. Vimos

⁴⁶As críticas entre os candidatos do PT e PSDB foram acentuadas principalmente no confronto que eles protagonizaram no segundo turno. No entanto, aqui não nos caberá analisar esses processos, por ir além de nosso recorte.

ainda que em função das configurações da Web 3.0 essas construções foram repercutidas dentro das redes sociais.

6 QUANDO A IRONIA ACONTECE?

Ao delinear o fenômeno irônico como fundamentalmente interacional, adotando de Hutcheon (2000) a acepção da ironia enquanto acontecimento, estabelecemos que a efetiva significação irônica só pode se dar na interação. Como em alguns dos dados não tivemos acesso às reações dos interlocutores, um dos questionamentos recorrentes durante nossa interpretação das interações aqui compreendidas como irônicas consistia em “será que essa enunciação é de fato irônica?”. Sabíamos da pertinência desse questionamento por ser a ironia recorrentemente caracterizada como uma “besta mitológica” (MUECKE, 1995; HUTCHEON, 2000), em que sua natureza ambígua, paradoxal e fundamentada de modo caleidoscópico tanto no dito quanto no não-dito faz da sua compreensão e interpretação uma aventura, pois um traço constitutivo da ironia é a complexificação: “a ironia só pode ‘complexificar’; ela não consegue nunca ‘desambiguar’” (HUTCHEON, 2000, p. 30).

No entanto, não podemos, por outro lado, confundir a ironia com a ambiguidade, pois, como Hutcheon esclarece, a ironia vai além por seu caráter crítico e sua precisão de comunicação (HUTCHEON, 2000, p. 101). Apoiando-nos nessa asserção, concluímos que ao trabalhar com a dimensão de enunciados irônicos trabalhamos com uma ambiguidade constitutiva, por aquilo que Hutcheon (2000) sinalizou como “impossibilidade de significado unívoco e estável” e, conscientes dessas limitações, mais do que a univocidade e estabilidade de significado, perseguimos na interpretação do acontecimento irônico a sua crítica.

Assim, em alguns momentos, quando nos deparamos com uma infinidade de aspectos de natureza enunciativa que se apresentaram como grandes entraves para a compreensão desses dados e a efetiva interpretação da ironia, focalizamos o tipo de relação estabelecida entre dito e não dito, considerando as significações mais relevantes do enunciado potencialmente irônico, mas buscamos principalmente, nele, o ferrão desesperadamente afiado da ironia, a aresta avaliadora. Nessa interpretação, nos apoiamos não só nos indícios de como os interlocutores compreenderam e reagiram a essa enunciação como também nos apoiamos na nossa própria intuição de falante, estruturada no nosso conhecimento de mundo e dos sistemas de valores (BRAIT, 2008), por termos nos colocado eventualmente como interpretadores dos enunciados de nosso *corpus*.

Assim, elucidamos a seguir os caminhos que traçamos e as noções que nortearam, por fim, nossa análise do acontecimento irônico, mas ainda os procedimentos de seleção, de compreensão e, conseqüentemente, de interpretação dos dados. Por outro lado, advertimos e nos resguardamos de que a ironia é um jogo para dois (MUECKE, 1995), desse modo,

mostramos a seguir, em seis dados representativos, os funcionamentos, as regras explícitas e subentendidas da ironia, os limites entre o jogo e o fato e, sobretudo, os resultados de colocar em funcionamento esse jogar.

Advertimos, no entanto, que, em alguns casos, embora ‘intuíssemos’ uma relação irônica, não tivemos condições de estabelecer claramente a relação entre dito e não dito, ora porque a enunciação era demasiadamente ambígua ora porque os sistemas de valores, os julgamentos potenciais, eram igualmente aceitáveis. Já, em outros dados, embora tenhamos atribuído ironia, a existência efetiva de intento irônico por parte do locutor não pôde ser assegurada, devido à natureza multiforme da ironia que a torna um “modo de linguagem que não pode ser dominado (...) [que] sempre domina quem tenta dominá-la” (1982 p. 106 apud HUTCHEON, 2000 p. 63-64 – parênteses nossos), como o *compartilhamento de notícias* abaixo (Exemplo 8). Vejamos:

Vinicio [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
30 de setembro de 2014 · 🌐

O povo ja gostava dele. Agora então



Folha de S.Paulo

"O aparelho excretor não reproduz". Declaração de Levy Fidelix ao criticar a união homoafetiva no debate de presidencialíveis na Record gerou polêmica nas redes sociais. <http://uol.com/bndWh7>

Compartilhar

👍 Renata [redacted] curtiu isso.

Exemplo 8 - Compartilhamento e ambiguidade.
Fonte: Facebook

Inicialmente, devemos situar que esta declaração de Fidelix e sua repercussão social são um indicativo forte da polarização em torno de algumas questões sociais, particularmente dos direitos civis dos grupos homoafetivos, e de como essa polarização esteve em pauta durante as eleições de 2014. Devido essa polarização, os *compartilhamentos de notícias* gerados a partir desse fato demonstraram duas possibilidades quanto ao alvo da ironia: em alguns deles se ironizou a declaração ‘homofóbica’ de Fidelix, já em outros se ironizou a indignação ‘homoafetiva’, sendo clássica a construção “Falar de anatomia humana virou homofobia”. Exposto isso, consideramos que julgamentos favoráveis ou não à declaração do candidato eram possíveis dentro dessa conjuntura e que precisar o julgamento subjacente ao enunciado do Exemplo 8, “O povo já gostava dele. Agora então” se torna problemático em função dessa amplitude de possibilidades, mas também da dubiedade como o enunciado fora construído.

Quanto à construção enunciativa dúbia, podemos destacar que, ao ser utilizado um termo tão genérico como o povo, não há como especificar de que ‘povo’ se trata. Se admitirmos que para o locutor o referente de ‘o povo’ seja pessoas com pensamentos conservadores, que não admitem a relação homoafetiva, então não há incongruência entre ‘esse povo’ e o que o restante da elocução evoca (a aprovação à declaração conservadora de Levy Fidelix), não havendo, portanto, um não dito que desafie o dito. No entanto, se o referente de ‘o povo’ para o locutor for ‘simpatizantes da causa homoafetiva’, que buscam o reconhecimento social da união homoafetiva, fica, então, estabelecida uma incongruência entre ‘esse povo’ e o evocado pela declaração de Fidelix. Essa segunda leitura tematiza a tendência de articulação positiva em detrimento da avaliação negativa (HUTCHEON, 2000; BOOTH, 1983), pois o explicitado afirma um julgamento positivo (já gostava de Fidelix e sua declaração conservadora) para que haja a articulação negativa (por meio da referência LGBT para ‘o povo’, infere-se ‘não gostava’). A adoção desse percurso interpretativo, porém, demanda ao interlocutor que, primeiro, atribua intento irônico e, posteriormente, infira esse referente e esse julgamento contrário à declaração de Fidelix, fazendo a ironia acontecer.

Por outro lado, estamos cientes de que se tal elocução tivesse sido proferida face a face sua ambiguidade não se imporia sobre a ironia de forma tão latente, como ocorreu aqui, em uma interação digital. Isso decorre do fato de que, em função das limitações da interação digital aos recursos gráficos, não temos acesso àquilo que se tem chamado de tom irônico, ou seja, aos recursos de mudança prosódica, que, tematizando o fingimento por meio de uma caricatura, poderia nos auxiliar numa inferência mais segura de intento irônico (CLARK & GERRIG, 1984, p. 125). Contribui para essa ‘imprecisão’ da relação do locutor com seu dito

o fato de que tanto o explicitado no enunciado quanto, no caso de uma atribuição de ironia, o ‘não dito mas inferido’ são construções discursivas válidas e recorrentes nos sistemas de valores que circulam atualmente em nossa sociedade, como explicamos no parágrafo anterior.

Como adiantamos, se em alguns momentos não podemos assegurar se o enunciado é ou não irônico, em outros momentos a aresta avaliadora da ironia se faz de tal modo imperativa, sem, no entanto, precisar para qual lado aponta, pois, como Hutcheon diversas vezes reitera, “as armas da ironia apontam para todos os lados (...), então, qualquer um pode vir a estar na linha de fogo” (HUTCHEON, 2000, p. 26). É este o caso emblemático que discutiremos a seguir, diante do *compartilhamento de notícias* abaixo (Exemplo 9), em que a presença da ironia é indiscutível, no entanto seu alvo se coloca como algumas possibilidades.

Kleyton [nome oculto] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
17 de setembro de 2014 · 🌐

Manchete: "ONU endossa discurso de Lula sobre a erradicação gradual da miséria no Brasil"



Folha de S.Paulo

Brasil reduziu em 50% o número de pessoas que sofrem fome nos últimos 10 anos, diz a ONU: <http://uol.com/bpdVvJ> (via Folha Cotidiano)

Compartilhar

← Imagem do compartilhamento

← Comentário do objeto compartilhado

Exemplo 9 - Compartilhamento e o alvo da ironia.
Fonte: Facebook

O *compartilhamento de notícias* (Exemplo 9) tematiza em si um jogo bastante explorado pela mídia, que se estabelece entre o que é dito no comentário do objeto compartilhado (suposto título da notícia) e o que a imagem deixa entrever. O fato que a notícia compartilhada veicula é: “Brasil reduziu em 50% o número de pessoas que sofrem com fome nos últimos 10 anos”. No entanto, a imagem escolhida para ilustrar esse fato, ao retratar justamente uma situação relacionada à fome, leva o interlocutor, primeiro, a considerar a incongruência entre o que é dito verbalmente e o que é dito visualmente e, então, a colocar o trecho “diz ONU” em evidência, ridicularizando eventualmente a ONU em seu discurso ‘falacioso’. Essa edificação da significação irônica já havia sido observada, por Brait (2008), no *modus operandi* do jornal Folha de São Paulo, quando de sua análise sobre a ironia como um espaço de subjetividade dentro da esfera jornalística⁴⁷. É essa edificação primeira da ironia que vai possibilitar ao ironista do exemplo 9 deslocar a ONU da posição de sujeito do dizer (“diz ONU”) para objeto do seu dizer, explicitando a ironia sem, no entanto, precisar seu alvo.

Diante do enunciado “Manchete: ‘ONU endossa discurso de Lula sobre erradicação gradual da miséria no Brasil’”, percebemos, por meio da relação intertextual entre aquilo que o interlocutor julga como manchete e o que de fato é (“Brasil reduziu em 50% o número de pessoas que sofrem fome nos últimos 10 anos, diz ONU”), que há um deslocamento dos sentidos e que esse procedimento sobrepondo esses dois discursos objetiva criticar alguém. Nesse ponto, por não termos maiores informações – fosse por meio de elementos textuais como comentários, curtidas, pistas de contextualização ou fosse por meio de elementos extratextuais, como perfil do interlocutor na rede social do Facebook – a dúvida que pairou na compreensão dessa elocução foi “para onde a aresta crítica da ironia apontava?”. Esta é uma pergunta intrínseca à ironia, pois, como sabemos, a ironia sempre tem um alvo. Nesse caso, algumas interpretações podem ser levantadas, mas, como a epígrafe antecipa, nada é garantido quando tratamos da ironia. Por fim, podemos suscitar pelo menos três diferentes alvos para a ironia aqui lançada: a ONU, aqueles que enunciariam esse tipo de discurso ou o próprio jornal.

A primeira possibilidade reside no fato de que o modo como o locutor constrói sua ironia pode ser entendido como uma tentativa de desclassificar a conduta da ONU ao posicioná-la de modo acessório em relação ao ex-presidente Lula. Assim, podemos

⁴⁷ Lembramos especificamente do exemplo já relatado na seção “Brait e a teoria da ironia como interdiscurso” (página 47), em que a notícia veicula a tentativa de controle de Collor, mas a imagem o retrata em uma situação descontrolada.

compreender que essa inversão da hierarquia, ao ser verbalizada, exporia o ridículo da situação da ONU, levando-a a condição de alazonia, do ridículo. Num segundo processo de leitura, a ironia ocorreria de forma ecoante, ou seja, por meio da menção busca-se ironizar aqueles a quem o discurso mencionado estaria vinculado. Nessa linha, estariam ainda as menções ecoantes “Culpa do PT” e “o PT/Dilma comprou a ONU”, que foram muito recorrentes nos compartilhamentos dessa notícia e que serão discutidas em outros momentos desta análise. Esse procedimento irônico, estruturado na menção ecoante (SPERBER & WILSON, 1981), se assemelha àquele bastante explorado no teatro e no romance, em que o autor empresta às personagens uma fala em que ele não só não acredita como objetiva ridicularizar (MUECKE, 1995).

Por fim, poderíamos supor que o alvo da ironia seria o próprio jornal Folha de São Paulo, fundamentando-nos no modo como o ironista opõe o título de fato da notícia a um título fantasioso; demarcando este com o status de manchete, que segundo o dicionário Michaelis (2009) seria “título de notícia sensacional, impresso em caracteres grandes, na parte superior do rosto do jornal”, o interlocutor nos leva a pensar que se tal notícia ganhasse a primeira página seu tom seria modificado: o fato, ora enunciado como uma declaração da ONU, seria qualificado como um reforço da ONU ao discurso do ex-presidente Lula, buscando desqualificar o seu caráter de verdade. Ao operacionalizar a ironia diante desse panorama, o locutor, tendo talvez consciência do jogo operado entre título da notícia-imagem ilustrativa, desqualifica, então, a conduta do jornal, tornando-o o objeto avaliado e julgado na ironia.

Como não sabemos efetivamente o intento irônico, não podemos precisar seguramente o alvo da ironia, embora saibamos que a inversão operada e o ridículo suscitado nela nos levam a perceber uma aresta avaliadora desesperadamente afiada, fundamentada tanto no dito quanto no não dito.

A partir dos dois exemplos acima, problematizamos o quanto a ausência de determinadas informações pode comprometer a segurança de atribuir intento irônico a um enunciado – e isso não apenas para pesquisadores, como também para os próprios interactantes. Vimos que a impossibilidade de ouvir de fato seu interlocutor e saber da entonação ou ainda de conhecer seu interlocutor e saber de seus valores, por exemplo, torna ainda mais acentuado o ambiente cognitivamente conflituoso no caso das enunciações irônicas, com uma necessidade de negociação dos significados contínua e seus episódios de compreensão exitosos ou não. Os vestígios dessas negociações, deixados na interação digital por meio de comentários, curtidas e respostas, são preciosos para a construção ou não de

sentido irônico e foram fontes cruciais para as nossas análises em uma perspectiva interacionista. Ao considerarmos o processo de negociação da significação irônica, ou seja, ao considerarmos as interações decorrentes do conflito “será que meu interlocutor está sendo irônico?”, pudemos observar, nas interações decorrentes de *compartilhamentos de notícias* irônicos, a presença de dois movimentos bastante comuns: por um lado, a explicitação dessa dúvida e a tentativa de desambiguar; por outro, a efetiva incompreensão.

Retomando um pouco teorização feita por Hutcheon (2000), vimos que ela aloca a ironia como um acontecimento entre o ironista e o interpretador, buscando desconstruir tanto a sistematização da teoria da intencionalidade, que focaliza no fenômeno irônico o locutor, quanto a aceção da ironia como exclusivamente um modo de ler uma elocução, o que focaliza apenas o interpretador. Assim, sobre estes dois pólos da aceção do fenômeno irônico, Chambers alerta que “entre a ironia intencionada que passa despercebida e a não intencionada que se torna ironia por ser percebida, há espaço para muitos tipos e graus de incompreensão, falhas e fiascos, assim como de compreensão e cumplicidade” (CHAMBERS, 1990, 19)⁴⁸. Algumas teorizações indicam que, uma vez não compreendida, a ironia deixa de ser ironia, porque a existência desta seria decidida em última instância pelo interpretador. No entanto, como alguns teóricos (MUECKE, 1995; HUTCHEON, 2000) também sinalizam, um público a quem eventualmente a ironia foi direcionada não a tendo ‘pegado’ não impossibilita que outro público, percebendo-a, a faça acontecer.

Desse modo, aqui como estamos numa condição tanto de investigadores quanto de interlocutores/público, por estarmos dentro dessa cadeia comunicativa, assumimos, nos exemplos a seguir discutidos, que a incompreensão da ironia por parte dos interlocutores envolvidos no primeiro momento enunciativo, não invalida a ironia, pois, nessa segunda enunciação do qual fazemos parte, a ironia foi percebida e, portanto, concretizada. Além disso, nos apoiamos também nas interações estabelecidas entre os interlocutores do primeiro plano interacional, decorrentes da explicitação da eventual incompreensão, ou seja, diante da sinalização de incompreensão por parte de um dos interlocutores, mais especificamente daquele na posição de público a quem a ironia fora direcionada, buscamos observar a negociação dos significados entre os interactantes, fazendo dessa negociação base também para nossa interpretação dos dados. Em alguns momentos essa negociação não é realizada e a incompreensão é efetiva; em outros momentos, diante do indício de incompreensão, os

⁴⁸No original: “And between the intended irony that goes unperceived and the unintended that becomes irony by being perceived, there is room for many kinds and degrees of misunderstanding, misfire, and fizzle, as well as of understanding and complicity.”

interactantes buscaram uma negociação do sentido, ou melhor, o ironista buscou melhor demarcar seu intento irônico. Vejamos abaixo o *compartilhamento de notícias* (Exemplo 10) que ilustra esse processo de negociação.

Victor [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
27 de agosto de 2014 · 🌐

Só tem Dilma.



Folha de S.Paulo

Ficou na dúvida sobre os números apresentados pelos candidatos no primeiro debate presidencial? Veja o que eles disseram e descobrimos que não é bem assim...
<http://uol.com/bcdSTw>

Compartilhar

Tadeu [redacted] curtiu isso.

Ivanete [redacted] Valeu Huguinho
27 de agosto de 2014 às 19:42

Victor [redacted] Só tem Dilma mentindo, eu quis dizer.
27 de agosto de 2014 às 19:43

Ivanete [redacted] não huguinho
27 de agosto de 2014 às 19:43

Exemplo 10 – Compartilhamento e incompreensão.
Fonte: Facebook

Inicialmente, achamos pertinente esclarecer que no procedimento de compreensão e interpretação da ironia aqui colocado em operação são mobilizados conhecimentos linguísticos, textuais, contextuais e, algumas vezes, intertextuais. Este é o caso desse *compartilhamento de notícias*, em que a compreensão da ironia só se faz efetiva quando o interlocutor tem acesso às informações presentes na notícia anexada ao *post matriz*, ou seja, quando o interlocutor busca as informações presentes no link compartilhado junto a publicação da Folha de S. Paulo. Afirmamos isso, pois, neste link, a notícia é desdobrada e as

informações presentes geram uma incongruência com o texto do compartilhamento ora analisado: enquanto o nosso interlocutor ironista afirma que “só tem Dilma” e sobre isso lançamos a expectativa de algo positivo, a notícia compartilhada quebra essa expectativa (TANNEN e WALLAT, 1998) ao expor a candidata Dilma Rousseff como aquela que apresentou a maior quantidade de dados equivocados ao longo do debate e, conseqüentemente, como a candidata que mais ‘mentiu’. Presumimos, portanto, que a interlocutora do ironista não teve acesso a essas informações, pois, por meio de seu comentário, percebemos que ela toma o enunciado em seu dito e no sentido positivo ao ratificá-lo: “Valeu Huguinho”. No entanto, diante dessa ratificação, o ironista busca logo esclarecer o sentido, “Só tem Dilma mentindo, eu quis dizer”, o qual ela desaprova: “não Huguinho”. Ao longo da interação, motivada tanto pela ironia intentada quanto pelo não reconhecimento desse intento e conseqüente comentário metacomunicativo (eu quis dizer) (BATESON, 1998), a incompreensão se desfaz junto com a própria ambigüidade constitutiva da ironia. Seria, então, o caso de nos questionar se a ironia também se desfaz?

Sobre esse ‘desfazer a ambigüidade’ ainda, podemos pensar que ele seria um percurso interacional natural da ironia, no sentido de distingui-la, por exemplo, da mentira. Nossa consideração se justifica na medida em que a mentira, assim como a ironia, é baseada discursivamente pelo contraste entre uma aparência e uma realidade (MUECKE, 1995); logo, acreditamos que deve haver algum funcionamento discursivo que distinga a ironia da mentira e consideramos que esse funcionamento consista de que:

Nos logros existe uma aparência que é mostrada e uma realidade que é sonogada, mas na ironia o significado real deve ser inferido ou do que diz o ironista ou do contexto em que o diz; é “sonogado” apenas no fraco sentido de que ele não está explícito ou não pretende ser imediatamente apreensível. (MUECKE, 1995, p. 54).

Ressaltamos, aqui, sobretudo, o fato de que, embora o sentido ‘sonogado’ da ironia não pretenda ser ‘imediatamente’ apreensível, ele ainda assim pretende ser apreensível. Essa estratégia de ‘retardar’ a compreensão do sentido intentado na ironia se relaciona de modo muito estreito com a vontade de ganhar tempo no jogo verbal. Tal tática se mostra, como vimos, extremamente válida quando se está em um ambiente profícuo de conflitos ideológicos, como é o caso de uma disputa eleitoral. Desse modo, não podemos considerar que a atitude de precisar o sentido intentado na elocução irônica desfaça a ironia, não pelo

menos quando o ironista o faz visando cooperar com o seu interlocutor no processo de compreensão, como é o caso do Exemplo 10. Quando o ironista reorienta a leitura do seu interlocutor em direção ao não dito da ironia, ele na verdade busca que o seu interlocutor reconheça seu verdadeiro intento e possa jogar o jogo irônico, o qual Muecke caracteriza nos seguintes termos:

O jogo é jogado quando existe, para usar os termos de Aristóteles, não só uma peripécia ou inversão na compreensão do leitor, mas também uma ‘anagorise’ ou reconhecimento do ironista e de seu verdadeiro intento por trás da pretensão. (MUECKE, 1995, p. 58).

Diferentemente do Exemplo 10, em que vimos uma negociação do sentido diante de um indício de incompreensão, alguns *compartilhamentos de notícias* não tiveram essa negociação explicitamente operada e o indício de incompreensão não foi esclarecido. Vejamos abaixo um *compartilhamento de notícias* em que isto ocorre (Exemplo 11).

 **O Brasil não é um País Sério** compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
29 de setembro de 2014 · 🌐

O aparelho excretor não reproduz, mas às vezes fala.



Folha de S.Paulo

"O aparelho excretor não reproduz". Declaração de Levy Fidelix ao criticar a união homoafetiva no debate de presidenciais na Record gerou polêmica nas redes sociais. <http://uol.com/bndWh7>

Curtir · Comentar · Compartilhar · 👍 4 🗨️ 2

👍 4 pessoas curtiram isso. Principais comentários ▾

Escreva um comentário...

 **Márcio** ██████████ Corretíssimo. Deus criou Adão e Eva para se reproduzirem, não criou Adão e Ivo...

Curtir · Responder · 30 de setembro de 2014 às 21:55

 **Paulo** ██████████ 100% certo! Votaria nele se tivesse alguma chance de vencer!

Curtir · Responder · 29 de setembro de 2014 às 09:37

Exemplo 11 - Compartilhamento e incompreensão.
Fonte: Facebook

Já discorreremos um pouco sobre este *post matriz* no Exemplo 8 e aqui retomaremos os aspectos mais pertinentes quanto aos processos de (in)compreensão. A construção irônica presente no Exemplo 11 foi bastante recorrente nos compartilhamentos referentes a essa notícia e, para nós, a construção irônica aqui operada é bastante clara e não apresentaria maiores problemas, não fosse pela resposta que ela suscitou nos demais interlocutores envolvidos nessa interação. Diante de um enunciado que ecoa a estrutura de outro, subvertendo-a, ou seja, diante de um enunciado como “o aparelho excretor não reproduz, mas às vezes fala”, a recuperação do enunciado “o aparelho excretor não reproduz”, produzido pelo candidato Levy Fidelix, se faz imperativa, pois este enunciado ecoa explicitamente na materialidade textual daquele. Por outro lado, a interação entre a negação da capacidade reprodutora do aparelho excretor e a afirmação (inesperada) de sua capacidade linguística gera uma incongruência, quebrando a expectativa e suscitando o riso. É muito mais a quebra da expectativa provocada por esta estrutura do que propriamente a menção que ativa seu potencial irônico.

Acreditamos que a quebra da expectativa aqui se sobrepõe à menção ecoante, pois, opondo ao “o aparelho excretor não reproduz”, o enunciado “o aparelho excretor ‘às vezes fala’”, o locutor sobrepõe na figura de Levy Fidelix uma imagem que, de modo tênue, efetua uma crítica severa, feita por meio de uma imagem que se edifica na cabeça do leitor. O dito aqui é uma atenuação do não dito, mas facilmente inferível: o julgamento do ironista é de que o aparelho excretor do candidato do Partido Renovador Trabalhista Brasileiro (PRTB) é a própria boca e objetiva, sobretudo, atacar as declarações feitas por Fidelix sobre ‘aparelho excretor’, caracterizando-as como ‘fezes’. Esse julgamento é articulado por meio da construção imagética da ironia (CINTRA, 2011) e será detalhado no capítulo 7.

Voltando, então, à incompreensão, o que nos causou certo espanto foi que, diante de uma elocução irônica tão claramente formulada, um dos integrantes do público a quem a ironia fora dirigida não conseguiu ‘pegá-la’, ou pelo menos por sua colocação interacional, que é uma pista de seu processo de leitura, não ficou claro que ele tenha a compreendido. Há dois comentários a respeito desse compartilhamento e, inicialmente, julgamos que o primeiro, apesar da ambiguidade, dá continuidade à ironia intencionada, enquanto o segundo demonstra uma dissonância a respeito do julgamento exposto, ou ainda se esteve em consonância com este julgamento, não deixou pista de nenhuma natureza para que os demais interactantes pudessem compreender sua colocação nesses termos.

Consideramos que o primeiro comentário dá prosseguimento, ou seja, é irônico, pois o uso do grau superlativo, como em “Corretíssimo”, tem sido associado a um uso irônico

(GURILLO et al., 2004), além também do uso ecoante do argumento “Deus criou Adão e Eva para se reproduzirem, **não criou Adão e Ivo...**”. O uso desse argumento nos remete à argumentação utilizada por setores cristãos, do qual o candidato Levy Fidelix era um potencial representante, nas discussões sobre direitos dos casais homoafetivos; no entanto, é o conjunto do enunciado, ou seja, o fato de que o comentário é a respeito de um compartilhamento notadamente irônico, acrescido do uso do adjetivo no grau superlativo (uso comumente irônico) e da menção desse argumento, além do uso das reticências finais, que nos permite enquadrar a elocução de modo irônico e ativar a ironia neste comentário. De modo distinto, o segundo comentário exposto nesse compartilhamento, “100% certo! Votaria nele se tivesse alguma chance de vencer!”, não apresenta indícios de que a relação do seu mentor com o dito na enunciação seria baseada numa incongruência e, conseqüentemente, seja irônica, nos restando, portanto, tomá-la no seu sentido literal e inferir que o interlocutor ou não compreendeu a ironia ou preferiu ignorá-la.

Assim, diferentemente do Exemplo 10, em que o ironista diante da incompreensão marcada enunciativamente buscou reorientar a compreensão, aqui (Exemplo 11), após a colocação do segundo comentário, o ironista não interagiu de modo a esclarecer seu projeto de dizer por trás do dito e a ironia ficou incompreendida para uma parte do público. Sobre essa incompreensão de parte do público, Muecke sustenta que

se entre o público de um ironista existem aqueles que não se dispõem a entender, então o que temos em relação a eles é um embuste ou um equívoco, não uma ironia, embora sua não-compreensão possa muito bem acentuar o prazer da ironia para o público verdadeiro. (MUECKE, 1995, p. 54).

Portanto, podemos considerar que, em relação ao segundo interlocutor (Paulo), houve um equívoco, enquanto em relação ao primeiro (Márcio) houve ironia. Ainda reforçamos que em nosso conceito de público da ironia consideramos tanto os interactantes envolvidos na elocução irônica quanto os observadores, entre os quais nos colocamos.

Por fim, analisando as duas postagens (Exemplos 10 e 11) de forma relacionada, é crucial considerar a natureza das duas interações, ou seja, os laços interpessoais que são estabelecidos através delas (RECUERO, 2009), para que compreendamos o ocorrido: o primeiro *compartilhamento de notícias* (Figura 10) se trata de um perfil pessoal da rede social Facebook, enquanto o segundo *compartilhamento de notícias* (Figura 11) é de uma página pública do mesmo site de rede social. Essa informação é necessária em função tanto do compromisso do locutor com o seu público quanto do alcance, pois supomos que o público

projetado pelo locutor do Exemplo 10 é menos amplo e seu laço mais próximo do que o estabelecido no Exemplo 11, cujo público projetado é mais amplo e o laço efetivo é menos forte. Com essas configurações interpessoais distintas, justifica-se a diferença no funcionamento interacional: o locutor do primeiro compartilhamento tem um compromisso maior com seu público do que o locutor do segundo compartilhamento.

Gradativamente, vamos trabalhando os procedimentos da incompreensão em direção à compreensão efetiva. Desse modo, o próximo ponto que iremos abordar mantém com os dois pontos anteriores uma relação, mas avança em outro aspecto. Anteriormente, vimos que algumas vezes a ironia não é compreendida e os fatos sucedem de duas formas: ou o ironista busca precisar seu intento irônico, desfazendo em certa medida a ironia, ou não há negociação do sentido e há a incompreensão, mas a ironia não se desfaz completamente, por termos outro público percebendo-a e a fazendo acontecer. Uma coisa, porém, nos parece indiscutível: a ironia põe os interlocutores em conflito cognitivo por não poder ter seu sentido seguramente precisado, dada a sua ambiguidade constitutiva (HUTCHEON, 2000). Assim, em algumas etapas de nosso trabalho com os dados, flagramos os integrantes do público a quem a ironia fora direcionada buscando eles mesmos precisar o intento irônico, eles mesmos buscando marcar na tessitura da elocução irônica a desambiguação.

Essa atitude de precisar o significado da ironia nos casos que observamos, e dos quais extraímos os dois exemplos a seguir, ocorreu de modo diverso dos exemplos anteriores. Enquanto anteriormente, a desambiguação da ironia ocorreu por meio de um indício de incompreensão e a consequente intervenção do ironista para guiar o leitor à compreensão, nos casos que iremos explorar a seguir, a desambiguação da ironia ocorreu por meio de uma explicitação da compreensão do sentido irônico, explicitação esta que surgiu mais como uma confirmação de que a ironia fora compreendida, gerando acordo entre ambos os interlocutores, do que como a compreensão ingênua apenas do dito, sem inferir o não dito, o julgamento por ‘trás’ da construção irônica. Vejamos o primeiro destes exemplos, o Exemplo 12.

Kety [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
2 de setembro de 2014 · 🌐

"O Povo de Deus" Como dizem eles! Todossssss envolvidos com políticaaaa. Vão todo para o "Céu" kkkkk



Folha de S.Paulo

Após criticar programa, Malafaia anuncia apoio a Marina no 2º turno.
<http://uol.com/bvdS18>

Foto: Tomás Rangel/Folhapress

Compartilhar

👍 2 pessoas curtiram isso.

[redacted] Juliana [redacted] Você quis dizer diretamente por inferno ã é Kety Miranda, kkkkkkkkkkkkkkkkkkkkk, tudo querendo uma lasquinha.
3 de setembro de 2014 às 00:32 · 👍 1

[redacted] Kety [redacted] Todos oportunistas, visando apenas o seu interesse próprio! Juliana Mendes vc é demais kkkkkkkk
3 de setembro de 2014 às 08:55 · 👍 1

Exemplo 12 - Compartilhamento e desambiguação.
Fonte: Facebook

Inicialmente, o constructo linguístico desse *compartilhamento de notícias* (Figura12) nos surge como muito rico para explorar uma pista comum na demarcação da ironia: a entonação. A entonação, definida como “a variação de um ou mais parâmetros acústicos: a frequência fundamental (...), a intensidade e o tempo (...), que os falantes de uma língua ou dialeto empregam com finalidades comunicativas” (FIGUEIREDO, 2011, p. 5-6), tem por função básica “transformar unidades linguísticas em unidades discursivas e comunicativas” (FIGUEIREDO, 2011, p. 6). Além dessa função básica, a entonação desempenha ainda uma função paralinguística, definida como “expressiva, espontânea, em que comunica a atitude e o estado de ânimo do falante” (FIGUEIREDO, 2011, p. 6). É nesse sentido que a entonação dialoga com o fenômeno irônico, entre essas atitudes comunicadas por meio da entonação encontra-se a ironia.

Essa associação entre entonação e ironia já foi apontada como um procedimento de sinalização da ironia já estabilizado, sendo comumente utilizado e reconhecido pelos falantes como um sinal irônico (GURILLO et al., 2004). No entanto, devemos admitir que, por sua variação ocorrer em nível acústico, a entonação está relacionada primordialmente à expressão oral, sendo, portanto, um recurso de expressão de ironia nas interações da fala. Discutimos anteriormente os limites da dicotomia fala x escrita e principalmente como os gêneros transmutados a partir da popularização das TICs potencializam esses limites, por meio das peculiaridades das interações digitais. É nesse sentido que o *compartilhamento de notícias* apresenta peculiaridades linguísticas distintas das interações já estabilizadas como orais ou escritas. Essas peculiaridades se impõem ao *compartilhamento de notícias* por meio da materialização quase exclusivamente através de recursos gráficos, tais como escrita, imagens e sinais gráficos, ainda que sua dinâmica interacional e sua concepção textual possam estar relacionadas à fala, com a materialização sonora. Por causa dessa configuração híbrida da interação, nós, participantes de atividades sociodiscursivas dessa natureza, estamos em processos de adaptação, transmutando nossas experiências linguísticas já consagradas, reinventando-as, ao, como dito por Hilgert (2000), construir um texto falado por escrito.

Essa interrelação entre fala e escrita é concretizada no Exemplo 12 por meio da repetição das letras finais nas palavras “Todossss” e “políticaaa” como tentativa de reproduzir o prolongamento fônico. Isso decorre do fato de que muitos dos recursos linguísticos que utilizamos nas interações face a face para expressar ironia – aqui pensemos especialmente nos recursos entonacionais – não podem ser igualmente empregados em algumas interações digitais – pensemos particularmente no compartilhamento. No entanto, como já se consagrou uma máxima dentro dos estudos linguísticos, há disponível nos sistemas das línguas naturais uma predisposição para a criação de novos recursos expressivos, os quais surgem de acordo com as necessidades dos falantes num dado momento do processo de comunicação. Sobre estas criações em decorrência do surgimento do computador e da internet como um espaço peculiar da interação verbal, Marcuschi (2006) pontua que elas são na realidade transmutações de mecanismos linguísticos já dados no sistema linguístico estabilizado.

É nessa direção que, não sendo a mudança entonacional um recurso linguístico que pode ser explorado no gênero *compartilhamento de notícias* pelas razões já expostas, restou aos nossos sujeitos da pesquisa improvisar com o que havia disponível. Chegamos, então, ao prolongamento de alguns dos caracteres do corpo verbal do Exemplo 12 (todos → todosssss; política → políticaaa), que surge como um recurso gráfico transmutando o recurso prosódico, buscando marcar na escrita a entonação que seria dada na fala (HILGERT, 2000, p. 41).

Porém, não podemos afirmar que seja apenas o prolongamento das letras, enquanto recurso prosódico, o que estrutura a ironia, pois esse mesmo procedimento é utilizado para a expressão de outros fenômenos, tais como simpatia, ordem etc. Aqui, novamente, é o conjunto de pistas deixadas na interação que nos leva a enquadrar a elocução como irônica. A ironista utilizou, nesse caso, além do prolongamento gráfico, as aspas e a representação gráfica do riso; tais recursos não são exclusivos da ironia, por isso discutiremos cada um deles para esclarecer por que consideramos que nesta elocução eles sinalizam ironia.

É sempre um ponto mencionado nas teorias sobre a ironia a relação que esta estabelece com o humor e, por tabela, com o riso (BRAIT, 2008; MUECKE, 1995), embora seja sempre um ponto mencionado que nem toda ironia é divertida (HUTCHEON, 2000). Há até mesmo considerações a cerca de temas que não deveriam ser alvos da ironia ou sobre os quais a ocorrência da ironia geraria um desconforto muito danoso (HUTCHEON, 2000). O tema, que já foi discutido por Freud (apud HUTCHEON, 2000), suscita muitas reflexões e contribuições pertinentes, por isso sua abordagem se faz imprescindível e, embora a façamos de modo breve, não poderíamos deixar de fazê-la. Sobre a relação ironia-riso, Hutcheon argumenta, se apoiando em Freud, que “nem todas as ironias são divertidas— embora algumas sejam. Nem todo humor é irônico – embora algum seja.” (HUTCHEON, 2000, p. 48).

A autora, que em seu trabalho articula no fenômeno irônico elementos linguísticos, pragmáticos e culturais, situa a noção de comunidade discursiva como elemento central tanto para a compreensão da ironia quanto para a aceitação da ironia como ‘divertida’. Interessamos aqui este último ponto, pois podemos perceber no Exemplo 12 que há uma concordância a respeito do julgamento subjacente à ironia, uma vez que, à ironia acompanhada do riso da ironista, a interpretadora, embora busque precisar o sentido irônico, reage dando continuidade ao riso. Nesse caso, podemos inferir que locutora e interlocutora estabelecem uma relação de identificação e sentem prazer, explicitado linguisticamente pelo riso, no julgamento articulado na ironia. Lembramos, no entanto, que nem sempre a ironia parece divertida a seu público, pois os afetos que ela provoca, justamente por sua aresta avaliativa às vezes demasiadamente afiada, podem ir do extremo positivo (satisfação/prazer) ao extremo negativo (dor/conflito), como explicado na seção 3.4.2. O extremo negativo da ironia pode ocorrer quando a aresta avaliativa aponta para o público que a ‘pegou’; nesse caso, o mais provável é que ela suscite mais um conflito do que o riso. No entanto, no caso de o público que faz a ironia acontecer compartilhar com o ironista o julgamento subjacente à ironia, as emoções se constituirão numa espécie de brincadeira, também denominada por Leech (1983) como *banter*, e, nesse caso, sobressairá na ironia o seu extremo positivo.

O outro mecanismo linguístico utilizado por nossa ironista, o uso das aspas, pode ser considerado como um dos recursos de expressão da ironia notadamente consagrados, sobretudo pelos usos que são feitos na literatura (GURILLO et al., 2004; HUTCHEON, 2000; MUECKE, 1995); porém, o uso das aspas não é exclusivo da ironia. Ao colocar uma palavra ou expressão entre aspas, o interlocutor está sinalizando que o sentido mais básico associado àquele termo está em suspenso e que o leitor deve procurar outro sentido subjacente ao primeiro, ao mais imediato, mas nada impõe que esse outro sentido seja necessariamente irônico, ou seja, que ele sinalize um julgamento estruturado na sobreposição do não dito ao dito. No entanto, o uso das aspas feito pela autora desse *compartilhamento de notícias* é interpretado aqui como um sinalizador da ironia, pois valora os termos colocados entre aspas de forma contrária ao que os alvos da ironia o fazem. Ou seja, ao caracterizar o grupo evangélico como “povo de Deus”, a autora sinaliza, por meio das aspas e da remissão, “como dizem eles”, que o valor atribuído a esses predicados não é incorporado ao seu discurso, demarcando-lhes um estatuto outro (AUTHIER-REVUZ, 2004) em relação ao seu discurso. Isso se estrutura através da interferência mútua das expressões “povo de Deus”, “envolvidos com políticaaa” e “vão para o Céu”, pois podemos considerar que, no esquema axiológico do senso comum – e nesse caso precisamos recorrer a ele –, a associação do divino (Deus), considerado sagrado e puro, ao político (políticaaa), cuja reputação no cenário nacional remete ao sujo, desonesto, mundano (BRAIT, 2008), se configura como uma incongruência, que desarticula o sentido imediato dos termos postos entre aspas e o faz com certa aresta avaliadora. Nesse ponto, ainda se faz pertinente a proposta de Bergson (1983), da ironia como interferência de séries, pois é a interferência do campo religioso sobre o campo político, mas principalmente a avaliação que o ironista faz sobre essa interferência, que suscita o riso, o cômico.

Observamos ainda que a própria construção do enunciado, através da progressão “povo de Deus” → “envolvidos com política” → “vão todos para o céu”, gera uma incongruência e suscita a ironia. No entanto, os recursos do riso, da entonação e do uso de aspas atuam dentro dessa construção enunciativa como elementos complementares da construção da ironia. Elementos dessa natureza são considerados como sinais metairônicos, no sentido de que “não constituem ironia em si tanto quanto sinalizam a possibilidade de atribuição irônica” (HUTCHEON, 2000, p. 221).

Retomando um pouco a discussão sobre a interação ironista-interpretadora, vemos que a ironista deixou pistas muito claras de sua relação com o dito e o não dito em sua enunciação, demarcando nitidamente a ironia. O que a interlocutora busca em sua contribuição por meio

do comentário é, num primeiro momento, confirmar sua leitura “você quis dizer diretamente por **inferno**”, inferido do uso deslocado de ‘Céu’, solicitando essa confirmação explicitamente à ironista por meio da marcação do perfil. Posteriormente, a interlocutora objetiva também expressar concordância com o julgamento articulado na ironia, através do riso e da exposição de seu próprio julgamento “tudo querendo uma lasquinha”, consonante com o julgamento inferido da ironia. A enunciativa-replicadora do *compartilhamento de notícias*, por sua vez, tendo tido sua resposta invocada explicitamente, retorna reafirmando seu julgamento, elogiando sua interlocutora (“vc é demais”) e concluindo com nova expressão de riso.

Diferentemente do caso anterior, a próxima interação sobre a qual iremos nos debruçar pareceu oscilar entre a tentativa de desambiguação da ironia e a incompreensão efetiva. Vejamos, primeiro, o caso do qual nos ocuparemos (Exemplo 13).

Jéssica [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
17 de setembro de 2014 - Editado -

Merda , Tudo culpa do Governo Lula !!



Folha de S.Paulo

#maislidasodia Brasil reduziu em 50% o número de pessoas que sofrem fome nos últimos 10 anos, diz a ONU: <http://uol.com/bpdVvJ> (via Folha Cotidiano)

Eder [redacted]
Dinamara [redacted]
Maiara [redacted]

3 pessoas curtiram isso.

Dinamara [redacted] Ta bem claro de 10 anos para cá.....e tem gente querendo governo antigo de volta!!!!!!!
17 de setembro de 2014 às 18:06

Jéssica [redacted] fui bem ironica no titulo, pq tudo é culpa do pt hshsahsausahasahsa
17 de setembro de 2014 às 20:50 · 2

Ronan [redacted] e Maiara [redacted] curtiram isso.

Exemplo 13 - Compartilhamento e incompreensão.

Já tratamos de um compartilhamento desta mesma notícia no Exemplo 9, quando discutimos a ambiguidade constitutiva da ironia e a sua condição de apontar em todas as direções. Este notícia foi exaustivamente compartilhada e teve como principal alvo os opositores ao governo petista, construindo essa crítica por meio da menção dos discursos atribuídos a esse grupo. O caso então analisado é também representativo dessa estratégia de menção, pois a ironista, ao sobrepor a construção discursiva “Merda, Tudo culpa do Governo Lula” à notícia sobre a redução em 50% do número de pessoas que sofrem com a fome, constitui em sua elocução uma incongruência, a qual, por sua vez, objetiva um julgamento, caracterizando como irônica sua elocução.

Há alguns pontos que precisam ser esclarecidos a respeito desse enunciado. A formulação “Culpa do PT”, do qual o enunciado irônico aqui analisado é uma variação, apresentou grande capacidade de repetição, sendo utilizado como um mecanismo de crítica, de expressão de insatisfação para as mais diversas esferas governamentais (executivo, legislativo e judiciário). Diante disso, impõe-se ao nosso primeiro movimento de leitura que este enunciado podia ser mais uma dessas repetições automatizadas, se constituindo como um uso e não sendo, portanto, irônico. Nessa direção, a intervenção da interlocutora Dinamara seria a explicitação de sua compreensão da elocução como um uso efetivo, nos termos de Sperber e Wilson (1981), de tal discurso e, em sequência, sua oposição. No entanto, como esse bordão foi usado à exaustão, sendo utilizado inclusive para esferas governamentais que não eram responsabilidade do PT, a legitimidade crítica dele foi paulatinamente desconstruída e a possibilidade de subversão dessa crítica, por meio da menção ecoante, foi potencializada, principalmente pela automática recuperação dos originadores de tal discurso.

Essa compreensão é reforçada pela relação de incongruência que se estabelece entre o *comentário do compartilhamento* “Merda! Tudo culpa do Governo Lula!!” (culpa) e o comentário do objeto compartilhado (Brasil reduziu em 50% as pessoas que sofrem fome), confluindo ainda para essa leitura a expressão de apreciação feita pela interlocutora de nossa ironista, ao “curtir” o *compartilhamento de notícias*, nos levando a encarar o enunciado por esse viés subversivo, irônico. Portanto, nos resta admitir que a ironia fora, em certa medida, compreendida e que a expressão discursiva da interlocutora surge mais como uma tentativa de trazer à tona na superfície do texto o não dito, por ela inferido e pela ironista intentado, buscando confirmá-lo, do que como uma incompreensão.

Ainda sobre esse processo de negociação do sentido, convém ressaltar o uso, por parte dos interlocutores, de comentários de natureza metalinguística acerca da própria elocução irônica. Para trazer à tona a incongruência estruturadora da ironia, Dinamara sinaliza “Ta bem

claro [no título da notícia], de 10 anos pra cá”, já a ironista, diante de um possível desentendimento de seu intento irônico, posto em relevo no comentário de Dinamara, enfatiza “fui bem irônica no título”. Segundo Hutcheon, “comentários abertamente metalinguísticos são menos ambíguos” (2000, p. 223), sendo tal asserção confirmada nas interações irônicas aqui observadas: diante de uma potencial incompreensão do intento irônico, os ironistas geralmente lançam mão de tais recursos, como pode ser observado também no caso do “Só tem Dilma mentindo, eu quis dizer”, analisado no Exemplo 10.

Com essas considerações, objetivamos demonstrar que o jogo irônico é naturalmente ambíguo, assim muitas vezes a ironia pode passar despercebida ou ainda suscitar nos interlocutores, no público, a necessidade de confirmar sua existência. Vimos também que algumas vezes os ironistas, deliberadamente, constroem suas elocuições irônicas (?) de forma estridentemente dúbia, seja porque duas ou mais leituras são possíveis no contexto ou porque não há nada que ‘dispare’ uma leitura irônica. Por outro lado, pudemos também observar que a inadequação da elocução ao contexto ou ainda a existência de certas negociações, sinalizam que há um intento irônico, ou seja, orientam o enquadramento da elocução como ironia.

Assim, conscientes de que a noção de contexto é demasiadamente complexa, sendo essa complexidade acentuada no caso da Internet – em que as interações ocorrendo dispersas no tempo e no espaço podem ativar contextos discursivos bem distintos –, acreditamos que a expressão de ironia, em interações digitais, terá nos recursos metairônicos um suporte crucial para a construção de enquadramento irônico, embora a mobilização do conhecimento contextual permaneça visceral. É nessa direção que, investigando particularmente a ironia como estratégia e acontecimento discursivo, nos propomos agora a apresentar alguns mecanismos de edificação do acontecimento irônico utilizadas para guiar o público à identificação e à inferência de sentido irônico, operando o enquadramento e fazendo a ironia acontecer.

7 CATALOGAÇÃO DOS RECURSOS DE EXPRESSÃO DE IRONIA

Uma vez tendo sido feita a análise de alguns enunciados prezando sempre a interação como lugar privilegiado para a construção do sentido irônico, iniciamos agora uma etapa do trabalho cuja existência em potencial foi o que motivou essa pesquisa preliminarmente: um inventário dos recursos de expressão de ironia em interações digitais. No entanto, conscientes de que “talvez existam tantas estratégias de ironia em qualquer meio quantas são as estratégias de discurso em geral” (Kaufer, 1977: 99 apud HUTCHEON, 2000, p. 221), acreditamos que a importância de listar esses recursos por agora reside no fato de termos um registro inicial desse processo de transmutação e, principalmente, buscarmos colocar a discussão sobre os marcadores de ironia em interações digitais nas pautas das pesquisas linguísticas, tendo em vista a inclinação da nossa era, com o *homo ludens*, à ironia (BOOTH, 1983). Ainda é importante frisar que a relevância da listagem que segue está também no fato de ser o primeiro trabalho, pelo menos no domínio da língua portuguesa, que se dedica à ironia cotidiana, como fora chamada por Muecke (1995, p. 8), materializada não mais pela fala, mas através da escrita digital, uma vez que os trabalhos anteriores se dedicavam ou à ironia nos textos escritos de maior monitoramento, como os literários e os jornalísticos, ou à ironia cotidiana materializada nas interações de fala.

Assim, foi, investigando particularmente a ironia como estratégia e acontecimento discursivo, mas principalmente, interessados pela retextualização para os ambientes digitais das estratégias linguísticas, possibilitadoras da ironia como estratégia discursiva, que nos propusemos a apresentar alguns dos mecanismos mais utilizadas dentro do nosso *corpus* para guiar o interlocutor na identificação e na inferência de sentido irônico pois, na ironia, estão em jogo tanto o fingimento quanto o reconhecimento (anagorise) desse fingimento (MUECKE, 1995), e “o contexto imediato e o próprio texto devem sinalizar ou provocar alguma noção de que a ironia é possível” (HUTCHEON, 2000, p. 178). Tais estratégias, materializadas principalmente por meio de elementos paraverbais e verbais, ao apontar para o próprio fingimento irônico, de forma metacomunicativa, constroem o enquadramento irônico e fazem a ironia acontecer, desempenhando, portanto, papel crucial.

Para a sistematização e catalogação desses recursos de expressão de ironia, partimos da proposta teórica feita por Hutcheon (2000). Na proposta de Hutcheon (2000), as categorias se relacionam com a natureza do mecanismo linguístico mobilizado na construção da ironia, podendo esses mecanismos serem macrolinguístico, ou microlinguísticos, funcionando como sinais metairônicos. Para a autora, esses mecanismos podiam, na enunciação irônica,

desempenhar duas funções principais: estruturadora, em que eles engendrariam a enunciação irônica e a referenciarium, ou metairônica, em que esses recursos não constituiriam propriamente a ironia, mas, acompanhando-a, sinalizariam, melhor, disparariam a possibilidade de interpretação irônica. Desse modo, podemos organizar a proposta de Hutcheon, articulando a constituição e a função dos recursos de expressão de ironia como apresentado no quadro abaixo (Quadro 1):

Função	Categorias
Estruturadora	Circunstancial
	Textual
	Intertextual
	Mudança de registro
	Exagero / abrandamento
	Contradição / incongruência
	Literalização / simplificação
	Repetição / menção ecoante
Metairônica	Gesticulatório
	Fônico
	Gráfico

Quadro 1 - Categorias de recursos de ironia a partir de Hutcheon (2000).

Durante o processo de catalogação dos dados de acordo com a proposta de Hutcheon (2000), percebemos a impossibilidade, quanto à constituição da enunciação irônica, de catalogar alguns dos nossos dados de acordo com categorias elencadas por Hutcheon (2000). Diante dessa insuficiência, recorremos a outros estudos e, observando os mecanismos sinalizados por estes, incluímos, de acordo com o surgimento dos mecanismos de constituição de ironia, as seguintes categorias: ironia por analogia (MUECKE, 1995) E (PERELMAN e OLBRECHTS-TYTECA, 1996), imagética (CINTRA, 2011), recai sobre foto (BRAIT, 2008) e pergunta (BROOKS, 1971); de modo que trabalhamos, por fim, com o seguinte quadro (Quadro 2):

Função	Categorias
Estruturadora	Circunstancial
	Textual
	Intertextual
	Mudança de registro
	Abrandamento / exagero
	Contradição / incongruência
	Literalização / Simplificação
	Ironia por analogia
	Imagética
	Recai sobre foto
	Menção ecoante
	Pergunta
Metairônica	Gráfico
	Gesticulatório
	Fônico

Quadro 2 - Categorias de recursos de ironia a partir de Hutcheon (2000), Muecke (1995) e Perelman e Olbretchs-Tyteca (1996), Cintra (2011), Brait (2008) e Brooks (1971).

Em maior ou menor recorrência, como veremos na seção 7.4, todos esses recursos de expressão de ironia se fizeram presentes em nosso *corpus*. No entanto, para além da averiguação dos principais recursos de expressão de ironia utilizados nas interações digitais, interessava-nos particularmente observar e analisar a transmutação desses recursos de práticas interacionais de contextos não digitais para práticas interacionais em ambientes digitais. Assim, por questões de extensão e de prioridades de objetivos, discutiremos de forma aprofundada os casos que consideramos mais emblemáticos para reflexão sobre os recursos de expressão de ironia no gênero *compartilhamento de notícias* e, atentando ainda para o real caráter de novidade nesse processo de transmutação. agrupamos os recursos de expressão de ironia de acordo com os processos de retextualização ocorridos como:

- a) recursos retextualizados;
- b) recursos característicos das interações digitais;
- c) recursos característicos de interações escritas monitoradas.

Desse modo, inicialmente, discutiremos e analisaremos casos de retextualização dos recursos fônicos e gesticulatórios para expressar a ironia em ambientes digitais – recursos esses que motivaram nossa pesquisa. Nessa direção também avaliaremos como os recursos gráficos têm sido explorados como sinalizadores da ironia e apresentaremos as especificidades que eles adquirem nas interações digitais. No âmbito das especificidades,

apresentaremos também recursos de expressão de ironia que consideramos exclusivos das interações digitais, por não termos conhecimento de sua existência em outros contextos anteriores às interações digitais. Por fim, discutiremos alguns mecanismos de expressão de ironia que chamaram nossa atenção não por sua natureza transmutada, mas pelo inesperado da ocorrência, pois, em detrimento da natureza ‘pouco monitorada’ como as interações digitais frequentemente têm sido caracterizadas (HILGERT, 2000; MARCUSCHI, 2005), esses recursos apresentam um alto grau de sofisticação em sua formulação, o que se torna pertinente para refletir, investigar e discutir não só o caráter da interação digital, como também do próprio fenômeno irônico.

7.1 RECURSOS RETEXTUALIZADOS

É consensual, como vimos com Mizzau (1984 apud HUTCHEON, 2000), que a ironia é a única figura de linguagem acompanhada de elementos paralinguísticos e isso ocorre na ironia materializada tanto por meio da fala quanto por meio da escrita. Inicialmente, por admitirmos que as interações digitais estejam, enquanto concepção textual, mais relacionadas com a fala – apesar de sua materialização escrita –, ansiávamos investigar como se dava a retextualização dos recursos paralinguísticos, especificamente aqueles sinalizadores de ironia nas interações orais face a face, para o ambiente digital, tais como gestos, sons e expressões faciais. Suspeitávamos que o processo de retextualização ocorreria, pois: a) sabíamos que, no processo de metacomunicação da ironia, os elementos paraverbais desempenham papel fundamental, principalmente em interações concebidas como fala, cujo dinamismo impõe aos interlocutores uma explicitação mais acentuada de seus propósitos; e b) também estávamos cientes de que no ambiente digital – dinâmico como a fala, mas materializado pela escrita – muitos destes recursos paralinguísticos precisariam ser retextualizados em função das limitações materiais impostas pelo suporte digital, que privilegia primordialmente a escrita.

Acreditamos que a necessidade de os falantes desenvolverem mecanismos substitutivos para os recursos gestuais e fônicos se deve à importância que esses elementos têm para a comunicação humana. Tal importância se faz evidente nas interações humanas desde a própria gênese da linguagem humana, pois, segundo algumas correntes da sociocognição (CORBALLIS, 2002, apud JOFFILY, 2010), os recursos gestuais e fônicos são uma das primeiras formas de expressão do ser humano, como o gesto de apontar, sendo constitutivos da linguagem humana e tendo acompanhado a linguagem humana desde os primórdios, principalmente em sua manifestação mais proeminente: a conversação ordinária.

Desse modo, podemos considerar que, dado o seu potencial expressivo, os recursos paralinguísticos desempenham um papel essencial na comunicação humana, pois funcionam como um suporte poderoso para a comunicação verbal. Portanto, fica simples compreender o imperativo aos textos não orais de instituir recursos que supram tais elementos, sendo essa necessidade mais latente em interações mais espontâneas, ou seja, em interações menos monitoradas, por sua proximidade com a comunicação oral – este é o caso de boa parte das interações digitais e, particularmente, do *compartilhamento de notícias*.

Desse modo, as interações digitais *suis generis* são lugares privilegiados para a inserção e observação da transmutação dos elementos paralinguísticos, pois, estando o caráter comunicativo mais espontâneo na própria base de boa parte dessas interações, sobretudo após o advento da Web 2.0 – basta lembrar, por exemplo, que o site mais acessado do mundo é um site de rede social – temos nas comunicações estabelecidas nesses espaços uma configuração linguística híbrida. A dinâmica interacional é mais próxima da oralidade (com os propósitos e as necessidades expressivas dessa natureza), no entanto a materialização linguística de tais interações se dá principalmente por meio da escrita, a qual não dispõe a priori de mecanismos paralinguísticos que dêem conta dos propósitos e necessidades expressivas das interações dessa natureza. Nessa necessidade de expressar um sentimento ou construir uma estratégia discursiva, no caso a ironia, em um ambiente que nos surge como novo, no caso a Internet, naturalmente partimos do que já temos estabilizado para a construção do novo, ou seja, transmutamos nossas estratégias.

A ironia, seja considerada como estratégia discursiva, como figura, como tropo etc., tem geralmente, em sua construção material, invocado uma complementação dos recursos paralinguísticos. No âmbito das interações faladas, podemos destacar, entre os principais marcadores paralinguísticos da ironia, os elementos prosódicos e gestuais, estando aí incluídas as expressões faciais. Já, no caso das interações concretizadas por meio da escrita, não havendo essa copresença entre os interlocutores, os mecanismos para a expressão da ironia acabam sendo de outra ordem, e podemos destacar entre eles os recursos gráficos de itálico, reticências e exclamações. Para Hutcheon, esses elementos desempenhariam uma função metairônica (2000, p. 222) na construção do discurso, e da noção de ‘metairônico’ podemos apreender, numa primeira leitura, que eles desempenhariam uma função acessória. No entanto, a compreensão da autora não se dá nesses termos e, para ela, os sinais metairônicos, entre os quais estariam os elementos paralinguísticos, “funcionam como gatilhos para sugerir que o interpretador deve estar aberto a outros significados possíveis” (HUTCHEON, 2000, p. 221) e dessa forma auxiliam no enquadramento da elocução como irônica ou não. Esse caráter

faz nos lembrar de alguns enunciados que quando acompanhados de uma mudança prosódica ou de um gesto não habitual são enquadrados diferentemente do que é frequente. Lembra-nos do elogio jocoso acompanhando de palmas espaçadas, da intervenção não sincera acompanhada da tosse simulada ou ainda da aprovação irônica sinalizada por meio do gesto polegar em ‘legal’ forçado. No entanto, como ficariam todos esses recursos em interações que não ocorrem presencialmente, que não possibilitam aos interactantes visualizar/ouvir uns aos outros? Inicialmente, faremos um breve panorama dos recursos gesticulatórios, tratando da retextualização dos recursos fônicos em seguida e, por fim, teceremos algumas considerações a respeito dos recursos gráficos como sinalizadores de ironia.

7.1.1 Retextualização dos recursos gesticulatórios

Num levantamento preliminar⁴⁹ sobre como se dava a compreensão dos *emoticons* entre os usuários de redes sociais – a pesquisa era mais voltada para a cognição –, pudemos observar que alguns *emoticons* eram compreendidos e, conseqüentemente, utilizados pelos usuários para demarcar a ironia; este era o caso, por exemplo, do *emoticon* ¬¬. Outras pesquisas, acerca do mesmo tema, desenvolvidas por Recuero (2001), Xavier e Santos (2009), Storto (2011) e Ferreira (2012), apresentaram resultados semelhantes. Convém ressaltar que esses trabalhos se ocupavam do uso e das funções dos *emoticons* genericamente, e não daqueles relacionados apenas à ironia. Essas pesquisas apontaram, assim como nosso trabalho preliminar, que há de fato a transmutação dos recursos gesticulatórios usados nas interações face a face para as interações digitais, havendo inclusive proeminência de alguns desses recursos para a expressão da ironia especificamente.

Outro ponto a ser mencionado é que, uma vez observado o percurso temporal, podemos também perceber o uso de *emoticons* característicos da ironia em momentos diferentes da história da Web: enquanto as pesquisas desenvolvidas por Recuero (2001) sinalizam o uso do *emoticon* :p (língua para fora da boca) como um sinalizador de ironia, as pesquisas de Xavier e Santos (2009) e Storto (2011) apontam o *emoticon* :-7 como um marcador de ironia. Esses dois *emoticons* estabelecem entre si uma relação de variação, tendo o primeiro deles a língua apontada para baixo (:p) e o outro tendo a língua apontada para cima (:-7). Por outro lado, o trabalho apresentado por Ferreira (2012) bem como a nossa pesquisa

⁴⁹ Pesquisa realizada para a disciplina de Linguística 4, ministrada pela professora Medianeira Souza, no semestre de 2012.2, no curso de graduação em Letras – Bacharelado em Pesquisa em Língua Portuguesa.

(2012) apresentam como um *emoticon* prototípico da ironia o ☹, apontando uma mudança dos elementos focalizados na sinalização da ironia: antes o foco se dava nas expressões da boca, havendo uma tendência de focalizar por agora as expressões em torno dos olhos. Essa tendência se baseia na influência que os usos orientais dos *emoticons* exercem sobre os usos ocidentais, tendo repercutido não só no *emoticon* supracitado, mas em outros como o *_* e o oO.

A tendência de utilizar o *emoticon* ☹ para sinalizar a ironia se manteve na pesquisa que desenvolvemos aqui, uma vez que esse recurso foi o mais utilizado por nossos sujeitos, ocorrendo 7 vezes em um total de 19 episódios de recursos gesticulatórios. Dentre os recursos por nós observados, vale a pena ainda destacar os *emoticons*: 😊, com 4 ocorrências, e os 😞, 😊, 👍, com 2 ocorrências cada. Ocorreram uma única vez os recursos 😏 e 😜, que são também expressões faciais de riso, mas que se distinguem do 😊 por seu caráter de gargalhada, mais especificamente. Retornando ao *emoticon* prototípico de sinalização de ironia, o ☹ apresentou algumas variações como ☹' ou --', e ainda a materialização como o *emoticon* 😏. Algumas vezes o caráter desempenhado por esse *emoticon* era marcado como acessório, uma vez que o tom irônico já era sinalizado em outros elementos presentes na elocução; outras vezes, a presença de tal elemento representava o único sinal “para sugerir que o interpretador deve estar aberto a outros significados possíveis”, como preconizado por Hutcheon (2000), inclusive o significado irônico. Vejamos alguns exemplos desses dois movimentos.



Exemplo 14 - Compartilhamento e recurso gesticulatório.
Fonte: Facebook

Nas nossas análises, como demonstramos, consideramos não apenas o comentário do compartilhamento em si, mas as mais variadas relações que dele emergem (deste com o comentário do objeto compartilhado ou ainda com os comentários subsequentes); portanto, no caso do *compartilhamento de notícias* acima (Exemplo 14), devemos considerá-lo em sua relação com o objeto compartilhado, ou seja, a notícia postada pela Folha de São Paulo. Nossa consideração se limita a essa relação por não termos acesso aos eventuais comentários desdobrados a partir do compartilhamento. Da relação comentário do compartilhamento-objeto compartilhado, podemos apreender já num primeiro momento a existência de um sentido irônico, pois a sobreposição do comentário o compartilhamento ao fato noticiado no objeto compartilhado gera explicitamente uma incongruência e objetiva imprimir na elocução uma aresta avaliadora. Desse modo, a existência ou não do *emoticon* que surge ao final (¬¬) não comprometeria a compreensão da elocução como irônica, mas tal presença desempenha a função de guiar o interlocutor mais uma vez para o caminho intentado pelo ironista.

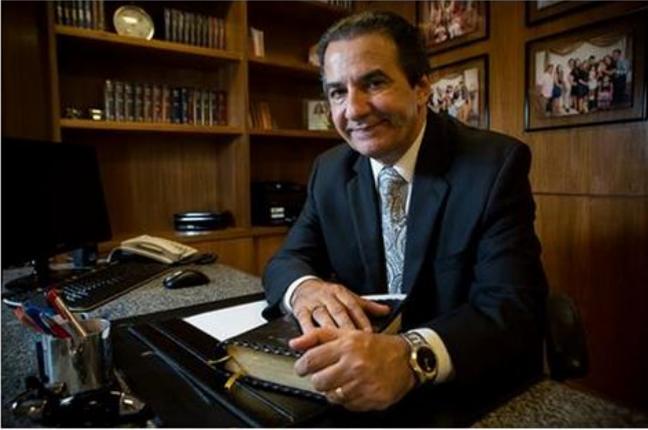
Assinalamos que o *emoticon* desempenharia a função de mais um guia, pois a própria construção do texto verbal do compartilhamento já é em si um primeiro guia. A construção

“votem na Dilma, votem!” aparece no compartilhamento como aquilo que Kerbrat-Orecchioni (apud Brait, 2008) denomina de conselho irônico e, considerando que a autora trabalha a ironia numa perspectiva de tropo, compreendemos esse conselho como significando o seu contrário: o reforço à votação em Dilma surge como uma repreensão de tal atitude. Desse modo, a orientação da aresta avaliadora é direcionada, não ao objeto do compartilhamento (Dilma), mas ao público, que o ironista acredita votar em Dilma, uma vez que o conselho sendo irônico objetiva avaliar negativamente a escolha desta candidata pelo eleitorado vislumbrado no compartilhamento.

Talvez a escolha de utilizar um *emoticon* para sinalizar mais uma vez que o interlocutor deve estar aberto a outros significados possíveis para a elocução ali apresentada se deva ao fato de buscar evitar a incompreensão, que, como já exploramos no capítulo 6, não é muito infrequente quando se trata de ironia. Se, no caso que acabamos de analisar, o surgimento do *emoticon* é mais uma pista de contextualização para a elocução ser interpretada como irônica, muitas vezes ela é a única pista de contextualização de ironia, como trataremos adiante (Exemplo 15).

Rafael [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
3 de setembro de 2014 ·

#EtaJesusMaravilhoso --'



Folha de S.Paulo

Após criticar programa, Malafaia anuncia apoio a Marina no 2º turno.
<http://uol.com/bvdS18>

Foto: Tomás Rangel/Folhapress

Curtir · Compartilhar · 5 5

5 pessoas curtiram isso.

Washington [redacted] Unir o inútil com o desagradável. Tá Serto 👍
3 de setembro de 2014 às 08:19 · Curtir · 1

Guilherme [redacted] por isso não voto mais na Marina, nem no primeiro turno, e nem no segundo..infelizmente se der Marina x Dilma, terei que votar na Dilma.
3 de setembro de 2014 às 10:05 · Curtir · 1

Orlei [redacted] Quando falei que não existe aliança política , dizem que sou louco, está ai a prova que existe AS ALGEMAS DO SATANAS da POLITICA está todo mundo uns algemados aos outros, E a GAYzada toda gritando marina,marina....toma pra aprenderpronto falei..... Essa eleição e o bolo que já saiu do formo faz tempo .
3 de setembro de 2014 às 15:14 · Curtir · 1

Rafael [redacted] Eu to bem em duvida sobre o segundo turno, Dilma é foda mas Marina com esse tipo de apoio 😞
3 de setembro de 2014 às 16:12 · Curtir

Gustavo [redacted] Só sei que votar na candidata do Malafaia fica feio!
3 de setembro de 2014 às 16:15 · Curtir

Figura 15 – Compartilhamento e recurso gesticulatório 2.
Fonte: Facebook

Para prosseguirmos a análise deste caso particular (Exemplo 15), de modo que seja convincente para o leitor, é necessário que busquemos, desprendidos de possíveis valorações acerca do objeto do dizer, encarar o comentário presente no compartilhamento em sua relação intertextual com o texto, objeto compartilhado. Essa manobra é necessária para que possamos vislumbrar como a dupla significação inerente à ironia se encontra latente nessa elocução e para percebermos como o sinal metairônico se coloca como efetivo estruturador do discurso irônico no texto ora analisado. Diante do comentário, em formato de hashtag,

“#EtaJesusMaravilhoso” sobre o objeto compartilhado, divulgando a notícia “Após criticar programa, Malafaia anuncia apoio a Marina no 2º turno”, pelo menos duas leituras, como em toda construção irônica, nos salta aos olhos: a primeira, considerando apenas o texto verbal desse comentário, apontaria para uma expressão interjetiva, com inclinação apreciativa do fato noticiado, não havendo, portanto, nada que apontasse para uma incongruência entre o que foi o dito na materialidade textual e o sentido intentado nessa elocução; essa leitura primeira seria tida como o sentido do dito, ou ainda literal, e não estaria atravessada pelo não dito, pela ironia.

No entanto, numa segunda leitura, considerando também o elemento não verbal presente ao final da elocução, o *emoticon*, podemos compreender que sua presença busca representar a expressão facial do locutor. Essa expressão, sendo socialmente convencionalizada como uma marca de ironia em potencial (FERREIRA, 2012), sobrepõe-se ao dito, sinalizando uma entoação não sincera sobre o que se disse e indicando ao interlocutor que ele “deve estar aberto a outros significados possíveis”, inclusive o significado incongruente dotado de uma aresta avaliadora tanto sobre o próprio comentário feito no compartilhamento (#EtaJesusMaravilhoso) quanto sobre o fato noticiado (o apoio de Malafaia a Marina no segundo turno).

Para que essa segunda leitura se efetive é necessário que o interlocutor do ironista compartilhe do conhecimento de que o recurso gráfico --', cujo cunho é sobretudo negativo (FERREIRA, 2012), surge na verdade como a transmutação digital de uma expressão facial e uma expressão facial peculiarmente irônica. É necessário ainda que este interlocutor estabeleça uma relação entre esse elemento gráfico, em sua articulação negativa, e o texto verbal, em sua articulação positiva, sobrepondo um ao outro numa relação de tensão, que possibilita o significado irônico. Desse modo, não podemos compreender que o *emoticon* --' seja apenas um sinal metairônico, mas devemos atribuir-lhe também o valor de estruturar ironicamente a significação da elocução.

Uma vez tendo sido estabelecido esse percurso de compreensão e efetivada a leitura, podemos observar que essa segunda leitura, na qual nos apoiamos nos elementos linguísticos e paralinguísticos do texto em questão, é ratificada pelo fluxo interacional decorrente desse compartilhamento. Alguns indícios dos interactantes de nosso ironista reafirmam o intento irônico. Num primeiro momento destacamos o primeiro comentário sobre o compartilhamento: este comentário, enunciado por Washington, se estrutura por meio da subversão do dito popular, “Unir o útil ao agradável”, na construção “Unir o inútil com o desagradável”. Na materialidade de sua elocução, o locutor subverte ainda a articulação

positiva do dito popular, introduzindo uma articulação negativa, por meio da introdução de prefixos. Esse movimento, por sua vez, reforça a avaliação negativa presente, por meio do *emoticon* --', na elocução do compartilhamento, associando, a essa avaliação negativa, a construção “TáSerto” que, num primeiro momento, pode indicar uma articulação avaliativa positiva, mas cujo desvio ortográfico sugere uma significação alternativa. Por fim, o nosso locutor Washington faz uso da retextualização digital do recurso gesticulatório ‘legal’ (👍) ratificando mais uma vez a incongruência existente entre os dois pólos avaliativos de sua elocução e sinalizando para possibilidade desta ser compreendida como irônica. Dessa forma, vemos que o interactante Washington, tendo compreendido a ironia presente no compartilhamento, dá continuidade ao jogo irônico, utilizando ainda em seu comentário outros indícios de que a ironia é ali intentada.

Os comentários que se seguem também são indicativos de uma avaliação negativa da candidata Marina Silva, porém essas avaliações não se utilizam dos recursos irônicos. Ainda assim esses comentários são importantes indicadores, para nossa análise, de que a ironia foi efetivamente intentada e compreendida, pois, além de eles se colocarem como se houvesse, e de fato há, concordância quanto à avaliação, entre eles há o comentário do promotor do compartilhamento, Rafael. Na sua última colocação, o ironista Rafael deixa transparecer sua avaliação tanto sobre a candidata quanto sobre o apoio por ela recebido e o faz reiterando o uso de expressão facial, dessa vez indicativa de descontentamento, e não de insinceridade. Por todos esses elementos, vemos que é a inserção do elemento metairônico no comentário do compartilhamento que possibilita muitas vezes a própria estruturação da elocução como irônica, indicando para os interactantes as regras que governam o jogo linguístico em questão, redimensionando-o como um jogo irônico.

A retextualização dos recursos gesticulatórios se mostra muito importante para a compreensão da retextualização do fenômeno irônico para o ambiente digital e a sua presença de formas tão diversas vem apontar para a relação estreita que a interação digital mantém com a fala e materializar a tentativa de corporificação que os interactantes no meio digital buscam (LÉVY, 2001). Desse modo, outro aspecto que nos interessa particularmente é como os aspectos prosódicos, mecanismos típicos da expressão irônica por meio da fala, matéria primeira das interações cotidianas, têm se manifestado, têm sido expressados nas interações digitais, e, sobre esse tópico, nos ocuparemos na seção abaixo.

7.1.2 Retextualização dos recursos fônicos

Como pudemos observar nas considerações feitas sobre o papel desempenhado pelos recursos gesticulatórios na estruturação e acontecimento irônico, os recursos paralinguísticos pretendem sinalizar, denunciar, de forma metacomunicativa, a relação que o ironista estabelece com o dito de sua ironia (HUTCHEON, 2000). Esse papel primordial que os recursos paralinguísticos ocupam no acontecimento irônico reside no fato de que a ironia se origina no discurso oral. Podemos destacar entre os recursos paralinguísticos os mecanismos sonoros, ou ainda os chamados tons irônicos (GURILLO et al., 2004, p. 238), como muito caros para essa explicitação da ironia, pois, como há muito os estudos oratórios preconizaram, a ironia se caracteriza por ser “uma maneira de falar distante do modo comum” (QUINTILIANO, 2010, p. 193) – e aqui consideramos que a materialização textual da qual os estudos oratórios se ocupam são, sobretudo, textos orais.

Dessa forma, essa ‘maneira de falar distante do modo comum’ tematiza em si o fingimento e, portanto, a relação do ironista com aquilo que enuncia – remontando à etimologia grega eironeia. A essa concepção conflui a postura defendida por Clark e Gerrig (1984) de que, na ironia, é necessário um tom adequado que evidencie essa atitude, podendo ele se dar, por exemplo, através do exagero no tom de voz ou ainda através da construção enunciativa caricatural ao proferir uma elocução. Apesar de existir exemplos de ironia que dispensam qualquer sinalização e, mais especificamente, que dispensam sinalizações de natureza paralinguística (HUTCHEON, 2000) e apesar de estes exemplos serem considerados algumas vezes mais sofisticados, reconhecemos por outro lado a importância comunicativa de tais sinais para a ironia cotidiana, cujo dinamismo e praticidade demandam dos interlocutores uma explicitação mais clara de seus propósitos, por meio de pistas metacomunicativas, sendo a existência de tais pistas nas interações digitais ainda mais crucial por causa da tentativa de construção do contexto em comum.

No entanto, como já dito diversas vezes, no ambiente digital ao passo que algumas possibilidades são dadas, outras são usurpadas, como o é a possibilidade de acesso aos recursos sonoros. Embora atualmente as configurações tecnológicas da Web 3.0 possibilitem um tráfego maior de vídeos e áudios, a exemplo dos aplicativos como Whatsapp e a reprodução automática de vídeos em redes sociais como o Facebook, é preciso ressaltar que os ambientes digitais são ainda espaços por excelência da escrita – como nossa descrição da unidade interacional caracterizou –, tendo, portanto, nos recursos de áudio e vídeo possibilidades secundárias. A despeito desta materialidade primordialmente escrita, as

interações digitais se concebem muito mais como fala: os usuários, ao escreverem, se sentem falando – como diz Hilgert (2000) – ou, de forma mais ponderada, as interações dadas no ambiente digital vêm a problematizar de forma ainda mais acentuada a dicotomia virtual fala x escrita – nas palavras de Marcuschi (2008). Desse modo, a concepção textual se dá por meio dos paradigmas da fala, apesar do suporte escrito, de forma que a urgência pelo uso dos recursos sonoros, no caso da edificação de ironia, finda por esbarrar com limitações do suporte gráfico, restando aos usuários buscar formas de contornar tais limitações.

Sabemos que, no caso das interações orais, as diversas estratégias sonoras ocorrem primordialmente através de fenômenos prosódicos, como alongamento de vogais, elevação de voz, pausas e hesitações (MODESTO, 2011), desempenhando funções várias; sabemos também que tais mecanismos de ênfase não podem ocorrer na materialidade escrita tal como ocorrem na fala, havendo mecanismos específicos. Diante desse quadro e admitindo o uso dos recursos sonoros, por exemplo: o exagero no tom de voz e a expressão forçada de uma tosse, como importantes pistas para o reconhecimento do intento e conseqüente enquadramento irônico, as expressões de ironias, particularmente as ‘menos sofisticadas’, acabam por demandar aos ironistas, em interações digitais, mecanismos substitutivos desses recursos fônicos em função das materializações escritas. Nessa direção, algumas adaptações desses recursos sonoros para a natureza híbrida específica dos ambientes digitais já foram observadas em outros fenômenos discursivos, em que os recursos sonoros desempenham fundamental papel na trama enunciativa, a exemplo de hesitações, progressão textual, pedidos e ordens. Entre essas adaptações, podemos pontuar: o uso de letras maiúsculas como um indicador de animação ou ainda expressão de impolidez (MODESTO, 2011) e o recurso das reticências como um marcador de progressão textual ou até mesmo de hesitação, buscando demarcar a continuidade do turno (MODESTO, 2011).

Partindo dessas observações, suspeitávamos que, nos casos de expressão de ironia nas interações digitais, alguns mecanismos de retextualização dos recursos sonoros seriam utilizados, ao passo que também haveria reapropriação de outros recursos provenientes da modalidade escrita da língua, tais como os recursos de aspas e reticências já consagrados nas práticas literárias como sinalizadores de ironia (HUTCHEON, 2000; MUECKE, 1995). Tais suspeitas puderam ser comprovadas a partir da análise do *corpus*, em que constatamos o uso de letras maiúsculas, aspas, reticências e reiteradas exclamações como guias para a interpretação irônica na maior parte dos dados – cerca de 180 dados registrados apresentaram alguma espécie de recurso gráfico que compreendemos como sinalizador da existência de ironia. Como imaginávamos que existiria uma apropriação de caracteres gráficos objetivando

retextualizar mecanismos sonoros, consideramos estritamente mecanismo de retextualização fônica apenas aqueles casos em que os contornos prosódicos ou fônicos pudessem ser percebidos de forma diferencial ainda na materialidade gráfica. Portanto, discutiremos como mecanismos fônicos retextualizados para a interação digital do tipo compartilhamento de notícias: o prolongamento fônico, o uso seletivo, deliberado e alternado de letras maiúsculas e a onomatopeia “cof cof”.

Dentro desse universo da retextualização dos recursos sonoros, a existência de um mecanismo nos chamou a atenção: o prolongamento de letras como simulador de um prolongamento fônico. Tal mecanismo se destacou entre os demais não por sua recorrência (tivemos apenas 8 ocorrências deste mecanismo nas interações observadas), mas por concretizar o sentimento de ‘estar falando por meio da escrita’ (HILGERT, 2000), pois, admitindo que no nosso sistema de escrita alfabética cada letra corresponde de forma grosseira a um som, acreditamos que a reiterada repetição das letras observada em nosso *corpus* objetivava simular o prolongamento de sons ocorrido nas interações orais. Observemos o exemplo abaixo, onde fica claro que por meio da reprodução gráfica se estabelece um ‘tom irônico’.

De início, podemos sustentar a existência de ironia no Exemplo 17 a partir daquilo que Hutcheon (2000) define como tom irônico, ou seja, a intuição e suspeita, por parte do interlocutor, de que muito mais é dito além do que está explicitado, levando-o a atribuir uma avaliação e um julgamento para além deste dito (inocente, no caso). O modo como a interação se desdobra vem a confirmar essa suspeita, pois há incongruência entre a colocação inicial do ‘ironista’, no comentário do compartilhamento, e as suas duas intervenções posteriores (um comentário e curtidas). Enquanto o comentário do compartilhamento rotula Marina Silva como “inocente”, o enunciador-replicador, em seu comentário posterior, qualifica a candidata do PSB como “Uma chata... que voz estridente...”, e destoa da caracterização inicial (inocente), nos levando a tomar apenas um deles como “verdade” e a considerar o outro para além do explicitado. A aceitação dessa “verdade” se dá por meio das curtidas praticadas pelo autor do compartilhamento, principalmente daquela sobre o comentário “fundamentalista, antiquada... será um retrocesso” feito pelo interlocutor André, cujo posicionamento é de crítica à candidata do PSB, pois, através dela, o locutor Carlos explicita de fato sua opinião acerca de Marina e sua ‘inocência’. Nessa apreciação, a contradição se desfaz e compreendemos o julgamento inicial como uma estratégia discursiva fundamentada na ironia, a qual não passou despercebida pela plateia dessa publicação, que, diante do qualificador ‘inocente’, ora concordou com o julgamento subjacente à ironia, ora se contrapôs, saindo em defesa da candidata do PSB diante da aresta avaliadora desesperadamente afiada imbricada nesse ‘inocente’, a exemplo da interlocutora Linda.

Apenas do ponto de vista da interação, do modo como os sentidos são negociados, construídos e desvelados, já é possível inferir a ironia e fazê-la acontecer na interação observada. No entanto, como acreditamos e temos argumentado, a ironia é uma estratégia ou figura de linguagem cujos recursos metairônicos se fazem imperativos, estando tais recursos enormemente presentes nas ironias da fala, através de marcas gestuais e fônicas, e tendo também presença marcante, ainda que discreta, nas ironias escritas, através de mecanismos próprios como itálicos e aspas. É, nessa direção, que ressaltamos, no caso ora analisado, o uso de um recurso para sinalizar ironia: o prolongamento fônico. Antes de prosseguirmos, convém esclarecer que aqui compreendemos o prolongamento fônico como a ênfase, através da reiterada repetição de grafemas, em determinado fonema(s) ou segmento sonoro feita deliberadamente com determinados propósitos de caráter linguístico (para indicar perguntas, por exemplo) ou de caráter identificador (para expressar sentimentos e opiniões) (FIGUEIREDO, 2011). Desse modo, o prolongamento fônico surge como um recurso prosódico e pode desempenhar diversas funções discursivas, tendo sido, inclusive,

considerado como uma das marcas amplamente utilizadas para sinalizar intento irônico (HUTCHEON, 2000; MUECKE, 1995).

Por sua materialidade sonora, associamos o prolongamento fônico ao recurso prosódico típico das interações de fala, de forma que, na interação aqui analisada (Exemplo 17), consideramos que ele surja de forma transmutada, uma vez que sua origem está na fala, mas a sua materialização aqui se dá por meio de recursos gráficos (MARCUSCHI, 2005; 2008). Isso decorre do fato de que os interactantes, tendo em vista tanto sua real necessidade de sinalizar intento irônico quanto as condições majoritariamente gráficas do suporte Facebook, baseiam-se no já consagrado uso do prolongamento fônico como sinalização de ironia nas interações orais e reconstruem-no a partir do senso comum de que para cada som corresponde uma letra (BECHARA, 2009, p. 53). Disso, então, resulta que a reiterada repetição de letras objetiva reproduzir na materialidade gráfica o prolongamento fônico, se constituindo, portanto, como uma retextualização deste prolongamento e funcionando aqui como um sinalizador de ironia. A escolha desse tipo de marcador, que também se fez presente no Exemplo 12 analisado no capítulo 6, nos revela muito sobre o sentimento de “sentir-se falando através da escrita” descrito por Hilgert (2000), pois nos dá pistas de como as interações digitais têm sido compreendidas como mais dinâmicas e próximas das interações faladas do que das interações escritas, apesar de sua materialidade. Ainda que não possamos precisar se a compreensão da ironia ocorreu já pela incongruência existente entre o comentário do compartilhamento e a interação posterior, devemos ressaltar que o uso da repetição das letras, retextualizando o prolongamento fônico, vem atuar de forma metairônica (HUTCHEON, 2000), por reforçar, aos moldes da metacomunicação (BATESON, 1998), a ironia já estruturada na incongruência, também desvelada no fluxo interacional, entre uma aparência (inocente) e uma realidade (não inocente), sugerindo aos interlocutores que busquem e infiram significados para além do dito.

Além da repetição de letras retextualizando o prolongamento fônico, observamos outras sinalizações gráficas transmutando mecanismos sonoros e, dentre elas, discutiremos um pouco sobre o uso de letras maiúsculas como um potencial sinalizador de intento irônico. É necessário explicitar que os casos aqui considerados como sendo usos de letras maiúsculas foram aqueles em que existiram variações entre maiúsculas e minúsculas no comentário do compartilhamento e, nos quais, investigamos como essa mudança gráfica auxilia na construção do enunciado e da significação irônica. Observemos inicialmente o compartilhamento abaixo (Exemplo 18), cuja notícia refere-se a um apoio ao candidato Aécio Neves das torcidas de clubes esportivos de Minas Gerais, estado eleitoral do candidato.

Nessa busca, somos inicialmente incitados a considerar a polissemia do termo “massa”, motivados por sua apresentação diferencial, para deslocá-lo da referência à torcida do Atlético Mineiro para outras referências. Nessa busca devemos considerar de pronto que o termo aqui é utilizado como substantivo e, enquanto substantivo, ele pode significar, de acordo com o Dicionário Houaiss (2004, p. 1963), matéria sólida ou pastosa, pasta, argamassa, povo, multidão, quantidade, além de sua referência à especificamente maconha, mas podendo englobar as demais drogas. Entre essas possibilidades, o sentido contextualmente apropriado (MARSCUSCHI, 2007) para “massa” nesse texto parece ser o último referente, “drogas”, por causa da apreensão de 445 quilos de pasta base de cocaína encontrados em um helicóptero do Senador Zé Perrella, aliado político de Aécio Neves⁵⁰ – tendo sido este fato amplamente explorado na corrida presidencial de 2014 e surgido em outro dado como nomeação irônica do programa de governo do tucano como “Pó para todos”, no dia 28 de setembro, sendo esse “pó” uma referência à cocaína.

Ao deslocar o sentido do termo destacado, nosso ironista faz interferir sobre o sentido “massa” como “povo, torcida do Atlético Mineiro” o significado “massa” como “droga, cocaína”; desse modo, há uma quebra de expectativa ao deturpar-se o suposto apoio ao tucano por parte dos “torcedores do Atlético Mineiro” para um suposto apoio ao candidato por parte das “drogas” e, ao realizar esse deslocamento de sentidos, o ironista, avaliando o candidato tucano de modo desesperadamente afiado, deixa latente essa denúncia do suposto envolvimento de Aécio Neves com a apreensão da cocaína.

Nesse caso, consideramos que foi primordialmente a exploração dos recursos paralinguísticos (tanto o uso de letras maiúsculas quanto a expressão do riso) que possibilitou a inferência e conseqüentemente o enquadramento do enunciado como irônico, pois, do contrário, a inferência de um significado como “maconha” e a conseqüente quebra de expectativa seriam possibilidades bem mais remotas. Isso porque tanto a referência à torcida do Atlético Mineiro é muito central para o termo “massa” neste contexto, devido à conjunção do desenho de um galo e das cores alvinegras, quanto o uso deste termo para referir “maconha, drogas” é muito especializado e pouco central, requerendo, portanto, alguma sinalização de que esse significado fora intentado, sinalização esta dada através do uso de maiúscula. Nesse caso, especificamente, foi o uso dos caracteres maiúsculos que, atuando de forma metairônica, estruturaram e fizeram a ironia acontecer, porém essa força estruturadora

⁵⁰ Fonte: <http://politica.estadao.com.br/noticias/eleicoes,senador-tem-de-explicar-caso-da-cocaina-no-helicoptero-diz-aecio-imp-,1102546>. Acesso em 22 de março de 2016.

nem sempre residirá sobre esse recurso metairônico, tendo sido ele utilizado muitas vezes de forma realmente ‘accessória’, como veremos exemplificado no caso abaixo (Exemplo 19).

Jaque [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
16 de setembro de 2014 · 🌐

"A dilma n faz nada" "a dilma só aumenta imposto" "bolsa familia n ajuda"
"dilma só rouba" "lula e dilma afundaram o brasil" TA



Folha de S.Paulo

Brasil reduziu em 50% o número de pessoas que sofrem fome nos últimos 10 anos, diz a ONU: <http://uol.com/bpdVvJ> (via Folha Cotidiano)

Curtir · Compartilhar · 👍 11 🗨️ 1

👍 11 pessoas curtiram isso.

Tiago [redacted]: Fome Zero foi uma ótima proposta do governo Lula. Mas não se aplica ao cenário político atual

Exemplo 19 – Compartilhamento e recurso fônico.
Fonte: Facebook

Essa notícia, publicada pela Folha de S. Paulo duas vezes no dia 16 de setembro de 2014, foi objeto de milhares de compartilhamentos e sua presença foi recorrente em nosso *corpus* dado o seu potencial ‘irônico’, que foi amplamente explorado pelos atores desta rede social e residiu no jogo estruturado na incongruência entre uma aparência e uma realidade, como definido por Muecke (1995). Os casos aqui observados, de modo geral, tomavam a aparência como os discursos amplamente difundidos pelos opositores à candidata, e então presidenta, Dilma, por exemplo: “o governo petista havia acabado com o Brasil” e “o Programa Bolsa Família não era eficiente no que se propunha”, constituindo também o mecanismo menção ecoante; já a “realidade” era assumida por nossos ironistas como a própria notícia e sua significação da “eficiência do Programa Bolsa Família e do governo

petista”, fundamentando-se na ideia de que notícias representam a realidade, de modo que essa eficiência ganhava status de real.

Tendo claro esse jogo entre a aparência e a realidade no caso desta notícia, é preciso inicialmente atentar para a noção do compartilhamento como uma unidade e, ao relacionar o comentário do compartilhamento (“A Dilma não faz nada’ ‘a Dilma só aumenta imposto’ ‘bolsa família não ajuda’ ‘Dilma só rouba’ ‘Lula e Dilma afundaram o Brasil’”) com o objeto compartilhado (Brasil reduziu em 50% o número de pessoas que sofrem fome nos últimos 10 anos, diz a ONU), já observamos a existência dessa incongruência, que em muito se assemelha à incongruência entre uma aparência e uma realidade, característica elementar da ironia (MUECKE, 1995). Neste caso, em que o discurso jornalístico se faz presente, é natural considerarmos que a realidade esteja representada no discurso jornalístico, dada a sua pretensão (muito discutível, sem dúvida) de objetividade, restando à aparência se apresentar no comentário do compartilhamento, de forma que a uma aparente ineficiência do governo Dilma (como dito no comentário do compartilhamento) se imporia a real redução da fome (como dito no objeto compartilhado). No entanto, como sinalizado no aparato teórico, não será apenas a incongruência que fará a ironia acontecer, pois o valor diferencial da ironia reside primordialmente em sua aresta desesperadamente afiada, cabendo uma investigação sobre a existência de uma crítica fundamentada nesta incongruência de dois discursos ou sistemas de valores, como diz Brait (2008).

Ao construir seu comentário, Jaque, no Exemplo 19, enumera cinco frases que sintetizam de forma muito eficaz os diversos jogos que foram operados entre essa(s) aparência(s) e essa realidade. Ao demarcá-las por aspas, interpretamos que a enunciadora as sinaliza como palavras de outrem, as quais ela apresenta, mas das quais busca se distanciar (AUTHIER-REVUZ, 2004). Esses discursos mostrados se constituem como exemplares da “aparência” tão difundida pelos opositores do PT sobre o que teria sido o governo dilmista, aparência esta fundamentada na ineficiência (‘não faz nada’, ‘só aumenta imposto’, ‘bolsa família não ajuda’, ‘só rouba’ e ‘afundaram o Brasil’). Quanto à apresentação destes dizeres, surge como diferencial apenas o uso das aspas, uma vez que os caracteres gráficos são, em sua maior parte, letras minúsculas, à exceção da primeira letra do texto (Adilma), cuja apresentação em maiúscula se deve provavelmente a uma coerção do sistema de escrita digital (a primeira letra de um texto é posta automaticamente em maiúscula). Ao fim desta enumeração dos discursos de outrem, a enunciadora inclui, grafando em letras maiúsculas, o vocábulo “TA”; todavia, como esta frase não está demarcada por aspas, somos levados a considerá-la, inicialmente, não como o discurso de outrem, mas como o discurso da própria

autora do compartilhamento, ou seja, o discurso do ‘eu’ que enuncia (AUTHIER-REVUZ, 2004) e, numa leitura preliminar, poderíamos apreendê-lo como um reforço aos discursos de outrem anteriormente mostrados, ou seja, poderíamos significá-lo como consonante aos discursos anti-dilmista anteriormente mencionados. No entanto, além da ausência das aspas, há, na grafia deste discurso, o uso deliberado de letras maiúsculas, o que contribui para realocar seu valor diferencial em relação às demais frases, pois, como a distinção entre a fala de quem enuncia e os discursos de outrem já havia sido feita pelo uso das aspas, devemos considerar que a grafia peculiar do “TA” nesse caso sinaliza algo para além dessa fronteira entre os discursos mostrados e o discurso do enunciador.

Contudo, antes de prosseguirmos na análise do vocábulo “TA” como lugar de expressão e avaliação da autora do compartilhamento, nos debruçaremos sobre a relação que se estabelece entre os planos discursivos que o compartilhamento mobiliza (objeto compartilhado e comentário do compartilhamento), pois estamos convencidos de que esta articulação feita pela enunciativa está permeada de propósito discursivo e nos dará indicativos sobre seu posicionamento, trazendo esclarecimentos sobre o significado do “TA”, tal como surge nessa enunciação. No Exemplo 19, a enunciativa ao articular e apresentar esses discursos, evocando a aparente ineficiência do governo Dilma, através dos discursos de outrem dos quais ela se distancia, diante da real eficiência do Programa Bolsa Família, como o discurso jornalístico, constitui entre eles uma fricção, gerando uma incongruência que objetiva avaliar e desqualificar um desses sistemas de valores (BRAIT, 2008; BERGSON, 1983), que se percebido e interpretado pelo público constitui ironia.

Dado o distanciamento marcado pelas aspas, essa avaliação irônica se dá sobre os discursos de outrem, cuja fragilidade axiológica é maior diante do discurso compartilhado (notícia), pois este é considerado um fato em razão da sua natureza jornalística. Desse modo, a avaliação irônica sobre os discursos de outrem surge aqui através da menção ecoante que, como descrita por Sperber e Wilson (1981), finda por ridicularizar aquele grupo de onde tal discurso provém, ou seja, nossa ironista ao articular esses discursos objetiva ridicularizar e criticar os seus efetivos enunciadores. Portanto, o discurso irônico se estrutura e acontece já na relação entre esses discursos mencionados (menção ecoante) e o discurso evocado no objeto compartilhado (a notícia).

Tendo isso claro, concluímos que a ironia acontece à revelia da própria existência do vocábulo “TA”, de modo que nos convém refletir sobre como a particular apresentação do termo em maiúsculas se constitui como uma pista de contextualização para a significação da enunciação, importando nessa reflexão o papel do uso de maiúscula na interação digital. De

início, recorrendo à concepção de que interações digitais são de natureza interacional híbrida, ou seja, se realizam através da escrita apesar da dinâmica mais próxima da fala (HILGERT, 2000; MARCUSCHI, 2005), reiteramos que o uso de maiúsculas pode ser associado nessas interações a uma ênfase prosódica e desempenha diversas funções interacionais e discursivas.

No Exemplo 19, em que o uso de maiúscula é feito alternada e deliberadamente, compreendemo-lo como dotado de função interacional; todavia, como a demarcação do lugar de dizer da enunciativa já foi feita pela ausência de aspas, interpretamos que este uso serve primordialmente à representação de uma mudança prosódica, ou seja, a retextualização para a escrita de variação de tom, recurso próprio da fala. Portanto, o uso de maiúscula aqui surge para ressaltar a presença de um tom diferente do comum, que reflete, através da ‘voz’ da enunciativa, sua atitude, seu acento avaliador, sua entoação (VOLOCHINOV, 2014, online) para com os discursos mostrados como ‘de outrem’. Desse modo, é notável que o vocábulo “TA” apresentado em maiúsculas surge como uma pista metacomunicativa (BATESON, 1998) sinalizando o tipo de relação que a enunciativa estabelece não apenas com aqueles discursos apresentados, mas com o seu próprio discurso (de aparente concordância), e demandando que o interlocutor considere essa relação em sua interpretação. Foi, assim, por considerar o uso de maiúscula como um mecanismo de retextualização de recursos fônicos que optamos por abordá-lo apenas como retextualização de ordem fônico, e não gráfica, por compreendermos que nos texto escritos tal recurso já opera como um mecanismo de sinalização irônica, não sendo, portanto, retextualizado.

É, portanto, a junção dessa análise com a incongruência entre comentário e objeto compartilhado que nos faz compreender o próprio termo “TA” como dotado de significação contrastante, de modo que o tom empregado ao termo se diferencia dos demais por causa da latente aresta avaliativa que desafia e se impõe à aparente concordância, nos levando a ressignificar a primeira leitura de concordância e ridicularizá-la.

Por fim, podemos observar que no compartilhamento analisado, em que a ironia já se estrutura e acontece na incongruência entre o objeto compartilhado e o comentário do compartilhamento, a enunciativa utiliza-se do espaço de expressão de sua subjetividade para novamente comunicar e ainda sinalizar aos seus interlocutores que a relação estabelecida com os enunciados mencionados é irônica, fazendo-o tanto pela demarcação por aspas (mostrando-os como palavras de outrem) quanto pelo tom fônico (de exagero?) retextualizado para a escrita por meio de letras maiúsculas. Desse modo, compreendemos que essa marca surge aqui funcionando de forma metacomunicativa, ou seja, funcionando de forma metairônica. Percebemos, portanto, que, se em algumas situações a presença de marcadores irônicos ativa a

atribuição e significação irônica funcionando como verdadeiros estruturadores da ironia, em outras, como no caso ora discutido, a presença de tais sinalizadores é de fato acessória, o que significa que tais sinalizações fazem parte do ‘desnecessário’ jogo irônico, principalmente por ser responsabilidade do ironista proporcionar aos seus interlocutores pistas de que o intento irônico deve ser considerado, e, ao fazê-lo, se resguarda por compartilhar com seu público a responsabilidade de fazer a ironia acontecer.

Ainda que ironias sejam acompanhadas de sinais metairônicos, como uma mudança prosódica, uma expressão facial ou um gesto, tais recursos não são exclusivos do fenômeno irônico, pois também são utilizados em outras situações de diversas naturezas. No entanto, alguns recursos têm sido amplamente compreendidos como potenciais sinalizadores da ironia, entre os quais Hutcheon (2000, p. 223) destaca a mudança de registro da voz, a alteração de velocidade e o limpar de garganta. Diante do seu potencial de sinalizar intento irônico e assim fazer a ironia acontecer na interação é que, em um de nossos dados, este último mecanismo surgiu retextualizado e foi empregado como a totalidade do comentário do compartilhamento, como podemos abaixo (Exemplo 20).

Carolina [perfil oculto] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo. 2 de setembro de 2014 · 🌐

COF COF

[Ver tradução](#)



Folha de S.Paulo

Veja o que os candidatos disseram no debate presidencial, mas não é bem assim... <http://uol.com/brdTys> (via Folha Poder)

Curtir · Compartilhar · 👍 2

Exemplo 20 – Compartilhamento e recurso fônico.
Fonte: Facebook

É pertinente notar que, no Exemplo 20, o enunciador ‘nada diz’ que possa ser tomado como seu comentário, de modo que a materialidade verbal que temos neste caso se limita ao objeto compartilhado, ou seja, a notícia sobre “o que os candidatos disseram no debate presidencial, mas não é bem assim”. O que surge apenas no espaço discursivo é uma verbalização/retextualização de uma tosse (COF COF), que neste tipo de interação digital não poderia ser efetivamente expressada. Desse modo, o enunciador ao verbalizar esta tosse explícita de fato não um acontecimento fisiológico, mas simula tal acontecimento como uma variação daquilo que Hutcheon compilou como limpar a garganta (2000, p. 223). Ao ser retextualizado, este acontecimento é transformado em um fenômeno enunciativo, dotado de propósito discursivo, cuja significação poderia ser muito ampla; no entanto, tendo consciência de que este recurso (simular tosse, limpar garganta) tem sido amplamente utilizado para sinalizar a ironia, assim como as palmas deslocadas do contexto, significamos que a retextualização aqui flagrada se torna uma pista, decerto a única sinalização, para o tipo de atitude que o enunciador estabelece com o objeto compartilhado, de modo que essa atitude ainda que não materializada verbalmente possa ser comunicada e compreendida.

Através dos casos aqui e analisados, pudemos observar e ratificar a importância que os recursos prosódicos têm para a estruturação e o acontecimento irônico, confirmando a concepção, defendida por Clark e Gerrig (1984), de que no fingimento irônico convém que o ironista assuma uma voz apropriada para o papel de eiron que incorporou. Tal concepção se mostrou válida até mesmo nas interações digitais, em que a dinâmica mais próxima da fala impôs à escrita retextualizações dessas adequações de ‘vozes’, ou seja, desses tons irônicos, por meio de uso de maiúsculas, de repetição de caracteres gráficos ou ainda de onomatopeias, ou ainda impôs à escrita a expressão das expressões faciais, o que reforçou ainda o caráter híbrido das interações digitais e a necessidade de corporificação presente nessas interações, dada a sua dinamicidade (LEVY, 1999). No entanto, acreditamos que essa hibridização não impôs apenas aos aspectos fônicos modificações (em função da realização gráfica), mas, como veremos na seção a seguir, a própria realização gráfica nas interações digitais é também reestruturada em função de aspectos de natureza diversa.

7.1.3 Retextualização dos recursos gráficos

Diferentemente dos recursos fônicos e gesticulatórios, cuja materialização é dificultada diante das configurações tecnológicas disponíveis no suporte *compartilhamento de notícias*, os recursos gráficos são predominantes neste tipo de interação dada a sua

materialidade verbal escrita. Desse modo, julgávamos que os recursos gráficos presentes no nosso *corpus* como sinalizadores de ironia seriam em muitos aspectos semelhantes àqueles que têm sido utilizados nos mais diversos textos escritos, por não haver grandes modificações ou restrições quanto a esses recursos no suporte Facebook, pois, ainda que o uso de itálico e negrito não seja possível, o tom irônico que o destinatário reconhece diante de um texto escrito se concretiza principalmente na pontuação (GURILLO et al., 2004, p. 238)⁵¹. Desse modo, acreditávamos que o uso das aspas e das reticências seria muito presente em nossos dados – expectativa esta concretizada a respeito das aspas, presentes em 88 dos 180 compartilhamentos em que recursos gráficos foram em alguma medida explorados. No entanto, para além dessa constatação, ansiávamos desvendar que especificidades os recursos gráficos teriam no caso das ironias em interações digitais e, por isso, discutiremos aqui principalmente os recursos que nos surgiram de fato como novidade e são eles o uso do acento til, o uso do jogo da velha (chamado nas práticas digitais de hashtag) e a mudança ortográfica.

Preliminarmente, para compreendermos os demais usos de recursos gráficos como marcas de ironia, é preciso refletir sobre o funcionamento de uma marca muito comum na sinalização da ironia: as aspas. As aspas são sinal gráfico que, como pontuação, “também são empregadas para dar a certa expressão sentido particular (na linguagem falada é em geral proferida com entoação especial)” (BECHARA, 2009, p. 613), de modo que as aspas são consideradas como o meio mais utilizado para sinalizar (na escrita) o caráter irônico de algum elemento, cuja indicação na linguagem oral se dá por indicadores não verbais (GURILLO et al., 2004, p. 238)⁵². O que pudemos concluir a partir das interações aqui observadas e analisadas é que, por serem práticas cuja natureza linguística é híbrida, ora as aspas eram utilizadas funcionando do modo acima descrito (ou seja, tal como a escrita e a linguagem digital é compreendida como escrita) ora as aspas não foram utilizadas, ainda que o tom irônico pudesse ser claramente notado (ou seja, tal como a fala a linguagem digital é compreendida como fala). Portanto, consideramos que o uso das aspas seja metairônico, pois o tom irônico é decorrente da relação que o interlocutor estabelece com o seu dito, sendo a presença das aspas uma sinalização explícita, uma comunicação adicional desta relação estabelecida.

⁵¹ No original: “si nos enfrentamos a un texto escrito, el tono irónico que reconoce el destinatario se concreta en otros indicadores. En primer lugar, en la puntuación.”

⁵² No original: “Los signos de exclamación y los puntos suspensivos se usan a veces para desempeñar el papel de los indicadores no verbales en el lenguaje oral, aunque quizá las comillas sea el medio más utilizado para señalar el carácter irónico de algún elemento.”

Nessa direção, pudemos observar o uso das aspas ser substituído por um sinal de acentuação, e não mais pontuação: o til, cuja função é indicar a nasalização de um fonema, em língua portuguesa necessariamente de um fonema vocálico. Já tínhamos observado esse uso do til como substituto das aspas em outras práticas discursivas digitais, e, embora não tenhamos até então estabelecido relações claras entre ele e a sinalização de intento irônico, era notável que a sua presença demarcava em alguma medida uma ênfase nos termos colocados entre ‘tiles’. Ansiávamos, portanto, encontrar esse uso sinalizando ironia, mas pudemos concretizá-lo apenas no caso abaixo (Exemplo 21).

Célia compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
28 de agosto de 2014 · 🌐

Apenash observo a ~nova~ política, a mudança.



Folha de S.Paulo

Marina aparece em "chapa" dos tucanos Alickmin e Serra em programa eleitoral.
<http://uol.com/brdS01>

Foto: Rahel Patrasso/Xinhua

Compartilhar

👍 13 pessoas curtiram isso.

Exemplo 21 – Compartilhamento e recurso gráfico.
Fonte: Facebook

Como em outros casos aqui já analisados, é interessante notar, no Exemplo 21, que já internamente ao objeto compartilhado é estabelecida uma relação de incongruência avaliativa, sobre a qual a ironia irá se estruturar e acontecer. A notícia compartilhada explicita a associação entre Marina Silva e os candidatos tucanos Alckmin e Serra, deixando implícita uma ironia da vida provocada pelas peripécias do jogo político, uma vez que Marina Silva (intitulada a candidata da nova política) se alia a Serra e Alckmin (considerados políticos tradicionais). No entanto, é no comentário do compartilhamento que essa incongruência, que não foi explicitamente mencionada ainda que seja facilmente inferida pelo público leitor, vai ser de fato discursivizada e reforçada, pois é nele que de fato a menção ao slogan de Marina (nova política e mudança) é feita. Ao ecoar esses chavões da campanha psbista, a interlocutora coloca o qualificador “nova” entre tiles, o que é compreendido, associado ao uso das aspas, como uma sinalização de que uma entoação especial deve ser empregada naquele termo, devendo também um sentido especial ser atribuído; essa entoação se apresenta também na mudança ortográfica explicitada na grafia da palavra “apenas”, escrita aqui com um “h” após o “s”, o que busca retextualizar o som do sh/x (fonema /ʃ/) e representar a articulação mais oralizada deste vocábulo, levando-a ao exagero, à caricatura. Sobre o uso do til, é pertinente destacar que das duas expressões utilizadas na campanha de Marina Silva e mencionadas aqui (“nova política” e “mudança”) apenas o adjetivo da primeira expressão foi posto em destaque nessa menção, não tendo a palavra “mudança” nem um tipo de sinalização. Acreditamos que tal estruturação ocorra não só por nossa ironista objetivar destacar o adjetivo “nova”, recaindo a ironia sobre esta qualificação – a mais evidenciada da candidatura de Marina (o novo), como também por a ironia já ter sido sinalizada e instaurada na primeira parte do enunciado, não sendo necessário sinalizá-la novamente, pois o tom irônico é atribuído ao termo “mudança” por extensão.

No Exemplo 21, vemos o uso do recurso gráfico til de uma forma ímpar, inovando a sinalização de uma entoação diferenciada (potencialmente irônica), feita antes através do uso de aspas. Pudemos observar que tal inovação não foi exclusiva para a ironia e estabelece com a aplicação das aspas a semelhança da sinalização de entoação diferencial, porém distinguisse daquelas no uso excêntrico, uma vez que tiles são usados comumente sobre vogais para sinalizar nasalização. Portanto, consideramos que tal uso do til é mais de caráter estilístico do que propriamente interacional, se constituindo como uma variação propriamente dos recursos gráficos em textos impressos e textos digitais, pois a retextualização aqui ocorre da escrita formal para a escrita digital, o que é diferente do que ocorre, por exemplo, com a grafia da palavra “apenash”, em que se textualiza o fonema /ʃ/. Nessa mesma linha da transmutação

fonética para a grafia, pudemos observar o recurso da mudança da direção de escrita e da leitura (feita em língua portuguesa da esquerda para a direita), sendo feita da direita para a esquerda e cuja significação nos surgiu como sinalização de uma entoação diferenciada comunicando intento irônico. Observemos abaixo o exemplo (Exemplo 22).

Marco Antônio [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
2 de setembro de 2014 · 🌐

Tá "serto"! Um manipulador nojento e a idiota manipulável!
Lindol! Desse jeito o país vai pra etner<<<<



Folha de S.Paulo
Após criticar programa, Malafaia anuncia apoio a Marina no 2º turno.
<http://uol.com.br/vdS18>
Foto: Tomás Rangel/Folhapress

Curtir · Compartilhar · 👍 40 🗨️ 14

👍 40 pessoas curtiram isso.

Jps [redacted] Nojento esse cara!
2 de setembro de 2014 às 19:40 · Editado · Curtir · 👍 4

Perazzo [redacted] Alma sebosa...
2 de setembro de 2014 às 19:02 · Curtir · 👍 4

Victoria [redacted] Nojento é com J... e ele é mesmo... um psicopata nojento...
2 de setembro de 2014 às 19:37 · Curtir · 👍 2

Jps [redacted] Já corrigi Victoria [redacted] Rsrrsr Rsrrsr. Fico pensando o que as pessoas vêem nesse elemento para darem tanta moral para ele!
2 de setembro de 2014 às 19:42 · Curtir · 👍 2

Victoria [redacted] Não tem nada para ver... Ele é que manipula bem... Psicologia pode ser usada para o bem e para o mal... Como tudo... e esse fdp... por ser psicopata... usa as pessoas para o bem dele...
2 de setembro de 2014 às 19:44 · Editado · Curtir · 👍 3

Warner [redacted] Notório vigarista, não quer perder o bonde da história.
2 de setembro de 2014 às 19:45 · Curtir · 👍 2

Jps [redacted] E ele é psicólogo formado. Porém não faz parte do Conselho de psicologia. E realmente ele usa a psicologia para alienar as pessoas incultas.
2 de setembro de 2014 às 19:46 · Editado · Curtir · 👍 2

Luis Carlos [redacted] Bem assim



2 de setembro de 2014 às 20:05 · Curtir · 👍 4

Ribeiro [redacted] Anda com esta merda de livro embaixo do braço como se este contesse verdade absoluta.
2 de setembro de 2014 às 21:20 · Curtir · 👍 1

Rosa [redacted] Temos que pedir para Zeus, Deus, Maomé e Tupã para que Marina não ganhe. Se essa desgraça acontecer nosso presidente será o Silas
2 de setembro de 2014 às 21:30 · Curtir · 👍 2

Jps [redacted]



2 de setembro de 2014 às 21:31 · Curtir · 👍 17

André [redacted]

Diaba Silva Curtiu isso



3 de setembro de 2014 às 06:59 · Curtir · 👍 3

Culpa [redacted] Os sem noção vão se unir!
3 de setembro de 2014 às 16:13 · Curtir · 👍 2

Mario José [redacted] Não critica o cara, ele só tá querendo ficar um pouco mais rico para pegar o Brad Pitt pra bofe, pô!!!
3 de setembro de 2014 às 21:26 · Curtir · 👍 2

Exemplo 22 – Compartilhamento e recurso gráfico.
Fonte: Facebook

Neste compartilhamento, diferente de outros aqui analisados, a notícia, objeto compartilhado, não tematiza em si nenhum fato potencialmente irônico, de modo que a ironia presente neste compartilhamento não se estrutura nem acontece no diálogo com a notícia, mas se limita ao comentário do compartilhamento. Nele, podemos observar uma incongruência se estruturar a partir da articulação entre um sistema de valor positivo, através de expressões como lindo, “serto” e desse jeito o país vai para etnerf (frente), sobre um sistema de valor negativo, por meio de expressões como “manipulador nojento” e “idiota manipulável”, constituindo sobre este uma avaliação elogiosa (serto, lindo e pra frente) para algo não elogioso (manipulador nojento e idiota manipulável), o que confirma a tendência da articulação positiva (elogio) sobre algo negativo (crítica) como teorizado por (HUTCHEON, 2000; BERGSON, 1983). A partir dessa ironia textual, por se estruturar e acontecer a partir da sequência como o texto é construído, o enunciador busca compartilhar com seu público sua avaliação acerca do apoio de Silas Malafaia a Marina Silva e aponta não só que tipo de avaliação é esta, mas também como ela se relaciona com o que o dito do enunciado através não só do exagero típico da ironia, com os sucessivos elogios pontuados por exclamações, mas principalmente através de alguns recursos de ordem gráfica, agindo de forma metacomunicativa.

Inicialmente, essa sinalização se dá no modo peculiarmente equivocado como a palavra “serto” está grafada neste enunciado, com s, onde deveria grafar com c (certo), além do fato de esta palavra estar entre aspas, sugerindo que um significado alternativo pode ser atribuído a esse uso, como já explicado anteriormente com Bechara (2009). Tais sinalizações (a grafia equivocada e o uso das aspas) buscam ressignificar a palavra “certo” e, conseqüentemente, o julgamento dela proveniente (como acertado, correto), pois o “serto” assim grafado está “errado”, implicando naquela qualificação positiva esta avaliação negativa, de forma incongruente e irônica⁵³. Além desta sinalização, há ao final do enunciado outra peculiaridade gráfica que busca novamente tematizar, sinalizar e comunicar o que está para além da superfície do dito do enunciado, ou seja, comunicar o não dito irônico, sendo ela a mudança na direção da escrita da palavra “frente”, apresentada no enunciado como “etnerf”. Nesse caso, vemos novamente a escrita concretizar a avaliação implícita no não dito, pois o modo “para trás” como a palavra “frente” é escrita faz incidir sobre esse termo não o significado de “progresso” associado à palavra “frente”, mas sim de retrocesso, por a sua

⁵³ Discorreremos em mais detalhes sobre esse recurso do desvio ortográfico adiante, na seção 7.2, sobre recursos sinalizadores de ironia característicos da interação digital.

escrita nessa direção incomum à língua portuguesa, constituindo-se nesse jogo a avaliação irônica.

A partir de toda essa estruturação do enunciado irônico, com as sinalizações de intento irônico nas aspas e nas mudanças ortográficas, pudemos observar que o modo como o ironista construiu este enunciado afastou de seu texto a sombra, tão intrínseca à ironia, da ambiguidade, excluindo qualquer possibilidade de dúvida ou incompreensão. Essa leitura nitidamente orientada para a atribuição do intento irônico reverbera nas interações decorrentes deste compartilhamento, pois, observando como a ironia foi recebida pelo público a quem ela foi direcionada (HUTCHEON, 2000), notamos não só um número expressivo de curtidas (40 curtidas), sintoma da repercussão do compartilhamento, como também uma consonância entre as avaliações imbricadas nos comentários do compartilhamento com o comentário feito pelo ironista – nenhuma das intervenções presentes nos comentários destoa da avaliação feita pelo ironista em seu enunciado, inclusive algumas delas retomam a qualificação de Silas Malafaia como um “nojentto” e a última minimiza a crítica do comentário do compartilhamento para estruturar a sua própria ironia, dando sequência ao jogo irônico.

Pudemos, assim, concluir que o uso de recursos gráficos como sinais metairônicos se mostrou muito efetivo na comunicação de intento irônico e mesmo os recursos que têm sido construídos e socializados recentemente como potenciais sinalizadores de ironia, a exemplo do uso dos tiles e das mudanças ortográficas, têm estabelecido com a significação irônica uma relação retroalimentadora, em que tanto a ironia já discursivizada constitui o significado de tais sinais quanto eles agem como reforços à significação irônica. Nas análises aqui desenvolvidas, também pudemos observar quanto aos aspectos microlinguísticos que, ao passo que alguns sinais gráficos foram apropriados do sistema da escrita impressa (principalmente do uso de aspas), outros recursos foram concebidos em diálogo com esses recursos gráficos já estabelecidos, como o uso de tiles e de maiúsculas, sinalizando do mesmo modo que uma entoação diferenciada deveria ser aplicada na compreensão de tais enunciados, por suspenderem o significado mais imediato de tais termos. Por outro lado, vimos também um recurso muito peculiar para sinalizar a ironia se criar em torno do modo como as palavras foram grafadas, a este recurso de desvio ortográfico categorizamos como desvio ortográfico e a sua existência nos fez refletir não só sobre os próprios sinalizadores de ironia, mas principalmente sobre o papel dos desvios ortográficos nas mais diversas interações. O desvio ortográfico foi uma interessante descoberta da pesquisa aqui empreendida, por não só não termos desconfiado dele, mas principalmente por ser um uso relativamente novo e muito próprio do ambiente digital; desse modo, na seção a seguir em que discutiremos os recursos

de edificação da significação irônica, reservamos um espaço para expor e discutir outros casos em que o desvio ortográfico atua para a construção irônica.

7.2 RECURSOS CARACTERÍSTICOS DAS INTERAÇÕES DIGITAIS

Como temos argumentado ao longo deste trabalho, as interações digitais representam de fato uma mudança nos paradigmas de práticas discursivas até então estabelecidos, por apresentar um novo suporte com novas condições de interação. No entanto, admitimos que esse caráter de novidade não significa uma ruptura com os padrões comunicativos estabelecidos, pois os interactantes sempre partem do já conhecido para estabelecer novas diretrizes de interação (MARCUSCHI, 2008), ou seja, os padrões interacionais digitais se baseiam nos demais padrões interacionais, ainda que com algumas adaptações. Desse modo, ansiávamos investigar como, nas interações digitais, os recursos já estabilizados nas interações da escrita impressa e, principalmente, da fala como potenciais sinalizadores de ironia estavam sendo apropriados e adaptados pelos interactantes para demarcar intentos irônicos nas interações digitais, particularmente no *compartilhamento de notícias*.

Na seção anterior, 7.1, analisamos como essa reapropriação se concretizou e notamos uma transmutação dos recursos físicos, tão próprios da fala (como expressões faciais e mudanças prosódicas), para formulações gráficas, em função das restrições tecnológicas do suporte Facebook. Quanto aos recursos gráficos transmutados da escrita impressa para as interações digitais, notamos um diálogo ainda mais estreito, principalmente, com o recurso das aspas, notadamente consagrado como forma de sinalizar ironia e origem do novo recurso de tiles sinalizando ironia. Por outro lado, vimos algumas formulações linguísticas surgirem como marcadores de ironia, sem que se relacionassem com os sinalizadores já estabelecidos nas interações de escrita ou de fala, se constituindo como mecanismos muito próprios do ambiente digital de modo que consideramo-los como recursos característicos deste tipo de interação. Entre essas formulações linguísticas tão próprias do ambiente digital, discutiremos aqui duas: a sigla SQN, que tem funcionado como marcador de natureza metacomunicativa (BATESON, 1998), e o desvio ortográfico, que já foi em certa medida analisado na seção anterior.

O destaque dado a esses dois recursos se fundamenta em aspectos ironicamente opostos: enquanto a sigla SQN mereceu um estudo detalhado por causa de seu alto grau de exclusividade – a sigla surge apenas para demarcar intento irônico –, o desvio ortográfico requereu uma análise pormenorizada justamente por sua flexibilidade e por sua presença

muitas vezes não intentada; além disso, a criatividade explorada na grafia de um mesmo vocábulo possibilita inúmeros jogos linguísticos, inclusive os irônicos. Iniciaremos, portanto, nossa discussão, abordando o desvio ortográfico como um sinalizador de ironia, dando sequência na análise com a sigla SQN.

7.2.1 Desvio ortográfico

Como a seção 7.1 deixou entrever, a expressão de ironia em interações digitais estabeleceu com os mecanismos já consagrados na fala e na escrita algumas relações. Vimos uma relação muito próxima ser estabelecida principalmente entre o uso de recursos gráficos na escrita impressa e na escrita digital. Por outro lado, flagramos também a realocação do recurso gráfico do til num uso e função pouco convencionais, e antecipamos, em seguida, como o desvio ortográfico foi ressignificado com um viés irônico. É sobre este último aspecto da sinalização da ironia que iremos nos debruçar, mas antes é preciso alertar que adotamos aqui a nomenclatura “desvio ortográfico”, e não erro ortográfico, por compreendemos, nos casos aqui observados e analisados, tal uso ser feito de forma consciente, com propósitos bem delimitados, pois, ainda que em alguns momentos não seja distinguível quando o uso é deliberado ou involuntário, a associação entre o desvio do padrão ortográfico de algumas palavras e a tentativa de que se atribua intento irônico a estas palavras (intento este construído também nas relações intertextuais entre comentário do compartilhamento e objeto compartilhado) é muitas vezes não só evidente como recorrente, a exemplo do termo “serto” anteriormente avaliado.

Para falarmos de desvio do padrão ortográfico, se faz necessário tecermos minimamente algumas considerações sobre ortografia. É consensual que a ortografia é uma convenção social (MORAIS, 2007), que busca, a partir de reflexões e pesquisas da Etimologia e da Fonologia, sistematizar e propor regularidades e princípios para a representação escrita da língua(gem), utilizando-se do sistema alfabético. Dentro dos estudos sobre ortografia, a noção de erro ou desvio ortográfico tem sido abordada principalmente como uma etapa do processo de aquisição da escrita (Cf. MIRANDA, 2010), ficando notadamente clara a relação que a ortografia estabelece com a modalidade escrita da língua. No entanto, no que concerne às interações digitais, as convenções ortográficas têm sofrido modificações bem consistentes, sendo a escrita digital qualificada até mesmo como bizarra (CRYSTAL, 2001 apud MARCUSCHI, 2002). Algumas explicações têm sido propostas para essas mudanças, prevalecendo entre elas a tese de que os interactantes têm a necessidade de transpor para a

escrita recursos prosódicos, típico do caráter dinâmico da fala. É importante ainda pontuar que os desvios ortográficos observados na escrita digital (abreviação de sílabas, repetição de grafemas, ausência de uso de maiúscula) não se assemelham aos desvios ortográficos ocorridos no processo de aquisição da escrita alfabética, o que aponta muitas vezes para seu caráter deliberado e sua existência funcionando discursivamente.

Foi nessa direção que observamos aqui os desvios ortográficos se concretizarem; no entanto o caráter diferencial de algumas mudanças aqui flagradas residiu primordialmente na formulação do desvio, a qual constitui um jogo bastante sofisticado de materialização da avaliação irônica. Retomando os casos já analisados nas seções anteriores, vimos, por exemplo, que o ironista inverteu a direção da escrita (efetuando-a da direita para a esquerda) da palavra “frente”, buscando ressignificar o termo como seu contrário, ou seja, “trás”, incidindo neste jogo sua avaliação desesperadamente afiada fundamentada na incongruência entre um dito e um não dito. A seguir, analisaremos um dado em que um jogo gráfico materializou a avaliação implicada na ironia, no entanto, a título de exemplificação, julgamos pertinente discorrer inicial e brevemente sobre outro dado, que contrasta com aquele. Vejamos.

Daniela [nome oculto] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
2 de outubro de 2014 · 🌐

Q beleza de democracia



Folha de S.Paulo

Sindicato envia e-mail a funcionários da Petrobras pedindo votos a Dilma:
<http://uol.com/bpdWLY> (via Folha Poder)

Curtir · Compartilhar

Exemplo 23 – Compartilhamento e recurso específico desvio ortográfico.
Fonte: Facebook

No Exemplo 23, podemos observar a categoria Incongruência (dizer uma coisa para fazer comunicar o seu contrário) se estruturar e acontecer já na intersecção entre o comentário do compartilhamento (em sua exaltação da “democracia”) e o objeto compartilhado (em que se noticia o aparelhamento de empresas públicas para fins eleitorais). Ao qualificar essa atitude como “democracia”, a interlocutora busca sobrepor a esse fato, majoritariamente negativo, um julgamento superficialmente positivo; no entanto, consciente da fricção que o fato noticioso – principalmente em seu caráter “real” – impõe a seu aparente julgamento, a ironista joga e espera que o público, considerando e adotando este não dito, sobreponha-o ao dito do enunciado e faça o jogo irônico acontecer. No entanto, para a efetivação desse jogo irônico e a responsabilidade compartilhada de seu logro, a enunciativa não disponibiliza nenhuma sinalização (aspas, uso de maiúscula, tiles, *emoticons*, prolongamento fônico etc.), nenhuma marca de que o intento irônico está sendo aplicado e deve ser considerado, de modo que a estruturação e o acontecimento irônico residem exclusivamente no diálogo entre os dois componentes discursivos presentes neste compartilhamento.

Essas considerações tecidas sobre a ausência de sinalização na construção irônica, ainda que breves, lançam bases para a reflexão sobre como o jogo irônico ora se funda na ambiguidade, confiando seu logro à partilha de valores e contexto entre os interlocutores, ora se utiliza de sinalizadores bem sofisticados para não só desvelar uma avaliação imbricada na ironia, mas principalmente precisar sua direção. É nesse sentido que poderemos observar no Exemplo 24, discutido adiante, como os interactantes, jogando com recursos gráficos, indicam aos seus interlocutores, com maior precisão, o direcionamento da crítica irônica, ao materializá-la na superfície textual, o que difere do anterior, em que não pudemos vislumbrar especificamente o sentido por trás da avaliação irônica. Vejamos o compartilhamento (Exemplo 24).

Edi [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
3 de outubro de 2014 · 🌐

Esse eh o P T da "Demo cra\$\$ia"



Folha de S.Paulo

Sindicato envia e-mail a funcionários da Petrobras pedindo votos a Dilma:
<http://uol.com/bpdWLY> (via Folha Poder)

Compartilhar

👍 2 pessoas curtiram isso.

**Exemplo 24 – Compartilhamento e recurso específico desvio ortográfico.
Fonte: Facebook**

Os exemplos 23 e 24 se assemelham em alguns aspectos, sendo os principais o objeto compartilhado (ambos são feitos a partir da mesma notícia publicada pela página Folha de S. Paulo) e a evocação do conceito de democracia em seu comentário, para, a partir dela, estruturar a crítica irônica. No entanto, o modo como essa evocação se materializa no primeiro e no segundo compartilhamento apresenta algumas distinções, e, inicialmente, destacamos que, no primeiro compartilhamento, a noção de democracia não está explicitamente associada a nenhum partido político, embora implicitamente a crítica se direcione ao Partido dos Trabalhadores (PT) por causa do veiculado pela notícia (solicitação de votos para Dilma, candidata do PT, pela instituição sindical da Petrobrás) e dos fatos históricos (a gestão da Petrobrás estava submetida ao poder executivo federal, comandado por Dilma, petista e então candidata a reeleição). Já no segundo compartilhamento essa associação é discursivizada, textualizada no comentário do nosso ironista, e, nessa

textualização, vemos em outros aspectos essa referência à democracia se diferenciar daquela primeira.

De início, enfatizamos a mudança sintática, pois o primeiro caso se constitui como um grupo nominal com valor interjetivo (BECHARA, 2009), em que o termo democracia surge subordinado ao termo “beleza” através da preposição “de”, funcionando como um complemento nominal. Já, no segundo compartilhamento, o termo democracia surge na oração “Esse eh o P T da “Demo cra\$\$ia”, na qual o pronome “esse”, funcionando como sujeito da oração, retoma o fato noticiado e particularmente o sujeito desse fato, o sindicato. Nessa retomada, o sindicato e sua prática de solicitar votos para a candidata petista são associados ao PT, melhor dizendo, são definidos como “o P T da ‘Demo cra\$\$ia”. Aqui, a expressão “da Demo cra\$\$ia” não funciona como uma complementação nominal, mas sim como uma caracterização (classificado sintaticamente como adjunto adnominal). A caracterização, sintaticamente considerada uma função acessória (BECHARA, 2009), desempenha aqui função primordial no plano discursivo, o que se faz sentir particularmente no modo pelo qual o termo acessório desse enunciado foi posto em destaque por variadas marcas.

De pronto, vemos o realce do termo se realizar pelas aspas, recurso clássico sobre o qual já tratamos no tópico anterior. Nesse caso, o uso das aspas busca sinalizar, como descrito por Bechara (2009), o sentido peculiar de que o enunciador procura dotar o termo destacado, sentido esse que se apoiará em outras pistas gráficas introduzidas deliberada e sofisticadamente pelo enunciador. Uma destas pistas é a segmentação morfológica de “democracia” em dois grupos (“Demo cra\$\$ia”), constituindo assim os termos “Demo” e “cra\$\$ia”; tal segmentação isola o radical grego “Demo”, que, enquanto radical, significaria “povo”, e o constitui em palavra; enquanto palavra, “Demo” é categorizado como um substantivo masculino, cujo significado mais saliente (MARCUSCHI, 2007) seria “espírito maligno do cristianismo, demônio, diabo” (HOUAISS, 2004, p. 935)⁵⁴. Desse modo, a segmentação do termo “democracia” tal como foi operada fez existir, no interior do vocábulo “democracia”, o substantivo masculino denotando demônio, o que buscar ressignificar o próprio termo democracia de “poder do povo” para “poder do demônio”.

O enunciador prossegue com essa ressignificação reformulando a grafia do segundo radical da palavra democracia, “cracia”, substituindo o grafema /c/ (representando o fonema

⁵⁴ Já o termo cracia não se constitui como um vocábulo, uma palavra da língua portuguesa, mas tão somente como um elemento composicional grego, significando “força, poder, autoridade” (HOUAISS, 2004, p. 860).

/s/) pelo sinal gráfico do cifrão (\$). Nessa substituição, o enunciador aplica o cifrão duplamente (\$\$), relacionando-o ao grafema /s/ e buscando reproduzir, por meio do cifrão duplo (\$\$), o fonema /s/, que é reproduzido graficamente tanto pelo “s” duplo quanto pelo “c” – sendo esta representação a adequada no caso do termo “democracia”. É, portanto, o uso corrente do cifrão para indicar unidades monetárias em diversos países, inclusive no Brasil, que possibilitará a ressignificação do termo “cracia”, enquanto poder, para “cra\$\$ia” como “poder do dinheiro”. Desse modo, à primeira ressignificação do termo democracia, “poder do demônio”, soma-se esta do “poder do dinheiro”, sendo essa caracterização atribuída ao PT.

O pertinente é notar como o ironista utiliza-se de múltiplos recursos (a segmentação morfológica e a mudança ortográfica) não apenas para sinalizar a ironia, mas também para orientar a compreensão pelo público de sua avaliação irônica sobre o PT, avaliação que parte do dito “Demo cra\$\$ia” objetivando a inferência de um não dito nos termos de “poder do demônio e do dinheiro”. Desse modo, a concepção de que a ironia é fundamentalmente fundada na ambiguidade (Cf. MUECKE, 1995) se torna questionável diante de uma materialidade linguística que constitui provas tão claras de que intento irônico foi aplicado e de qual seja essa avaliação irônica. Esse procedimento e processo de edificação do sentido irônico se constituem uma condensação de um princípio metacomunicativo que permeou os jogos irônicos observados no contexto das interações digitais, o desvio ortográfico como um sinalizador de ironia. Já discorremos um pouco sobre esse recurso, no entanto, julgamos pertinente retornar a ele, pela recorrência que se deu em nossos dados, mas principalmente pela ressignificação de um fenômeno tão comum na escrita.

Inicialmente, é preciso atentar que, ainda que tenhamos argumentado aqui sobre o desvio ortográfico como um recurso metairônico específico da interação digital, muitas vezes a ironia irá se estruturar e acontecer à revelia de seu surgimento e outras tantas vezes o desvio ortográfico será aplicado como jogo linguístico de outra ordem, como tem ocorrido na literatura (a exemplo de Guimarães Rosa e Paulo Leminski) e na publicidade⁵⁵. No entanto, como nosso objetivo é demonstrar que esse recurso tem sido utilizado e compreendido como um sinal de sinalização de ironia, julgamos pertinente refletir sobre um caso em que apenas o desvio ortográfico surja como uma potencial pista de intento irônico, diferentemente do que ocorreu acima (página 155), quando vislumbramos esse recurso atuando juntamente a outros na edificação do sentido irônico. Vejamos, portanto, o caso a seguir (Exemplo 25).

⁵⁵ Falamos especificamente do comercial do Banco Itaú, que circulou no primeiro semestre de 2016. Nele, para ressaltar as tecnologias adotadas pela instituição e o caráter diferencial delas, se grafou a palavra “digital” como “digitáú”, para incluir naquela o nome da instituição.

Mário [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.

2 de outubro de 2014 · 🌐

Ta certo.



Folha de S.Paulo

#maislidasdodia Militante pago para fazer campanha do PT votará no PSB. Jackson Bernardo dos Santos diz que só faz campanha pelo dinheiro. <http://uol.com/brdWTw>

Foto: Patrícia Britto/Folhapress

Curtir · Compartilhar · 👍 4 💬 5

👍 4 pessoas curtiram isso.

André [redacted] essa é a realidade! mas nao é novidade, isso toda eleição tem e acho justo. As pessoas são pagas pra trabalhar na eleição e não pra votar, senão é compra de voto, certo?

2 de outubro de 2014 às 10:23 · Curtir · 👍 2

Mário [redacted] É bom para vermos que nem todo barulho é voto.

2 de outubro de 2014 às 10:25 · Curtir · 👍 2

Mário [redacted] Se todo barulho fosse sinal de voto, o carinha do carro de som seria presidente.

2 de outubro de 2014 às 10:26 · Curtir · 👍 1

André [redacted] exatamente!

2 de outubro de 2014 às 10:27 · Curtir

Israel [redacted] Acho bom ele cobrar antes, geralmente os formiguinhas dos candidatos derrotados não recebem...

2 de outubro de 2014 às 16:06 · Curtir · 👍 1

Exemplo 25 – Compartilhamento e recurso específico 2.

Fonte: Facebook

Nesse compartilhamento, a notícia difundida remete ao fato de um “Militante pago para fazer campanha do PT votará no PSB” e sobre ela o enunciador do compartilhamento se limita a comentar “Ta serto”, grafando a palavra “certo” com o grafema “s”, cujas realizações fonológicas coincidem, mas as representações gráficas diferem. No caso especificamente do “serto” grafado com “s”, vimos em outros momentos da nossa análise (página 155) que esta grafia peculiar tem sido compreendida e utilizada como uma sinalização de que os interlocutores devem buscar, para além do dito, um não dito, de significação contrastante e eventualmenteafiada, ou seja, irônica. No entanto, neste caso, em que não há outras pistas de que essa significação irônica é aspirada, devemos recorrer ao modo como a interação se desdobra e como os interactantes significam esse enunciado para confirmar se tal uso é deliberado e busca, de fato, sinalizar ironia.

Podemos observar, no primeiro dos comentários, o interlocutor André buscando validar “o fato de alguém militar (trabalhar) por um candidato, mas votar em outro” ao considerá-lo “justo”. A presença dessa defesa, seguida do questionamento final (“senão é compra de voto, certo?”), demonstra que o interlocutor compreendeu o comentário do compartilhamento como uma crítica ao fato noticiado e busca confrontá-la. Tal compreensão é reforçada pelo comentário seguinte, em que o autor do compartilhamento objetiva não mais condenar o fato noticiado, mas tão somente deslegitimá-lo, qualificando a “militância paga” como “barulho”, mas não “voto”. Nesse ponto, vemos a clássica evasão irônica operar, quando, ao mudar o tópico interacional, o enunciador-replicador desvia do cerne da questão (a validade ética [serto x justo] de se militar para um candidato e votar em outro) e tematiza a validade eleitoral de tais fatos (barulho x voto). Se por um lado, essa evasão não nos permite precisar a avaliação presente no comentário do compartilhamento como potencialmente irônica, por outro, ao confrontá-la com o posicionamento do interlocutor André, somos induzidos a tomar as intervenções do autor do compartilhamento como opositoras da defesa feita por André e, conseqüentemente, compreendemos tais intervenções como opostas a esta defesa, ou seja, como um ataque.

É, portanto, a intersecção entre a grafia peculiar do vocábulo “serto”, a compreensão do compartilhamento operada pelo público e as intervenções posteriores feitas pelo autor do compartilhamento que possibilita interpretarmos o comentário do compartilhamento como irônico e associarmos o desvio ortográfico novamente a uma sinalização irônica, pois, nesse contexto, escrever o vocábulo “certo” de maneira errada (“serto”) é indicar como “falsa” a sequência vericondicional em que o termo se encontra, ou seja, o próprio enunciado. No

entanto, tomar como falso o enunciado “ta certo” não significa necessariamente “ta errado”, de modo que a plurissignificação se impõe a uma univocidade.

A partir dessas observações sobre o desvio ortográfico como um recurso sinalizador de ironia, podemos pontuar como o caráter dinâmico da linguagem se coloca como constitutivo no caso das ironias. Em alguns momentos, os interactantes depositaram, na materialidade textual, indícios de que o intento irônico devia ser considerado e constituíram, através de desvios ortográficos, jogos bastante sofisticados de materialização da avaliação irônica, a exemplo da inversão na direção da escrita da palavra “frente” concretizando o significado de “pra trás”, por ter sido apresentada da direita para a esquerda: “etnerf”; ou ainda da segmentação e mudança ortográfica no termo “democracia”, grafado “Demo cra\$\$ia”, fazendo existir no vocábulo os significados de “demônio”, através do “Demo”, e do “dinheiro”, através do “\$\$”. Em outros casos, como descrito no parágrafo anterior, o desvio ortográfico enquanto sinal de ironia funcionou de modo evasivo, impreciso e, ainda que a enunciação tenha objetivado uma crítica irônica, não nos permitiu precisar o direcionamento de tal avaliação. Ambos os processos são de crucial importância para o estudo não só da ironia como também da interação digital, dado o seu caráter de novidade, o redimensionamento do desvio ortográfico e a estreita associação com a sinalização irônica, demandando dos estudos da ironia uma nova reflexão sobre a linha tênue entre os sinais irônicos e a ambiguidade constitutiva da ironia. Essa reflexão também deve ser fomentada e aprofundada porque além do desvio ortográfico deliberado sinalizando ironia observamos também o emprego de uma expressão nominal para indicar e solicitar a atribuição de intento irônico ao enunciado, como veremos a seguir ao discutir a expressão “SQN”.

7.2.2 O marcador de ironia SQN

A existência da sigla SQN, juntamente com outros aspectos sinalizadores de ironia observados na etapa de construção da pergunta de pesquisa, foi, em certa medida, o que motivou essa pesquisa, por termos flagrado seu uso atuando como sinalizador de ironia não só em contextos de interação digital, mas também em interações presenciais. A sigla, que sintetiza a expressão “só que não”, geralmente vem acompanhada nas interações digitais pelo símbolo de jogo da velha (#), que, como já explicamos, funciona nas redes sociais da Web 3.0 como hashtags. Os enunciados em que esta sigla surge geralmente são articulados em duas proposições (P1 + P2), em que a sigla “SQN” constitui necessariamente a segunda proposição. Ao incidir sobre a primeira proposição, o SQN, como seu conteúdo proposicional

sugere, busca desmentir e desautorizar a primeira proposição, gerando sobre ela uma contradição, pois sua força discursiva (o que vem por último é o mais importante) se impõe e sobressai no enunciado de tal modo que age sobre a primeira proposição como um comentário, revelando o efetivo posicionamento do enunciador e sua avaliação desesperadamente afiada sobre o dito na primeira proposição, avaliação esta fundamentada nesta incongruência instaurada, por sua vez, pela própria expressão.

O pertinente para nosso estudo é, no entanto, notar a existência exclusiva desta sigla para os fins irônicos, uma vez que, diante do seu uso altamente especializado, não pudemos observá-la em outras circunstâncias enunciativas, ou seja, não constatamos a presença desta sigla em outras circunstâncias que não irônicas. Essa exclusividade de uma sigla, funcionando como um sinal de ironia, em certa medida, põe em xeque a teoria levantada por Hutcheon (2000), e que atravessa boa parte da bibliografia aqui consultada, de que sinais exclusivos para a ironia seriam inviáveis. Segundo a autora, em certo momento das investigações sobre a ironia, alguns teóricos cogitaram a pertinência e viabilidade de existir algumas marcas para sinalizar e comunicar que intento irônico devia ser atribuído na leitura de dado enunciado. Entre essas propostas, Hutcheon destaca aquela feita por Alcanter de Brahm, que sugeriu a adoção do símbolo gráfico ζ (um ponto de interrogação invertido) como sinal irônico (HUTCHEON, 2000, p. 214). No entanto, como a autora vai argumentar, tal univocidade não estaria condizente com o fenômeno irônico, por ser este fundado na ambiguidade, no jogo entre o dito e o não dito, pois “assim que um sinal de ironia se torna fixo e, dessa maneira, direto, ele perde sua utilidade como um marcador de circunlocução irônica” (HUTCHEON, 2000, p. 214).

Apesar dessas considerações feitas pela teórica, cujo estudo se limita ao universo da literatura, o que observamos no *corpus* aqui investigado foi justamente a existência de um sinal fixo para sinalizar intento irônico, o que nos levou a alguns questionamentos não só sobre sua existência, mas também sobre seu funcionamento, sua pertinência e sobre, principalmente, o que esse fenômeno (de sinal fixo para ironia) revela não só sobre o fenômeno irônico, como também sobre as interações digitais. Portanto, ainda que tenhamos levantado algumas hipóteses, prosseguiremos nossa explanação com a análise de alguns casos em que esta expressão surgiu, discutindo como se deu o seu funcionamento e o seu valor diferencial, para só então elucidar a razão da existência de um sinal tão especializado e exclusivo da ironia. Observemos abaixo o primeiro exemplo (Exemplo 26), um compartilhamento do dia 1 de setembro e cuja avaliação incide sobre o candidato tucano, Aécio Neves.

Antonio [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
1 de setembro de 2014 · 🌐

R\$ 14 milhões num aeroporto aqui... R\$ 15 milhões num programa social ali... Ô, trem bão, sô! Sô que não!



Folha de S.Paulo

#melhoresdodia Bandeira eleitoral de Aécio Neves, programa tucano é alvo de investigação em Minas Gerais. <http://uol.com/bwdS03>

Compartilhar

👍 2 pessoas curtiram isso.

Exemplo 26 – Compartilhamento e recurso específico 2.
Fonte: Facebook

O primeiro aspecto desse compartilhamento, Exemplo 26, a ser destacado é que a expressão SQN é apresentada aqui em sua versão discursivizada “só que não”, e não em sigla, como é mais comum nas interações digitais. Ainda que o modo como essa expressão se apresenta se caracterize por algumas peculiaridades, cuja função sociodiscursiva é crucial, nos ocuparemos inicialmente da edificação do sentido irônico já na relação entre os dois discursos postos em funcionamento nesse compartilhamento, cabendo as considerações sobre esses aspectos linguísticos peculiares mais adiante. A notícia compartilhada veicula o fato de que um programa governamental utilizado como “bandeira eleitoral de Aécio Neves, (...) é alvo de investigação em Minas Gerais”, tendo o enunciador elaborado seu comentário sobre essa notícia da seguinte forma: “R\$ 14 milhões num aeroporto aqui... R\$ 15 milhões num

programa social ali... Ô, trem bão, sô! Sô que não!”. No modo como o comentário construído se relaciona com o objeto comentado, vemos já uma relação de incongruência se estruturar, uma vez que o fato noticiado é potencialmente negativo (alvo de investigação) e o comentário avalia aparentemente esse fato de forma positiva (trem bão).

Tendo clara essa relação entre objeto compartilhado e comentário do compartilhamento, é importante pontuar que a materialização peculiar da avaliação aparentemente positiva remete à variante linguística da região de Minas Gerais, domicílio eleitoral do candidato Aécio Neves, através dos termos “trem”, “bão” e “sô”. Esses termos são bem representativos da variante dialetal mineira, sendo o primeiro utilizado como nome genérico anafórico, à semelhança do termo “coisa” (AMARAL, 2014), o segundo sendo utilizado como uma variação fonológica do adjetivo “bom” e o terceiro sendo utilizado como uma redução fonológica da palavra “senhor” (AZEVEDO, 2009). Um jogo fonológico é formulado a partir do jogo entre o termo “sô” e o primeiro vocábulo da expressão “só que não”, o “só”, pois o autor do compartilhamento modifica a articulação tônica do termo “só” ao substituir o acento agudo por um acento circunflexo, associando este termo ao seu antecessor “sô”. A partir dessa mudança, desse jogo fônico, o prazer irônico ocorre, acarretando o riso; a ironia, no entanto, já ocorrera anteriormente e à revelia da ausência ou presença dessa expressão, pois se estruturou e aconteceu já na relação entre objeto compartilhado e comentário do compartilhamento; desse modo, compreendemos o funcionamento da expressão “Sô que não” como de fato metacomunicativo, metairônico.

No entanto, observamos que nem sempre a expressão vai atuar de maneira “acessória”, reforçando a ironia já estruturada pela nítida incongruência entre objeto compartilhado e comentário do compartilhamento ou a ironia disparada por outros sinais metairônicos. Muitas vezes, será a presença dessa expressão que incitará o interlocutor a buscar um sentido alternativo ao dito no enunciado, fazendo a ironia acontecer e a avaliação irônica existir. Observemos a seguir o compartilhamento a ser analisado (Exemplo 27), em que a expressão SQN presente nele funciona nos termos anteriormente descritos.

Guilherme [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.

27 de agosto de 2014 · 🌐

Todo mundo honesto, da ate gosto de votar nessas eleições. Sqn



Folha de S.Paulo

Ficou na dúvida sobre os números apresentados pelos candidatos no primeiro debate presidencial? Veja o que eles disseram e descobrimos que não é bem assim... <http://uol.com/bcdSTw>

Compartilhar

Exemplo 27 – Compartilhamento e recurso específico 2.
Fonte: Facebook

Já discutimos outro compartilhamento irônico, Exemplo 10, operado a partir dessa publicação e nele pudemos notar como o enunciado do objeto compartilhado, a notícia, na sua imprecisão favorece a ambiguidade de que a ironia é originalmente constituída. Ao noticiar “Ficou na dúvida sobre os números apresentados pelos candidatos no primeiro debate presidencial? Veja o que eles disseram e descobrimos que não é bem assim...”, não notamos no dito do objeto compartilhado, em razão da sua evasão, nada que contradiga o dito no comentário do compartilhamento no Exemplo 27, “Todo mundo honesto, da ate gosto de votar nessas eleições. Sqn”, e, ainda que o elogio à honestidade soe exagerado para o imaginário sobre políticos, nenhuma incongruência efetivamente se instaura a partir desses dois elementos do compartilhamento. No entanto, a presença da expressão SQN, enquanto

segunda proposição do enunciado, lança não só sobre o comentário do compartilhamento, como também sobre a notícia compartilhada, a necessidade de se buscar sentidos alternativos àqueles presentes na superfície textual. Tais sentidos provocados pela presença da sigla podem ser efetivados quando da leitura da notícia (ao abrir o link compartilhado), em que se aponta a discrepância entre os dados apresentados pelos candidatos e os dados efetivos. Só a partir desse sentido posto em funcionamento, há uma contradição entre o que a notícia veicula e o comentário do compartilhamento avalia, através particularmente da menção à honestidade dos candidatos em questão.

É preciso atentar, no entanto, que nesse caso esses sentidos alternativos são buscados mediante a percepção e compreensão da sigla SQN, que evita, por outro lado, as possíveis incompreensões, observadas nos casos do capítulo 6. Desse modo a função desempenhada aqui por essa sigla difere substancialmente da função metairônica registrada no caso anterior, pois é a sua presença que lança luz sobre um não dito demasiadamente opaco no acontecimento enunciativo, estruturando a ironia e fazendo a avaliação irônica acontecer. Portanto, consideramos, de acordo com as categorias propostas por Hutcheon, a função da expressão SQN não como metairônica, mas como estruturadora; e, tendo claro esse caráter estruturador da sigla SQN, julgamos necessária a discussão sobre dois aspectos desta expressão: a lógica e a relação deste sinal com outros mecanismos de edificação do acontecimento irônico e a razão da existência de um sinal tão específico e exclusivo para a ironia, diante da necessária ambiguidade irônica.

De início, atentamos para a presença do advérbio “não” na expressão “SQN” (só que não), cuja função é negar a verdade de uma proposição. No caso dos enunciados aqui analisados, essa negação da proposição surge ao final do enunciado e não no início, se constituindo como uma segunda proposição que objetiva contradizer a primeira. Desse modo, consideramo-la semelhante a outras duas edificações estruturadoras de ironia, eventualmente utilizadas na fala e flagradas também em nossos dados, quais sejam “Oremos. Ou não.” e “Estado laico? Claro... Que não.” que reproduzimos abaixo (Imagens 28 e 29).



Figura 28 – Compartilhamento e recurso específico 2.
Fonte: Facebook



Figura 29 – Compartilhamento e recurso específico 2.
Fonte: Facebook

Os dois compartilhamentos se assemelham não só no objeto compartilhado, mas no modo como o comentário do compartilhamento se apresenta. Neles (“Oremos. Ou não.” e “Estado laico? Claro... Que não!!!”), podemos observar os enunciados se estruturarem em duas partes, de modo que a segunda proposição põe em xeque a primeira, processo semelhante ao descrito sobre a expressão SQN. Esse modo de estruturar a enunciação irônica nos remete a dois aspectos da ironia: o primeiro, que está muito bem ilustrado no compartilhamento 29, consiste na quebra de expectativa, em que ocorrendo o inesperado, causa riso; já o segundo aspecto está, em certa medida, ilustrado em qualquer acontecimento irônico e consiste na fricção entre dois sistemas de valores antagônicos, ao fazer existir numa mesma enunciação uma proposição e seu oposto, seja este textualizado, como no caso da expressão SQN, ou subentendido, inferido num não dito, como aqueles casos em que a ambiguidade se impõe à ironia. Assim, percebemos que a expressão SQN tem sua gênese em mecanismos textuais de expressão de ironia já consolidados, no entanto essa expressão deve seu caráter excêntrico à fixidez de que é dotada, pondo em xeque elementos fundamentais

para a teoria da ironia, como a ambiguidade latente (MUECKE, 1995) , a circunlocução (HUTCHEON, 2000) e a ausência de certeza (BOOTH, 1983).

Estamos convencidos de que esse aspecto diferencial observado na expressão SQN, ou seja, a fixidez de um sinalizador de e para a ironia, se deve à ação exercida por alguns aspectos da interação digital sobre a dinâmica do acontecimento irônico. Isso porque, como Hutcheon reiteradas vezes pontuou, a ironia é um fenômeno discursivo em que aspectos contextuais desempenham papel central, dependendo deles para que de fato aconteça. A autora, no entanto, ressalta a problemática existente em torno da noção de contexto para os estudos de linguagem e propõe a noção de enquadramento como uma alternativa para o tratamento de aspectos externos ao enunciado quando da análise e reflexão de acontecimentos irônicos. Um dos pilares para a noção de enquadramento proposta por Hutcheon se refere às informações que são compartilhadas entre os interlocutores, principalmente os valores axiológicos, e ao conhecimento mobilizado pelo público no momento da compreensão de um enunciado e da consequente atribuição de intento irônico (HUTCHEON, 2000).

No entanto, o que percebemos em termos da ironia nas interações digitais do tipo *compartilhamento de notícias* é um funcionamento diferenciado desse enquadramento, por duas razões. A primeira delas consiste na configuração da interação em relação aos participantes, que no *compartilhamento de notícias* ocorre numa relação pública (de um para muitos), na qual o autor se dirige para um público constituído de muitos interlocutores e cujo alcance pode ser, dependendo das configurações de privacidade, mais amplo do que apenas a sua rede social. Desse modo, é preciso pontuar que esse público está longe de ser homogêneo, uno, sendo mais prudente tomá-lo como heterogêneo tanto em seus valores quanto nos conhecimentos mobilizados diante do enunciado potencialmente irônico. Desse modo, se torna pouco eficiente para uma ironia intentada relegar a responsabilidade da atribuição e do acontecimento irônico a um público cujos valores e conhecimentos não são de fato conhecidos pelo ironista⁵⁶, principalmente em uma interação tão dinâmica como a interação digital. Sobre esse dinamismo da interação digital, convém ainda destacar que, no caso das interações digitais, o distanciamento no espaço e, eventualmente, no tempo⁵⁷ associado a uma

⁵⁶ Temos consciência de que há ironias intentadas na relação um para muitos que não utilizam de modo algum pistas metairônicas, nem sinalizam a ironia de forma tão clara. No entanto, esses casos estão muito mais associados à literatura, de modo que esse mecanismo de construção discursiva se associa muito mais a um estilo e uma filosofia literária (Cf.Booth, 1983; Muecke, 1995) do que a um propósito comunicativo.

⁵⁷ Consideramos o distanciamento no tempo como uma variável na distinção entre as interações digitais e as não digitais porque o compulsório registro das atividades discursivas no ambiente digital faz com que elas possam ser acessadas em qualquer momento posterior, sem, no entanto, ter sido

fragilidade da instauração de contexto pelo próprio enunciado (lembramos que o *compartilhamento de notícias* ainda que se realize através da escrita tem sua concepção mais próxima das atividades de fala) (MARCUSCHI,2008) implica que muitas vezes ironista e público tenham em seu horizonte um contexto histórico substancialmente diverso (veremos melhor esse funcionamento na seção a seguir, em que discutiremos a ironia por menção ecoante), influenciando eventualmente a compreensão da ironia intentada. Desse modo, se torna essencial para o ironista demarcar e explicitar nitidamente o intento irônico subjacente ao seu enunciado, de modo que a comunicação pretendida de fato se estabeleça.

A segunda razão para um funcionamento diferenciado do enquadramento nas interações digitais do tipo *compartilhamento de notícias* reside na responsabilidade do ironista em guiar seu público à inferência do intento irônico, pois, como Hutcheon preconiza, cabe ao ironista deixar pistas para que a ironia seja compreendida e aconteça. A autora alerta ainda que essas pistas não devem ser exageradas, para que o público coloque o jogo irônico em funcionamento e, mobilizando seu repertório axiológico, tome parte da avaliação irônica intentada pelo ironista, fazendo a circunlocução irônica acontecer. No caso das interações digitais, porém, em que alguns dos mecanismos consagradamente utilizados para sinalizar e estruturar a ironia sofrem coerções do suporte e da tecnologia do ambiente digital e outros são abruptamente inviabilizados, os ironistas optam simplesmente por não utilizar de nenhum recurso, impondo à ironia o império da ambiguidade, ou por buscar outros mecanismos que sinalizem e instaurem a ironia. No entanto, como Hutcheon também preconiza, nenhum recurso é exclusivamente um sinalizador de ironia, de modo que num ambiente interacional da natureza do digital os próprios recursos sinalizadores de ironia podem se tornar elementos de confusão.

É na confluência destas duas razões que encontramos a justificativa para o funcionamento e a razão de ser da sigla SQN, pois, em um ambiente interacional dotado de um alcance tão amplo em que muitas vezes os interlocutores não partilham das mesmas informações contextuais (de ordem axiológica, situacional, histórica etc.) e os recursos interacionais sofrem modificações substanciais, a incompreensão e o malogro da ironia se tornam prováveis, como vimos acontecer na primeira seção das análises aqui empreendidas. Assim, se a necessidade comunicacional da avaliação imbricada na ironia sobressai na enunciação ao jogo existente através do acontecimento irônico, ao ironista se impõe a necessidade de explicitar seu propósito discursivo de cunho irônico em detrimento da

edificada para isso – o que elimina suas marcas contextuais distanciando-a do contexto histórico e situacional em que foi proposta.

protetora ambiguidade proporcionada pela ironia. Vimos essa necessidade sobressair não só através da presença da expressão SQN como também através da metacomunicação textualizada explicitamente, como ilustra o compartilhamento abaixo (Exemplo 30)

Alvaci [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
16 de setembro de 2014 · 🌐

Malditos Petralhas, compraram a ONU também!! (isso é uma ironia)



Folha de S.Paulo

Brasil reduziu em 50% o número de pessoas que sofrem fome nos últimos 10 anos, diz a ONU: <http://uol.com/bpdVvJ> (via Folha Cotidiano)

Compartilhar

👍 5 pessoas curtiram isso.

[redacted] Alvaci [redacted] Esqueceram de mencionar, que foi no governo de FHC que foi lançado o programa de inclusão social "fome zero" pela então primeira dama Ruth Cardoso. O programa social mais tarde veio se chamar "Bolsa Família". Tem gente que acha que foi o PT que criou este programa de inclusão social.

17 de setembro de 2014 às 22:37

Figura 30 – Compartilhamento e recurso específico 2.
Fonte: Facebook

Podemos observar no compartilhamento acima como a necessidade de evitar a incompreensão do intento irônico às vezes se faz imperativa para o ironista que não está interessado em lidar com a indefinição da circunlocução da ironia, buscando nessa estratégia enunciativa não um modo de se proteger ao mesmo tempo em que ataca, como ressalta

Chambers (1990), mas um mecanismo de crítica que, como descrito por Hutcheon (2000), se torna muito eficaz por alfinetar em diversas direções. Desse modo, se o objetivo do recurso irônico é sobremaneira comunicar, a compreensão se torna etapa fundamental e muitas vezes o ironista, objetivando essa compreensão, essa comunicação, assume o risco da crítica direta, explícita, ao especificar seu enunciado de forma metacomunicativa (a exemplo do SQN e do “isso é uma ironia”). No entanto, atentamos que, diferentemente da metacomunicação “isso é uma ironia”, a expressão SQN, se caracterizando como um código de uso restrito, demanda aos participantes da interação irônica, principalmente ao público, que reconheçam nesta sigla ou ainda na expressão um recurso sinalizador exclusivamente de ironia e só a partir desse reconhecimento e da interpretação nesses termos é que há a anagorise, ou seja, o reconhecimento do intento irônico, fazendo a ironia acontecer. Desse modo, julgamos que, apesar do seu aspecto explícito, a sigla SQN transita entre a metacomunicação textualizada, verbalizada e a sinalização de que intento irônico deve ser considerado, por funcionar aos moldes de um código.

Por fim, concluímos que a sigla SQN, entre o funcionamento de metacomunicação e sinalização, vai ser um potente mecanismo de sinalização sobre o enquadramento que os interlocutores devem operar sobre o enunciado, orientando, de forma bastante contundente, como a interação deve ser compreendida. Essa sigla, portanto, reforça na ironia o seu caráter de jogo, ao ressaltar a importância de que ambos os interlocutores brinquem com a enunciação irônica, colocando-a em jogo, e nisso reside seu caráter diferencial.

7.3 RECURSOS CARACTERÍSTICOS DE ESCRITA MONITORADA

Já expusemos alguns aspectos dos recursos sinalizadores de ironia que foram retextualizados para as interações digitais, recursos esses que tanto perseguimos, e discutiremos sobre recursos que consideramos típicos das interações digitais. No entanto, à medida que nos aprofundamos nos estudos teóricos sobre a ironia, tomamos consciência da pluralidade de recursos através dos quais a ironia se ergue, se impõe e acontece. Nessa pluralidade de recursos, sistematizada no quadro “Categorias de recursos de ironia a partir de Hutcheon (2000), Muecke (1995) e Perelman e Olbretchs-Tyteca (1996), Cintra (2011), Brait (2008) e Brooks (1971)” (página 126) pudemos observar tanto recursos que surgem com maior frequência nas interações cotidianas como recursos mais característicos de determinadas práticas, como a prática literária. Entre esses recursos mais raros, mais característicos do universo literário, podemos destacar a mudança de registro (HUTCHEON,

2000), a ironia imagética (CINTRA, 2011) e a menção ecoante (SPERBER E WILSON, 1981).

A observação e o estudo desses mecanismos não eram um objetivo a ser perseguido nesta pesquisa, por causa do nosso interesse em investigar particularmente como tem se dando a retextualização em ambiente digital de aspectos gesticulatórios e fônicos dos mecanismos de sinalização de ironia. Porém, no processo de constituição do *corpus*, em que não foi feita nenhuma distinção sobre os mecanismos de construção do sentido irônico (se fônicos, gesticulatórios, gráficos ou textuais) por querermos entender o fenômeno irônico em sua integralidade, duas edificações da ironia típicas da literatura nos despertaram especial atenção: a ironia por menção ecoante, por sua recorrência em nosso *corpus*, e a ironia imagética, por seu alto grau de especificidade literária. Portanto, julgamos pertinente refletir e discorrer a respeito de tais recursos por nos possibilitar compreender melhor sobre a dinâmica da ironia e da própria linguagem das interações em ambientes digitais, debruçando-nos inicialmente sobre a ironia imagética e, por fim, sobre a ironia por menção ecoante.

7.3.1 A ironia imagética

A categoria ironia imagética foi proposta por Cintra (2011), cujo estudo se desenvolveu em torno da construção de ironia em propagandas e em duas obras de José Saramago. De acordo com a teórica, a ironia imagética se constitui como “construção de uma imagem, com palavras irônicas ou não, capazes de gerar, no interior da própria imagem, um quadro crítico, de ironia marcante” (CINTRA, 2011, p. 70) e aqui consideramos a “construção de uma imagem” como diferencial da ironia imagética em relação aos demais mecanismos de edificação da ironia. A argumentação de Cintra dialoga com a explanação de Hutcheon (2000) sobre o caráter alegórico da ironia, em razão principalmente da função comunicativa da ironia em relação, por exemplo, à função conceitual da metáfora – figura de linguagem que também relaciona dois sistemas de valores, mas que nessa relação objetiva uma semelhança e não uma crítica (CINTRA, 2011). Dado seu caráter literário, não seria esperada a ocorrência desse mecanismo de edificação irônica em nossos dados, o que não foi concretizado, uma vez que registramos algumas ocorrências e, ainda que elas sejam poucas, ilustram a fragilidade da distinção entre linguagem ordinária e linguagem literária. As ocorrências aqui observadas consistiram de 17 compartilhamentos, sendo um deles relacionado à candidata Dilma

Rousseff⁵⁸ e os outros 16 relacionados ao candidato Levy Fidelix. Consideramos as ocorrências de ironia imagética em torno de Levy Fidelix mais interessantes por causa não só da repercussão que tiveram nas redes sociais como também do viés irônico, beirando o próprio sarcasmo, mas pela imagem precisa e recorrente criada em torno do candidato. Assim, dada a semelhança que essas ocorrências, para usar os termos de Cintra (2011), pintavam, nos debruçaremos sobre algumas delas. Observemos abaixo um primeiro caso (Exemplo 31).



Exemplo 31 – Compartilhamento e recurso específico 2.

Fonte: Facebook

Tratamos do *post matriz* desse compartilhamento no Exemplo 8 da nossa análise, quando tratamos sobre os aspectos da incompreensão e da ambiguidade intrínseca à ironia. Antes de prosseguirmos com a análise da ironia propriamente, atentamos para o dito no objeto compartilhado, “O aparelho excretor não reproduz”. Declaração de Levy Fidelix ao criticar a união homoafetiva no debate de presidenciáveis na Record gerou polêmica nas redes sociais”,

⁵⁸ A ironia imagética a respeito de Dilma foi formulada através da notícia “Dilma cogita limitar Ciência Sem Fronteiras a estudantes de baixa renda” e se edificava através do enunciado “Vou fazer um colar usando esse montão de pérolas da Dilma...”, cuja aresta crítica é facilmente observada no jogo sobre o termo “pérolas”.

que produz um contexto mínimo da circunstância em que esse compartilhamento irônico é feito e sobre o que incide sua aresta desesperadamente afiada e supre a necessidade que a ironia imagética tem de “ser contextualizada em relação a elementos que não estão necessariamente presentes no texto (ou na imagem) irônico” (BARROS & CINTRA, 2012, p. 81). Destacamos desse objeto compartilhado a frase entre as aspas que, sendo a declaração do próprio candidato, se torna ponto de partida para os comentários do compartilhamento dessa notícia. Grosso modo, esses comentários se articularam em sua maioria de duas formas, sendo uma delas, como visto acima, “aparelho excretor não reproduz, mas fala”

Na construção da ironia materializada no compartilhamento acima, vemos num primeiro movimento o discurso do candidato ser retomado, de modo que este esteja evocado na enunciação irônica; a partir dessa presença, a imagem irônica se edifica, sobrepondo ao aparelho excretor, evocado por Fidelix como uma negação da reprodução, a afirmação inverossímil da possibilidade de fala, estabelecendo um jogo entre dois sistemas conceituais diversos (a reprodução e a fala ou ainda a impossibilidade e a possibilidade), que foi compreendido e partilhado pelo público dada a quantidade de curtidas (33). Essa edificação da ironia imagética se torna mais clara em outro compartilhamento dessa mesma notícia, operado no mesmo dia que este primeiro e reproduzido a seguir (Exemplo 32).



Figura 32 – Compartilhamento e recurso específico 2.
Fonte: Facebook

De início, apontamos para o quanto o comentário desse compartilhamento desdobra a construção imagética irônica, pois o enunciador, ao construir seu enunciado “O seu ‘aparelho excretor’ fica na boca Sr Levy Fudelix e seu intestino, na cabeça!”, dirige-o ao “Sr Levy Fudelix”, tornando nominalmente explícita a presença do candidato, e, ao modificar nesse vocativo a ortografia do sobrenome do candidato de Fidelix para Fudelix, opera um jogo linguístico entre aquele sobrenome e a palavra “fuder”. Assim, de forma bastante contundente nosso enunciador direciona o alvo de sua crítica irônica para Levy Fidelix, contornado com nitidez a imagem irônica a ser pintada. Tais contornos vêm sob a forma das aspas suspendendo o sentido inicial do termo “aparelho excretor” e, associando-o diretamente à ideia da boca, nos leva a compreender esse sistema excretor como pertencente do sistema digestivo, compreensão esta reforçada na associação entre intestino e cabeça. Portanto, o aparelho excretor de que trata o enunciado se refere ao ânus e o material excretado são fezes. Nessa alegoria entre ânus e boca e intestino e cabeça, o ironista constrói uma imagem carregada de crítica e jogando com o dito (boca-aparelho excretor / boca-ânus / intestino-cabeça) faz existir um não dito de que o que a boca do candidato excreta seriam fezes; é nessa direção que o ironista avalia a declaração “aparelho excretor não reproduz”, presente no objeto compartilhado e que tanto “gerou polêmica nas redes sociais”, desqualificando-a por meio de uma imagem carregada de crítica.

É pertinente relembrar, no entanto, que toda essa avaliação é edificada através de uma imagem que, jogando com um dito e um não dito, aqui foi pintada por palavras; no entanto, vimos a materialização dessa imagem irônica reverberar nas redes sociais pictoricamente através de alguns memes, dos quais flagramos um exemplo nos compartilhamentos de notícia constituintes de nosso *corpus*, mais especificamente no comentário deste, reproduzido abaixo (Exemplo 33).

Bryan [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
29 de setembro de 2014 · 🌐

Engraçado a frase sair da boca de um merda.



Folha de S.Paulo

"O aparelho excretor não reproduz". Declaração de Levy Fidelix ao criticar a união homoafetiva no debate de presidenciáveis na Record gerou polêmica nas redes sociais. <http://uol.com/bndWh7>

Compartilhar

👍 2 pessoas curtiram isso.

José [redacted] Mas do aparelho fonador dele só poderia sair isso mesmo...



30 de setembro de 2014 às 12:47 · 👍 1

Exemplo 33 – Compartilhamento e recurso específico 2.
Fonte: Facebook

No exemplo 33, observamos a compreensão da ironia provocar a continuidade do jogo irônico, pois, à ironia intentada pela ironista no comentário do compartilhamento, a interlocutora reage realizando outra ironia. Ambas as construções irônicas são edificadas como uma imagem, no entanto, enquanto no presente comentário a ironia imagética sobre a qual discorreremos no parágrafo anterior (a boca de Fidelix é um ânus e o que ela excreta – sua declaração – é fezes) se materializa fotograficamente, ao sobrepor um ânus à boca de Fidelix, o comentário do compartilhamento edifica outro tipo imagem, em que o foco da avaliação irônica se torna especificamente o candidato Levy Fidelix. No seu enunciado “Engraçado a frase sair da boca de um merda”, o excremento aqui não é relacionado à declaração do candidato, pois, ainda que o comentário retome minimamente declaração, esta é posta em um segundo plano na enunciação. A ironia, portanto, não constrói a imagem de que a boca do

candidato seja um aparelho excretor, um ânus e sua declaração seja uma merda, mas sim que o próprio candidato é “um merda”, que, através do não dito, inferimos ter sido produzido pelo aparelho excretor do sistema digestivo. Nesse jogo reside a ironia não só como imagem, mas também como peripécia, pois, ao mesmo tempo em que o candidato nega a possibilidade de “aparelho excreto reproduzir”, a ironia impõe a ele ter sido produzido por um aparelho excretor. Assim, a outra imagem irônica construída a partir desse fato se constitui em termos de “aparelho excretor reproduz sim, Levy Fidelix saiu de um”.

A partir destes exemplos, pudemos observar como os interactantes, perseguindo não só uma avaliação, mas uma ridicularização do objeto avaliado, lançam mão de diversos mecanismos de edificação da ironia, tendo inclusive recorrido a mecanismos altamente complexos, como a construção de imagens que pintam um quadro crítico (CINTRA, 2011). Nesses usos, vemos como a ironia pode se constituir um jogo sofisticado e, objetivando uma avaliação precisa, brinca com a fronteira entre a linguagem literária e a cotidiana.

7.3.2 A ironia por menção ecoante

A categoria menção ecoante foi uma grata surpresa para nossa investigação do fenômeno irônico, inicialmente, pela sua alta recorrência, foram 180 ocorrências desse mecanismo de edificação do acontecimento irônico. Posteriormente, a possibilidade, através desse mecanismo, de compreender melhor o que é a ironia e como ela funciona e seu acontecimento necessariamente interacional, pondo em funcionamento a noção de enquadramento, vieram tornar muito frutífera a reflexão sobre esse mecanismo de edificação irônica. Como expusemos na revisão bibliográfica, a formulação teórica sobre a menção como um mecanismo de construção da ironia foi feita inicialmente por Sperber e Wilson (1981) e postula que a ironia ocorre quando uma sentença na enunciação não atua como uso, mas como menção, pois, demonstrando tal sentença, o enunciador descarta a sua função informacional, se afastando do seu conteúdo de verdade, e adota sobre ela uma atitude carregada de crítica. A essa formulação teórica de Sperber e Wilson, acrescentamos a qualificação proposta por Hutcheon (2000) da ironia não apenas como menção, mas como menção ecoante, pois, em uma perspectiva interacional, para que essa demonstração exista como tal ela precisa ser compreendida pelos interlocutores nesses termos e isso implica necessariamente que os interlocutores sejam capazes de recuperar a existência de tal sentença em outros contextos, em outros textos, em outros enunciadores, ou seja, é necessário que a gênese dessa sentença aqui demonstrada ecoe para os interlocutores. Como também explicitado na revisão bibliográfica,

em função das restrições que o ambiente digital impõe às interações (impossibilitando a expressão de aspectos prosódicos e anulando a noção de contexto imediato), adotamos a noção de enquadramento, formulada em Hutcheon (2000), em lugar da noção de contexto imediato, como um suporte na explanação e na argumentação da ironia inferida e atribuída nos casos a seguir.

Tendo esses aspectos teóricos e metodológicos rememorados, é importante tecer algumas considerações genéricas de cunho analítico sobre como o mecanismo menção ecoante surgiu em nossos dados. Além da expressiva e inesperada presença, observamos um traço bastante genérico das menções ecoantes ocorridas em nosso *corpus*: elas em sua maioria recuperavam os discursos e os slogans de campanha dos candidatos. Esse movimento permitiu que facilmente recuperássemos esses discursos e a referência aos candidatos ecoasse nitidamente na enunciação. Por outro lado, esse mecanismo de ecoar, repetir os slogans de campanha, não foi um movimento exclusivo das enunciações irônicas, de modo que nos competia, enquanto investigadores, interpretadores e atribuidores de intento irônico, atentar para as diversas pistas existentes, buscando precisar quando a repetição da sentença funcionava como uso, e não era irônica, e quando era uma menção irônica. Assim, como cada interação é única, os aspectos observados foram diversos e os explicitaremos em cada uma das análises.

O primeiro caso que trouxemos expõe de forma cirúrgica o quanto a interação pode influenciar na interpretação de uma enunciação como irônica ou não. Vejamos abaixo o *compartilhamento de notícias* (Exemplo 34), cujo objeto compartilhado remete à candidata socialista Marina Silva.



Figura 34 – Compartilhamento e recurso inesperado.
Fonte: Facebook

De início, é preciso assinalar que entre o comentário do compartilhamento (Ela não recorre a versículos bíblicos, mas busca a Deus pra tomar decisões certas. É isso aí! Feliz a nação cujo Deus é o Senhor!) e o objeto compartilhado (Marina costuma recorrer a versículos bíblicos para tomar decisões) não existe exatamente uma incongruência. Outro ponto a ser destacado é que o discurso ecoado nesse compartilhamento, “Feliz a nação cujo Deus é senhor”, remete não a Marina Silva, mas à própria Bíblia, de modo que essa construção, caso considerada irônica, deveria ser categorizada como intertextual e não menção ecoante. No entanto, como argumentaremos baseando-nos primordialmente na noção de enquadramento, o acontecimento irônico a partir da interação com esse compartilhamento surgiu por causa das

informações e valores que nós, enquanto não apenas pesquisadores, mas principalmente interpretadores e atribuidores de intento irônico, mobilizamos diante dessa enunciação. É preciso historiar: um mês antes, a candidata do PT e concorrente de Marina Silva, Dilma Rousseff, declaradamente agnóstica⁵⁹, visitou o Templo de Salomão em São Paulo, quando de sua inauguração, e, durante a visita, disparou “Feliz a nação cujo Deus é o senhor”⁶⁰, famoso versículo bíblico. A declaração da petista repercutiu de forma expressiva e instaurou uma incongruência entre o seu posicionamento anterior e este, tornando-a potencial alvo de ironia. E foi exatamente isso que nos ocorreu quando nos deparamos com esse compartilhamento: ao lermos “Feliz a nação cujo Deus é o senhor”, nossos valores e nosso conhecimento sobre a disputa eleitoral e sua ligação com as religiões cristãs, particularmente sobre o episódio da declaração de Dilma no Templo de Salomão, nos levaram instantaneamente atribuir intento irônico, fazendo a ironia acontecer e ter como alvo não apenas a candidata Dilma Rousseff, cujo discurso fora ecoado, mas a própria Marina Silva por estar em condição análoga à da petista. Assim, a ironia aconteceu para nós.

Posteriormente, em função da ausência de qualquer sinalização de que intento irônico deveria ser considerado e atribuído, do completo desconhecimento sobre os valores e a atitude da autora do compartilhamento a respeito do fato noticiado, da ambiguidade muito latente e da especificidade do enquadramento por nós operado, consideramos prudente consultar o desdobramento da interação, ilustrado abaixo (Exemplo 35).

⁵⁹ Na Sabatina Folha, em outubro de 2007, ainda na condição de Ministra da Casa Civil do governo Lula, Dilma, quando questionada se acreditava em Deus, desconversou e, pressionada, declarou que “se equilibrava entre ‘será que existe (Deus)? Será que não existe?’”, o que nos leva a considerá-la como agnóstica. Fonte: <http://noticias.uol.com.br/uolnews/brasil/2007/10/04/ult2492u739.jhtm>.

⁶⁰ Fonte: <http://zh.clicrbs.com.br/rs/noticias/eleicoes-2014/noticia/2014/08/em-evento-evangelico-dilma-cita-salmo-feliz-a-nacao-cujo-deus-e-o-senhor-4570835.html>. Acesso em 15 jun. 2016.

Márcia [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
11 de setembro de 2014 · 🌐

Ela não recorre a versículos bíblicos, mas busca a Deus pra tomar decisões certas.
É isso aí! Feliz é a nação cujo Deus é o Senhor!



Folha de S.Paulo ✓
1 de setembro de 2014 · 🌐

Marina costuma recorrer a versículos da Bíblia para tomar decisões.
<http://uol.com/bndS67>

Foto: Joel Rodrigues/Folhapress

👍 Curtir ➦ Compartilhar

👍 4

Francislei [redacted] será q ela é o q diz?
11 de setembro de 2014 às 16:45 · Curtir

Márcia [redacted] Se não depositarmos a confiança numa pessoa de Deus, confiar em quem Francislei [redacted] ?
11 de setembro de 2014 às 18:18 · Curtir

Tarciso [redacted] ela não usa versículos bíblicos, porque na biblia diz, qdo sentai na mesa dos escarnecedores, se resguarde para que não seja apedrejada. E DEUS opera em silencio. amém
13 de setembro de 2014 às 20:35 · Curtir

Figura 35 – Compartilhamento e recurso inesperado.
Fonte: Facebook

Nos comentários acima podemos observar como os interactantes, atores da rede social de nossa enunciativa, reagem diante do compartilhamento e de seu comentário, compreendido por nós como irônico. Apontamos de início para a ausência de qualquer referência a Dilma, o que confirma a especificidade do enquadramento que operamos, tendo a interação se desenvolvido em torno apenas de Marina, evocada explicitamente na notícia compartilhada. No primeiro comentário, vemos certa desconfiança da interlocutora, ao

colocar em questionamento Marina (“será q ela é o q diz?”), ao que a nossa enunciadora responde “Se não depositarmos a confiança numa pessoa de Deus, confiar em que Francislei?”, de modo que compreendemos, primeiro, que a enunciadora se contrapõe à desconfiança de sua interlocutora, questionando-a, e, depois, que considera Marina “uma pessoa de Deus”, na qual deve confiar. A partir dessa interação, reforçada no último comentário, percebemos quais são os valores subjacentes ao compartilhamento, de tal modo que não podemos considerar que o comentário do compartilhamento, evocando o versículo bíblico, objetivava criticar o envolvimento entre política e religião, sendo inclusive o contrário; assim, não houve, pois, intento irônico atribuído por parte da enunciadora.

Desse modo, na interpretação inicial sobre o comentário do compartilhando evocando o versículo bíblico em referência à candidata petista, o nosso papel de observador irônico foi decisivo para, através daquele enquadramento, fazer a ironia acontecer, pois, concordamos com Muecke, de que “o papel do observador irônico é mais ativo e criativo do que sugere a palavra ‘observador’”, assim, continua o teórico, “embora possamos questionar a legitimidade se alguma coisa foi ou não dita ou feita com intenção irônica, não podemos questionar o direito de alguém ver alguma coisa como irônica” (MUECKE, 1995, p. 63).

A seguir analisaremos três casos, cujo percurso interpretativo até o efetivo acontecimento irônico é mais direto, residindo sua importância não só no sentido de ironia, ou seja, “a capacidade de ver contrastes irônicos, mas também o poder de moldá-los na mente de alguém” (MUECKE, 1995, p. 62), tão latente no período eleitoral, como também nas consequências públicas, como defendido por Hutcheon (2000), que a ironia opera. O primeiro desses casos é o compartilhamento abaixo, em que o objeto do discurso é o candidato Aécio Neves.



Figura 36 – Compartilhamento e recurso inesperado.
Fonte: Facebook

O compartilhamento acima evoca em seu comentário um dos slogans utilizados por Aécio Neves durante a sua campanha eleitoral de 2014: “o mais preparado”⁶¹. A escolha desse slogan em detrimento dos demais se torna muito acertada para a estratégia irônica a ser operada, pois o objeto compartilhado noticia “Aécio reformula programa de governo e vai debatê-lo nas redes sociais”, sobre o qual o autor do compartilhamento comenta “Isso porque era o mais bem preparado. . . 1 semana das eleições kkkkk”. No seu comentário, o autor não só evoca o slogan de Aécio, e a sua construção de si como o mais bem preparado, mas também marca na materialidade textual à noção de tempo que torna o fato irônico: a notícia, publicada há menos de uma semana das eleições (dia 29 de setembro de 2014), noticia que Aécio, o mais bem preparado, reformulava seu programa de governo. É na fricção entre essa

⁶¹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=E6x16iSA4aE> . Acesso em 23 jun. 2016.

construção de si como o mais bem preparado, estruturada primordialmente no slogan, e uma reformulação ‘em cima’ da hora, como o noticiado pela Folha de São Paulo, que a incongruência se estrutura. Tendo sido essa incongruência estruturada a partir da menção ao slogan tucano, percebemos seu viés crítico e através deles vemos a ironia acontecer. Convém ainda destacar, na menção feita do slogan tucano, que a presença do verbo no pretérito “Isso porque era o mais bem preparado” opera uma ruptura entre essa caracterização e o candidato, remetendo-a e não mais um presente, mas a um passado. Por fim, o comentário finda com um riso, característico, muitas vezes, do prazer proporcionado pelo jogo irônico àqueles que não são os alvos da aresta imbricada na ironia. A compreensão da ironia é sentida nas respostas que o compartilhamento suscita: a interlocutora Márcia, partilhando da crítica imbricada na ironia, dá continuidade ao jogo irônico ao expressar riso e reforçar a ideia de que o candidato tucano seria o mais preparado; já a interlocutora Flávia, por não compactuar dessa crítica, minimiza a irônica preparação do candidato evocando a rejeição da concorrente petista. Percebemos, por meio dessas reações, que o eco foi recuperado e a ironia compreendida.

No caso da candidata petista, as menções ecoantes em forma de ironia foram estruturadas não apenas sobre o seu primeiro governo ou o seu programa eleitoral, mas incluíram também referências ao governo de Lula, padrinho político de Dilma, sendo esse tipo de menção objeto de nossa análise. Observemos abaixo o compartilhamento (Exemplo 37).



Figura 37 – Compartilhamento e recurso inesperado.
Fonte: Facebook

No compartilhamento acima (Exemplo 37), igual ao anterior, vemos como, diante de uma notícia sobre os candidatos, os usuários da rede social Facebook mobilizaram seus conhecimentos acerca dos discursos atribuídos a esses candidatos, buscando nesses discursos não só o contraste, mas principalmente a incongruência entre o discurso e o fato noticiado, entre a teoria e a prática. É nessa direção que o compartilhamento acima, cujo objeto do dizer é a candidata Dilma, evoca, em seu comentário (“GOVERNO PRA TODOS”- ROUSEFF, Dilma), um discurso que não é propriamente da candidata, mas que é atribuído a ela por uma associação ao seu padrinho político, o ex-presidente Lula. Esse trecho, que não se apresenta em nenhum momento como um slogan da candidata, seja de sua campanha ou de seu governo, nos pareceu uma paráfrase da primeira logomarca da era petista (Brasil, um país de todos), utilizada no ano de 2003 no primeiro mandato de Lula.

A escolha dessa logomarca, ainda que apresentada por meio de paráfrase, atua de forma muito acertada para que a incongruência entre discurso e fato ocorra, pois é só através dela, em sua referência a um governo dilmista “para todos”, que o fato de “Dilma cogita

limitar Ciência Sem Fronteiras a estudantes de baixa renda” faz a candidata cair em contradição. Desse modo, através do eco daquele discurso da inclusão, que ainda que não seja seu, lhe pertence pela herança política, sobre esse fato da exclusão que a candidata petista é desconstruída através da ironia, vivenciada, observada e discursivizada através da menção ecoante. Por fim, cabe pontuar o uso das aspas como uma sinalização do discurso de outrem, da citação explícita e a referência igualmente explicitada à candidata, o que remete em certa medida às práticas de referência bibliográfica tão presentes nas produções científicas.

Assim, caminhamos para o último exemplo de como a menção ecoante esteve presente em relação a todos os candidatos e reservamos essa última reflexão à candidata socialista, Marina Silva, pois foram principalmente os seus discursos que foram ecoados, construindo constantemente um contraste entre a sua prática e a sua teoria, objetivando uma avaliação irônica. Vejamos abaixo um dos aproximadamente 100 casos em que a ironia por menção ecoante teve na candidata do PSB o alvo da aresta avaliadora (Exemplo 38).

Marco [redacted] compartilhou a foto de Folha de S.Paulo.
18 de setembro de 2014 · 🌐

Esta é a "NOVA" política da Marineca ...



Folha de S.Paulo

'Ninguém governa sem o PMDB', diz vice de Marina Silva. <http://uol.com/bydVwJ> (via Folha Poder)

Foto: Nelson Almeida/AFP

Compartilhar

Figura 38 – Compartilhamento e recurso inesperado.
Fonte: Facebook

No compartilhamento acima, bastante ilustrativo de outros inúmeros compartilhamentos que observamos e constituíram nosso *corpus*, podemos observar de forma bastante clara como a campanha da socialista foi interpretada não só por seus opositores, como também por grande parte da mídia brasileira. Nele, vemos o objeto compartilhado, “Ninguém governa sem o PMDB”, diz vice de Marina Silva”, se referir a Beto Albuquerque, o candidato a vice na chapa socialista; no entanto, é a figura de Marina que, projetada como ilustração desse fato, vai ser associada a essa declaração. É sobre essa associação que o comentário do compartilhamento, “Esta é a ‘NOVA’ política da Marineca”, vai se estruturar, citando e associando explicitamente a declaração à Marina e ainda evocando a figura da candidata através da menção de uma expressão chave da sua campanha, “Nova política”. A expressão esteve presente de forma ampla em seu programa de governo e se constituía como um dos pilares para a mudança que Marina pretendia gerar no cenário político da forma mais ampla, tendo sido utilizada, por exemplo, como “nova política educacional”, “nova política de comércio exterior”, “nova política comercial”, “nova política de crédito rural” etc. No que se refere estritamente à política representativa ou ainda eleitoral, o programa de Marina Silva atribui a atual crise de representação a um sistema político baseado em “uma política destrutiva, polarizada e em bases patrimonialistas”. A candidata propõe que essa crise deve ser superada pelo “novo modo de fazer política”, especificado no programa como a junção de “todas as forças políticas que tenham o desejo e a coragem de mudar o Brasil e fazer as reformas estruturais há tanto adiadas” (Site Marina Silva, online).

No entanto, as circunstâncias destacadas pela mídia, aqui representada pela Folha de São Paulo, criaram de forma sistemática uma desestruturação da proposta de uma “nova política” feita por Marina, pois, como mencionado na seção 5, muitas notícias veiculadas no período relacionaram a candidata a tradicionais grupos políticos, como o PSDB e o PMDB, caso ora analisado. Desse modo, à “nova política” de Marina, a cobertura jornalística do período sobrepôs a eventual adesão ou o necessário acordo com tradicionais políticos, moldando na mente do público este contraste irônico (MUECKE, 1995), que, uma vez percebido, foi amplamente ecoado. Nessa repetição da ironia já pré-moldada na notícia, muitas vezes os interactantes buscaram explicitar na materialidade textual a construção de si feita por Marina, para, lhe mostrando o ridículo, desautorizá-la e levá-la à condição de alazonia.

No caso acima, esse movimento de ecoar a incongruência existente entre o discurso assumido por Marina e os fatos noticiados pela mídia sobre a candidata se faz presente abertamente, pois em seu comentário o ironista explicita a bandeira levantada pela socialista

ecoando seu discurso “nova política”. Para demarcar o distanciamento desse discurso, o ironista põe entre aspas deliberadamente o qualificador “nova”, impondo-lhe a suspensão do sentido imediato e atribuindo-lhe um status outro, ao modo da ironia clássica de dizer uma coisa no lugar do seu oposto, ou seja, buscando comunicar através dele a sua avaliação da política de Marina como velha. Ainda convém sinalizar que o ironista joga com aquilo que considera contraditório em Marina e, através da reformulação de seu nome como Marineca, incorpora o termo Neca no nome de Marina, objetivando tornar presente à relação entre Marina e a filha do presidente do Banco Itaú, Neca Sétubal, que possibilitou aos opositores da pessebista questionar caráter novo das suas políticas econômicas.

Por fim, podemos concluir que a estratégia da menção ecoante se mostrou bastante eficaz para estruturar de maneira acertada a avaliação intentada na ironia, pois, através da menção, é no próprio alvo da ironia que a incongruência se estrutura, cabendo ao ironista apenas ecoar esse discurso no momento apropriado, ou seja, no momento em que a sua fragilidade esteja exposta. Essa eficiência foi tão expressiva que algumas expressões “se empregaram com tanta frequência que pareceram associar o significado irônico antes que o habitual” (GURILLO et al., 2004, p. 239), e aqui nos referimos particularmente à expressão “nova política”, cuja aparição entre nossos dados foi tão expressiva.

7.4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Tendo discutido os aspectos de edificação do sentido irônico, refletindo sobre os contornos de sua retextualização e sobre a motivação para a presença de recursos tão próprios da literatura em compartilhamentos de notícia, prática tão ordinária, pudemos compreender o funcionamento da ironia de forma localizada, lançando sobre esses acontecimentos um olhar qualitativo. No entanto, para uma investigação que objetivou abranger os mecanismos utilizados em ambientes digitais, é imprescindível atentar também à recorrência de tais mecanismos, por considerarmos que eles sinalizam a aceitação dos mecanismos e sua eficiência. Desse modo, como dito nos aspectos metodológicos, dedicamos uma etapa da nossa análise à quantificação dos dados de acordo com as categorias aqui trabalhadas, tendo sido a contabilização realizada de modo não excludente, ou seja, um mesmo dado pode, eventualmente, ter sido computado duas ou mais vezes a depender dos recursos de edificação da ironia nele mobilizados. Os resultados obtidos estão apresentados abaixo e revelaram aspectos da ironia para nós inéditos. Vejamos (Tabela 1):

Colocação	Tipo de ironia	Ocorrência
1º	Menção ecoante	189
2º	Fônico	180
3º	Pergunta	156
4º	Incongruência	133
5º	Gráfico	93
6º	Circunstancial	73
7º	Abrandamento / exagero	71
8º	Simplificação	46
9º	Gesticulatório	19
10º	Mudança de registro	17
11º	Textual	17
12º	Recai sobre foto	16
13º	Imagética	13
14º	Intertextual	12
15º	Ironia por analogia	8

Destacamos desse resultado a contundente recorrência da categoria menção ecoante em nossos dados, pois esta categoria se destacou das demais não só pelo seu número, mas, principalmente, pela recorrência de um único discurso mencionado: nova política. Foram 67 repetições desse discurso, grande slogan de sua campanha da candidata Marina Silva. Esse discurso apareceu no corpo textual de compartilhamentos cujas notícias explicitavam o caráter alazônico de Marina, ou seja, notícias que esboçavam um perfil da candidata distinto do que ela mesma fazia de si (MUECKE, 1995), associando-a a tradicionais políticos, sobretudo. Os leitores estiveram atentos a essa explicitação e trouxeram ao texto o discurso que a candidata propagava sobre si, subvertendo-o. Desse modo, podemos perceber que a exposição do slogan psbista pelos nossos interlocutores teve muito mais um viés satírico do que um viés propagandístico, uma vez que esse slogan acompanhava textos noticiosos que lhe colocavam em contradição. Outros discursos dos presidencialistas foram utilizados como mecanismo estruturador da ironia, mas nada comparável à proporção em que ocorreu com o slogan “nova política”. Um discurso que ecoou de forma mais próxima não estava vinculado a nenhum dos

candidatos, mas à oposição civil feito ao PT, o bordão, se assim podemos chamá-lo, “culpa do PT”.

A partir desta observação a respeito da menção ecoante e da desproporção desta estratégia em relação à candidata Marina, investigamos também como havia se dado esse direcionamento dos acontecimentos irônicos em relação aos alvos. O padrão de maior ocorrência de ironias objetivando uma crítica, uma avaliação irônica direcionada à Marina se repetiu, tendo a candidata sido alvo quase de 50% das ironias aqui observadas, como mostra o gráfico abaixo.

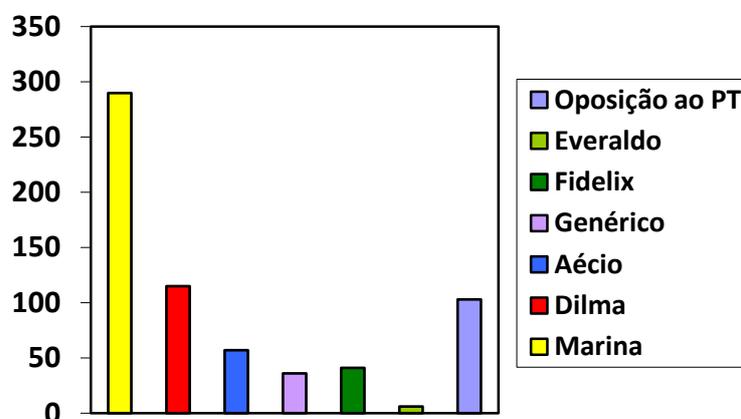


Gráfico 1 – Quantidade de compartilhamentos por alvo da ironia

Após Marina, o maior alvo das ironias presentes em nossos dados foi a candidata petista e então presidenta, Dilma Rousseff; o que nos chamou particular atenção, no entanto, foi o distanciamento entre as candidatas: Dilma foi alvo de ironia em 115 ocorrências, enquanto Marina foi alvo de 290 interações, uma diferença de 180 casos. Buscamos entender em que consistia tal disparidade, pois julgávamos que Dilma seria o principal alvo das ironias por não só estar liderando a corrida presidencial, como também ainda ocupar o cargo de Presidenta, tendo sua projeção pública um maior alcance e conseqüente desgaste. Para tanto, conferimos as notícias, objetos compartilhados, para averiguar se nelas havia uma maior projeção da figura de Marina, o que não se concretizou: tanto Marina quanto Dilma foram personagens principais da mesma quantidade de publicações, ou seja, de notícias, com 22 publicações cada uma.

Desse modo, não podendo atribuir o fato de Marina ter sido amplamente o alvo preferido dos nossos ironistas a uma maior projeção da sua figura, consideramos que essa preferência se deu por dois motivos, sendo o primeiro deles o fato de Marina representar uma

ameaça para os demais candidatos: para Dilma, por ter ultrapassado a petista logo no início da campanha nas intenções de votos para o segundo turno, e para Aécio, por comprometer sua ida ao segundo turno. Já o segundo motivo para a existência de uma crítica irônica tão acentuada em relação à socialista ocorreu em razão dos conteúdos veiculados nas notícias compartilhadas, pois não raro as notícias traziam fatos sobre a candidata que a colocava em uma condição de *alazonia* ou ainda essas notícias buscaram relacionar a candidata a tradicionais grupos políticos. Essa predileção por Marina para direcionar o ataque irônico pôs em funcionamento o caráter actancial da ironia, que operando consequência públicas fez a candidata, até pouco a favorita, deixar a corrida presidencial ainda no primeiro turno.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo da presente pesquisa foi investigar que recursos de expressão de ironia têm sido utilizados nos ambientes digitais e que relações esses recursos estabeleçam com os recursos já registrados na literatura como potenciais sinalizadores de ironia. A partir da revisão das teorias sobre a ironia, constatamos que as duas teorizações que abordavam o caráter interacional da ironia estavam associadas a interações mais monitoradas, como a jornalística (BRAIT, 2008) e a literária (HUTCHEON, 2000), de modo que essas teorias não contemplavam em si nossos dados. Por outro lado, como desconhecíamos a existência de um tratamento da ironia em interações digitais, precisamos articular um aparato teórico que atendesse os dados aqui investigados, privilegiando o caráter interacional da ironia e as peculiaridades das interações digitais.

Esse tratamento do fenômeno irônico foi possibilitado mediante a profunda revisão realizada nesse trabalho das teorias sobre a ironia, seja como um princípio filosófico, seja como uma antífrase ou ainda como um tropo, mas principalmente como estratégia. Através dessa revisão, buscamos ressaltar o caráter estratégico da ironia presente nessas teorizações, articulando as contribuições dadas por essas abordagens para uma investigação mais completa das enunciações irônicas aqui analisadas. Partindo do pressuposto de que a ironia é um fenômeno que se estrutura através da linguagem, duas concepções foram norteadoras para nossa abordagem: a ironia como estratégia discursiva (BRAIT, 2008), em que o ironista ao friccionar dois sistemas de valores objetiva uma avaliação crítica, e a ironia como um acontecimento (HUTCHEON, 2000), em que a ironia é redimensionada para o plano da efetiva interação, existindo efetivamente apenas através do reconhecimento de intento irônico pelo público. Pontuamos que, para que o interlocutor reconheça o intento irônico, fazendo a ironia acontecer, o ironista deve dotar seu texto de pistas de contextualização, em forma de marcadores ou de estruturação, de que um sentido alternativo ao explicitado no dito do enunciado deve ser inferido e considerado, residindo nesse sentido a atitude enunciativa do ironista. Para além das contribuições das teorias da ironia, lançamos mão também de pressupostos teóricos advindos das pesquisas de cognição, objetivando problematizar a análise da ironia na dicotomia literal x figurado (MARCUSCHI, 2007), e de interação verbal, buscando aprofundar a análise de como se dão os processos de compreensão e negociação da enunciação irônica (BATESON, 1998; TANNEN e WALLAT, 1998).

Definindo a ironia como um fenômeno substancialmente interacional, dois aspectos se tornaram centrais para nossas análises e interpretações dos enunciados irônicos. O primeiro deles consistiu em como o ironista demarcou ou não seu intento irônico, ou seja, consistiu na observação das pistas de contextualização deixadas pelo ironista de que há atribuição de intento irônico ao enunciado e esta deve ser considerada pelo público. Assim, se por um lado, esclarecemos sobre a necessidade de a ironia ser acompanhada por marcadores, por outro, alertamos que esses mecanismos linguísticos desempenham outras funções, não sendo, portanto, exclusivos do fenômeno irônico, de modo que a sua existência como um recurso metairônico dependerá da significação irônica do enunciado. Já o segundo aspecto residiu no modo como o público reagiu a essas pistas de sinalização de ironia e, diante do enunciado potencialmente irônico, pôs ou não a ironia em funcionamento, ou seja, residiu no modo como os interlocutores compreenderam a enunciação como irônica e como a interação se desenrolou diante dessa compreensão, o que tornou o papel do interlocutor mais ativo do que comumente considerado, e nos fez, inclusive, assumir esse papel nas interações em que o acesso aos comentários do público foi impossibilitado, devido às configurações de privacidade. Portanto, a análise aqui desenvolvida se ocupou tanto dos processos de edificação da enunciação irônica, através da análise das expressões de ironia, quanto dos processos de compreensão destas enunciações e, portanto, reconhecimento do intento e dos marcadores irônicos.

Como trabalhamos com a dimensão interacional, a caracterização da unidade interacional aqui tomada como objeto de análise se constitui como uma etapa importante para a nossa pesquisa. Caracterizamos, pois, o *compartilhamento de notícias* como uma prática sociodiscursiva típica da Web 3.0 ao aliar comunicação e informação e nos ocupamos em descrevê-lo em seus aspectos funcionais, por nos dar a real dimensão da prática subjacente a esse tipo de interação, e composicionais, por estes possibilitarem ou restringirem determinadas interações. Desse modo, argumentamos que o *compartilhamento de notícias* se constitui como um gênero textual, focalizando nessa caracterização o seu caráter funcional de replicar um conteúdo, divulgar uma notícia, caráter este manifesto publicamente, o que se manifesta no fato de o *enunciador-fonte* ser sempre referenciado no caráter formulaico da interação. Pontuamos também a existência dentro do gênero *compartilhamento de notícias* de um espaço para a expressão da subjetividade do *enunciador-replicador* através do mecanismo “comentário”, que proporciona ao enunciador se colocar diante do fato divulgado através do comentário do compartilhamento, que foi tomado como nosso objeto de estudo.

Em função do caráter indutivo da pesquisa, o aparato de análise foi construído mediante a observação dos dados; assim, partindo da proposta de Hutcheon (2000), com as categorias *fônico, gesticulatório, gráfico, incongruência, mudança de registro, abrandamento/exagero, simplificação, textual, intertextual e circunstancial*, nosso quadro de categorias contou ainda com as categorias de pergunta (BROOKS, 1971), de ironia por analogia (MUECKE, 1995; PERELMAN E OLBRETCHS-TYTECA, 1996), de menção ecoante (SPERBER E WILSON, 1981), de recai sobre a foto (BRAIT, 2008) e de ironia imagética (CINTRA, 2011). Observamos como esses mecanismos desempenham papel fundamental na atribuição do ironista e no reconhecimento do interlocutor do intento irônico e registramos através de nossas análises uma diversidade de recursos de edificação do sentido irônico dentro das interações digitais, tendo todas as categorias aqui colocadas contempladas em alguma medida

Para uma discussão qualitativa das categorias, agrupamos os recursos de expressão de ironia de acordo com suas relações com os mecanismos já registrados na literatura, tendo a divisão de dado em **recursos retextualizados, recursos característicos das interações digitais e recursos característicos das interações escritas monitoradas**. Por fim, em razão da extensão do trabalho, selecionamos para a discussão os mecanismos mais emblemáticos, em função da grande recorrência ou do caráter desviante.

Em relação aos recursos retextualizados, comprovamos nossa hipótese inicial de que alguns mecanismos sinalizadores de ironia seriam retextualizados para o ambiente digital, pois registramos na materialidade escrita do *compartilhamento de notícias* a presença de recursos até então tomados como típicos das interações orais, tais como gestos, expressões faciais e mudanças prosódicas. Essas retextualizações se deram através dos recursos semióticos disponíveis nas interações digitais, que, como vimos, privilegiam a materialidade gráfica; desse modo, constatamos a retextualização das expressões gesticulatórias, recursos esses próprios das interações face a face, por meio do uso de *emoticons*, tendo comprovado a predominância de certos emoticons como sinalizadores de ironia, já apontada em pesquisas anteriores sobre emoticons (FERREIRA, 2012). Pudemos também observar aspectos gráficos, como a repetição de letras e o uso deliberado e alternado de letras maiúsculas, transmutando para a escrita digital as mudanças prosódicas, que são consideradas tão constitutivas da sinalização do intento irônico desde os estudos oratórios (QUINTILIANO, 2010). A retextualização dos recursos fônicos de forma tão acentuada, segundo recurso de edificação do sentido irônico dentro do nosso *corpus*, mesmo nas interações digitais, cuja materialidade é gráfica, se explica não só no papel das mudanças prosódicas na constituição da significação

irônica como também em razão da concepção dessa interação mais próxima às interações de fala. Quanto aos aspectos gráficos, observamos a retextualização de alguns mecanismos gráficos de sinalização de ironia, como o uso de aspas, presentes principalmente dentro das interações escritas e abordadas dentro dos estudos enunciativos como um mecanismo de demarcação da heterogeneidade enunciativa (AUTHIER-REVUZ, 2004); devido às configurações tecnológicas do site Facebook, não tivemos registro do recurso do itálico, notadamente um mecanismo gráfico de sinalização de ironia. Por outro lado, observamos a reapropriação do recurso de acentuação do til (~) atuando como um recurso gráfico de sinalização de ironia, uso este atípico para os padrões de escrita até então estabelecidos.

Em relação aos recursos característicos das interações digitais e ainda em relação à exploração dos mecanismos gráficos, pudemos observar o emprego deliberado de desvios ortográficos como um mecanismo de estruturar a avaliação irônica, o que nos fez ressignificar o próprio desvio ortográfico no ambiente digital ao poder associá-lo de maneira mais estreita à sinalização de ironia. Compreendemos esse funcionamento, até então associado primordialmente a uma inadequação ortográfica, como uma estratégia de sinalização de ironia no ambiente digital em razão da materialidade linguística do ambiente digital ter centralidade na escrita. O caráter inovador desse recurso se deu por causa da materialização da avaliação irônica pretendida através do desvio ortográfico dar concretude ao não dito irônico, principalmente no caso do “serto”. Em razão desse funcionamento tão peculiar, elegemos este um mecanismo de sinalização de ironia característico do ambiente digital, por desconhecermos esse funcionamento em outros ambientes que não o digital.

Além do desvio ortográfico e na mesma direção de sua peculiaridade, presenciamos a existência da expressão SQN que, empregada com exclusividade nos enunciados irônicos, explicita textualmente a incongruência na qual a ironia se estrutura. Essa expressão surge dentro do próprio ambiente digital e tem sido significadas unicamente como um sinalizador de ironia. Desse modo, o seu potencial de metacomunicação se torna muito central para o fenômeno irônico e nos leva a desconstruir a máxima dos estudos teóricos sobre a ironia de que esta, se fundando na ambiguidade, na circunlocução, não admitiria uma sinalização tão específica, de modo que não haveria recursos exclusivos da ironia e que os mecanismos linguísticos utilizados eventualmente para sinalizá-la teriam também outras funções que não irônicas. Associamos essa inovação da expressão SQN característica dos meios digitais à necessidade dos interactantes de se fazer compreender, pois a ironia é ao mesmo tempo disfarce comunicação (HUTCHEON, 2000), assim orientar de forma muito precisa o enquadramento a ser operado na enunciação se faz ainda mais necessário no caso das

interações digitais, pois esses enunciados “em vez de surgirem nas redondezas físicas reconhecíveis, vêm de uma distância, despojados de parte do contexto encaixado que fornece dicas de orientação” (BAZERMAN, 2007, p. 23).

Através de nossas análises, também constatamos a ocorrência de recursos de expressão de ironia até então associados a interações verbais mais monitoradas, como a jornalística e a literária. Entre esses recursos, destacamos a ocorrência da ironia imagética, um recurso de expressão de ironia registrado inicialmente por Cintra (2011), observado em relação à obra de José Saramago e associado até então a uma escrita altamente monitorada, como a da literatura. O acontecimento da ironia imagética foi pontual, tendo ocorrido em dois momentos distintos dos nossos dados, mas cuja repercussão torna evidente o caráter comunicativo desse mecanismo de construção da ironia. A sua presença em nossos dados também possibilitou tornar ainda mais relativa a dicotomia entre as modalidades fala e escrita da língua e nos fez compreender que, aquém dessa abordagem estanque, as práticas sociodiscursivas têm explorado os recursos linguísticos em razão de suas necessidades e de seus propósitos sociodiscursivos exponencialmente dinâmicos.

Ainda dentro do escopo dos recursos de expressão de ironia típicos das interações altamente monitoradas, observamos a larga exploração do recurso da menção ecoante como um mecanismo de edificação da ironia, tendo sido utilizada em 189 dados como um mecanismo de expressão de ironia. Atribuímos essa ampla exploração desse recurso ao contexto eleitoral, em que os candidatos cultivam slogans de campanha que, ficando em evidência, são facilmente associados a suas figuras públicas e se tornam referência das suas construções de si. Por outro lado, esses mesmos candidatos se tornam objetos de constante avaliação, principalmente entre o que dizem e o que fazem; desse modo, os slogans de campanha se tornam um ponto de partida muito produtivo para que os interactantes realizem essas articulações contrastantes, fundamentando nelas a sua avaliação irônica. Do ponto de vista do reconhecimento, da compreensão e da significação do intento irônico, no caso da edificação por meio da menção ecoante, a noção teórica e metodológica de enquadramento se torna elemento central, pois um discurso só pode ser considerado mencionado dentro de uma perspectiva interacionista se os interlocutores assim o compreende, portanto, é apenas através das informações mobilizadas pelo interlocutor que o enunciado pode ou não ser recuperado como uma menção e compreendido ou não como um eco irônico.

A menção ecoante se caracteriza também por tornar alvo da ironia o enunciador originário do discurso mencionado. Foi atuando nessa direção que, durante as análises, notamos a recorrência do slogan “nova política” em nossos casos de menção ecoante e,

atentando para os alvos, verificamos também a expressiva recorrência de Marina Silva na mira da avaliação irônica, tanto aquelas estruturadas na menção ecoante quanto nas demais. A partir do acompanhamento histórico da disputa presidencial de 2014, constatamos como a ironia enquanto estratégia discursiva se mostra eficaz, pois notamos que Marina, de candidata favorita na disputa do segundo turno, tornou-se derrotada ainda na primeira etapa do pleito eleitoral. Associamos esse resultado político à desconstrução discursiva que foi operada nas redes sociais pelos interactantes, tendo as estratégias irônicas sido exponencialmente exploradas. Portanto, comprovamos a asserção de Crystal de que “o impacto da internet é menor como revolução tecnológica do que como revolução dos modos sociais de interagir linguisticamente” (MARCUSCHI, 2005, p. 19), pois foram as interações realizadas nas redes sociais que geraram uma mobilização de ataque à candidata socialista (como exposto em alguns dos casos aqui discutidos) e, por fim, acompanhamos a ironia operando consequências públicas através da eficácia de seu caráter actancial.

Por fim, no presente trabalho, buscando compreender os mecanismos de expressão de ironia em interações digitais, pudemos alargar a discussão sobre os processos de compreensão envolvidos no acontecimento da ironia, tendo focalizado as análises primordialmente nas pistas de contextualização presentes no enunciado, na noção de enquadramento e no papel do interlocutor; portanto, realizamos uma abordagem da ironia em uma perspectiva interacionista. Ainda através da pesquisa aqui proposta, pudemos constatar a eficácia da aresta avaliadora da ironia e seu caráter actancial, por meio das consequências públicas que a ironia opera.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Eduardo. Análise de um nome geral na fala dos mineiros: 'para que serve esse trem?'. **Revista Trama** (UNIOESTE), v. 10, p. 27-43, 2014.

ARISTÓTELES. **Retórica**. São Paulo: Rideel, 2007.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade Mostrada e Heterogeneidade Constitutiva: Elementos para uma Abordagem do Outro no Discurso. In: AUTHIER-REVUZ, J. In: **Entre a Transparência e a Opacidade: Um Estudo Enunciativo do Sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. p. 11-80

AZEVEDO, Milton. A Variedade Caipira do Português Brasileiro Vernáculo em Quatro Livros de Valdomiro Silveira. **Revista de Letras** (UTMAD). Online), v. 8, p. 11-23, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochinov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo, Hucitec, 2002.

BAKHTIN, Mikhail. O Enunciado como Unidade da Comunicação Discursiva. Diferença entre essa Unidade e as Unidades da Língua (Palavras e Orações). In: _____. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 270 – 306.

BARROS, Kazue Saito Monteiro de; CINTRA, Liliane. Ironia Imagética em Saramago: pintando cavernas e jangadas com palavras. **Revista Investigações** (UFPE), v. 25, p. 67-86, 2012.

BATESON, Gregory. Uma teoria sobre brincadeira e fantasia. In: RIBEIRO, Branca Telles.; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: Editora AGE. 1998. p. 57-69.

BAZERMAN, Charles. **Escrita, Gênero e Interação social**. São Paulo: Cortez Editora. 2007.

BECHARA, Evanildo. **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2009.

BERGSON, Henry. **O riso**. Rio de Janeiro: Zahar Editores. 1983.

BOOTH, Wayne. The Empire of Irony. **The Georgia Review**, v 37, p. 719-737, 1983.

BRAIT, Beth. **Ironia em perspectiva polifônica**. 2 ed. Campinas: Ed. Unicamp, 2008.

BROOKS, Cleanth. Irony as a principle of structure. In: HAZARD, Adams (ed.). **Critical Theory Since Plato**. New York: Harcourt Brace Jovanovich, 1971, pp. 1041-1048.

CHAMBERS, Ross. Irony and Canon. **Profession**, p. 18-24. 1990.

CHARAUDEAU, Patrick.; MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2004.

CHARTIER, Roger. A escrita na tela: ordem do discurso, ordem dos livros e maneiras de ler. In: RETTENMAIER, M.; ROSING, T. M. K. (Orgs.) **Questões de leitura no hipertexto**. Passo Fundo: UPF Editora, 2007, p. 200 – 222.

CINTRA, Liliane. **Construção e usos de ironia em propagandas e romances**. 89 p. Dissertação (Mestrado em Linguística) UFPE. Recife. 2011.

CLARK, Herbert; GERRIG, Richard. On the Pretense Theory of Irony. **Journal of Experimental Psychology: General**, v. 113, p. 121-126. 1984.

DURANTI, Alessandro. **Antropologia linguística**. Tradução Judith Hoffnagel (material de aulas – UFPE, 2014.1), 1997.

ERICKSON, Thomas. Social Interaction on the Net: Virtual Community as Participatory Genre. Proceedings of the Thirtieth Hawaii International Conference on System Sciences, January 6-10, 1997, Maui, Hawaii. Acessado em: http://www.pliant.org/personal/Tom_Erickson/VC_as_Genre.html.

FERREIRA, Fabiana. *Emoticons* em mensagens instantâneas: um estudo baseado em corpus. In: **IV Simpósio Hipertexto e Tecnologias na Educação**, Recife-PE. 2012. Online.

FIGUEIREDO, Natalia. **Análise da entoação em atitudes proposicionais de enunciados assertativos e interrogativos totais do espanhol argentino: nas variedades de Buenos Aires e Córdoba**. 175 p. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas). UFRJ. Rio de Janeiro. 2011.

FRAGOSO, Suely, RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. **Métodos de Pesquisa para Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GARFINKEL, Harold. O que é etnometodologia? In: **Revista Teoria e Cultura**. Juiz de Fora, v. 4, n. 1 e 2, p. 113-131, jan./dez. 2009.

GURILLO, Leonor; MARIMÓN, Carmen; PADILLA, Xose TIMOFEEVA, Larissa. El proyecto GRIALE para la ironía en español: conceptos previos. **ELUA**, v. 18, 2004, p. 231-241.

HILGERT, José Gaston. A construção do texto "falado" por escrito: a conversação na internet. IN: PRETTI, Dino (org.). **Fala e escrita em Questão**. São Paulo: Humanitas/USP, 2000. p. 17-56

HOUAISS, A. e VILLAR, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.

HUTCHEON, Linda. **Teoria e política da ironia**. Minas Gerais: UFMG, 2000.

JOFFILY, Sylvia. Origem motriz da linguagem sonora dos homens: um estudo exploratório. **Ciências e Cognição**, v. 15, 2010, p. 62-68.

KERBRAT-ORECCHIONI, Catherine. **Análise da Conversação**: princípios e métodos. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

KIERKEGAARD, Soren. **O conceito de ironia**: constantemente referido a Sócrates. Petrópolis, RJ: Vozes de Bolso, 2013.

LEECH, Geoffrey. **Principles of Pragmatics**. London: Longman. 1983.

LEVINSON, Stephen. A implicatura conversacional. In: _____. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes. 2007. p. 121-163.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** 1999.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 2001.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Aspectos da questão metodológica na análise da interação verbal: o continuum qualitativo-quantitativo. **Revista Latino-Americana de Estudos do Discurso**, Venezuela, v. 1, n. 1, ago. 2001. p. 23-42.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. IN: DIONÍSIO, A. P., MACHADO, A. R., BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002, p. 19-36.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital _____.; XAVIER, A. C. (orgs) **Hipertexto e Gêneros Digitais: novas formas de construção de sentido**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Interação, contexto e sentido literal. In: _____. **Fenômenos da Linguagem: reflexões semânticas e discursivas**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007, p.76-98.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mário; GAYDECZKA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. **Gêneros textuais: reflexões e ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2006, p. 23-36.

MIOTTI, Charlene. **Ridentem dicere uerum**: o humor retórico de Quintiliano e seu diálogo com Cícero, Catulo e Horácio. Tese de Doutorado. Campinas: Unicamp, 2010.

MIRANDA, Ana. Um estudo sobre o erro ortográfico. In: HEINING, O. e FRONZA, C. (Org.). **Diálogos entre linguística e educação**. Blumenau: EDIFURB, 2010, v. 1, p. 141-162.

MODESTO, Artarxerxes. **Processos interacionais na internet**: análise da conversação digital. 191 p. Tese (Doutorado em Linguística) USP. São Paulo. 2011.

MORAIS, Artur. A norma ortográfica do português: o que é? para que serve? como está organizada? IN: SILVA, A.; MORAIS, A. MELO, K. **Ortografia na sala de aula**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007. p. 11-28.

MUECKE, David. **Ironia e o irônico**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

PERELMAN, Chaim, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da argumentação**: a nova retórica. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

PLATÃO. **A República**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1965.

QUINTILIANO. **Instituciones oratorias**. Buenos Aires: Biblioteca Virtual Universal, 2010.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulinas, 2009.

RECUERO, Raquel. Linguagem e Expressão no IRC. In: **XXIV Congresso Brasileiro da Ciência da Comunicação**. Campo Grande-MS, 2001. Online.

SANTAELLA, Lucia. A tecnocultura atual e suas tendências futuras. **Revista Signo y Pensamiento** (Pontificia Universidad Javeriana), v. 30, p. 30-43, 2012.

SEIXAS, Netília. **Jornalismo e ironia**: produção de sentido em jornais impressos no Brasil. Tese de Doutorado. Recife: UFPE, 2006.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. On verbal irony. **Radical Pragmatics**, Cole, p. 295-318, 1981.

STORTO, Leticia. *Emoticons*: adereços às conversas virtuais? **ReVel**, v. 9, n. 16, p. 112-134, 2011.

TANNEN, Deborah; WALLAT, Cynthia. Enquadres interativos e esquemas de conhecimento em interação – exemplos de um exame/consulta médica. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro M. (orgs.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: Editora AGE. 1998. p. 120-141.

TORRES, Milton. A impostura (alazoneia) na Antiga Filosofia Grega. **Acta Científica**, Engenheiro Coelho, v. 22, n. 2, 2013, p. 67-82.

VOLOSHINOV, Valentin. Discurso na vida e Discurso na Arte: sobre poética sociológica. Freudism, New York. **Academic Press**, 1976. – tradução didática feita por Carlos Alberto Faraco e Cristovão Tezza. Disponível em: <http://www.uesb.br/ppgcel/Discurso-Na-Vida-Discurso-Na-Arte.pdf>. Acesso em 16 jan. 2014.

WEEDWOOD, Barbara. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

XAVIER, Antonio Carlos; SANTOS, C. F. O texto eletrônico e os gêneros do discurso. **Veredas** (UFJF), v. 4, p. 51-57, 2009.